

Angélica T. C. Rodrigues

“Eu fui e fiz esta tese”:
AS CONSTRUÇÕES DO TIPO *FOI FEZ*
NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem
Campinas/SP
2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA

Angélica T. C. Rodrigues

“Eu fui e fiz esta tese”:
AS CONSTRUÇÕES DO TIPO *FOI FEZ*
NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Lingüística do IEL/UNICAMP, como requisito parcial
para a obtenção do título de Doutor em Lingüística.

Área de Concentração: Sociolingüística

Orientadora: Profa. Dra. Maria Luiza Braga

Campinas/SP
2006

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Luiza Braga – Orientadora
IEL/UNICAMP; UFRJ

Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia
ILEEL/UFU

Profa. Dra. Nilza Barrozo Dias
ICHL/UFJF

Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho
USP/São Paulo

Prof. Dr. Rodolfo Ilari
IEL/UNICAMP

Profa. Dra. Ingedore Grunfeld Villaça Koch – suplente
IEL/UNICAMP

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves – suplente
UNESP/São José do Rio Preto

Profa. Dra. Maria Célia Pereira Lima Hernandez -suplente
USP

Em memória de
minha querida
e saudosa avó,
Luíza

Epígrafe

“Pasma sempre quando acabo qualquer coisa.
Pasma e desolo-me.
O meu instinto de perfeição deveria inibir-me de acabar;
deveria inibir-me até de dar começo.
Mas distraio-me e faço.
O que consigo é um produto, em mim,
não de uma aplicação de vontade,
mas de uma cedência dela.
Começo porque não tenho força para pensar,
acabo porque não tenho alma para suspender”.

Fernando Pessoa, Livro do Desassossego

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Maria Luiza Braga, por ter me presenteado com este tema e pela orientação cuidadosa e enriquecedora, sem a qual este trabalho jamais teria se realizado;

Ao professor Andrew Pawley, da Australian National University, ANU, pela orientação, pela recepção acolhedora e pela convivência que muito me fez crescer como lingüista e pessoa;

Ao professor Rodolfo Ilari, pela inabalável disposição para o debate lingüístico, pela amizade e pelos comentários e sugestões apresentados no exame de qualificação;

À professora Nilza Barrozo Dias, que me ajudou a dar meus primeiros passos nas pesquisas lingüísticas, pela leitura cuidadosa da versão apresentada na qualificação da tese, pelas sugestões valiosas e pela amizade;

Aos professores do departamento de lingüística da Research School of Pacific and Asian Studies da ANU, Malcon Ross, John Bawden, Harold Kock, Paul Sidwey, pelos debates nos seminários, pelas sugestões e pelos encontros;

Ao professor Frank Lichtenberk da Universidade de Auckland, Nova Zelândia, pela gentileza e disponibilidade para conversar sobre meus dados e pelos passeios pela belíssima cidade;

Ao professor William Foley da Universidade de New South Wale, Sydney, pela disposição em me receber em seu departamento para discutir dados desta pesquisa;

Aos professores Anatol Stefanowitsch, da Universidade de Brema, e José Camacho, da Universidade Estadual de New Jersey (Rutgers), pela gentileza em me enviar o material de suas respectivas pesquisas;

À professora Ingedore Villaça Koch, do IEL, Unicamp, pela orientação do trabalho de qualificação fora de área;

Ao professor Mário Eduardo Martelotta, da UFRJ, por ter aceitado orientar o trabalho submetido ao exame de qualificação fora de área e pelos valiosos comentários;

Ao professor e colega Sebastião Carlos Leite Gonçalves, da Unesp/São José do Rio Preto, pelos sempre proveitosos encontros e pela participação da banca no exame de qualificação fora de área;

À professora Lilian Ferrari, da UFRJ, por ter aceitado participar da banca no exame de qualificação fora de área;

Ao CNPq, pelos três anos de bolsa de doutorado no Brasil, bem como pela bolsa de doutorado *sandwich* na Austrália;

Ao Luciano, porque: “O amor é uma companhia. Já não sei andar só pelos caminhos, porque já não posso andar só”;

Aos meus pais, Terezinha e Sebastião, aos meus irmãos Amauri, Marcelo, Míriam e Éllen e à minha sempre amada sobrinha Luiza, pela torcida, pela compreensão e pela presença constante em minha vida;

À minha amiga e “irmã-gêmea” Cristina Carvalho, por todo apoio, pelos debates lingüísticos, pela companhia certa nas viagens aos congressos e seminários e pela amizade preciosa, que teve início na Unicamp, mas que certamente nos acompanhará por toda a vida;

Aos grandes amigos que conheci nesses anos que estive na Unicamp: Cosme, Maria Célia, Ronald, Irenilza, Silvio, Sílvia, Flávia, Lady, entre tantos outros;

À amiga Pascale Jacq, pela acolhida afetuosa, pelos passeios, pelas discussões, pela ajuda fundamental na preparação dos meus *papers* e seminários em inglês;

Aos amigos que conheci durante o período em que estive na ANU: Raul, Lucia, Richard, Kia, Sílvio, Nuno, Antti, Emma (e sua maravilhosa família), Damien, Sabrina, Antonella, Joyce, N, Yuka, Laila, Anna, Beth, Dough, Ananda, pela amizade, pela companhia e pelos inúmeros momentos de alegria;

Às minhas sempre companheiras, Magda, Patrícia e Vera, por estarem sempre perto, mesmo estando longe;

Aos funcionários da secretaria de pós-graduação do IEL, pela disponibilidade e prontidão no atendimento.

RESUMO

Na presente tese, investigo as “construções do tipo *foi fez*”, doravante **CFFs**, presentes na modalidade falada do Português do Brasil (PB). Essas construções apresentam propriedades morfosintáticas bem definidas, além de desempenharem um papel particular na situação de fala.

Esta tese, desenvolvida sob o paradigma do funcionalismo lingüístico (vertente americana), se baseia em dados oriundos de amostras reais de fala, coletadas a partir do banco de dados constituído por pesquisadores e bolsistas do Projeto PEUL da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Para sustentar minhas hipóteses e examinar alguns fatores tradicionalmente utilizados nas pesquisas sociolingüísticas, trabalhei com 16 grupos de fatores que foram operacionalizados através do pacote VARBRUL, principalmente dos programas MAKECELL e CROSSTAB.

As **CFFs** se formam a partir de uma seqüência mínima de V1 e V2, em que V1 corresponde a um dos verbos *ir*, *chegar* e *pegar* e V2 é relativamente livre. Essas construções podem ocorrer sob a forma de dois tipos distintos. No tipo 1, V1 e V2 são interligados pela conjunção *e*. No tipo 2, V1 e V2 apenas se justapõem. Ademais, V1 e V2 partilham flexões de tempo e pessoa e têm sujeitos correferenciais. Quanto à sua função, as **CFFs** atuam no nível discursivo-pragmático, dramatizando ou enfatizando os eventos descritos em V2.

Uma vez que, além das propriedades exclusivas de sua categoria, apresentam ainda outras que são compartilhadas por diferentes tipos de construções, as **CFFs** não se encaixam no modelo clássico de categorização. Propus que apenas um modelo mais flexível, como aquele que prevê a existência de semelhança de famílias e de protótipos, é adequado para dar conta dos dados.

Embora as **CFFs** possam ser concebidas como um membro de um *continuum* de construções de predicação complexa, com ocorrência em várias línguas, no que se restringe ao PB, as **CFFs** permanecem distintas de todos os outros tipos de construções.

Tendo em vista as mudanças sofridas por *ir*, *chegar* e *pegar* que levaram ao desenvolvimento das **CFFs**, atesto que esses verbos percorrem os mesmos estágios iniciais previstos nos processos de gramaticalização, sem que, no entanto, tenham adquirido uma função gramatical prototípica, como tempo, aspecto e modo, mas sim uma função pragmática. Ao considerar que os verbos *ir*, *chegar* e *pegar* se gramaticalizaram, dando origem às **CFFs**, deixo claro que esses verbos exercem, nessas construções, uma função diversa daquelas originalmente previstas nos estudos de gramaticalização.

PALAVRAS-CHAVE: *construções; verbos; funcionalismo; gramaticalização.*

ABSTRACT

The present thesis examines the “*foi fez* constructions” (Lit. “*Went Did* constructions”), henceforth **FFCs**, in spoken Brazilian Portuguese. **FFCs** exhibit definite morphosyntactic properties associated to the uses of the verbs *ir* (go), *chegar* (arrive) e *pegar* (take) and they also play a specific role on the speech situation.

This thesis is developed under the functionalism paradigm (American version) and is based on data, collected from the PEUL Project database.

In order to support my hypothesis and analyze some traditional sociolinguistics features, I adopted the methodological principles from the Theory of Linguistic Variation to make a quantitative analysis, using the VARBRUL, mainly the programs MAKECELL and CROSSTAB.

FFCs consist minimally of a sequence of V1 and V2, where V1 and V2 share inflections for verb tense and subject. V1 is one of the verbs *ir* “go”, *chegar* “arrive”, and, *pegar* “take” and V2 is relatively open. V1 and V2 can be contiguous, type 1, or can be connected by e “and”, type 2. The chief function of V1 in **FFCs** appears to be a discourse-pragmatic one, dramatizing or emphasizing the events codified by V2.

FFCs do not constitute a sharply bounded grammatical category. As they share a number of resemblances with some other major construction, they cannot be analyzed in terms of discrete classical categories. I suggested that only a more flexible kind of categorization, as *family resemblance* and prototypic approaches, is appropriate to account for the data.

Notwithstanding **FFCs** are understood here as a member of a group of complex predicates crosslinguistically observed, as far as Portuguese is concerned, they remain a distinctive class of grammatical construction.

Furthermore I verified that *ir*, *chegar* e *pegar* have undergone changes, which result on the development of **FFCs** and concur with the first stages of grammaticalization. However, I stress that **FFCs** do not developed a prototypical grammatical function, like tense, aspect and mood, traditionally used to account for grammaticalization. Rather they developed a pragmatic one. Although I consider the development of **FFCs** as a result of a grammaticalization process, it is necessary to emphasize that they acquire a function different from those expected for grammaticalized items.

KEY WORDS: *constructions; verbs; functionalism; grammaticalization.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I:	
As construções do tipo <i>go-and-verb</i>: primeiras análises	
Introdução	5
1. As construções com <i>pegar</i> no Português	6
2. As construções do tipo “ <i>go get</i> ” e “ <i>go & get</i> ”	9
3. As construções do tipo <i>go-and-verb</i>	14
4. As construções do tipo <i>hendiadys</i>	21
5. A “construções coordenadas auxiliares”	28
6. Resumo	32
CAPÍTULO II:	
As construções do tipo <i>foi fez</i>: uma análise descritiva de suas propriedades e funções	
Introdução	33
1. O <i>corpus</i>	34
2. Metodologia	35
3. Propriedades morfosintáticas das CFFs	39
3.1. Tipos de CFFs	39
3.2. <i>Ir, chegar e pegar</i> como V1 nas CFFs	43
3.3. Material interveniente entre V1 e V2	49
3.4. O sujeito das CFFs	52
3.5. Animacidade do sujeito.....	54
3.6. Tempos e modos verbais nas CFFs	55
3.7. Tipos de seqüências textuais	59
3.8. Atuação das CFFs na organização textual	64
3.9. Classe semântica dos predicados expressos em V2	72
3.10. A negação nas CFFs	76
3.11. Outras propriedades das CFFs	80
4. A função das CFFs no discurso	86
5. A hipótese da iconicidade	99
6. Resumo	102
CAPÍTULO III:	
O Estatuto categorial das CFFs	
Introdução	105
1. A Categorização	106
2. Categorizando as construções do tipo <i>foi fez</i>	113
2.1. As CFFs são construções coordenadas?	113
2.2. As CFFs são construções com verbo auxiliar?	116
2.2.1. Gramaticalização dos auxiliares	123
2.3. As CFFs são construções com verbos seriais?	128
3. A relação entre coordenação e subordinação	138

4. O estatuto categorial das CFFs	144
4.1. A gramática das construções	145
4.1.1. Evidências para a construcionalidade das CFFs	150
5. Resumo	151

CAPÍTULO IV:

A origem das CFFs: um processo de gramaticalização ou discursivização?

Introdução	153
1. A gramaticalização	154
1.1. Revisão teórica clássica	154
1.2. Críticas	160
2. Outras perspectivas para o paradigma da gramaticalização	162
2.1. Subtipos de gramaticalização	162
2.2. Gramaticalização e pós-gramaticalização	163
2.3. Discursivização	165
2.4. A proposta de Traugott	166
3. O caso das CFFs: gramaticalização ou discursivização?	168
3.1. A gramaticalização de verbos	168
3.2. Os princípios de gramaticalização	170
4. Outros usos de <i>ir</i> , <i>chegar</i> e <i>pegar</i> : “seqüenciador intensificador”	178
5. Resumo	186

CONSIDERAÇÕES FINAIS	188
-----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	193
---	------------

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

Tabelas:

Tabela 1: Frequência dos tipos de CFFs e dos verbos na posição de V1.....	41
Tabela 2: Elementos intervenientes no Tipo 1:Verbo Ir	51
Tabela 3: Elementos intervenientes no Tipo 1:Verbo Chegar	51
Tabela 4: Elementos intervenientes no Tipo 1:Verbo Pegar	51
Tabela 5: Formas de expressão dos sujeitos adjacentes a V1.....	52
Tabela 6: Pessoa do discurso nas CFFs	53
Tabela 7: Cruzamento dos fatores “tipo textual” e “pessoa do discurso”.....	54
Tabela 8: Tempo e modo verbais das CFFs com Ir	56
Tabela 9: Tempo e modo verbais das CFFs com Chegar	56
Tabela 10: Tempo e modo verbais das CFFs com Pegar	57
Tabela 11: Cruzamento das variáveis “tempo verbal” e “tipos textuais nas CFFs com ir	60
Tabela 12: Cruzamento das variáveis “tempo verbal” e “tipos textuais nas CFFs com pegar	62
Tabela 13: Cruzamento das variáveis “tempo verbal” e “tipos textuais nas CFFs com chegar	62
Tabela 14: Repetição de V2	66
Tabela 15: Classe semântica de V2.....	74
Tabela 16: Contrajunção nas CFFs	95
Tabela 17: Tomada de decisão nas CFFs	97
Tabela 18: Presença de material interveniente nas CFFs	127

Gráficos e Figuras

Gráfico 1: Seqüências textuais em que as CFFs ocorrem.....	60
Gráfico 2: Função das CFFs na organização do discurso.....	65
Figura 01: Continua de articulação de cláusulas.....	140
Figura 02: O <i>continuum</i> de tipos de sentenças complexas.....	143
Figura 03: Alguns canais de gramaticalização de categorias verbais.....	169

Quadros

Quadro 01: Auxiliares aspectuais.....	117
Quadro 02: Auxiliares temporais.....	117
Quadro 3: “ <i>Cline</i> ” de combinação de cláusulas.....	141
Quadro 4: Propriedades relevantes para o “ <i>cline</i> ” de combinação de cláusulas.....	142
Quadro 5: Parâmetros de Gramaticalização.....	171

INTRODUÇÃO

Esta tese tem como objetivo descrever e analisar as “construções do tipo *foi fez*”, doravante **CFFs**, presentes na modalidade falada do Português do Brasil (PB), que ainda permanecem fora da pauta das análises lingüísticas atuais. As **CFFs** exibem propriedades morfossintáticas bem delimitadas, além de desempenharem um papel particular na situação de fala. As ocorrências destacadas em (1) são representativas dos casos de **CFFs** a serem considerados nesta tese:

- (1) a. [A gente]- a gente que fica lá embaixo, brincando. [Que]- que que a gente vai fazer aqui em cima? Meu pai está no trabalho, minha mãe fica estudando negócio aí da Jafra, que ela está fazendo, minha irmã fica com o namorado dela, eu vou ficar olhando assim; **eu vou e desço**. Eu e meu irmão ("fica") jogando pingue-pongue.
- b. Chega lá, [você não]- você não entende, não fala castelhano, fica o rádio falando castelhano, como é?-" "Ih, mas é mesmo! Aí, não quero não." (rindo) **chegou e devolveu o rádio**. (risos) Essa é uma, essa é uma das. (risos) e aí, por aí a fora, não é?
- c. "Ele disse: "não, não desliga não que eu quero lhe falar uma coisa." Eu não estou conhecendo a voz mesmo. Eu disse: "olha, vou desligar, hein? Até amanhã." **Ele pegou deu uma gargalhada**. eu disse: "espera aí, fala outra vez." Aí ele falou, eu disse: "bandido, você me acordando agora e tal." (riso).

As **CFFs** caracterizam-se por uma seqüência mínima de V1 e V2, sendo que a posição V1 é preenchida por **ir**, **chegar** ou **pegar** e V2 é relativamente livre. V1 e V2 partilham sujeito e

flexões de tempo e pessoa. Distingui 2 tipos de **CFFs**: no tipo 1, [+ CONJ], V1 e V2 são interligados pela conjunção *e*, e no tipo 2, [- CONJ], V1 e V2 apenas se justapõem.

Restringi-me àquelas construções em que apenas os verbos *ir*, *chegar* ou *pegar* são usados na posição V1. Optei também por incluir todas as construções dentro do mesmo rótulo de “construções do tipo *foi fez*”, uma vez que não foram encontradas evidências sintáticas nem semânticas e pragmáticas que comprovassem a existência de três tipos distintos de construções. Embora tenha constatado alguns contrastes entre as **CFFs**, defenderei que, em todas elas, V1 possui uma função discursiva única, qual seja, a de dramatizar ou enfatizar os eventos descritos em V2.

Os estudos sobre construções do tipo ***go-and-verb***, semelhantes às **CFFs**, em inglês e espanhol, entre outras línguas, indicam que essas construções integram uma classe que é translingüisticamente verificada. Seu estatuto, no entanto, ainda intriga os pesquisadores. Identificadas como “pseudo-coordenação”, são consideradas remanescentes de construções coordenadas, além de serem constantemente comparadas às construções com verbos seriais. Assumirei, neste trabalho, que as **CFFs**, dado seu caráter híbrido, são melhor analisáveis em termos dos modelos de semelhança de família e de protótipos, que prevêm a existência de um *continuum* em que itens de categorias diversas apresentam traços que se sobrepõem. Uma vez analisadas todas as propriedades compartilhadas entre as **CFFs** e construções mais bem delineadas, como as construções coordenadas, as construções com verbo auxiliar e as construções com verbos seriais, defenderei que, embora seja possível a sua inclusão dentro de um *continuum* de construções de predicação complexa, no tocante ao PB, as **CFFs** representam um tipo distinto de construção.

As mudanças, sofridas por *ir*, *chegar* ou *pegar*, que levaram à formação das **CFFs**, envolvem, principalmente, desbotamento semântico e perda de propriedades sintáticas, que são características dos estágios iniciais de gramaticalização. Contudo, o desenvolvimento das **CFFs** representa um desafio para os estudos de gramaticalização uma vez que não pode ser analisado com base na trajetória percorrida pelos itens em gramaticalização, prevista no *continuum* **item lexical > item gramatical** ou **item gramatical > item mais gramatical**. V1 inicia essa trajetória mas adquire uma função discursivo-pragmática e não uma função gramatical como aquelas tradicionalmente identificadas em itens em processo de

gramaticalização. Desta forma, discutirei, no último capítulo, a pertinência de se considerar as **CFFs** como uma construção em processo de gramaticalização ou se essas construções podem ser melhor descritas tendo em vista o modelo que propõe a distinção entre os fenômenos de gramaticalização e discursivização.

Este trabalho desenvolve-se dentro do quadro teórico do funcionalismo lingüístico, dialogando com alguns de seus estudiosos mais relevantes, como Givón (1991a, b), Heine *et al.* (1991), Heine (1993, 2003), Hopper (1987), Hopper & Traugott (1993), Lehmann (1995), Martelotta & Rêgo (1996:240) e Traugott (1997, 2003).

A gramática funcional analisa a estrutura gramatical, assim como as gramáticas formais e estruturais, mas também defende a análise de toda a situação comunicativa: a finalidade do evento de fala, seus participantes, seu contexto discursivo. Na visão funcionalista, as expressões lingüísticas são o resultado de uma intenção comunicativa, uma vez que o que é “comunicado” não é somente o *conteúdo*, a *denotação*, a *referência-e-predicação*, ou o *lado cognitivo* e *intelectual* da língua, mas também a natureza do evento de fala como um fenômeno cultural e cognitivo e a intenção dos participantes (Nichols 1984: 101-102). O funcionalismo pressupõe que a situação comunicativa estimula, delimita, explica ou até mesmo determina a estrutura gramatical (Nichols 1984: 97), portanto preconiza a interdependência entre forma e função lingüísticas. Nesta tese, endosso os pressupostos do funcionalismo e trato os componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos como igualmente importantes para o estudo e a descrição das **CFFs**.

Como objetivos desta tese, destaco:

- (i) descrever e analisar as propriedades morfosintáticas e a função discursivo-pragmática das **CFFs**;
- (ii) cotejar as propriedades das **CFFs** com as das cláusulas coordenadas, das construções com verbos auxiliares e das construções com verbos seriais, uma vez que as propriedades compartilhadas por esse conjunto de construções auxiliam a categorização das **CFFs**;
- (iii) propor a correta inserção das **CFFs** no quadro gramatical do PB;
- (iv) discutir os processos de mudança que levaram à formação das **CFFs**.

Esta tese divide-se em quatro capítulos, além da introdução, e sua apresentação delineia-se da seguinte forma. No **capítulo I**, considerarei as análises das construções similares às **CFFs** presentes no inglês, no espanhol, entre outras línguas. No **capítulo II**, apresentarei uma análise detalhada das **CFFs**, tendo em vista suas propriedades morfossintáticas e pragmáticas. Já no **capítulo III**, discutirei o estatuto categorial das **CFFs** com base nas suas semelhanças e diferenças em relação às construções coordenadas, às construções com verbo auxiliar e às construções com verbos seriais. No **capítulo IV**, focalizarei as questões envolvendo os processos de mudança que deram origem às **CFFs**, tendo em vista o debate sobre a distinção entre gramaticalização e discursivização. Finalmente, apresentarei as considerações finais e as referências bibliográficas.

CAPÍTULO I

AS CONSTRUÇÕES DO TIPO *GO-AND-VERB*: PRIMEIRAS ANÁLISES

Introdução

A maioria dos trabalhos conhecidos sobre construções como as **CFFs** incidem principalmente sobre o inglês (Pullum 1990, Stefanowitsch 1999, 2000 e Hopper 2002), mas estudos semelhantes em espanhol (Arnaiz & Camacho 1999) e em algumas outras línguas (Stefanowitsch 1999, 2000) também foram realizados. No que tange ao PB, essas construções, no entanto, ainda permanecem pouco exploradas. Existe, contudo, o trabalho de Tavares (no prelo), em que são abordadas diferentes construções com o verbo *pegar*, inclusive as do tipo das **CFFs**.

Nos trabalhos em inglês e espanhol, essas construções recebem denominações diversas de acordo com cada autor, como “construções do tipo *go-and-verb*” e do tipo “*go get*” e “*go & get*”; “*coordinated verb construction*”, “*coordinated auxiliary construction*”, “*intransitive quasi-serial verb construction*”, “*construções pseudo-coordenadas*” e *hendiadys*. Adotarei a nomenclatura “construções *go-and-verb*”, proposta por Stefanowitsch (1999), para me referir de um modo geral a todas as construções apresentadas no decorrer do texto, principalmente porque a maioria dos trabalhos focaliza as construções com o verbo *ir*.

Apesar de considerarem dados de diferentes línguas, parece haver um consenso entre os estudiosos de que essas construções apresentam similaridades em relação às construções com verbos seriais. Quanto à sua função, alguns autores defendem seu valor aspectual; outros acreditam que seu uso está relacionado com um elemento de contra-expectativa¹, que sinaliza uma alteração no curso esperado da narrativa.

¹ Tradução para o termo “*unexpectedness*”, usado por Stefanowitsch (1999, 2000).

Este capítulo revisa a literatura específica que trata de construções similares às **CFFs** em línguas diversas. Sempre que possível, tentarei pontuar semelhanças e diferenças tanto entre o grupo de construções em foco quanto entre as perspectivas de análises privilegiadas. Inicialmente, considerarei o trabalho de Tavares (no prelo) sobre as construções com **pegar** no Português. Na segunda parte, apresentarei a análise de Pullum (1990) sobre as construções do tipo “**go get**” e “**go & get**” do inglês. Pullum discute a natureza dessas construções bem como as possíveis diferenças entre as duas formas. Na terceira parte, tratarei das construções do tipo **go-and-verb** analisadas por Stefanowitsch (1999, 2000), para quem essas construções integram um grupo maior de construções que podem ser observadas em várias línguas. Contudo mostrarei que algumas de suas hipóteses são enfraquecidas por se basearem em exemplos em que V1 é usado como um verbo lexical ordinário, cuja noção semântica de movimento é facilmente recuperável. Na quarta parte, apresentarei as considerações de Hopper (2002) a respeito das construções do tipo *hendiadys* em inglês. A análise funcionalista de Hopper é, sem dúvida, a que mais apresenta contribuições para o estudo desenvolvido nesta tese, uma vez que fatores gramaticais e discursivos também são analisados. Na última parte, tratarei das “construções coordenadas auxiliares” do espanhol investigadas por Arnaiz & Camacho (1999). A análise dos trabalhos desses autores revela que existe um comportamento comum entre essas construções e as **CFFs** no que tange ao padrão de negação e ao uso, na posição V1, do verbo **agarrar**, em espanhol, que é semanticamente próximo de **pegar**.

1) As construções com **pegar** no Português

Tavares (*mimeografado*) trata dos diferentes usos do verbo **pegar** em construções como:

- (2) O gato foi encontrado morto na beira da estrada, sujo, mais sem ferimentos nenhum, **o homem pegou o gato e enterrou no cemitério.**

(3) mas ele tem medo de enfrentar... de encarar a realidade... de **pegar o seu direito de voto e dizer assim**: “eu vou usar essa arma”...

(4) porque mui/ muitos amigos fazem aniversário ... faz a festinha ... convida ... a ... o cara é legal ... num sei quê ... bom me convidam ... **pego e vou** ... uma reca assim ... um bando ... arrastão pra festa ... por isso que eu digo que essa foi a melhor coisa que aconteceu assim ... pra mim ...

Seu objetivo principal é, no entanto, estabelecer as diferenças entre os tipos oracionais distintos no que tange ao plano da transitividade. A autora defende que o verbo **pegar** desempenha funções variadas nas ocorrências (2-4), uma vez que em (2), **pegar** é um verbo pleno, em (3), é híbrido entre verbo pleno e auxiliar e em (4), é um auxiliar.

Em relação ao terceiro tipo, que é o que mais interessa a esse trabalho, Tavares esclarece que, embora existam dois verbos envolvidos (**pegar** e V2), apenas um evento é predicado. A autora conclui que o estatuto gramatical de **pegar** em (4) é de verbo auxiliar e que enunciados deste tipo, esquematizados sob a forma [(SN) PEGAR (E) V2 (SN/SP)], apresentam um valor aspectual inceptivo:

“a construção em questão indica que o evento a que o verbo principal se refere teve um início instantâneo, imediato, brusco. Essa construção é, portanto, um predicado complexo composto por um verbo aspectualizador (PEGAR) + a conjunção e (que tem uso facultativo) + um verbo principal, que traz o significado referencial de todo o composto verbal.” (Tavares, no prelo)

A autora remete ao trabalho de Bechara (1999), baseado em Coseriu, em que é proposto que “*pego e escrevo*”, tratado como uma perífrase aditiva, expressa a *visão global* que “acentua o conjunto da ação e a assinala expressamente como parcializante”. A *visão* é uma categoria aspectual segundo a qual “o falante pode considerar a ação verbal em seu todo ou parcialmente, em fragmentos, entre dois pontos de seu curso” (Bechara 1999: 216-217). Segundo o autor, para acentuar ainda mais a globalidade, às perífrase aditivas seguem-se expressões enfáticas como “de

fato”, “com efeito”, “rápido”, “inesperado”, “surpreendente”, “decidido”, “terminantemente”².

Tavares complementa que, além dos traços aspectuais, essas construções possuem um “sobretom subjetivo” que se revela na “forma de indicações atitudinais e/ou avaliativas por parte do falante, dentre as quais se destacam a surpresa, a frustração ou a irritação frente ao evento inesperado, súbito” (Tavares, *mimeog.*). Veremos adiante que esses valores referentes à surpresa, frustração e evento inesperado é atribuído às construções do tipo **go-and-verb** por outros autores, como Stefanowitsch (1999), Hopper (2002) e Arnaiz & Camacho (1999).

Note que as análises de Tavares e Bechara convergem em dois pontos fundamentais. O primeiro deles diz respeito ao valor aspectual das construções com **pegar** e o segundo aponta para outros valores concomitantes associados às noções de surpresa, tomada de decisão e ação inesperada.

Todavia, contrariamente a essas duas propostas, mostrarei, no Capítulo II que (a) a análise desenvolvida nesta tese mostra que o verbo **pegar**, assim como **ir** e **chegar**, em construções do tipo das **CFFs**, não contribuem para o quadro aspectual do discurso, tendo tão somente a função de dramatizar ou enfatizar os eventos descritos em V2; (b) essas construções não são responsáveis pela alteração das noções semânticas dos contextos em que emergem e (c) V1 nas **CFFs** apresenta algumas propriedades sintáticas que extrapolam os limites da auxiliarização e não deve, portanto, ser analisado como um verbo auxiliar.

Certamente, enunciados como aquele apresentado em (4) por Tavares incluem-se dentro do grupo das **CFFs** que constituem o foco de análise desta tese. O trabalho de Tavares contribui para o estudo de um tipo de construção gramatical do Português brasileiro falado ainda pouco explorado pelas análises lingüísticas atuais. Embora não houvesse aprofundamento da questão, a autora aponta para uma possível trajetória de gramaticalização, que conecta aqueles enunciados de (2-4) tendo em vista a

² Não foi possível verificar empiricamente no *corpus* o uso de tais expressões em associação com as CFFs.

similaridade estrutural dos mesmos. Dentro desta perspectiva, enunciados como (4) são representantes de um estágio de gramaticalização mais avançado. Discutirei, no Capítulo IV, a pertinência de se tratar as mudanças sofridas pelos verbos *ir*, *chegar* e *pegar*, no processo de formação das **CFFs**, como um caso de gramaticalização.

2) As construções do tipo “*go get*” e “*go & get*”

Pullum (1990: 218) afirma que, embora não constem nos trabalhos clássicos de lingüística descritiva, as construções do tipo “*come fly*” e “*come see*” estão há muito tempo presente no inglês americano falado; fato que é atestado pela sua longa história de uso na melhor literatura ficcional inglesa. O autor acrescenta que as gramáticas descritivas do inglês da primeira metade do século XX tendem a considerar essas construções como dialetais ou como arcaísmos. Já a maioria das gramáticas tradicionais publicadas depois de 1950 não faz referência a este tipo de construção, como se ela tivesse desaparecido. Por outro lado, Visser (1969 *apud* Pullum 1990: 219) menciona que seqüências como *go get*, como (5), constituem uma expressão idiomática de prestígio no inglês americano:

(5) “*Don’t go get all worked up*”

(“Não vá e resolva tudo.”)

Pullum (1990: 224) atesta que enunciados como (5) remetem a um outro tipo de construção semelhante àquelas rotuladas de construções com verbos seriais (**CVSs**). Essa associação contradiz a proposta de Baker (1989 *apud* Pullum), para quem as **CVSs** se restringem aos casos em que um V1 transitivo (superficialmente sem objeto) é seguido por um V2 transitivo com ambos compartilhando o mesmo objeto semanticamente³, como em (6):

³ A descrição de **CVSs** de Baker é muito estrita. Mostrarei, no Capítulo III, que essa definição diverge daquela adotada por outros autores que também tratam do tema.

(6) **Kofi naki Amba kiri**⁴

Kofi hit Amba kill

(“Kofi bate Amba mata”)

‘Kofi struck Amba dead’

(“Kofi bateu em Amba até matá-lo.”)

De acordo com esta perspectiva, as construções do tipo “**go get**” constituíram apenas cláusulas não-finitas como complemento de verbos intransitivos (Pullum 1990: 224). Contudo, como as definições de **CVSs** são divergentes, Pullum, motivado pelo fato de as construções do tipo “**go get**” também serem observadas em línguas que reconhecidamente apresentam serialização verbal, nomeia suas construções como “*intransitive ‘quasi-serial’ verb construction*”.

Verbos como *run*, *hurry*, entre outros, podem ocupar o lugar de **go** em construções semelhantes, embora não tenham sido analisados pelo autor. Vale advertir que Pullum não utiliza dados reais de fala e que suas afirmações e conclusões têm base numa série de testes a que foram submetidos inúmeros falantes nativos do inglês.

Para Pullum, a característica mais marcante das construções do tipo **go get** é o que ele identifica como **condição da flexão** (*inflection condition*), que impede que V1 e V2 recebam qualquer tipo de marca morfológica de flexão. Segundo o autor, a maioria dos falantes considera agramaticais as expressões que porventura apresentem qualquer sinal explícito de flexão. A **condição de flexão** distingue as construções do tipo **go get** de outras construções do inglês, tais como as construções com verbos modais, construções com o verbo *help*, construções causativas com os verbos *make/let* e construções como *go fishing*.

Essa propriedade, segundo o autor, também distingue as construções do tipo **go get** e **go & get**⁵, uma vez que, diferentemente das primeiras, as segundas não oferecem restrições ao emprego da flexão (Pullum 1990: 221). Essa afirmação está respaldada

⁴ Surinam, língua crioula de base inglesa: ocorrência extraída de Baker 1989: 516 (*apud* Pullum 1990).

⁵ Pullum lembra que esse tipo de uso com *and* foi identificado como **hendiadys**, termo empregado pelos gramáticos latinos para se referir a duas palavras ligadas por uma conjunção para expressar uma idéia singular complexa.

na avaliação de seus informantes, que consideraram (7), mas não (8), como agramatical:

(7) ***Every day my son goes gets the paper.**

(“Todo dia meu filho vai pega o jornal.”)

(8) **Every day my son goes & gets the paper.**

(“Todo dia meu filho vai e pega o jornal.”)

Pullum (1990: 226) defende que **go get** e **go & get** não são variantes e que essa distinção não diz respeito apenas à flexão. O acréscimo de mais de um verbo, por exemplo, afetaria o estatuto das construções com conjunção, que passariam a ser analisadas como um caso comum de coordenação (exemplo (10)), mas não o das sem conjunção (exemplo (9)):

(9) **Come go eat with us.**

vir-Pres.Imp.2P ir-Pres.Imp.2P comer-Pres.Imp.2P conosco

(Lit. “Vem vai comer conosco” = “Vem (venha) comer conosco”)

(10) **Come & go & eat with us⁶.**

Se essa é mesmo uma propriedade distintiva entre as construções **go get** e **go & get**, (9) e (10), os únicos exemplos apresentados, não são suficientemente capazes de sustentar esta hipótese. (10) é infeliz porque os verbos *come* e *go* não representam dois eventos, mas traduzem um “convite”, o que permite serem usados na mesma sentença embora lexicalmente representem movimentos deitivamente opostos. Não acredito que assumir (10) como um caso de coordenação resolva o problema, uma vez que (10) não faz sentido se os verbos *come* e *go* forem interpretados lexicalmente. Concluo, portanto, que (10) não é nem um bom exemplo de coordenação nem de construções do tipo **go & get**, o que parece enfraquecer os argumentos de Pullum sobre a distinção entre as construções **go get** e **go & get** para este caso.

⁶ “&” é utilizado por Pullum para se referir a “and” ou “n” (como em “rock’n roll”).

Pullum afirma ainda que as construções do tipo **go get** exibem uma qualidade volicional não observada nas construções do tipo **go & get**, o que explicaria porque (12) é interpretável enquanto (11), não:

(11) ***Sometimes driftwood *may come wash up on the beach.***

(12) **Sometimes driftwood *may come & wash up on the beach.***

(“Algumas vezes madeiras flutuantes podem vir e cobrir a praia.”)

Gostaria de ressaltar que existe uma linha tênue entre as construções em questão e as construções coordenadas (cf. Capítulo III). Sendo assim, questiono o argumento de Pullum, uma vez que o verbo *come* nos exemplos acima é ambíguo e pode ser interpretado também como um verbo lexical.

Pullum (1990:226-7) também distingue as construções do tipo **go get** e **go & get** de acordo com o critério da negação. De fato os exemplos abaixo parecem confirmar que V2 só pode ser negado nas últimas e nunca nas primeiras:

(13) a. **I expect you to *go and not do anything wrong for a week.***

(“Espero que *você vá e não faça nada errado* por uma semana.”)

b. **What sort of bad stuff do you expect me to *go and not do for a week?***

(“Que tipo de coisa ruim você espera que *eu vá e não faça* por uma semana?”)

c. * **I expect you to *go not do anything wrong for a week.***

d. * **What sort of bad stuff do you expect me to *go not do for a week?***

Contudo, o autor é omissos quanto à possibilidade de negação de V1 nessas construções. Veja, entretanto, que ele próprio considera (5), repetido aqui em (14), como aceitável e acredito que (15) também o seja, o que evidenciaria uma não distinção entre **go get** e **go & get** nesse caso:

(14) “*Don’t go get all worked up*”.

(15) “*Don’t go and hurt yourself*”.

(Lit. “não vá e se machuque.” = “Não vá se machucar.”)

Concluo que a análise das construções “*go get*” e “*go & get*” é prejudicada, em alguns momentos, principalmente pela escassez de dados apresentados. As distinções, propostas por Pullum, também parecem não dar conta dos exemplos do inglês. Quanto ao Português, observei dois tipos de **CFFs** que diferem quanto à presença da conjunção. Acredito, diferentemente de Pullum, que não há distinção entre essas construções, mas sim um *continuum* entre elas, na medida em que o segundo tipo (sem conjunção) parece existir em decorrência do primeiro (com conjunção). Aquelas que apresentam a conjunção seriam remanescentes de construções em que todos os verbos envolvidos correspondiam a verbos lexicais e consistiam, portanto, em casos de coordenação. Uma vez que o primeiro verbo dessas construções deixa de ser analisado pelos falantes como lexical, o que leva à emergência de uma nova construção, a conjunção e deixa de ligar dois eventos e pode desaparecer. Um argumento forte a favor desta hipótese advém do contraste observado entre as **CFFs** com *ir* e *pegar*, mais convencionalizadas e que ocorrem majoritariamente sem conjunção (tipo 2), de um lado, e as **CFFs** com *chegar*, menos convencionalizadas e que ocorrem na sua grande maioria com conjunção (tipo 1), de outro. A minha hipótese é a de que a variabilidade morfossintática das **CFFs** com *chegar* sinaliza que essas construções ainda estão se estabelecendo na língua, diferentemente das **CFFs** com *ir* e *pegar* que são mais regulares. As evidências a favor desta hipótese serão exploradas no Capítulo II, onde apresentarei os fatores que indicam esse contraste, como a classe semântica de V2 e os tempos e modos verbais.

Ademais, um fato que qualquer pesquisador precisa considerar é que as construções do tipo *go-and-verb* apresentam uma forma correspondente em que todos os verbos são usados em suas acepções lexicais originais. A distinção entre esses dois casos é fundamental para o estudo que aqui se propõe.

Pullum propõe apenas distinções sintáticas a respeito das construções **go get** e **go & get**, sem esclarecer se a presença da conjunção acarreta algum tipo de mudança semântica. Sua única observação se restringe à constatação de que as construções **go get** pressupõem um estado-de-coisas volicional.

É interessante, no entanto, comentar que Pullum é o único, dentre os autores estudados, que reconhece a existência de construções, em inglês, em que V1 e V2 também aparecem justapostos. Autores como Stefanowitsch e Hopper, discutidos a seguir, restringem suas análises aos casos em que V1 e V2 estão conectados pela conjunção *and*.

3) As construções do tipo **go-and-verb**

Stefanowitsch (1999) examina as construções do tipo **go-and-verb** em inglês e em outras línguas. O autor afirma que, embora o significado dessas construções seja diverso, variando entre “desaprovação” e “surpresa”, é possível apresentar uma análise translingüística unificada desses diferentes usos.

O autor investiga ainda diferentes subtipos das construções do tipo **go-and-verb**, que são tratados como construções independentes entre si. Esses subtipos são as construções do tipo *go(PRT)-and-verb* como **go-around-and-verb**, **go-in-and-verb**, **go-out-and-verb**, **go-back-and-verb**, **go-ahead-and-verb**, **go-along-and-verb** e **go-on-and-verb**⁷.

Para Stefanowitsch (2000) a estrutura dessas construções pode ser definida em (16), em que V1 é tipicamente um verbo de movimento ou posição e PRT é uma partícula do mesmo tipo daqueles tradicionalmente identificadas como advérbio de lugar:

(16) [V1 intr (PRT) and V2]

⁷ Stefanowitsch lembra que além dessas construções, existem muitas outras, tais como *go away and*, *go by and*, *go down and*, *go forward and*, *go through and*, and *go up and*.

Esse padrão⁸ exibe inúmeras propriedades sintáticas não previstas por seus componentes nem por outras construções do inglês, o que o qualifica, segundo o autor, como uma construção, no sentido de Fillmore & Kay (1999), Goldberg (1995), entre outros. V1 e V2 compartilham o mesmo sujeito e o mesmo tempo verbal e aspecto. Embora essas construções apresentem algumas semelhanças com coordenação, não podem ser definidas como tal, uma vez que exibem algumas propriedades incompatíveis com as estruturas coordenadas⁹. Por exemplo, ao contrário da coordenação, essas construções permitem a extração de complementos de V2, como apontado por Ross (1967 *apud* Stefanowitsch 2000):

- (17) **I just have a problem paying twenty five dollars for a movie that I can go down and rent for a dollar.**

(“Eu tenho problema em pagar vinte dólares por *um filme* que *eu posso ir e alugar por um dólar*.”)

- (18) **There used to be wild blackberries that we’d go out and pick, my brother and I.**

(“*Havia amoras selvagens, que nós íamos e pegávamos, meu irmão e eu*”.)

Em relação à semântica dessas construções, Stefanowitsch afirma que V1 e V2 são usados de modo a expressar um único evento¹⁰. Sendo assim, qualquer modificador que preceda V1, tal como advérbios, inclusive de negação, será necessariamente interpretado como tendo escopo sobre toda a construção. Ademais, nenhum elemento que indique uma seqüencialidade de eventos, como *then*, ou simultaneidade, como *at the same time*, pode ser adicionado à construção sem alteração substancial de significado. Essas propriedades funcionam como evidências sintáticas de que os dois verbos da construção não mantêm uma relação de coordenação, mas estão mais

⁸ Essa estrutura prevê que apenas verbos intransitivos podem ocupar a posição V1 e que V1 e V2 estão sempre interligados por *and*, portanto, não explica as construções do tipo **go get**, analisadas por Pullum, nem as construções do tipo *take NP*, descritas por Hopper (2002), que apresentam um verbo transitivo na posição V1.

⁹ Conferir Capítulo III para uma lista mais exaustiva dessas propriedades.

¹⁰ Stefanowitsch não define qual é sua classificação de “eventos”. Apresentarei, no Cap. III, a concepção adotada nesta tese.

profundamente interligados, formando uma única unidade sintática ou um único sintagma verbal.

O autor propõe uma classificação de verbo auxiliar e principal para V1 e V2, respectivamente, ressaltando que a utilização desta nomenclatura tem como objetivo apenas facilitar a identificação de cada item. Não há discussão, portanto, sobre a natureza dos verbos envolvidos nessas construções, o que será feito no Capítulo III desta tese.

Stefanowitsch critica os estudos anteriores por apresentarem apenas descrições sintáticas das construções do tipo **go-and-verb** e propõe uma análise semântica, segundo a qual é possível dividi-las em quatro tipos básicos, representados pelos exemplos (19-22):

- (19) a. **Look what *you've gone and done!*** (“Olhe o que *você (foi e) fez!*”)
b. ***He's gone and lost his job.*** (“*Ele (foi e) perdeu o emprego.*”)
c. **It was going to be a surprise, but *he went and told her.***
 (“Era para ser uma surpresa, mas *ele (foi e) contou para ela.*”)
- (20) **Nobody thought he could climb Everest, but *he went and did it!***
 (“Ninguém achou que ele escalaria o Everest, mas *ele foi e fez isso!*”)
- (21) **We asked him not to call the police, but *he went (ahead) and did it anyway.***
 (“Nós pedimos pra ele não chamar a polícia, mas *ele (foi (em frente) e) fez isso de qualquer maneira.*”)
- (22) a. **I think *we should all go and see Valerie* on Sunday.**
 (“Eu acho que *nós deveríamos (ir e) ver Valerie* no domingo.”)
b. ***I'll go and get the rest of your stuff.***
 (“*Eu(irei e) pegarei o resto de suas coisas.*”)

Stefanowitsch defende que os exemplos (19a-c) expressam uma reprovação por parte do falante, uma insinuação de que a ação descrita pelo V2 é estúpida ou indesejável. (20) veicula um certo grau de surpresa. (21) se refere a alguma coisa do tipo proceder sem hesitação ou sem se preocupar com os outros. Os exemplos (22a-b) traduzem, por sua vez, deslocamento real (*actual motion*).

O autor acredita ainda que os usos de verbos de movimento em geral e as construções do tipo **go-and-verb**, em particular, exibem regularidades semânticas translingüísticas. Dentre esses usos, lembra que *go* e outros verbos básicos de movimento são usados em línguas que apresentam verbos seriais a fim de impor um “*motion profile*” a verbos estativos, ou ainda de dar uma orientação dêitica a outros verbos de movimento. Em construções como (23), o verbo de movimento acrescenta um aspecto de movimento ou dêixis ao sentido geral da expressão:

- (23) **oguaN** **kçç** **ahabaN** **mu**¹¹
 he-flee-Past go-Past bush in
 ‘he fled into the bush’
 (Lit. “ele fugiu foi para mata” = “Ele fugiu para a mata.”)

Para o autor, essa função é a mesma exercida por *go* nos exemplos (22a-b) acima: o verbo *go* imprime um aspecto de movimento ou dêixis ao significado da expressão, isto é, quando o verbo *go* é usado ao lado de verbos que não têm um significado de movimento inerente, *go* empresta uma leitura de movimento a esses verbos, como em (22). Ele argumenta que ambas as situações em (22) podem ser alternativamente descritas com verbos que já possuam um componente de movimento inerente. Conseqüentemente, *go and see* (“ir e ver”) significa *visit* (“visitar”), e *go and get* (“ir e pegar”) significa a mesma coisa que *fetch* (“buscar”).

Tendo em vista sua hipótese de que as construções **go-and-verb** ocorrem em línguas diversas, o autor elenca alguns exemplos oriundos de outras línguas. (24) e (25), do sueco, traduzem significados como “surpresa” e/ou “desaprovação” tal como em inglês.

¹¹ Exemplo de Akan: Sebba 1987 *apud* Stefanowitsch (1999).

Já (26) se distingue de todos os usos do inglês, pois indica uma atividade que se desenvolve por um longo período, o que corresponderia funcionalmente ao progressivo em inglês:

(24) **Han har gått och gift sig.**

He has gone and married Refl.

‘He went and got married.’ (Joseffson 1991)

(“*Ele foi e se casou.*”)

(25) **Och så går han och berättar det för sin fru!**

and so goes he and tells it to his wife

‘And then he goes and tells it to his wife.’ (Joseffson 1991)

(“E então *ele foi e contou isso para sua esposa.*”)

(26) **något jag har gått och tänkt mycket på**

sth. I have gone and thought much about

‘something I have been thinking about a lot’

(Lit. “alguma coisa que *eu fui e pensei muito a respeito.*” = “alguma coisa sobre a qual eu tenho pensado muito a respeito.”)

Outros exemplos do norueguês são usados para expressar: (a) deslocamento real, em (27); (b) “surpresa” e/ou “desaprovação”, em (28); e (c) “ação contínua”, em (29):

(27) **Lad os gå hen og danse i aften.**

let us go t here and dance tonight

‘Let’s go and dance tonight.’

(“Vamos (*ir e*) *dançar* à noite.”)

(28) **Han var gået hen og havde giftet sig.**

He had gone there and had married Refl

‘He went and got married.’

(“*Ele foi e se casou.*”)

(29) Jeg går (rundt) og tænker på den eksamen hele tiden.

I go (around) and think about that exam all the-time

‘I am thinking about that exam all the time.’

(Lit. “*eu vou e penso* sobre o exame o tempo todo.” = “Eu tenho pensado sobre o exame o tempo todo.”)

Finalmente, alguns exemplos do hebraico moderno apresentam os significados comumente associados a essas construções: “ato audacioso”, “não dar atenção aos obstáculos” e “surpresa”, como em (30) e (31).

(30) Kulam paxadu liftoax et ha-kufsa, aval Dan halax ve asa et ze

everyone was-afraid to-open DO the-box but Dan went and did DO it

‘Everyone was afraid to open the box, but Dan just did it.’

(Lit. “todos estavam receosos em abrir a caixa, mas *Dan foi e a abriu*.” =

“Todos estavam receosos em abrir a caixa, mas Dan a abriu.”

(31) Dan halax ve kana lo etmol shaon xadash.

Dan went and bought him yesterday watch new

‘Dan went and bought himself a new watch yesterday.’

(“*Dan foi e comprou um novo relógio* ontem.”)

Com base nos exemplos analisados, Stefanowitsch afirma que as construções do tipo ***go-and-verb*** possuem diferentes usos que expressam:

- i. deslocamento real através do espaço;
- ii. aborrecimento, desapontamento, desaprovação;
- iii. avaliação de uma ação como estúpida ou indesejável;
- iv. surpresa, mudança inesperada no curso esperado na narrativa;
- v. procedimento sem hesitação ou preocupação com os outros, sem se importar com os obstáculos;
- vi. ação contínua, aspecto progressivo habitual.

Com base na recorrência de determinados significados, Stefanowitsch conclui que há uma sistematicidade que subjaz aos significados associados a essas construções e que deve estar de algum modo relacionada ao significado do verbo *go*.

A análise de Stefanowitsch verifica que formas e significados se associam de forma coerente em línguas diversas e dão origem a um tipo de enunciado muito particular, que é tratado como uma instância de construção gramatical de acordo com a proposta de Kay & Fillmore (1999) e Goldberg (1995). No entanto, alguns problemas se apresentam. Em primeiro lugar, acho que é possível argumentar que “desagrado por parte do falante” (exemplos 19a-b), “surpresa” (exemplo 20), “procedimento sem hesitação” (exemplo 21) são de alguma forma significados relacionados, uma vez que carregam um elemento de contra-expectativa. Além do mais, o autor não fornece evidências adicionais sobre o valor de contra-expectativa das construções ***go-and-verb***, o que instaura uma certa circularidade nas suas argumentações. Como muitos dos exemplos apresentados são precedidos por *but*, que já sinaliza uma idéia adversativa, falta mostrar em que medida também essas construções corroboram a interpretação de contra-expectativa ou de “surpresa”. Note, entretanto, que a noção de “surpresa”, que instancia uma contra-expectativa em relação ao curso esperado da narrativa, parece ser, de fato, uma interpretação recorrente entre os autores a respeito das construções do tipo ***go-and-verb***, inclusive em Português, segundo as propostas de Bechara (1999) e Tavares (no prelo). No Capítulo II, entretanto, discutirei a validade desta hipótese ao tratar especificamente das **CFFs**.

Em segundo lugar, todos os exemplos (19-22) são considerados como um grupo unificado de construções. Parece evidente, entretanto, que o verbo *go*, quando usado no seu sentido lexical, concreto, em (22), tem propriedades distintas de quando é usado com sentidos mais abstratos, em (19-21).

Em terceiro lugar, o autor reconhece que os exemplos do seu *corpus* aceitam paralelamente uma interpretação literal em adição àqueles significados mais abstratos e mesmo assim trata todos os exemplos como um grupo único de construções. Contudo, para que se proponha a autonomia de construções do tipo ***go-and-verb***, como quer Stefanowitsch, é fundamental que se apresentem exemplos claros que permaneçam

distintos de outros tipos de construções¹². O que há na verdade é uma forma literal paralela para a maioria das construções do tipo **go-and-verb** tanto em inglês como em Português. Interessam nesta tese, no entanto, aqueles casos em que apenas uma leitura não-literal é possível.

4) As construções do tipo *hendiadys*

Hopper (2002) analisa (32) como um exemplo de construções coordenadas conhecidas como *hendiadys*. O termo *hendiadys* vem do grego, em que “*hen dia duoin*”, “um que significa dois”, traduz uma idéia singular que é realizada por dois constituintes distintos.

(32) But don't you think though that a few years' time *they'll come up and say you know like with everything else* Oh CFCs don't harm the ozone layer it's something else.

(“Mas não pense que em alguns anos *eles virão e dirão*, você sabe, como em todo caso, que os CFCs não fazem mal à camada de ozônio, que é outra coisa.”)

Assim como Pullum, Hopper também lembra que o uso de *hendiadys* remonta ao período arcaico da língua inglesa. Tendo em vista seu estatuto categorial, essas construções já foram classificadas como “pseudo-coordenação”, denominação que sugere que há um *continuum* ligando cláusulas coordenadas de um lado, em que a relação semântica entre as duas cláusulas é *ad hoc* ou controlada somente pelo vago critério de “tópico comum” (R. Lakoff 1971 *apud* Hopper 2002), e os verbos “pseudo-coordenados” de Quirk *et al.* (1985: 979 *apud* Hopper 2002) do outro lado. Os últimos, representados por *try and*, *go and*, etc., são altamente convencionizados e competem estrutural e funcionalmente com auxiliares e com adjuntos de vários tipos. Quirk *et al.* também se referem a essas construções como “quasi-auxiliares” e estão atentos à estreita relação entre aquelas construções em que a conjunção *and* aparece como elemento de ligação entre dois verbos e aquelas em que essa ligação é feita pelo *to*,

¹² Não descarto com isso a possibilidade de existência de casos ambíguos.

como em *try and* e *try to*, entre outros. Para Hopper, o reconhecimento de *hendiadys* verbais, em que uma cláusula é estruturalmente coordenada, mas semanticamente integrada, revigora o debate sobre a distinção teórica entre cláusulas coordenadas e subordinadas, além de aproximar o inglês¹³ de línguas que possuem verbos seriais, tais como aquelas encontradas na África, Ásia e Papua Nova Guiné.

A literatura sobre *hendiadys* se restringe a um pequeno número de tipos mais comuns, cujo *status* de *hendiadys* é inquestionável, a exemplo de *come and*, *go and*, *try and*. Hopper, entretanto, trata de exemplos menos familiares, que jamais foram analisados sob esta perspectiva dos *hendiadys*, como ***start and*** (“começar e”) e ***take NP and*** (“***pegar SN*** e”), que não envolvem verbos de movimento, e ***turn (a)round and*** (“virar e”) e ***go ahead and*** (“ir (em frente) e”).

A construção ***turn around and***, por exemplo, é encontrada nos *subcorpora* menos formais. Hopper ratifica que, para todos os casos de expressões *hendiadic*, existe uma construção homófona que sinaliza dois eventos. Por exemplo, (33) pressupõe uma ação física de “virar” (*turning around*) que precede cronologicamente a outra ação (usar uma roupa de marca):

- (33) **Unless you have well- wellies on... you turn round and come back**
 (“A menos que você esteja usando wellies, você tem que *virar e voltar (para casa)*”)

A partir do momento em que essa reorientação física é excluída, *turn round and* funciona, segundo Hopper, como um aspectualizador cuja função é sugerir uma ação que ocorre em resposta a uma situação ou ação não esperada. Muitas vezes subentende-se que há uma mudança no curso da narrativa. Essa mesma função também é observada nas construções do tipo ***go-and-verb***, como apontado por Stefanowitsch (1999). Hopper salienta, entretanto, que uma parte central da função de

¹³ Agora já sabemos que essa não é apenas uma particularidade do inglês já que construções semelhantes ocorrem em Português e também em outras línguas, como mostra Stefanowitsch (1999, 2000).

turn around and é marcar, na narrativa, o contraste entre fundo (*background*) e figura (*foreground*) (Hopper & Thompson 1980):

- (34) **you ask 'em to lend you a fiver and they might <laughs> turn round and tell you to sod off**

(“Você pede a eles que te emprestem uma nota de 5 dólares e eles podem (virar e) falar pra você desaparecer.”¹⁴)

A construção **turn around and** co-ocorre, na maioria dos casos, com o verbo *say* e essa tendência é tão forte que *turn around and say* pode ser considerado como uma expressão idiomática, ou *idioma*¹⁵. Dos 198 exemplos de **turn around and**, 175 (89%) são seguidos por *say*:

- (35) **not been since September cos he just turned round and says I'm not going**

(Lit. “não até setembro porque ele acabou de *voltar e dizer* ‘eu vou.’ = “não até setembro porque ele acabou de mudar de idéia e disse que vai.”)

Além de *say*, **turn around and** co-ocorre com outros verbos de elocução, como *tell*, *argue*, entre outros. Outras poucas ocorrências mostram que verbos como *help*, *make*, *sack*, *hate*, *blame*, *kick [in the teeth]*, e *become* também são utilizados.

No tocante ao padrão de flexão das construções do tipo **turn around and**, a forma *turn*, correspondente à terceira pessoa do singular, é a forma não marcada. Hopper afirma que a preponderância de formas não flexionadas é uma característica atestada anteriormente em *hendiadys* (e.g.: *try and* em Quirk *et al.* 1985:979). Esse fato remete às considerações de Pullum sobre a “condição de flexão”, proposta por ele como fundamental para a classificação das construções do tipo **go get**. Vemos em Hopper

¹⁴ Embora esse tipo de enunciado com “virar e falar” seja comum no Português, a leitura de contra-expectiva é muito mais pertinente no inglês.

¹⁵ Observe que assim como **turn around and say**, *virou e falou* em Português parece também ter se lexicalizado numa estrutura idiomática. Em Português, essa estrutura atua sempre na marcação de mudança de turno discursivo. No caso do inglês, ela está associada a significados do tipo “mudar de idéia” e “voltar atrás”. A lexicalização dessas estruturas parece ser mais forte em Português: verifiquei, em análise paralela, que os casos de construções com *virar* são sempre acompanhados por verbos de elocução.

que a questão da flexão é mais amplamente discutida, uma vez que mostra que essa classe de construções é, de um modo geral, sensível à flexão.

Hopper analisa em seguida casos com **go ahead and**, como em (36):

- (36) ...living inside Nicaragua in special security zones supervised by United Nations, have made it clear that their chief concern is not money, but security. They are afraid, they say, that, if **they go ahead and lay down their arms** as agreed with the new Nicaraguan government, headed by Mrs. Violeta Chamorro, they will be vulnerable to reprisals from the Nicaraguan army, still under the charge of one (BBC).
 (“... viver na Nicarágua, em suas zonas de segurança especial supervisionadas pelas Nações Unidas, tornou evidente que seus chefes não estão preocupados com dinheiro, mas com segurança. Eles têm medo, eles dizem, de, se *ele forem em frente e depuserem suas armas*, como acordado com o novo governo nicaragüense, liderado pela senhora Violeta Chamorro, ficarem vulneráveis às represálias do exército nicaragüense, ainda sob o comando de um.”)

As expressões com **go ahead and** são muito comum na língua falada, embora não sejam associadas a conversas casuais. Hopper acredita que esses casos são mais usados em turnos longos, funcionando, entre outras coisas, para sinalizar pontos que o ouvinte deve valorizar.

O autor sustenta que, em muitos casos, as construções com **go ahead and** sugerem uma hesitação anterior ao procedimento de uma ação. Por implicação, contudo, **go ahead and** é especialmente comum em situações em que uma permissão é dada. Permissão implica que uma ação é preparada, mas aguarda o “go-ahead” ser dado e envolve encorajamento ou conselho. Tais significados de permissão, encorajamento e conselho são característicos de modalidade deôntica.

Hopper analisa ainda os casos com **start and**, que são restritos a apenas certas variedades do inglês britânico. Os exemplos (37) e (38) com **start and** diferem entre si

tendo em vista, mais uma vez, o número de eventos envolvidos nos enunciados. Sendo assim, no primeiro, mas não no segundo, dois eventos são realizados. Ademais, o autor defende que em (38) o verbo “*start*” aspectualiza o verbo principal “*get mixed up*”:

- (37) Pick up several beads at a time and sew the beads onto the material in rows, using backstitch; see diagram. Beadwork is fiddly and requires concentration so once ***you have started and established a rhythm***, the fewer the interruptions, the speedier the process.

(“Pega um monte de miçangas de uma vez e costura as miçangas no material em fileira, usando pontos; veja o diagrama. Aplicação é difícil e requer concentração porque uma vez que *você começou e estabeleceu um ritmo*, quanto menos interrupções você fizer, mais rápido o processo.”)

- (38) Oh Cos there's some <pause>: Where was I? You know I go to all these different schools and ***I start and get mixed up after a while***. But in one school where they look at erm a book written by an English woman about being a young girl in England and then they looked at a book written by (... você sabe, eu vou a todas essas escolas e *eu começo a me confundir* depois de um tempo. Mas numa escola onde eles viram um livro escrito por uma inglesa a respeito do fato de ser uma mulher na Inglaterra e então eles viram um livro escrito por...”)

Para Hopper o significado da construção “***start and***” é inceptivo e a similaridade funcional entre *start and* e *start to* (“*start to get mixed up*”) está diretamente relacionada com as construções com *try and/try to*. A escolha entre essas duas formas exprime um traço idioletal do falante e revela ainda que as duas formas apresentam diferentes graus de ligação (Nordquist 1999 *apud* Hopper), uma vez que o uso da conjunção indicaria um grau fraco de conexão entre os dois verbos enquanto o uso de *to* sinalizaria um grau mais forte de integração. Essa discussão remete a Lehmann (1988) para quem o grau fraco ou forte de entrelaçamento é um fator fundamental para descrever os diferentes níveis de integração de cláusulas.

O autor defende ainda que **start and** parece funcionar também como figura (*foreground*), na medida em que destaca uma ação importante na narrativa (Hopper & Thompson, 1980:280).

Por fim, Hopper analisa o caso das construções do tipo “**take NP and**”, tal como apresentado em (39):

- (39) **If Clinton can take these two themes and weave them together...**
(“Se Clinton pudesse **pegar** esse dois assuntos e os juntar...”)

Essas construções são altamente transitivas: a ação é tipicamente dinâmica e o objeto de *take* (**pegar**) na primeira cláusula é definido, embora seja abstrato (Hopper & Thompson 1980). Essas construções funcionam de modo a fazer com que uma idéia pareça mais significativa através de seu desdobramento em múltiplas cláusulas.

Hopper conclui que os quatro tipos de construções analisados funcionam diferentemente tendo em vista o contexto discursivo. **Turn around and** introduz uma afirmação ou outro tipo de ação que contradiz ou inverte inesperadamente a linha de desenvolvimento esperada. **Go ahead and** está associada à modalidade e implica uma ação voluntária que se inicia com uma hesitação e resulta em permissão ou encorajamento por parte de outro participante. **Start and** sugere uma atividade menos controlada. A construção **take NP and**, por fim, permite a manipulação de um enunciado complexo pela distribuição de seus argumentos em duas cláusulas adjacentes.

Há semelhanças entre as análises de Hopper e a realizada nesta tese. Primeiramente porque igualmente são consideradas amostras reais de fala, em que o contexto desempenha papel fundamental na descrição dos dados e também porque são considerados aqueles fatores gramaticais que contribuem para a formação dessas construções, a saber, tempos e modos verbais, classe semântica do segundo verbo da construção, entre outros. Ademais, as características discursivas das construções em questão são devidamente destacadas.

Embora, para o autor, as quatro construções sejam representantes de uma mesma classe de construção, sustento que há diferenças entre elas. Hopper assinala as diferenças pragmáticas mas não se detém no fato de *take* subcategoriza um SN, e é, portanto, altamente transitivo, e os outros verbos são intransitivos.

A análise das construções do tipo ***take NP and*** como integrante de um mesmo grupo formado pelas construções do tipo ***turn around and***, ***start and*** e ***go ahead and*** remete, em parte, às **CFFs** com ***pegar*** presentes no Português. Embora ambas as construções se caracterizem pelo uso de ***pegar***, no caso das **CFFs**, esse verbo, quando usado nessas construções, perde transitividade, deixando de subcategorizar objeto direto. No caso do inglês moderno, a transitividade é mantida. Já no inglês antigo e médio (Hopper 2002), entretanto, é possível encontrar construções como as do tipo das **CFFs** do Português:

(40) **& toc & sennde an sanderrmann †att wass Johan gehatenn**

"and took and sent a messenger that was called John"

("e pegou e enviou um mensageiro que era chamado John")

As relações são ainda mais nítidas quando se analisam também as construções do tipo "***pegar SN e***" em Português. Uma vez que estas construções co-ocorrem sincronicamente com as **CFFs** com ***pegar***, é necessário salientar algumas distinções entre os dois tipos. Apesar de o mesmo verbo ser usado em ambas construções, seu valor e o valor da construção são distintos. Uma vez que o foco deste trabalho é apenas o estudo das **CFFs**, qualquer avaliação das construções do tipo "***pegar SN e***" é *a priori* apenas intuitiva. Entretanto, acredito que, embora se possa defender uma relação entre os enunciados (41) e (42), o valor discursivo é, senão exclusivo de (42), pelo menos, menos explícito em (41):

(41) ***Ele pegou a idéia e desenvolveu em sala de aula.***

(42) ***Ele pegou e desenvolveu a idéia em sala de aula.***

A ausência de dados diacrônicos impede qualquer afirmação mais definitiva sobre a relação entre esses enunciados, mas parece correto concluir que as diferenças entre as construções do tipo “**pegar SN e**” e as **CFFs** não se restringem apenas à transitividade, sendo que seus usos são distintos. Portanto, é preciso ter cautela ao assumir de imediato que ambas construções correspondem a membros de uma mesma classe de construção.

5) A “construções coordenadas auxiliares”

As construções do tipo **go-and-verb** também são encontradas em algumas variedades do espanhol. Arnaiz & Camacho (1999) analisam este tipo de uso do verbo **ir** nas chamadas “*coordinated auxiliary construction*”, que exibem, segundo os autores, três propriedades principais: (a) perdem o sentido de deslocamento; (b) parecem ter semelhança com construções com verbos seriais; e (c) estão relacionadas com a interpretação do auxiliar com um tipo de topicalizador¹⁶.

Os autores contrastam os enunciados (43) e (44) para mostrar que, no primeiro, a queda do menino inesperadamente altera o curso normal dos eventos. Essa mesma leitura não é válida para (44).

- (43) **Y entonces, el niño va y se cae**
 E então, o menino AUX e CL cai
 ‘E então, o menino inesperadamente¹⁷ caiu.’
 (Lit. “e então, o menino foi e caiu.”)

¹⁶ Conferir Arnaiz & Camacho 1999 para uma definição desta propriedade de acordo com o modelo da gramática gerativa adotado pelos autores.

¹⁷ Embora as leituras de contra-expectativa e surpresa sejam atribuídas a construções do tipo **go-and-verb** por vários autores, Arnaiz & Camacho (1999) são os únicos que explicitam essa interpretação lexicalmente através do advérbio “inesperadamente”.

(44) **Y entonces, el niño se cae**

E então, o menino CL cai

(“E então o menino caiu.”)

Observe que, os autores sugerem a tradução de “*va y se cae*” como “inesperadamente cai”. A falta de contexto precedente dificulta, no entanto, a percepção dessa inferência. Do meu ponto de vista, o verbo “cair” já traduz uma noção de “surpresa”, uma vez que a ação involuntária de cair nunca é esperada.

Os autores salientam ainda que, além do verbo *ir*, ***agarrar*** também pode ocorrer em construções semelhantes como em (45):

(45) **Margarita agarró y salió**

Margarita AUX e saiu

‘Margarita inesperadamente saiu.’

(Lit. “Margarida pegou e saiu.”)

É interessante notar que tanto o espanhol como o Português selecionam verbos semanticamente relacionados – ***pegar*** (Português) e *agarrar* (espanhol) –, que não envolvem deslocamento físico. O caso mais próximo são as construções do tipo *take NP and* analisadas por Hopper (2002), mas estas têm forma e função distintas. Nos casos do Português e espanhol, os verbos ***pegar*** e *agarrar* não subcategorizam objeto direto quando usados em construções do tipo ***go-and-verb***. Stefanowitsch (1999) já mostrara que o verbo ***pegar*** também é usado em construções similares em sueco.

Os autores destacam que uma das propriedades sintáticas mais interessantes dessas construções é a impossibilidade de V1 receber negação, que, por sua vez, é adjacente a V2, tal como se observa nas **CFFs**:

(46) **Ricardo fue y no se lo dijo**

Ricardo AUX e neg CL CL(acc) contou

Ricardo inesperadamente não lhe contou

(Lit. “Ricardo foi e não lhe contou.”)

Uma outra propriedade dessas construções é o que os autores chamam de “harmonia temporal”, que prevê que o tempo verbal de todos os verbos da construção deve ser o mesmo.

Em resumo, as construções analisadas por Arnaiz & Camacho (1999) apresentam as seguintes propriedades:

- i. os dois verbos são flexionados;
- ii. os verbos compartilham o mesmo tempo verbal;
- iii. o morfema de negação sempre precede V2;
- iv. não é possível inserir um advérbio entre os dois verbos;
- v. os verbos compartilham sujeito e tópico;
- vi. o uso e as propriedades caracterizam uma construção que apresenta uma estrutura semelhante à coordenação em que a conjunção é explícita¹⁸.

Apesar de identificarem uma função discursiva latente nesse tipo de construção, os autores defendem a idéia de que essas construções exibem um valor aspectual que modifica a estrutura interna da ação verbal. Contudo, parece haver uma distinção entre as construções com *ir* e *agarrar*, uma vez há uma restrição quanto ao uso do imperfectivo nas primeiras, o que evidenciaria, segundo eles, uma restrição aspectual:

(47) *Juan va y ama a Marta

‘Juan AUX e ama a Marta’

(Lit. “Juan vai e ama Marta”)

(48) Agarra y tiene una casa en la playa

AUX e tem uma casa na praia

‘Ele inesperadamente tem uma casa na praia.’

(Lit. “ele pega e tem uma casa na praia.”)

¹⁸ Arnaiz & Camacho são omissos quanto à possibilidade de essas construções ocorrerem sem a conjunção.

A escassez de exemplos dificulta o questionamento dessa interpretação aspectual. Contudo é conveniente ao menos argüir se, em (47), a restrição não estaria também relacionada à classe semântica de V2. Veja que, em Português, esse tipo de restrição parece acontecer, o que impediria a construção de enunciados como (49), em que V2 é um verbo que indica “posse”. Os exemplos (49) e (50) mostram que as **CFFs** parecem ser mais sensíveis ao tipo de verbo que pode ocupar a posição V2 do que à classe aspectual dos verbos envolvidos:

(49) * Ele *pega e tem* uma casa na praia.

(50) * Ele *pegou e teve* uma casa na praia.

Observe que a mesma restrição não ocorre em (51-52):

(51) Ele *pega e sai* correndo

(52) Ele *pegou e saiu* correndo

Quanto ao estatuto categorial dos verbos *ir* e *agarrar*, note que Arnaiz & Camacho os classificam nas glosas como verbos auxiliares, tal como Tavares (no prelo).

Uma vez consideradas as construções semelhantes às **CFFs**, somos obrigados a reconhecer a pertinência da proposta de Stefanowitsch (1999) sobre a recorrência desse tipo de construção em diversas línguas, não só no que se refere à mesma estrutura sintática como também em relação a algumas de suas funções. Vimos que, nas diferentes línguas abordadas, um mesmo tipo de construção formado a partir, principalmente, da conjunção do verbo *ir* com um segundo verbo menos específico foi identificado. Ademais, uma mesma função discursiva de marcar uma alteração no curso esperado da narrativa parece ser característica de, pelo menos, um subgrupo das construções do tipo *go-and-verb*. Embora outras estruturas sintáticas, outros verbos e outras funções também estejam associados a esse mesmo tipo de construção, é inegável que estamos diante de um grupo delimitado de construção.

6) Resumo

Apresentei, neste capítulo, os trabalhos realizados a respeito das construções **go-and-verb**, similares às **CFFs**, presentes em línguas diversas. Mostrei, num primeiro momento, que os estudos de Tavares (no prelo) para o Português são inconclusivos quanto à identificação de **pegar**, nas **CFFs**, como um verbo auxiliar com valor inceptivo.

Argumentei também que as análises de Pullum (1990), de Stefanowitsch (1999, 2000) e Arnaiz & Camacho (1999) foram, em alguns momentos, prejudicadas pela escassez de dados e pelo uso de construções diferentes como pertencentes a um mesmo grupo.

Todavia, a análise de Arnaiz & Camacho para construções do espanhol é relevante principalmente por mostrar que a negação nesse tipo de construção antecede e só se aplica a V2, tal como se dá nas **CFFs** em Português.

Considere também o trabalho de Hopper (2002), que, por sua vez, é o que mais oferece contribuições à análise pretendida nesta tese. Entre outras coisas, Hopper é o único, dentre os autores consultados, a reconhecer que para toda construção do tipo **go-and-verb** há sempre uma correspondente em que os verbos envolvidos são usados lexicalmente.

CAPÍTULO II

AS CONSTRUÇÕES DO TIPO *FOI FEZ*: UMA ANÁLISE DESCRITIVA DE SUAS PROPRIEDADES E FUNÇÃO

Introdução

O objetivo deste capítulo é apresentar uma análise das **CFFs**, presentes no Português brasileiro falado¹⁹, assumindo, com os gramáticos construcionistas (Fillmore 1985, Goldberg 1995, Fillmore & Kay 1999, Croft 2001), que todas as construções da língua, mesmo as mais marginais e idiomáticas, podem e devem ser sistematicamente descritas tendo em vista suas propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas. Mostrarei que as **CFFs** possuem regularidades internas no tocante às suas propriedades e à sua função discursiva, permitindo que sejam analisadas como um caso de construção gramatical. O termo “construção” é empregado aqui de acordo com o significado que lhe é atribuído pela gramática das construções (GC). Para a GC, uma construção é definida como uma unidade com forma e significado, cujos aspectos de sua forma e de seu significado não estão previstos pelos elementos individualmente presentes em sua composição nem por outras construções pré-existentes na língua (Goldberg 1995: 04).

Dessa forma, entendo que o estatuto construcional²⁰ das **CFFs** é garantido tanto pelo seu valor discursivo, que não decorre nem da composicionalidade de seus elementos individuais, nem do sentido lexical²¹ destes elementos²², nem tampouco de suas propriedades sintáticas, que extrapolam os limites da coordenação e da auxialirização.

¹⁹ Algumas poucas ocorrências foram observadas em textos escritos exibidos na Internet, mas esses textos se caracterizam pela reprodução de uma situação de fala. Não verifiquei a ocorrência de **CFFs** em textos formais, como jornais e revistas.

²⁰ Kay & Fillmore (1999: 2-3) definem construções como um conjunto de condições que licenciam uma classe de construtos reais de uma língua. Croft (2001: 16) argumenta que “construções são a representação de objetos sintáticos que também contêm informações semânticas e fonológicas”. Croft explica que “construções [...] conectam informações fonológicas, sintáticas e semânticas idiossincráticas e arbitrárias”.

²¹ Travaglia (1991: 63) opõe verbos lexicais e gramaticais, sendo que os primeiros expressam situações e funcionam como lexemas e os últimos não têm como função primeira expressar uma situação, mas “carregar categorias verbais e/ou exercer funções ou papéis textuais determinados”, funcionando como uma espécie de

Tecerei inicialmente considerações a respeito do *corpus* utilizado nesta pesquisa, bem como da metodologia empregada. Logo em seguida, discutirei as principais propriedades sintáticas e discursivas das **CFFs**.

1) O *corpus*

Integram o *corpus* desta pesquisa 393 dados extraídos de amostras reais de fala coletadas em banco de dados constituídos por pesquisadores e bolsistas do Projeto PEUL da Universidade Federal do Rio de Janeiro²³. Esse banco de dados integra o acervo do projeto PEUL que é constituído, entre outros, pelo *Corpus* Censo ou Amostra Censo, composto por amostras da variedade não culta falada nos bairros da área metropolitana do Rio de Janeiro. Os dados deste projeto são resultado de uma série de entrevistas realizadas em dois períodos: de 1980 a 1984 (Amostra 80), quando 64 falantes foram entrevistados; e de 1999 a 2000 (Amostra 00), quando 16 destes 64 falantes foram recontactados (I) e mais 32 falantes foram selecionados respeitando-se os mesmos parâmetros utilizados na coleta anterior (C) (Paiva & Duarte 2003: 20-25). Foram utilizados apenas os dados das Amostras 80 e 00 (C) nesta pesquisa.

Esta tese, desenvolvida sob o paradigma do funcionalismo lingüístico (vertente americana), prioriza e usa quase irrestritamente dados oriundos de amostra reais de fala. Contudo, lançarei mão, em alguns momentos, ao longo do texto, de alguns exemplos de **CFFs** coletados de forma não controlada. Esses exemplos serão devidamente sinalizados e introduzidos apenas para salientar o uso de certas construções, que embora não tenham sido registradas no *corpus*, são largamente identificáveis na fala cotidiana.

gramemas. O autor esclarece que o termo situação é empregado por ele para designar genericamente processos, eventos, ações, fatos, fenômenos, etc.

²² Conferir Capítulos III e IV para maiores discussões a respeito da construcionalidade das **CFFs**.

²³ Agradeço aos pesquisadores da UFRJ pela concessão dos materiais para a realização desta tese.

2) Metodologia

Com o intuito de analisar não só qualitativamente, mas também quantitativamente os casos de **CFFs**, efetuei inicialmente um levantamento das ocorrências de **CFFs** no *corpus*. Uma vez realizada a coleta de dados, parti para sua codificação de acordo com a metodologia utilizada nas pesquisas de base sociolingüísticas e variacionistas. Uma análise qualitativa prévia orientou a escolha daqueles fatores gramaticais que pareciam atuar nas **CFFs**. Partindo de algumas hipóteses iniciais, estabeleci uma relação de grupos de fatores gramaticais ou lingüísticos que permitiram compreender melhor as especificidades morfossintáticas das **CFFs**. Nenhum fator extralingüístico foi controlado nesta pesquisa. Para sustentar minhas hipóteses e examinar alguns fatores tradicionalmente utilizados nas pesquisas sociolingüísticas, trabalhei com 16 grupos de fatores que foram operacionalizados através do pacote VARBRUL, principalmente dos programas MAKECELL e CROSSTAB. O conceito de grupo de fatores, que remete à Teoria da Variação laboviana, é usado nesta tese apenas como recurso heurístico. No Brasil, muitos trabalhos de enfoque funcionalista (Dias 2001, Rodrigues 2001, Braga 2003, Gonçalves 2003, Carvalho 2004, entre outros) têm lançado mão desses construtos e metodologia por compreenderem que os pressupostos inerentes às análises variacionistas garantem que todas as ocorrências sejam investigadas de forma coerente e sistemática à luz das mesmas categorias gramaticais. Sabe-se, no entanto, que em muitos desses casos, tal como nesta tese, os fenômenos analisados não constituem casos de variação lingüística *strictu sensu*.

As **CFFs** foram examinadas tendo em vista os seguintes grupos de fatores:

Tipo de CFFs: Este grupo foi inicialmente proposto para dar conta dos dois tipos diferentes de **CFFs**, a saber, tipo 1 e 2. No primeiro, V1 e V2 estão conectados pela conjunção *e*, e no segundo, V1 e V2 aparecem justapostos. Através do cruzamento de fatores também foi possível identificar se há realmente diferenças entre esses dois tipos, tendo em vista que análises anteriores tendem a analisá-los separadamente. Este grupo foi escolhido como a “variável dependente”.

Tempos e modos verbais de V1 e V2: Estes grupos são necessários tanto para averiguar numericamente com quais tempos e modos verbais as **CFFs** mais ocorrem quanto para confirmar a correferência entre tempos e modos entre V1 e V2. Esse grupo também se mostrou relevante no cruzamento com outras variáveis, como, por exemplo, o tipo de seqüência textual no qual as **CFFs** se realizam.

Pessoa do discurso: Este grupo quantifica as diferentes pessoas do discurso utilizadas nas **CFFs**.

Correferencialidade dos sujeitos: Este grupo identifica se os sujeitos de V1 e V2 são correferenciais ou não.

Animacidade dos sujeitos: Este grupo pretende descobrir se as **CFFs** podem ocorrer tanto com sujeitos [+ animados] quanto [- animados].

Formas de expressão dos sujeitos: Este grupo investiga como os sujeitos das **CFFs** são realizados, se através de anáfora (anáfora zero ou anáfora pronominal) ou de sintagma nominal pleno.

Posição dos sujeitos: Este grupo visa a verificar se os sujeitos das **CFFs** podem ser antepostos ou pospostos a V1.

Presença de material interveniente entre V1 e V2: Este grupo examina se as **CFFs** permitem a ocorrência de materiais intervenientes entre V1 e V2.

Tipo de material interveniente: Este grupo está associado ao anterior e pretende examinar quais tipos de material interveniente podem ocorrer entre V1 e V2.

Classe semântica do segundo verbo da construção: Este grupo pretende verificar se a posição V2 pode ser ocupada por qualquer verbo independente de sua classe semântica.

A classificação semântica de predicados é tratada por vários autores, como Mateus *et al.* (1989), Neves (2000), Halliday (1994), entre outros. Este grupo foi elaborado com base na

proposta de Halliday (1984), para quem existem diferentes tipos de processos que podem ser codificados nas línguas²⁴. Dentre esses processos, três seriam mais básicos, a saber, processo material, mental e relacional. O autor procura representar graficamente a interligação desses processos na forma de um círculo e prevê que, nas fronteiras entre eles, há categorias intermediárias, como os processos comportamental, verbal e existencial.

Segundo Halliday, os processos materiais correspondem a experiências “externas”, que representam ações e eventos. Os processos mentais, por outro lado, são experiências “internas” e são mais difíceis de determinar. O autor explica que as experiências “internas” são um resultado ou uma retrospectiva das ações ou eventos experienciados externamente. Os processos relacionais envolvem classificação e identificação e são o resultado da generalização que fazemos quando avaliamos que algo é semelhante a outro ou associamos coisas relevantes. Os processos comportamentais estão na fronteira entre os processos material e mental e correspondem a externalização de processos de consciência e estados psicológicos. Os processos verbais se situam na fronteira entre os processos mental e relacional e representam as relações simbólicas construídas na mente humana que são operacionalizadas através da língua, como falar e se expressar. Finalmente, os processos existenciais emergem na fronteira entre os processos relacional e material e envolvem a existência de fenômenos de todos os tipos.

Embora a tipologia proposta por Halliday seja pautada no inglês, acredito que ela possa ser aplicada também ao Português, pelo menos no que se refere à análise das **CFFs**. Não é minha intenção discorrer sobre a natureza dos predicados, mas sim pontuar o uso de predicados variados na posição V2.

Agentividade do sujeito: Através deste grupo é possível controlar se as **CFFs** admitem o uso de sujeitos [+ agente] ou [- agente].

²⁴ Para Halliday (1994:106), o sistema gramatical que dá conta dos processos que se estabelecem no mundo real é chamado de TRANSITIVIDADE. Segundo o autor, o sistema de transitividade permite que um mundo de experiência seja segmentado em um grupo de tipos de processos.

Papel das CFFs na organização do discurso: Este grupo foi utilizado para verificar se as **CFFs** atuam na organização do discurso. Interessa saber aqui se essas construções são usadas na introdução, reintrodução ou fechamento de tópico, ou ainda na progressão textual.

Contrajunção: Na contrajunção, segundo Vilela & Koch (2001: 504), os enunciados de orientações argumentativas diferentes se contrapõem. Contra-expectativa, ou *unexpectedness*, por sua vez, pressupõe que os eventos ou estado-de-coisas, expressos por certos enunciados, representam uma mudança no curso esperado da narrativa (Stefanowitsch 1999, Hopper 2002). Embora contrajunção e contra-expectativa sejam usados para traduzir certas relações em seqüências textuais diferentes, argumentação e narração, respectivamente, esses dois valores são analisados dentro de um mesmo grupo de fatores. Através do cruzamento com a variável “tipo textual”, é possível recuperar se se trata de um ou outro caso. Este grupo tem como objetivo verificar se as **CFFs** são responsáveis pela introdução de algum elemento de contrajunção ou contra-expectativa, já que esse é um valor comumente observado em construções similares presentes em outras línguas.

Tipos de seqüências textuais: Este grupo leva em conta a existência de três tipos básicos de seqüências textuais: narração, descrição (incluindo relato de procedimento) e argumentação. O termo “narração” é aqui usado para designar a parte denominada por Labov (1973: 359-360) de “ação de complicação” ou apenas “complicação”, que, dentre as outras partes da narração, como *resumo*, *orientação*, *avaliação*, *resolução* e *coda*, corresponde à maneira de recapitular experiências passadas através de uma seqüência de cláusulas temporalmente ordenadas: uma mudança na ordem dessas cláusulas altera a interpretação da seqüência temporal original. Os estudos desenvolvidos sob o paradigma da lingüística textual mostram de forma convincente que cada uma dessas porções textuais possuem propriedades gramaticais próprias. Uma dessas propriedades diz respeito ao tempo verbal usado. Segundo Vilela & Koch (2001:552), a narração é construída basicamente nos tempos do passado. O imperfeito geralmente é usado no começo da narrativa, na chamada *orientação*. Já o presente do indicativo pode ser usado na narração com valor de falso tempo ou *metáfora temporal* (Weinrich 1964 *apud* Vilela & Koch 2001: 552). Na descrição dinâmica, por seu turno, o presente do indicativo e os tempos do imperfeito são mais empregados. Na argumentação, por sua vez, há predominância do tempo presente com valor universal.

Este grupo pretende descobrir se as **CFFs** tendem a ocorrer em certas porções textuais específicas.

Tomada de decisão: Stefanowitsch (1999) defende que as construções do tipo **go-and-verb** em inglês se relacionam, entre outras coisas, com um valor de *decisiveness*, ou tomada de decisão. Este grupo busca, desta forma, verificar se também as **CFFs** possuem tal valor.

3) Propriedades morfossintáticas das CFFs

3.1) Tipos de CFFs

As **CFFs** formam-se a partir de uma seqüência mínima de dois verbos, V1 e V2, em que V1 e V2 partilham sujeito e flexões modo-temporais e número-pessoais. V1²⁵ é quase sempre um dos verbos **ir**, **chegar** e **pegar**²⁶ e V2 é relativamente livre. V1 e V2 podem estar conectados pela conjunção **e**, tipo 1 [+ CONJ], ou podem estar justapostos, tipo 2 [- CONJ], como nos exemplos (53) e (54) respectivamente:

(53) a. A gente, a gente que fica lá embaixo, brincando. Que que que a gente vai fazer aqui em cima? Meu pai está no trabalho, minha me fica estudando negócio aí da Jafra, que ela está fazendo, minha irmã fica com o namorado dela, eu vou ficar olhando assim; **eu vou e desço**. Eu e meu irmão fica jogando pingue-pongue.

b. Chega lá, você não- você não entende, não fala castelhano, fica o rádio falando castelhano, como é?-"Ih, mas é mesmo! Aí, não quero não." (rindo)

²⁵ Verbos como **virar** e **vir**, entre outros, também ocorrem em construções semelhantes, mas não serão discutidos aqui. **Virar** parece ter um uso mais lexicalizado uma vez que sempre aparece em sentenças como (a) marcando mudança de turno:

(a) Ele **virou falou** assim.

Vir tem um comportamento similar ao dos verbos **ir** e **chegar**, contudo exemplos com **vir** são mais ambíguos e se mostraram mais problemáticos no que diz respeito à distinção de seu emprego como forma lexical original ou não. Sendo assim, **vir** também ficou fora do escopo desta investigação.

²⁶ Observações assistemáticas indicam que, em Português, pelo menos no estado de São Paulo, também o verbo **catar** pode ocorrer no lugar de **pegar**.

chegou e devolveu o rádio. (risos) Essa é uma, essa é uma das. (risos) e aí, por aí a fora, não é?

c. Prefiro não - não fazer – não – não continuar não. Vou terminar meus estudos primeiro, aí, depois, eu vou ver! Tanto que ele me convidou para continuar lá e tal- falei: "Ah! Mas não vou continuar não, porque não vai dar." Aí, **eu peguei e saí do coisa**. Aí, continuou a amizade e tal, mas, aí, **eu peguei e saí**.

(54) a. Então ela chegou para mim e falou: "Cristina, aí, tem um concurso aí da Gretchen- você está a fim de entrar?" Antes de ser a rainha do carnaval, falei: "Pô, Margarida, até que é uma boa, vou entrar." E na época a Gretchen usava aqueles shortezinho bem entrando lá mesmo, não é? Aí **eu peguei falei**: "Tudo bem. Eu vou entrar. "Aí, **minha mãe foi fez um short para mim** de cetim branco, um collant azul, sandália alta, não é?

b. Ele se mantém também tem um (inint), ele está com trinta e poucos ano, mas mantém a forma. Porque, senão, **a pessoa chega começa a ficar barriguda**.

c. "Ele disse: "não, não desliga não que eu quero lhe falar uma coisa." Eu não estou conhecendo a voz mesmo. Eu disse: "olha, vou desligar, hein? Até amanhã."**Ele pegou deu uma gargalhada**. eu disse: "espera aí, fala outra vez." Aí ele falou, eu disse: " bandido, você me acordando agora e tal." (riso).

A Tabela 1 permite três conclusões a respeito das **CFFs**. A primeira delas é que as construções de tipo 2 [- CONJ] são mais freqüentes no *corpus* do que as de tipo 1 [+ CONJ]. A segunda é que **ir** e **pegar** ocorrem mais em construções de tipo 2 [- CONJ] enquanto **chegar** ocorre mais em construções de tipo 1 [+ CONJ]. Por fim, a terceira conclusão é que o verbo **ir** ocorre mais freqüentemente como V1 nas **CFFs** do que **pegar** e **chegar**.

Tabela 1: Frequência dos tipos de CFFs e dos verbos na posição de V1

TIPO DE CFFs	TIPO 1 [+ CONJ]		TIPO 2 [- CONJ]		TOTAL	
TIPO DE V1	N	%	N	%	N	%
IR	77	34	150	66	227	58
PEGAR	24	28	61	72	85	22
CHEGAR	62	76	19	24	81	20
TOTAL	163	41	230	59	393	100

Observe que, embora esta tese proponha – e de fato exista – uma regularidade entre os três tipos de **CFFs** com os verbos *ir*, *chegar* e *pegar*, algumas propriedades evidenciam certos comportamentos contrastantes, tal como a maior ocorrência de construções do tipo 1 [+ CONJ] em **CFFs** com *chegar* em oposição àquelas com *ir* e *pegar*, que são realizadas mais freqüentemente sob a forma do tipo 2 [- CONJ]. O quadro que se desenha parece indicar que as **CFFs** com *chegar* representam o tipo mais irregular, com características mais independentes, em oposição às **CFFs** com *ir* e *pegar* que parecem ser mais estáveis e mais coerentes entre si. Ademais, no momento de coleta dos dados, as **CFFs** com *chegar* se revelaram o tipo com mais casos de ambigüidade semântica, sendo muitas vezes difícil decidir se se tratava de um caso de **CFFs** ou de uma construção coordenada.

Não obstante se verifique a existência desses dois tipos de **CFFs**, acredito que ainda assim estamos tratando de um mesmo grupo de construções. Pullum (1990) defende a existência de dois tipos de construções, uma vez que verificou que o comportamento sintático de construções semelhantes às **CFFs**, em inglês, era sensível à presença da conjunção (cf. Capítulo I). Pullum, inclusive, propôs uma distinção entre as construções do tipo *go get* e *go & get*, mas seus exemplos falharam em provar se, de fato, essas formas exerciam funções distintas no inglês. Sua discussão restringiu-se basicamente ao comportamento sintático de ambas estruturas. Tudo leva a crer, no entanto, que, no que se refere ao Português, as características sintáticas das **CFFs** de tipo 1 e 2 são praticamente idênticas.

Entendo que há um *continuum* entre esses dois tipos na medida em que o segundo parece ter ocorrido em decorrência do primeiro²⁷. As ocorrências (55-57), em que os verbos ***ir***, ***chegar*** e ***pegar*** são seguidos por seus complementos, e as (58-60), que são representativos dos casos ambíguos de **CFFs**, parecem nos dar sincronicamente uma pista sobre o surgimento das **CFFs**:

- (55) Aí eu falei: "meu filho, você não deve ficar repetindo, ("você teria") que ***chegar para tia Rosa e falar***.
- (56) Aí, ***você (risos) vai na casa dessa vizinha, pergunta se é banana prata e pede três banana prata a ela***.
- (57) E- Você já esteve lá?
F- Na favela do Aço?
E- É.
F- Já estive. Minha tia mora lá. (est) E [lá]- lá, antigamente, a barra estava pesada. Teve uma vez que- meu tio morava lá, sabe? Aí, ***eles pegaram meu tio lá [e]- e bateram a beça no meu tio***, aí meu tio- ficou de cama (est) um tempão. (barulho)Eles chutaram meu tio, que ele estava na cama não podia nem se virar que ele sentia dores.
- (58) Vamos fazer isso: ***vocês vão me esperam num caramanchão lá nas barca***, que eu vou dar o almoço a ele.
- (59) É verdade. E [num]- num domingo, num sábado como é que é o seu dia? Que que você faz num sábado aqui?
F- Sábado eu acordo cedo, vou correr com meu primo (est) de manhã. Aí ***a gente chega toma um banho***, eu fico em casa, sentado, vendo televisão, aí o dia vai passando.

²⁷ Uma vez que as ocorrências das **CFFs** não são encontradas na escrita formal, é impossível encontrar evidências diacrônicas concretas para essa hipótese.

(60) E- É, isso é uma boa! E o que mais? Mas era muito dinheiro. (est) Que mais que você ia fazer com o resto dois")?

F- *O resto do dinheiro eu pegava e botava na caderneta de poupança.*

As ocorrências (54-60) explicitam uma relação entre as **CFFs** e a coordenação de cláusulas, na medida em que parecem representar um tipo de estrutura intermediária. Desta forma, parece mais plausível supor, como já argumentado, que as construções de tipo 2 têm origem naquelas de tipo 1. Nesse caso, o apagamento da conjunção poderia ter motivações tanto fonéticas, uma vez que o ambiente fonético criado pela seqüência do [I] final de *foi*, de “peguei” e de “cheguei” e a conjunção *e* favorece a degeminação e, possivelmente, o apagamento dessa vogal (conjunção *e*)²⁸, quanto semânticas, uma vez que o primeiro verbo dessas construções deixa de ser analisado pelos falantes como lexical, o que leva à emergência de uma nova construção, e a conjunção deixa de ligar dois eventos e passa a ser facultativa.

A minha hipótese é que as **CFFs** de tipo 1 ainda preservariam a forma da construção que as originou, as construções coordenadas, e as de tipo 2 já estariam num estágio mais avançado de mudança (cf. Capítulo III e IV). A favor desta hipótese estão as **CFFs** com *chegar*, que apresentam mais casos de ambigüidade e se realizam majoritariamente como construções do tipo 1 [+ CONJ].

Mostrarei, ao longo do texto, que as **CFFs** de tipos 1 e 2 podem se contrapor em relação a alguns dos fatores gramaticais analisados. Todavia, no que se refere à sua função discursiva, os tipos 1 e 2 são equivalentes.

3.2) *Ir, chegar e pegar* como V1 nas CFFs

Vimos no Capítulo I que nas demais línguas que apresentam construções similares às **CFFs**, o grupo de verbos selecionados para a posição V1 constitui um conjunto limitado, sendo que *ir* é recorrentemente usado. Na verdade, a literatura lingüística tem mostrado que *ir* figura

²⁸ As formas “foi”, “peguei” e “cheguei”, muito usadas nas **CFFs** corresponderiam, de acordo com essa hipótese, às formas que detonaram a mudança que posteriormente atingiu outros contextos.

como um dos verbos de movimento mais freqüentemente recrutado como fonte de fenômenos de gramaticalização (cf. Bybee *et al.* 1994; Heine & Kuteva 2000) e extensão semântica (Lichtenberk 1991) em diversas línguas. Lichtenberk (1991a: 478) acredita que as extensões semânticas não são totalmente arbitrárias, uma vez que se verifica a emergência de extensões similares em diferentes línguas. Heine & Kuteva (2001) analisam exaustivamente itens que são recorrentemente recrutados como fonte para gramaticalização. Entre os exemplos apresentados tanto por Lichtenberk (1991a) quanto por Heine & Kuteva (2001) figuram também os verbos **pegar** e **chegar** entre outros.

No caso do Português, o verbo **ir** adquiriu inúmeras funções, como na perífrase de futuro, do tipo “eu vou viajar amanhã”. Em Borba *et al.* (1990) é possível encontrar uma extensa lista de diferentes usos do verbo **pegar**. Também o verbo **chegar** é usado em construções variadas (Braga, comunicação pessoal), como:

- (61) Agora, essas mais novinha que tá tendo de certos tempo pra cá, quando **vê que tá chegando ameaçar aquelas dorzinha longe**, aí pega o ônibus, ói. Mas se ser pra esperar mesmo dar a dor pra dizer que tá com dor e leva, é mais difícil, porque às veze quando dá a dor, não tem carro nenhum, os ônibus já foi tudo. Pra fretar um carro aqui, é uma nota. E às veze naquela hora, quando acontece isso, a pessoa tá sem²⁹.

Uma vez iniciados os processos de mudanças, esses verbos sofrem alterações sintáticas e semânticas significativas se cotejados a seus empregos com acepção lexical. Os verbos **ir**, **pegar** e **chegar** quando usados no contexto das **CFFs** comportam-se, em muitos aspectos, de maneira diversa da que o fariam em outros contextos. A principal mudança sofrida por esses verbos é semântica. **Ir** e **chegar** na sua acepção lexical são verbos de movimento deiticamente orientados. **Ir** representa um movimento na direção oposta ao centro dêitico, enquanto **chegar** representa um movimento em direção ao centro dêitico. Contudo quando usados nas **CFFs**, esses verbos perdem essa noção semântica de movimento³⁰.

²⁹ Trecho extraído do material sobre a fala rural de Salvador/BA.

³⁰ Castilho (comunicação pessoal) e Ilari (comunicação pessoal) sugeriram que a noção semântica de movimento de **ir** e **chegar** pode ter, de alguma forma, se mantido nas **CFFs** através do que eles propuserem ser uma “dêixis abstratizada”. Nesse caso, teríamos um “movimento fictício para um lugar abstrato”. Argumentação semelhante é encontrada em Stefanowitsch (1999, 2000), que defende, como visto no capítulo I,

Alguns exemplos de **CFFs** mostram claramente que V1 não pode ser entendido em seu significado lexical original. Em (62), o verbo *ir* é usado tanto na posição V1 quanto na posição V2 e definitivamente não há nenhuma seqüencialidade ou simultaneidade de eventos:

(62) E- Você freqüenta concertos?

F- Não, isso eu não vou muito não, mas de vez em quando meu pai cisma de ir, assim, um negócio, assim, (hes) um recital de não sei das quanta, ***a gente vai lá e vai.***

(62) e, principalmente, a presença de *lá* logo após V1 merecem aqui algumas considerações. A primeira delas é o que será mais detalhadamente analisado no item 3.3 que é a presença recorrente desta partícula nos casos de **CFFs** com *ir* e *chegar* registrados no *corpus*. Sustento que assim como estes verbos perdem a noção semântica de movimento quando usados no contexto das **CFFs**, também a partícula *lá*, originalmente um locativo, passa a ser usada, neste mesmo ambiente, sem nenhuma referência dêitico-espacial. (62) só é interpretável na medida em que se assume que V1 *vai* e *lá* não estão empregados em seus sentidos lexicais originais. Caso contrário, (62) não faz sentido, pois é evidente que, no contexto do enunciado, o falante se refere a apenas um evento, descrito em V2, qual seja, “ir a um concerto”. Evidentemente, minha interpretação de (62) tem base no conjunto de dados das **CFFs** analisados neste trabalho. Não descarto, com isso, a possibilidade de outras interpretações, mas advirto que, algumas vezes, o linguista é capaz de propor avaliações e estabelecer relações que vão além do enunciado. Mais do que as inúmeras possíveis leituras suscitadas por (62), valho-me apenas daquela que me parece viável tendo em vista a existência daquilo que defendo ser um caso de **CFFs**.

Em relação à partícula *lá*, Martelotta & Rêgo (1996: 240) propõem que seus usos “seguem a trajetória de gramaticalização espaço > (tempo) > texto”, que “caracteriza o surgimento de

que existe uma sistematicidade, subjacente aos significados associados a construções ***go-and-verb***, que deve estar de algum modo relacionada ao significado do verbo *go* em inglês.

operadores argumentativos a partir de circunstanciadores”, tal como previsto por Heine *et al.* (1991)³¹.

A outra consideração a ser feita aqui remete às construções do tipo **hendiadys** (cf. Capítulo I), em inglês, analisadas por Hopper (2002). Entre as estruturas analisadas por esse autor figuram os casos com **go ahead**, como (63):

(63) (...) **he can go ahead and set up stages four, five, six, seven and eight if he likes.**

“ele pode ir em frente e iniciar os procedimentos quatro, cinco, seis, sete e oito se ele quiser.”

Para Hopper, o uso de tais construções não está de forma alguma relacionado ao significado lexical do verbo **go** e sim à noção de permissão, encorajamento e aconselhamento, próprios de modalidade deôntica. Em nenhum momento, a partícula **ahead** também deve ser interpretada em seu significado lexical.

Sendo assim, por mais estranho que (62) possa parecer, tendo em vista as considerações acima, acredito que se trata apenas de um caso de **CFFs**, em que V1 e V2 são preenchidos pelo verbo **ir**. No caso da perífrase de futuro com o verbo **ir**, casos como “*eu vou ir*” (cf. Cap. III), em que verbos da mesma etimologia ocupam tanto a posição de verbo auxiliar quanto a de verbo principal, são largamente verificados no PB. Segundo Longo & Campos (2002: 472), “o fato de um verbo poder incidir sobre uma base idêntica é indício de que os falantes não sentem o verbo auxiliar e a base como sinônimos, e de que o auxiliar se esvaziou semanticamente, adquirindo valor gramatical”.

Em (64) e (65), por outro lado, V1 e V2 representam verbos que se contrapõem do ponto de vista dêitico sem que isso, no entanto, acarrete problemas de interpretação dos enunciados. Isso se dá porque o V1 não é mais usado como um verbo de movimento. Respeitadas as

³¹ Martelotta & Rêgo (1996:246-7) tratam ainda da expressão “*vai lá*” (ou “*vá lá*”). Os autores acreditam que o sentido de *lá* na expressão é muito abstrato e propõem que parece se tratar mais de um caso de metáfora envolvendo o verbo **ir** do que somente *lá*. Os significados de “*vai lá*” identificados pelos autores são certamente diversos daquele presente em (54), mas nos chamam a atenção para a cristalização da forma “**ir lá**” que parece também ocorrer neste enunciado.

devidas particularidades, compreendo que o desbotamento semântico sofrido por *ir* que permite a recursividade em (62) é o mesmo que licencia (64) e (65):

(64) quando operei esse estômago, eu estava fazendo uma reforma aqui na minha casa e eu estava passando mal, não é? Não podia comer nada, que me- que aquilo me incomodava. Aí eu cheguei para o rapaz que estava fazendo isso: "olha! você [fica]- fica aí que eu vou ficar um- ("vou para um <hosp->")- vou me internar, vou ficar uma semana, no fim de uma semana eu estou aí. Vou operar o estômago- você vê a facilidade, foi assim! E **cheguei e fui mesmo!** Peguei aqui, fui lá, me internei e daí, fiz exame e daí, operei- [nem]- nem tinha vindo tirar os <p->, depois eu fui tirar os ponto.

(65) Bem, um homem, um bom marido [ele] - ele deve chegar, na hora certa, em casa, e não atrasar, se, não é? Se chegar tarde em casa, porque houve algum problema, **ele vai chega e explica**, não é? No trabalho, tem que ir todo dia, não pode faltar, porque tem [aquele [<compromisso>]- aquele compromisso de casa- eu acho assim, um homem certo.

Em (64), a seqüência “cheguei” e “fui” não descreve ações diferentes empreendidas pelo falante, só podendo ser compreendida tendo em vista a existência das **CFFs**.

A ocorrência (65) também é interessante por apresentar uma seqüência de três verbos, sendo que apenas o verbo *explicar* é definitivamente usado num sentido lexical. A presença de **chegar** no trecho imediatamente anterior levanta dúvidas sobre seu uso no contexto das **CFFs**. Trata-se de um caso de ambigüidade em que se pode assumir que ou temos um V1 complexo, “*vai chega*”, ou um V2 complexo, “*chega e explica*”.

Além da mudança semântica, *ir* e **chegar** também sofrem uma mudança sintática. Como verbos plenos ou lexicais são considerados verbos transitivos circunstanciais (Rocha Lima 2001: 340), uma vez que requerem um complemento adverbial de lugar (Cury 1993:32). Já nas **CFFs**, esses verbos perdem transitividade e deixam de requerer complemento.

Pegar aparece em inúmeras construções do PB, como mostram Borba *et al.* (1990) e Tavares (no prelo). Como verbo pleno, **pegar** é classificado como transitivo direto e seu significado básico é “*agarrar*”, “*tomar posse*”. Nas **CFFs**, no entanto, **pegar**, além da noção semântica, também perde transitividade, deixando de subcategorizar objeto direto. Em relação a alguns exemplos em que V2 é preenchido por um outro verbo transitivo, pode se argumentar que haja compartilhamento de objeto direto por V1 e V2, o que não caracterizaria um caso de **CFFs**. Sendo assim, os casos mais inegáveis de **CFFs** com **pegar** correspondem àqueles em que V2 não é um verbo transitivo, o que mostra claramente que não há compartilhamento de objeto direto (cf. Capítulo III). Observe os exemplos (66) e (67):

(66) Prefiro [não]- não <fazer>-[não]- não continuar não. Vou terminar meus estudos primeiro, aí, depois, eu vou ver! Tanto que ele me convidou para continuar lá e tal- falei: "Ah! Mas não vou continuar não, porque não vai dar." Aí, *eu peguei e saí do coisa*. Aí, continuou a amizade e tal, mas, aí, *eu peguei e saí*.

(67) Cabelo todo ("enroladão"), estava bonitão. Aí *eu peguei dancei*, aí todo mundo: "É essa?"

Outra mudança sofrida pelo verbo **pegar**, quando usado no contexto das **CFFs**, diz respeito ao sujeito. Como verbo lexical pleno **pegar** aceita apenas sujeitos com traço [+ agentivo], mas nas **CFFs**, **pegar** aparece com sujeitos com traço [- agentivo]³². Considere o exemplo (68).

(68) Minha mãe morreu em oitenta. (est) Morreu em oitenta; foi em oitenta? Foi em oitenta. Que ela morreu. Ela morreu em oitenta. Acidente, sabe? Também acho que não era para morrer, mas ela meteu fogo no corpo. (inint) Se agitou toda! Aí morreu. Ficou dezessete dia internada, aí *pegou morreu*. (inint) (voz) Mas ela era ainda viva. Quando eu passei esse perigo todo ela era ainda viva ainda. Ela meteu fogo no corpo (...) aí morreu.

³² Borba *et al.* (1990) analisa algumas expressões com **pegar**, como “*ela pegou barriga*”, significando “*engravidar*”, que também só aceitam sujeitos [- agentivos].

3.3) Material interveniente entre V1 e V2

Advérbios, pronomes reflexivos, sujeitos pospostos e outros elementos, diferentes da conjunção *e*, podem ocorrer como material interveniente entre V1 e V2, tanto nas construções de tipo 1 [+ CONJ] como nas de tipo 2 [- CONJ].

As Tabelas 2-4 mostram os tipos de materiais intervenientes e sua frequência nas **CFFs** com os verbos *ir* e *chegar*. Destaque especial para o grande número de ocorrências do clítico *lá*³³ nas **CFFs** com *ir* e *chegar*. Não foram registradas no *corpus* ocorrências de *lá* nas **CFFs** com *pegar*³⁴. A minha hipótese é a de que, nos casos de *vai lá* e *chega lá*, o mesmo processo de mudança semântica atingiu concomitantemente tanto os verbos quanto a partícula. Nesse caso, ambos os elementos perderam seus valores referenciais. Vimos, no Capítulo I, que, em inglês, dentre as chamadas construções do tipo **go-and-verb**, co-existem as construções **go-around-and-verb**, **go-ahead-and-verb**, **go-back-and-verb** etc. No entanto, para os casos do inglês, é defendido, tanto por Stefanowitsch (1999) quanto por Hopper (2002), que há diferenças semânticas e/ou pragmáticas entre essas construções. Já no caso do Português, a expressão de V1 seguido ou não de *lá* não parece se refletir em nenhuma nuance semântica muito menos na função pragmática das **CFFs**.

Os outros elementos que intercalam V1 e V2 ocorrem em uma proporção muito inferior, embora se tenha observado até mesmo a ocorrência de uma cláusula condicional entre V1 e V2, como no exemplo (69) abaixo:

(69) E- Depois vai pegando no montinho, assim?

F- (inint) Pega montinho é você está com um montinho aqui, (falante mostra o local) não é? <Vo...> ele está com outro, se o meu montinho vim com com uma carta que tiver aqui também, [eu pego]- pego o montinho dele, um pouco, aí

³³ Algumas abordagens definem os clíticos pela falta do acento tônico. Todavia, ao identificar *lá* como um clítico, tomo como base as afirmações de Taylor (1995: 181) de que clíticos representam itens que “não afetam nem o significado nem a função de uma palavra, mas geralmente estão relacionados com a estrutura textual ou com a atitude do falante.” Taylor (1995: 180) assume que os clíticos devem ser reconhecidos como uma unidade lingüística especial, tendo em vista sua liberdade de se ligar a praticamente qualquer elemento da fala.

³⁴ Exemplos coletados de forma não-controlada mostram que é possível haver algum elemento diferente da conjunção, como se pode observar em : “*Aí ele pega lá e joga de qualquer maneira*.”.

depois **ele vai, se tiver aqui, ele pega**. Vai pegando. (falando sorrindo) Nunca acaba. Fica sempre assim pegando.

Na verdade, (69) é um caso de **CFFs** não prototípico, uma vez que além de apresentar uma cláusula entre V1 e V2, também se caracteriza pela realização do sujeito em V2. Voltarei a essa discussão posteriormente.

Observe também (70), em que o falante insere, entre V1 e V2, uma avaliação pessoal a respeito do evento narrado:

(70) E: Mas já aconteceu de saí ti:ro nesses bailes, nessas coisas?

F: saiu. Já saiu. Inclusive a polícia tem é.... passô perto da gente, tava eu e uns amigos, né? revistou meus colega, deu um tapa na cara do meu amigo. São muito abusado. Um amigo... pensando que ele tava cum droga, deu um tapa na cara do rapaz, eu falei: “Ih, meu Deus! Ele vai me batê” o rapaz falô: “Me dá a mão aqui, finge que é minha namorada pelo amor de Deus!” viu ele, o garoto num tava cum droga, num tava cum nada. Nem viciado o garoto era! “Fica comigo, pelo amor de Deus!” eu fiquei cum ele, pa na cara do garoto, bateu. Esses polícia são muito abusados, muito abusados. O pessoal da favela, gente de bem, eles acham que é tudo bandido, mas tem gente de bem lá, gente.[E: com certeza] num é? Aí eu, eles num fizeram nada. “cê pode í embora” num me revistaram não. E se eu fosse uma viciada, e tivesse cum droga escondida, ele tinha visto? Não o cara tava (inint) não. **O cara pegô, tadinho, levô esse tapa na cara**, eu fiquei: “Pô num fica assim não” o cara ficô tão chateado! Já pensô um homem apanhá na cara? Um rapazinho. Ah num fui mais não.

Cumpre ressaltar que a interpretação de alguns resultados apresentados nestas tabelas requer cautela, pois representam células muito pequenas.

Tabela 2: Elementos intervenientes nas CFFs com verbo *Ir*

Elementos intervenientes	Tipo 1 [+ CONJ]		Tipo 2 [- CONJ]	
	No.	%	No.	%
<i>E</i> <i>conjunção</i> (sozinho)	42	54.5	-	
LÁ <i>clítico</i>	29	38	37	67
pronome reflexivo	-		5	9
LÁ <i>clítico</i> + pron. reflexivo	-		4	9
<i>E</i> + pron. reflexivo	2	2.5	-	
<i>Não</i>	2	2.5	-	
Sujeito V2 + oração	-		1	2
Aí	-		1	2
Sujeito V2	-		3	6
outros	2	2.5	4	7
TOTAL	77	100	55	100

Tabela 3: Elementos intervenientes nas CFFs com verbo *Chegar*

Elementos intervenientes	Tipo 1 [+ CONJ]		Tipo 2 [- CONJ]	
	No.	%	No.	%
<i>E</i> <i>conjunção</i> (sozinho)	51	82	-	
LÁ <i>clítico</i>	6	10	3	50.5
pronome reflexivo	2	3.5	-	
<i>Não</i>	1	1.5	1	16.5
Aí	-		1	16.5
Objeto indireto	-		1	16.5
<i>Já</i>	1	1.5	-	
Sujeito V2	1	1.5	-	
TOTAL	62	100	6	100

Tabela 4: Elementos intervenientes nas CFFs com verbo *Pegar*

Elementos intervenientes	Tipo 1 [+ CONJ]		Tipo 2 [- CONJ]	
	No.	%	No.	%
<i>E</i> <i>conjunção</i> (sozinho)	22	92	-	
Sujeito V2	-		4	66
pronome reflexivo	-		1	17
<i>Já</i>	2	8	-	
Outros	-		1	17
TOTAL	24	100	6	100

Pensei, a princípio, que as construções do tipo 1 [+ CONJ] apresentariam maior número de materiais intervenientes, uma vez que a presença da conjunção criaria um ambiente fonológico mais propício ao aparecimento desses elementos. No entanto, as Tabelas 2-4

evidenciam que a frequência de materiais intervenientes diferentes de *e* é praticamente idêntica entre os tipos 1 e 2. As **CFFs** com *pegar* não aceitam outro tipo de elemento entre V1 além da conjunção. No que se refere às **CFFs** com *ir* e *chegar*, temos aqui uma evidência de que as **CFFs** de tipo 1 e 2 exibem um comportamento sintático semelhante.

3.4) O sujeito das CFFs

As **CFFs** caracterizam-se pela explicitação do sujeito, através de anáfora pronominal ou SN pleno (núcleo nominal), antes de V1, sendo que em 100% dos exemplos os sujeitos de V1 e V2 são correferenciais. Os sujeitos são preferencialmente pronominais (anáfora pronominal), seguidos por ordem de frequência por sujeitos nulos (anáfora zero) e sintagma nominal pleno. Registre também algumas outras poucas ocorrências de sujeitos oracionais e orações sem sujeito. Não há diferença entre os tipos 1 [+ CONJ] e 2 [- CONJ] no que concerne à hierarquia de formas de expressão do sujeito, independente do tipo de verbo em V1. Note, entretanto, que as **CFFs** com *chegar*, diferentemente das **CFFs** com *ir* e *pegar*, que exibem resultados mais equilibrados, tendem a apresentar mais casos de anáfora pronominal nas construções de tipo 1 e mais casos de anáfora zero nas construções de tipo 2. A Tabela 5 mostra essa distribuição:

Tabela 5: Formas de expressão dos sujeitos adjacentes a V1

V1	<i>IR</i>			<i>CHEGAR</i>			<i>PEGAR</i>		
	Tipo1 N %	Tipo 2 N %	Total	Tipo 1 N %	Tipo 2 N %	Total	Tipo 1 N %	Tipo 2 N %	Total
Anáfora pronominal	47 61	85 57	132 58	21 34	11 58	33 40	20 84	36 59	56 66
Anáfora zero	18 23	34 23	52 23	20 32	3 16	23 28	4 16	10 16	14 16
SN pleno	12 6	31 20	43 19	18 29	5 26	23 28	-	15 25	15 18
outros	-	-		3 5	-	3 4	-	-	
Total	77	150	227	62	19	81	24	61	85

Tal como observado em (69) acima, verifiquei mais quatro ocorrências de construções em que o sujeito era explícito também em V2. Esses casos foram analisados apenas qualitativamente e não podem ser tomados como exemplos prototípicos de **CFFs**. Acredito que exemplos como (71) são remanescentes daquelas estruturas que deram origem às **CFFs**, ou seja, as construções coordenadas:

- (71) O meu colega me chamou. Aí eu fui lá, me apresentou aos jurados, aí disse: "Ó, essa aqui já imitou a Gretchen no Madureira-" "Ah, é? Realmente, não sei o quê!" Olhando para o visual, não é? Aí **eu peguei eu entrei lá para dentro**, me penteei- eu inclusive , eu estava até com uma mecha[sabe, estava bonitinha nesse dia- aí, quando eu vi aquelas menina toda queimadinhas, sabe? De praia- porque pô! Maior amarela- eu estava amarela na época, uma amarela, uma porção de menininha com corpinho bonitinho [queimadinho, qual que] eles vão preferir? (ruído) Não, mas tem sim a ver sim, porque eles vão escolher a queimadinha [que está bronzeadinha,] não é? (carro passando) Aí **eu peguei eu falei assim**: Pô! Eu vou entrar nessa mas eu sei que eu não vou ganhar. Por pouco eu não ganhei.

Uma outra questão a ser abordada diz respeito à pessoa do discurso nas **CFFs**. Os resultados apresentados na Tabela 6 mostram uma diferença entre as **CFFs** com **chegar** em oposição àquelas com **ir** e **pegar**, mas, por outro lado, a distinção entre primeira e terceira pessoa não é acentuada. Além do mais a baixa ocorrência de segunda, quarta e sexta pessoas é um reflexo estatístico dos dados.

Tabela 6: Pessoa do discurso nas CFFs

V1 Pessoa do discurso	IR		CHEGAR		PEGAR		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%
1ª. Pessoa	73	32	12	15	36	42	121	31
2ª. Pessoa	16	7	6	7	2	2.5	24	6
3ª. Pessoa	126	56	56	69	44	52	226	57.5
4ª. Pessoa	5	2	-	-	-	-	5	1.5
6ª. Pessoa	7	3	7	9	3	3.5	17	4
TOTAL	227	100	81	100	85	100	393	100

O cruzamento das variáveis pessoa do discurso e tipo textual revelam que, nas **CFFs** com *ir*, o uso de primeira pessoa é predominante em trechos descritivos, e o uso de terceira pessoa, em trechos narrativos. Nas **CFFs** com *pegar*, tanto primeira quanto terceira pessoas são mais usadas em contextos de narração. Há, contudo, uma ligeira tendência de maior uso de primeira pessoa em trechos descritivos. Já nas **CFFs** com *chegar*, a primeira pessoa é mais usada em porções descritivas e a terceira pessoa é mais usada tanto em descrições quanto em narrações. O uso de terceira pessoa em trechos argumentativos se refere a sujeitos genéricos, principalmente porque, como se verá a seguir, o tempo mais usado nesses textos, nas **CFFs** com *chegar*, é o infinitivo. A Tabela 7 explicita esses resultados:

Tabela 7: Cruzamento dos fatores “tipo textual” e “pessoa do discurso”

V1 Tipo textual	IR		PEGAR		CHEGAR	
	1P		3P		1P	
	N	%	N	%	N	%
Narração	26	36	84	67	25	69
Descrição	42	57	34	27	10	28
Argumentação	5	7	8	6	2	4
TOTAL	73		126		36	

Os números mostram que as **CFFs** mantêm um comportamento dentro das expectativas, uma vez que o uso mais freqüente de terceira pessoa é um reflexo estatístico dos dados. Travaglia (1991: 264) constatou que a terceira pessoa é predominante em todos tipos de textos.

3.5) Animacidade do sujeito

Não foi codificado nenhum caso de **CFFs** com *pegar* com sujeito [- animado]. Nas **CFFs** com *ir* e *chegar*, embora essa distribuição seja também quase categórica (99% e 97,5%, respectivamente), o *corpus* traz quatro ocorrências (duas com *ir* e duas com *chegar*) com sujeitos com traço [- animado]. Contudo, esses sujeitos [- animados] estão sendo usados metonimicamente, sempre associados a sujeitos [+ animados]. Veja que em (72), o sujeito “o carro” é [- animado]:

- (72) Ele atravessou na frente do carro, não é? ***O carro foi jogou ele para o alto,*** caiu na calçada. Mas, ("nada não .")

Em (73), “repartição” (sujeito posposto) é usado no lugar das pessoas que de fato trabalham na repartição.

- (73) E- E essas casas são própria?

F- Não, é do jardim. vão passar- diz meu tio que estão com uma proposta para passar para os moradores, não é? Comprar. Se passar, é uma boa, não é? (está) E aí passa a ser nossa. [pode fazer- pode] fazer dois andar, ("se") quiser melhorar, ("a gente") pode fazer. Agora a gente fazer dois andar, melhorar a casa, depois ***chega a repartição e toma***, não é? Gasta um dinheiro e não aproveita nada.

O verbo ***pegar*** quando usado no seu sentido lexical, significando *segurar* e *tomar posse*, apenas aceita sujeitos com traço [+ animado], traço que se mantém nas **CFFs**.

3.6) Tempos e modos verbais nas CFFs

Aparentemente não há restrições no que diz respeito à pessoa e aos tempos e modos verbais usados nas **CFFs**. Contudo algumas formas são preferencialmente mais recorrentes. A Tabela 8 mostra, em linhas gerais, que, estatisticamente, as **CFFs** com ***ir*** se caracterizam pelo uso equivalente do pretérito perfeito (48.5%) e do presente do indicativo (49%).

Tabela 8: Tempo e modo verbais das CFFs com IR

Tempos e modos verbais	Formas verbais	No.	%	TOTAL
Pretérito perfeito do indicativo	FOI	80	35	N % 110 48.5
	FUI	27	12	
	FOMOS	2	1	
	FORAM	1	0.5	
Presente do indicativo	VAI	64	28	112 49
	VOU	44	19	
	VÃO	4	2	
Pretérito imperfeito do indicativo	IA	3	1.5	3 1.5
Infinitivo	IR	1	0.5	1 0.5
Imperativo	VAI	1	0.5	1 0.5
TOTAL		227	100	227 100

A Tabela 9, por sua vez, mostra que as **CFFs** com **chegar**, assim como as **CFFs** com **ir**, caracterizam-se pelo maior uso de presente do indicativo (31%) e de pretérito perfeito (28%). Observe, entretanto, que 22% dos verbos dessas construções aparecem no infinitivo, uma peculiaridade desse grupo.

Tabela 9: Tempo e modo verbais das CFFs com CHEGAR

Tempos e modos verbais	Formas verbais	No.	%	TOTAL
Presente do indicativo	CHEGA	21	26	No. % 25 31
	CHEGO	4	5	
	CHEGARAM	2	2.5	
Pretérito perfeito do indicativo	CHEGOU	19	23	23 28
	CHEGUEI	2	2.5	
Infinitivo	CHEGAR	18	22	18 22
Futuro perifrástico	VAI+ CHEGAR	3	4	3 4
Presente do subjuntivo	CHEGASSE	2	2.5	3 4
	CHEGUE	1	1	
Pretérito imperfeito do indicativo	CHEGAVA	2	2.5	2 2.5
Locução Verbal	Locução Verbal	3	4	3 5
Futuro do subjuntivo	CHEGAR	4	5	4 5
TOTAL		81	100	81 100

A Tabela 10 traz os resultados das **CFFs** com **pegar**, que se caracterizam pelo maior uso de pretérito perfeito (71%), embora o presente do indicativo também seja usado (26%). A diferença de uso do presente e pretérito perfeito é evidentemente mais polarizada nas construções com **pegar**.

Tabela 10: Tempo e modo verbais das CFFs com PEGAR

Tempos e modos verbais	Formas verbais	No. %	TOTAL
Pretérito perfeito do indicativo	PEGOU	35 41	61 71
	PEGUEI	24 28	
	PEGARAM	02 2	
Presente do indicativo	PEGO	12 14	22 26
	PEGA	10 12	
Pretérito imperfeito do indicativo	PEGAVA	1 1.5	1 1.5
Pretérito imperfeito do subjuntivo	PEGASSE	1 1.5	1 1.5
TOTAL		85 100	85 100

O *corpus* traz também alguns casos de V1 e/ou V2 com tempo composto, como em (74) e (75):

- (74) Você vê, ela está ali na sala fazendo estrelinhas para fantasia de um amigo nosso, [aqui]- aqui em frente, (sorrindo) (hes) uma bicha louca, aí, muito bem, também, instruído muito- <fu->- funcionário do banco do Brasil, professor, (hes) figurinista, não é? Desenhista, não sei o quê- então, o cara [está] está fazendo uma fantasia que ele vai usar numa escola de samba e na outra. Numa tem estrela e na outra não tem. (cachorro late) (est) Então, o cara bolou um- uma- umas estrelas, que a quase (hes)- e ela está fazendo [para]- para depois prender na saia do cara com alfinete de fralda, sem <ras->- sem estragar a saia. Depois ele pega essa mesma saia e usa numa outra (est) escola de samba que ele vai sair. E ela (inint): "Ângela, você faz para mim?" "Faz." Sei [que]- que, no final, **ele vai chegar e vai molhar a mão dela.**

- (75) E: E tem um <me-> (hes) um aparelho pra lixá o carro ou vai na mão mesmo?
 F: Não (“então”) não, tem a lixadeira, tem o... o... compressor que que joga ar po po po copo e do copo... (hes) começa a pintá o carro.
 E: O copo (hes) o- que você fala é um aparelho...
 F: Isso isso, que liga no compressor (est) que vem na borracha... é tipo um... um barril cheio de ar; tá entendendo? que utiliza [no-] [no-] [no-] numa tomada, aí espera; espera [o-] [o-] o butijão, assim grandão, enchê de ar... <caí> tem um (“negocinho”) [que-] [que-] que mede a... enchimento [de-] de ar. Aí ele vai, desliga... aí **a gente vai lá e começa a pintá o carro.** [Isso.]

No que tange ao modo verbal, tanto indicativo quanto subjuntivo (76) são usados nas **CFFs**, sendo que o primeiro é predominante. Esse maior uso do modo indicativo, no entanto, deve ser analisado como um reflexo estatístico dos dados, na medida em que este é de fato o modo mais usado na fala.

- (76) Votei nele. Primeiro voto que eu tive que dar na vida, primeira vez que eu votei, votei nele. Não acredito que **ele chegue e ganhe eleições**, ele- que levante o Brasil, mas eu acho que ele vai ajudar bastante. {e} tomara, não é, cara³⁵.

Embora as **CFFs** se caracterizem pelo compartilhamento de flexão verbal entre V1 e V2, em (77) abaixo temos uma CFF em que o V1, “foi”, no pretérito perfeito do indicativo, se combina com o V2, “queria ficar”, que é uma perífrase verbal formada a partir de um verbo modal no pretérito imperfeito do indicativo e um verbo no infinitivo. Há, desta forma, um contraste entre os tempos pretérito perfeito e imperfeito:

- (77) Minha mãe ficou noiva três vezes...um noivo da minha <ti...> um noivo a minha tia tomô,... e... o último ela casô, né? três noivo. Um sumiu. Um era viajante, marinho. Aí viajava tanto, viajava tanto, que acabô <viajan...> ficou por lá, cum uma, casô, queria ficá cas duas. Mamãe num quis. Arrumô outro noivo. Aí o outro noivo veio...(hes) minha tia tomô...disse que foi na casa dele, bateu na porta.

³⁵ Aqui é evidente a correlação com um outro tipo de construção com o verbo **chegar**. O enunciado em destaque em (75) pode ser parafraseado em: “Não acredito que ele chegue a ganhar as eleições.” Diferentemente da paráfrase, (101) privilegia a harmonização dos tempos verbais e apresenta um grau fraco de integração (Lehmann 1988).

Quem saiu de lá de dentro? (falando rindo) minha tia [de]...[de]...[de] anágua: “Vanilda que tu tá fazeno aí?” **ele foi queria ficá ca a minha mãe**, queria ficá cum ela. [E: que horror!] Acabô o casamento. Aí arrumô esse: meu pai. Aí o velho ficô cum ela, né? velho porque é... já morreu ano passado, tem, né? ficô cum ela, minha filha, casô, meu irmão [meu irmão] mais velho tem trinta e cinco ano, uma briga danada, mas continuaram ali. Até a morte que separô eles, né?

3.7) Tipos de seqüências textuais

As **CFFs** ocorrem majoritariamente em porções textuais que se caracterizam pela seqüência de eventos que não admitem reversibilidade. Contudo, observei que existe uma correlação entre o tipo textual em que as **CFFs** ocorrem e o tipo de V1. As **CFFs** com **ir**, por exemplo, são mais usadas em contextos de narração (50%) e de descrição (41%), sendo que apenas 9% dessas construções são usadas em trechos argumentativos. As **CFFs** com **pegar** também são muito mais recorrentes em contextos de narração (74%), embora também sejam usadas em trechos descritivos (22.5%) e, menos freqüentemente, em trechos argumentativos (3.5%). Por outro lado, as **CFFs** com **chegar** são mais empregadas em contextos de argumentação (46%), embora também tivessem sido empregadas em porções descritivas (30%) e narrativas (24%).

Essas diferenças podem ser mais bem visualizadas através da Gráfico 1, que deixa claro a posição contrastante das **CFFs** com **chegar** em relação às **CFFs** com **ir** e **pegar**, além de mostrar que as **CFFs** com **ir** e **pegar** também não constituem um grupo homogêneo, ou seja, as **CFFs** são sensíveis às seqüências textuais em que são empregadas:

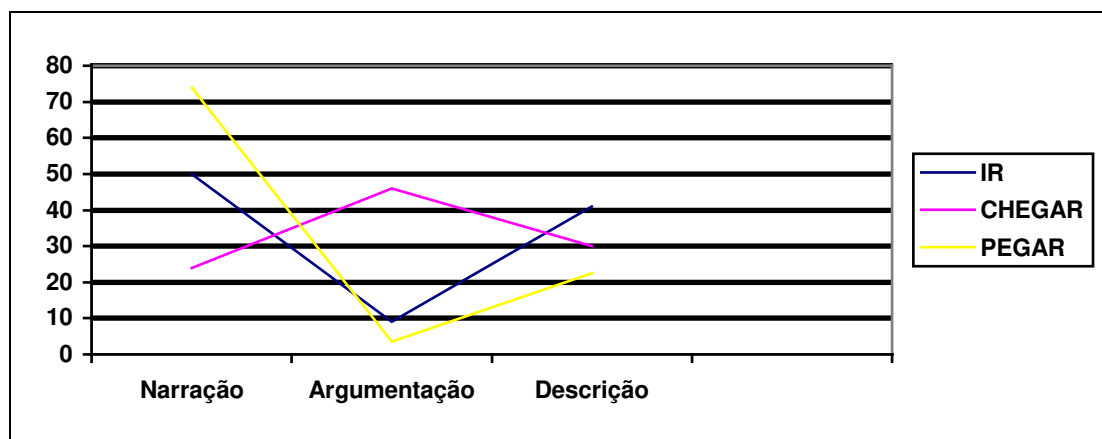


Gráfico 1: Seqüências textuais em que as CFFs ocorrem

Segundo Vilela & Koch (2001: 545-553), cada uma dessas seqüências textuais, narração, descrição e argumentação, possui propriedades gramaticais próprias. Uma delas diz respeito ao tempo verbal. Na narração predominam os tempos do passado, mas o presente do indicativo com valor de falso tempo também pode ser usado. Na descrição, prevalecem os usos do presente do indicativo e dos tempos do imperfeito. Já na argumentação, predomina o uso do tempo presente com valor universal.

A Tabela 11 traz os resultados do cruzamento das variáveis tempo verbal de V1 e tipo textual. As **CFFs** com *ir* que são usadas em contexto de narração se realizam majoritariamente no pretérito perfeito do indicativo. Já aquelas que aparecem em contextos de descrição e argumentação são mais usadas no presente do indicativo.”

Tabela 11: Cruzamento das variáveis “tempo verbal” e “tipos textuais nas CFFs com *ir*”

V1= IR	Narração		Descrição		Argumentação	
	N	%	N	%	N	%
Presente do indicativo	9	7.5	84	90	19	95
Pretérito perf. do indicativo	104	91	5	5.5	1	5
outros	1	1.5	4	4.5	-	-
TOTAL	114		93		20	

As ocorrências (78-79) são representativas dos casos de **CFFs** com **ir** que ocorrem em trechos narrativos e descritivos, respectivamente:

(78) E- Daí para cá, nunca mais vi perigo. Tudo bem. Isso aí marcou a minha vida.

E- Seus filhos, algum (ruído) já -

F- Os garoto? Ih! uma ocasião nós estávamos lá na- eu nesse dia eu até fui com o táxi. Um outro carro meu particular estava enguiçado, eu fui com o táxi mesmo. Era um fusquinha quatro porta. ("Um") meia nove, quatro porta. Mas eu fui, pá, com a patroa, as criança, ("p "), tinha- eu tinha os- tinha um- tinha os três, eu já tinha os três garoto. Aí **fomos paramos na Parada Modelo ("para") tomar um café**. Nisso, tinha um balanço lá, o garoto foi lá, passou na frente do balanço, o balanço veio, abriu a cabeça do garoto, (est) cinco ponto na cabeça.

(79) E- Você pode descrever para mim, assim, como é que é um dia de trabalho, seu?

F- Um dia de trabalho meu é limpar a casa, chego lá, a primeira coisa que eu faço é abrir tudo, não é? Porque a casa fica fechada. abrir tudo, tomar um ar, aí **vou varro tudo**, encero, que tem que encerar, porque lá tem um salão muito grande e o salão é todo atapetado, então ("eu") passo o aspirador, tiro o pó.

A Tabela 12, por sua vez, mostra que as **CFFs** com **pegar** que emergem em contextos de narração são mais usadas no pretérito perfeito do indicativo. Já aquelas que aparecem em trechos descritivos são categoricamente empregadas no presente do indicativo. A interpretação dos resultados relativos às porções argumentativas requer cautela dado o número pequeno de dados por célula. Essas construções raramente são usadas nestes contextos.

Tabela 12: Cruzamento das variáveis “tempo verbal” e “tipos textuais nas CFFs com pegar

V1= PEGAR	Narração		Descrição		Argumentação	
	N	%	N	%	N	%
Presente do indicativo	2	3	19	100	1	33
Pretérito perf. do indicativo	61	97	-		-	
outros	-				2	67
TOTAL	63		19		3	

A Tabela 13 oferece os resultados para as **CFFs** com **chegar** que, quando usadas em trechos narrativos, tendem a ocorrer no pretérito perfeito do indicativo. Em porções descritivas, essas construções mantêm o padrão esperado e são usadas no presente do indicativo. Aquelas que aparecem em porções argumentativas ocorrem mais no infinitivo (37%), embora também ocorram no presente do indicativo (29%) e nos tempos do subjuntivo, principalmente, no futuro do subjuntivo (24%).

Tabela 13: Cruzamento das variáveis “tempo verbal” e “tipos textuais nas CFFs com chegar

V1= CHEGAR	Narração		Descrição		Argumentação	
	N	%	N	%	N	%
Presente do indicativo	1	5	13	54	11	29
Pretérito perf. do indicativo	18	95	3	12.5	2	5
Infinitivo	-		5	21	14	37
Tempos do subjuntivo	-		1	4	9	24
outros	-		2	8.5	2	5
TOTAL	19		24		38	

Tendo em vista os resultados apresentados acima, pode-se concluir que as **CFFs** se comportam de acordo com os demais verbos do PB, assim como proposto por Vilela & Kock (2001), isto é, o uso de tempos do passado em narrações e tempos do presente em descrições e argumentações não é uma especificidade das **CFFs**.

O uso do presente do indicativo em narrativas, segundo Travaglia (1999:108), funciona como marcador de relevo emocional, uma vez que o falante utiliza esse tempo para destacar algum acontecimento mais marcante dentro da narrativa. Veja que em (80), ao final do trecho descritivo, aparece uma pequena narrativa (em itálico), em que o enunciado “*ela vai e fica apática*”, no presente do indicativo, representa a *complicação* e contrasta com os anteriores, no pretérito imperfeito, que representam a *orientação*. Já “*nós passamos lá duas horas e pouco*”, no perfeito, é uma *avaliação*, nos termos de Labov (1972) ou uma digressão.

- (80) É o negócio é o seguinte: a minha sogra, ela era uma mulher que ela não dizia um, mas (hes) um mínimo palavrão, nada, nada, nada, ela não dizia. E hoje em dia, ela xinga muito. Ela- (hes) a todos, seja médico, enfermeiro, já o filho, que é a coisa que ela mais adorava- adora, não é? Ela acho que- não sei, agora o sentido dela como está, mas era a coisa que ela mais adorava na vida, era esse filho, que é filho único. E hoje em dia, ela xinga ele, humilha, sabe? E ao meu sogro- meu sogro também faleceu num ano, mas ela xingava muito e a mim mesmo, porque ela era- eu era amiga dela e ela minha, muito, sabe? Que ela era muito boa. Então, ela está assim. E eu tenho uma filha de cinco anos, (est) que está no início. (est) Eu não posso trazer a minha <f>- não é? (est) Criar a minha filha escutando palavrão [e]- e gritos, ela grita muito, sabe? (est) Por socorro e- cada dia, casa- às vezes nem é cada dia. Cada hora é um modo, que a pessoa fica, não é? Ela fez aniversário no domingo passado, é, domingo retrasado, e nós- eu mandei fazer uns salgados, uma torta e levamos para lá. *Quando nós chegamos lá, ela estava eufórica, xingando, estava alegre estava- sabe? Estava- quando [nós]- nós passamos lá duas horas e pouco, daqui um pouco ela vai e fica apática. Quer dizer, você não sabe, [ela não tem controle.]*

Já o infinitivo é usado nas **CFFs** com **chegar** que emergem em trechos argumentativos e descritivos, com um valor atemporal, genérico, como em (81):

- (81) F- Meu Brasil, para mim, na minha opinião, é mudado. Na minha cabeça, o Brasil não é esse Brasil que eu vivo. eu faço tudo aquilo [que a sociedade recrimina.] Se a sociedade recrimina que eu não posso ficar ali, eu fico ali. se ela fala que eu não tenho que ficar ali, não sei- não sou- que é- para mim também eu acho errado, a

pessoa que chega, é viciado em tóxico, também, eu acho isso [é]- é bandido, isso eu não faço. Mas aquele negócio que a sociedade- fogo- minha mãe mesmo fala para mim: "ah, não sei o quê-" muitas coisa [eu]- eu estou <ti>- sacando, só naquela, mas estou tirando- estou indo por ela para também não deixar ela triste, mas muitas [coisa,] eu [não]- não obedeco, que eu acho errado, eu acho errado que a gente- todos os brasileiros -- minha mãe é uma delas. -- recrimina muito as pessoas, eu não gosto disso. Eu acho que cada um nasceu com uma sentença. todo mundo fala que eu sou um cara revoltado-

E- [Sei.] não.

F- Todo mundo fala: "tu é um cara revoltado. <t>- tu-" meu negócio- (hes) saí muitas vezes de casa, já fui embora, botei mochila nas costa, foi muita carona na estrada.

E- É mesmo, [cara?]

F- [Já fiz] muita aventura. Mas não sou revoltado, não é porque eu não aceito o jeito que eles vivem. Sei que eles gostam de mim, mas não aceito ***eles chegar e recriminar uma pessoa***, porque tem menos condições do que eles; então eu não aceito. Não aceito o governo massacrar as pessoas que estão na rua!

E- É podre, isso, não é?

O uso do infinitivo pessoal em (81) é uma evidência de que, embora apresentem uma configuração sintática relativamente recorrente, as **CFFs** não estão totalmente cristalizadas.

3.8) Atuação das CFFs na organização textual

Uma vez que estou defendendo que as **CFFs** atuam no nível discursivo, resolvi investigar se elas teriam alguma função na organização textual. Verifiquei que as **CFFs** podem aparecer em contextos de introdução, reintrodução e conclusão de tópico além de progressão textual. Como progressão entende-se o "avanço do assunto ou temática do texto" (Travaglia 1991: 101). A reintrodução, ou retomada, de tópico, por sua vez, ocorre quando a progressão é interrompida por uma digressão ou comentário.

Contudo, as **CFFs** não parecem ser independentemente responsáveis pelas funções textuais arroladas acima, já que parece que essas funções poderiam ser sinalizadas mesmo na ausência dessas construções.

Descobri também que há diferenças entre as **CFFs** com **ir**, **pegar** e **chegar**. As **CFFs** com **ir** tendem a ocorrer mais em contexto de progressão textual (67%), fechamento (desfecho) (19%) e de reintrodução (12%), embora também tenham sido usadas em posição de introdução de tópico (2%). As **CFFs** com **chegar** também apareceram mais em contexto de progressão (83%), mas também foram usadas em reintroduções (14.5%), e, mais raramente, em introdução de tópico (2.5%). Contudo, as **CFFs** com **chegar** não foram usadas em nenhum momento em contexto de fechamento de tópico. Já as **CFFs** com **pegar** foram mais usadas em reintroduções (55%), embora também se associem a contexto de progressão (43%) e menos freqüentemente aqueles de fechamento de tópico (2%). Essas construções, por seu turno, não ocorrem em contexto de introdução de tópico.

Os resultados podem ser mais bem visualizados na Gráfico 2, que deixa claro as diferenças observadas entre os três tipos de **CFFs** em relação ao seu papel na organização textual.

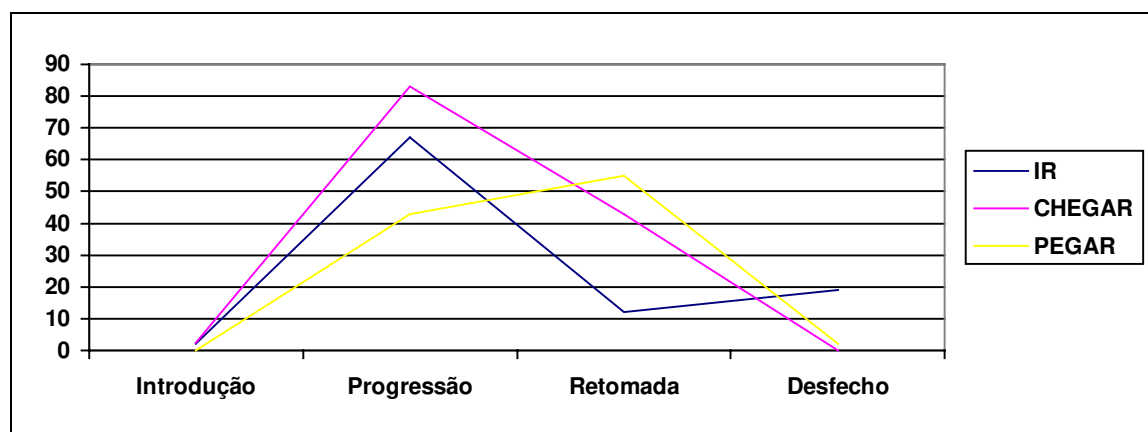


Gráfico 2: As CFFs na organização do discurso

Verifiquei também que as **CFFs** com **pegar**, que são usadas em reintrodução de tópico, tendem a repetir em V2 os mesmos verbos presentes no discurso precedente.

Tabela 14: Repetição de V2

V2	V1	IR		CHEGAR		PEGAR	
		N	%	N	%	N	%
Repete		23	10	6	7	26	31
Não repete		204	90	75	93	59	69
TOTAL		227		81		85	

As reintroduções se iniciam com uma repetição, como em (82), em que o verbo **fazer** (“*minha mãe fez comigo de asma*”) é repetido numa retomada (“*Aí minha mãe pegou fez*”) depois de uma pequena digressão (“*Que eu tinha muita asma, bronquite demais*”):

(82) E- É? Você tem alguma simpatia, assim?

F- **Tenho porque minha mãe fez comigo de asma.** *Que eu tinha muita asma, bronquite demais. Aí **minha mãe pegou fez**.* Mas eu não sei com quê que ela fez. Aí sumiu a asma. Eu não tenho mais bronquite. Por isso que eu acredito. A minha irmã também, ela tinha um umbigo enorme. Um umbigão grandão. Aí começou fazer promessa, simpatia, assim, sexta-feira santa; sumiu. Agora está pequenininho. Por isso que eu acredito em simpatia. Agora negócio de cair de escada, ah, não (“acredito”) negócio de escada, não. Isso aí é bobagem. (riso)

Selecionei abaixo algumas ocorrências em que se pode perceber melhor os diferentes contextos em que as **CFFs** podem ocorrer:

a. Introdução de tópico:

Em (83-84), as **CFFs** estão associadas à introdução de um novo tópico:

(83) F- Bastante polícia dentro da cadeia para não deixar os cara fugir, não é?

E- Então, você acha a cadeia necessária?

F- Acho necessária.

E- Por quê?

F- Ué, pessoal- pô! **Os malandros vão- por exemplo, rouba você.** Depois, a polícia vai- depois ele vão mata outro. Aí a polícia pega ele, bota ele na cadeia; depois solta, ele vai fazer a mesma coisa. Então é melhor deixar ele preso.

E- Mas só preso, não é?

F- Não é,! Assim, preso, ensinando, assim, tendo aulas, não é? Jogando <f>- área de lazer, jogando futebol, vôlei, (inint) o negócio que ele preferir.

- (84) Eu não vou contar nenhuma aqui, porque senão vai sujar a fita e vai (riso e) ficar ruim. (f) Tudo bem. [não, mas eu vou contar aquela] do seu Manoel. Seu Manoel era [("um")]- um sargento, tinha vinte ano de caserna, um sargento antigo. Aí **o tenente chegou e disse**: "ó, seu Manoel, é o seguinte: (hes) morreu a mãe do novecentos e dez e nós temos que dar a notícia ("do")-" (imitando) "o senhor pode ficar tranqüilo, o senhor pode ir descansado, que eu dou a notícia, ele não vai nem perceber." (f) Tudo bem. Seu Manoel chegou, botou o pessoal todo no pátio e ("disse"): (imitando) "atenção! quem tem mãe viva sentido! Dê um passo à frente! Você não novecentos, você fica." "Não lhe disse tenente, (inint) ("dava a notícia), que ele nem ia sentir." (f) (risos) É isso aí, piada é isso, minha gente. Vamos para frente.

b. Progressão textual:

As **CFFs** atuam na progressão introduzindo mais um passo num relato de procedimento (85-86) ou uma ação numa seqüência de várias ações (87).

- (85) F- Fazer um arroz?

I- É, como é que faz?

F- Como é que eu faço?

I- É.

F- Eu boto a água para ferver, (balbucio) aí cato o arroz, aí **vou lavo**. Aí boto alho na panela com a banha, aí deixo o alho corar, aí jogo o arroz dentro, aí espero refogar. Tem que botar sal. mexe, aí depois boto água, aí deixo (rindo) cozinhar mas (f) não me agrada fazer comida, não!. Não (grito) gosto.

- (86) Eu querendo ir no hospital ver ela, mas ele não deixava porque eu sou muito nervosa, me agito pouca coisa. "Ah, não vai!" Aí eu um (grito) dia eu falei: "sabe

de uma coisa! Eu vou ver minha mãe!" Aí cheguei no Andaraí, esperei eles tudo sair (choro de criança) o meu pai também ia [do] do serviço para o hospital, não é? Podia entrar todo dia. Ela estava no CTQ. Aí eu falei: "eu vou ver minha mãe." Só podia entrar uma pessoa. Eu falei: "eu vou na frente, eu entro, quando ele chegar eles não pode entrar, eu já estou lá em cima." Aí saí de casa quietinha, me arrumei, saí fora. Cheguei lá, falei com a moça, aí expliquei ela, (grito de criança) mas calminha, se não eles não deixava eu entrar, não. Aí subi, (balbucio) cheguei lá, botei aquele roupa toda, aqueles negócio tudo na cabeça, luva, não sei o quê, não sei o quê. (criança chora) Aí cheguei lá, aí (voz) eu falei: "moça, onde está minha mãe?" Aí ela virou, falou assim: "está lá na ultima sala." Aí **eu peguei fui lá na ultima sala**, olhei, olhei, aí eu vi: tinha um monte de roupa minha mãe gordona, não é? Eu vi aquele negócio gordo lá na (balbucio) cama, aí tinha um senhor assim, (gesticula) e tinha um menino, um menininho. Aí eu olhei, olhei, falei: "minha mãe não está aqui, não!. Mas a minha mãe, eu vi ela três vezes e não conheci. porque eles cortaram o cabelo dela todo, que ela estava toda queimada, já toda sei lá! Não estava igual o que ela era. ("toda") deformada, sabe? Aí eu olhei, falei: "essa não é minha mãe! Não pode ser minha mãe, essa, aí voltei.

(87) E- Mas é que o senhor está falando em equipe, não é? Aí [(inint)].

F- [Pois é.]. Não, mas ainda não-

I- Eh, Tião, (inint)

F- Ah, ("está desligado") -- cada um. no trabalho não. Olha, a gente chega aqui, vamos supor, para fazer o pão. **Um chega bota farinha, água, outro chega bota, (hes) chega um bota [o]- o fermento, o sal, o açúcar.** O outro vai para o cilindro, o cilindro ("lá") amassa. O outro vai cortar. Duas pessoas fazem isso, mas é rodando, entendeu? Uma pessoa só faz vinte, e duas pessoas fazem sessenta, (est) entendeu? Por exemplo, de sábado para domingo, gasta mais uma hora e pouca, duas horas. Mas duas pessoas fazem oitenta, enquanto que uma pessoa só não dá para fazer <vi>- é vinte correndo muito, apertado. Enquanto que assim, duas fazem oitenta, entendeu? Quer dizer que é o trabalho integrado e já uma associação não tem e integração.

c. Fechamento de tópico:

Em (88-89), as **CFFs** são usadas em contexto de desfecho, ou fechamento de tópico:

(88) E- Seu pai tem estudo também? Ele foi... escola?

F- Meu pai foi ... escola. Agora até quanto ele estudou eu não sei. Até que série ele estudou eu não sei.

E- É, e seus filhos? Há coisas que irritam você, quando eles falam, assim, (hes) eles usam palavras que você não gosta que eles usam, que você diz para eles não usarem-...

F- Ah! ...às vezes o mais velho: "Que é mamãe!" "Que é que foi mamãe!" ("comigo:") "Você, você está falando com a sua mãe, você não está falando com os seus coleguinha no colégio não!" "Ah! Mamãe desculpa, mamãe!" ("deixa") (inint), tudo bem!" ...às vezes eles fala alguma coisa, assim, que [eu não]- eu não gosto que eles falam, mas aí ("chegam") (inint) [a avó]- a avó fala: "que é que tem (hes) o menino falar, assim com você?" "<ma...> mas eu não gosto." Quer dizer, aí **a avó já vai encobre ele**, sabe?

E- Põe um pano quente.

F- É, põe um pano quente em cima dele, aí pronto.

(89) E- Como faz carne assada?

F- Carne assada é- eu aqui eu faço assim: eu boto lingüiça, um pedaço de toicinho, tempero, não é? E boto. Boto um pouco de banha no fogo, óleo, pingo um pouquinho de açúcar para corar e boto a carne e [vou]- vou pingando água sempre. **Pego e fico um tempão ali** para esperar a carne ficar bem cozidinha, depois coradinha. Às vezes eu ponho até um pouco d'água, quer dizer que para ela cozinhar um pouquinho, quando vai corando, aí que eu vou pingando a água. Vai mais rápido.

d. Reintrodução de tópico:

Em (90-92), as **CFFs** estão relacionadas à reintrodução do tópico e aparecem depois de uma digressão ou de um comentário. As digressões aparecem sublinhadas no texto:

- (90) Quando ele passou depois, nos encontramos, conversamos, batemos papo mais de uns quarenta minutos, não é? (est) Depois, quando ele chegou aqui ao rio, [e] e [("alias")] aliás, (passarinhos) assumiu a pasta do trabalho que ele veio ser aqui a primeira coisa que ele veio ser foi ser ministro do trabalho. Eu mandei um telegrama, uma carta para ele, não é? Que estava muito contente ele ter alcançado, não é? Ele já estava reformado como coronel, (f) que ele só chegou até o posto de coronel [na vida militar.] **Ele foi me mandou um telegrama**, (ruído) mandou até a ("glades") Passarinho, que é uma prima dele, passou o telegrama para mim, e tudo e tal, não é? Depois, não se comunicamos mais. Mas bem. (passarinhos) Então, ficamos lá nessa cabeça de praia, não é? Praia do mosqueiro, chamava-se é vila do mosqueiro, (est) e essa ponta de cabeça de praia chama-se praia do chapéu virado. É uma (passarinhos) ("pracinha") de veraneio com- essas praia que nós ("temos") aqui. Ficam aquelas casas no inverno ficam fechadas e no verão, então, (riso de e) é que são ocupadas, (f) e a gente ficava ali, não é? Então, aquilo ali passou a ser uma área militar. (ruído) Uma ilhazinha pequena, não é? Então, qualquer coisa que faziam, ou que quisessem, ou para uma festa, tudo, tinha tudo que dar ciência (est) ao quartel, lá ao comandante ali, (passarinhos) que aquilo ficou área militar. E ("se") ficamos muito amigo e tal. ("Depois"), (hes) quando (inint) fomos definitivamente lá para a ilha, não é? ("Às vez"), dia de domingo ele ia lá. Ele não sei se você ouviu falar num juiz de futebol, ele ("arbitrou") aqui no Rio muitos anos, Gama Malcher. (est) Foi filho de um governador do Pará, Gama Malcher, Alberto Gama Malcher. Ele era- foi cabo do exército, serviu muito tempo (passarinhos) ("no") trinta e quatro ("bc"), lá. Depois estive na base aérea (inint), e nós fomos muito amigo. Então, a gente formamos um trio de fato. A gente andava muito junto, não é? Eu, senador Jarbas Passarinho, hoje senador Jarbas Passarinho, e o Gama Malcher...

(91) E- As minhas vagens nunca ficam gostosas. Como [é a] sua? [como] faz essa vagem?

F- [Não?] [ah!] (hes) Olha, é- até foi a minha filha quem descascou ontem à noite, não é? (est) Porque ela não gosta que eu faça nada. Então ela limpa e parte elas bem fininhas, depois eu ponho o- botei um pouquinho de óleo e botei também um pouquinho de azeite. Que eu, como fui habituada, criada com azeite e com manteiga, (est) não é? Minha mãe só fazia comida com azeite e com manteiga. (est) Então, ("põe") o alho ali, um pouquinho de cebola- os tomates, eu descasco eles todos, põe na água para esquentar, que eu não suporto casca de tomate, (est) não é? Então, primeiro eu lavo eles (buzina) com sabão (f) todo mundo fica- eu lavo os ovos com sabão, com bombril, lavo o tomate, (riso) (est) (f) tudo isso eu lavo, sabe? Essa gente diz que eu tenho mania, mas não é, eu sou assim. (est) Então **eu pego ponho os tomate** para dar uma fervura, depois tiro a pele toda, não é? Aí botei dois tomate, refoguei, botei pimenta-

E- Do reino?

F- Não.

E- Pimenta branca?

F- Essa [pimenta-] {i} [{"italiana."}]

F- Como é? {i} Malagueta? {i} (filha) (inint)

F- Essa aí.

E- Seca.

F- Essa italiana.

E- Sei. (buzina)

F- Bom. Aí botei- depois refoguei a (f) vagem bem refogadinha, (est) Deixo refogar bastante, depois ponho um pouquinho d'água- aí aquele caldinho até eu comi com pão. [gostoso à beça!]

(92) E- [E também] não havia problema financeiro, naquela época?

F- Ah! Devia de haver, mas o número de pessoas agora é que (rindo) ("nós")- (f) sei lá, eu nem sei, não é? Dizer que é, não é? Por causa de dinheiro, problema de- também de tóxico, não é? Que [querem] dinheiro, não é? Eu sei que eu graças à Deus, tenho dado sorte nessa parte, não é? agora, (riso f) nesta parte, agora o meu carro, levaram há pouco tempo, [meu] Passat.

E- [(inint-)] [Ah, foi?] e não encontraram?

F- Não, não encontrei não.

E- Tinha seguro, pelo menos?

F- Tinha, estava com o marido da Maria Helena, emprestado (est) o carro. (riso)
f) mas não foi aqui dentro da ilha, não. Foi no Méier. Ele foi ao Méier, chegaram e encostaram o revólver e mandaram que ele deixasse o carro, logicamente ele tinha que deixar, não é? (est) (riso) Oh! Não tinha, não é? E não apareceu.

E- É até bom quando não aparece, se tem seguro, não é? [Porque se tem seguro é até bom que não apareça.]

F- Tinha seguro. Tinha seguro e pagaram muito bem, por sinal. ("bem"), já estou com outro.

Os resultados apresentados acima são interessantes pois indicam que, embora essas construções se realizem majoritariamente em contextos de seqüência de eventos (progressão), há, aparentemente, restrições quanto ao tipo de V1 e o uso das **CFFs** na organização textual.

3.9) Classe semântica dos predicados expressos em V2

Na grande maioria dos casos de **CFFs**, V2 é, segundo a classificação de Halliday (1994), um verbo que indica um processo material. Contudo, V2 também pode pertencer a classes semânticas diferentes. Vejamos alguns exemplos.

Em (93-94), por exemplo, V2 descreve um processo mental:

- (93) A única coisa que eu acho que ele fez- eh... por enquanto de bom, foi a época que o real tava... tava pau-a-pau com o dólar... mas que depois quando ele só conseguiu se reeleger, foi que **a gente foi e viu³⁶ ... que o real... tava, né? desmoronando.**

³⁶ O verbo *ver*, nesta ocorrência, é classificado como perceptivo.

- (94) A mulher bateu um papo com ele, disse que não estava apaixonada por ele, não sei o quê. Aí **ele foi pensou raciocinou**³⁷, não é? Aí <fi...> descobriu também que estava apaixonado pela outra.

Em (95), V2 representa um verbo de processo comportamental de acordo com a terminologia de Halliday (1994). No Português, o verbo *engravidar* é descrito como um verbo que indica mudança de estado:

- (95) Prá se entregá, tem que (hes) o <ca...> o cara tem que <tá...>... amá ela, e ela amá ele, entendeu? num é só ela amá ele, e ele num amá ela, só querê ela prá uma aventura e depois largá. Aí **ela vai engravida**, e ele fala que o filho né dele, é de outro – que esses cara é assim.

Já em (96), V2 corresponde a um verbo relacional:

- (96) aí, a garota começou a se apaixonar por ele. Mas aí ele **ele chegou foi esperto**: ele ficou com a lourinha e deu o fora na riquinha. (riso de e) aí a riquinha ficou de lado.

Em (97), V2 é um verbo existencial:

- (97) F- [É.] Você vê eu, com sessenta ano, conservar esse físico. Você vê, eu [não]- não estou barrigudo, (est) não é isso? Tenho, porque tudo- porque eu treino todo o dia! Eu treino todo dia. Quer dizer, hoje eu mantenho [a minha]- a minha forma, entendeu? Naturalmente, que eu não me excedo, porque o médico mesmo ("ele") disse que não é. Eu não tenho mais idade para estar fazendo aquilo que eu fazia antes [de]- (est) de estar correndo. Eu corria bem, pouca- há dois anos atrás eu corria [seis]- seis quilômetro, lá na praia, naquela areia fofa. Corria! Tranquilo! Aí **chegava não tinha problema**. Então ele disse que não era bom eu fazer mais aquilo, então, eu (inint) aí, mil metros, quinhentos, aí não tem problema. E é o que

³⁷ Temos aqui um caso de reformulação do enunciado, em que o verbo *raciocinar*, mais elaborado semanticamente, substitui o verbo *pensar*, que é mais básico.

eu corro! Eu corro- fico o dia todo- o dia todo?! eu fico lá de oito até meio dia, meio-dia e meio, aí corro para lá um pouco, corro para cá, no fim- mas eu corria direto, entendeu? (mulher falando) E se você fizer isso, também vai ficar forte.

A Tabela 15 mostra a distribuição desses verbos de acordo com cada tipo de **CFFs**. Os resultados mostram que as **CFFs** com **ir**, **chegar** e **pegar** são mais freqüentemente construídas com verbos de processo material. Independentemente do tipo de verbo que ocupa a posição V1, os verbos de processo verbal, ou de elocução ou *dicendi*, aparecem na segunda posição na escala dos tipos de predicados mais usados. Esses números são principalmente mais significativos para os casos com **pegar** e **chegar**³⁸. Todavia, nas construções com **chegar**, essa distribuição é mais equilibrada. Note também que os verbos de processos comportamental e mental são raramente usados nas **CFFs** com **chegar** e **pegar**, embora sejam usados nas **CFFs** com **ir**. Ademais, os verbos de processos relacional (atributivo) e existencial não foram usados nas **CFFs** com **ir** e **pegar**, sendo usados apenas nas construções com **chegar** (ocorrências 96 e 97).

Tabela 15: Classe semântica de V2

Tipo de V1 Classe Semântica de V2	IR		CHEGAR		PEGAR	
	N	%	N	%	N	%
Processo material	170	75	42	52	59	69
Processo verbal (elocução)	29	13	33	40	23	27
Processo Comportamental	19	8	1	1.5	2	2.5
Processo mental	9	4	2	2.5	1	1.5
Processo relacional (atributivo)	-		2	2.5	-	
Processo Existencial	-		1	1.5	-	
TOTAL	227		81		85	

³⁸ Essa é, no entanto, uma questão a ser verificada futuramente envolvendo uma outra abordagem.

O *corpus* apresenta um grande número de **CFFs** com verbos de processo verbal, ou de elocução (*dicendi*), na posição V2. Segundo Hopper (2002), os **hendiadys** do tipo **turn around and**, que são em 96,6% dos casos seguidos por verbos de elocução, possuem um valor específico, qual seja, sugerem que a ação que ocorreu em resposta a uma situação ou ação não era esperada. No caso das **CFFs**, todavia, não parece ser possível determinar um valor tão específico. (98), por exemplo, no perfectivo, está inserido num trecho narrativo e contrasta com os enunciados precedentes, no imperfectivo. (99), por sua vez, no presente, é usado em um trecho descritivo para reportar um evento habitual.

(98) E a mesa era de quatro pessoas. (passarinho) Sentávamos quatro na mesa. (est) **Ele chegou disse:** (imitando) "olhe, não repare não, porque a jabá foi feita avexada."

(99) E- E (hes) na sua família aí, com quem você se dá melhor?

F- (silêncio) Ah! Com quem eu me dou melhor? Com a minha mãe!

E- Por quê?

F- Ah! Tudo que eu estou sentindo que eu quero fazer, eu falo com ela. e ela, se está - se ela acha que é para o meu bem, ela fala: "Ah! minha filha, então você faz!" Se ela acha que é uma coisa boa para mim: "Então você faz, você vai!"(inint) Tudo que eu quero, **vou falo com ela.**

É possível que haja uma certa restrição semântica quanto ao tipo de verbo que pode ocupar a posição V2, já que os verbos estativos (100) e os verbos que indicam posse (101) parecem não ocorrer nas **CFFs**:

(100) ***Pego/vou/chego estou doente**

(101) ***Pego/vou/chego tenho uma bicicleta.**

Arnaiz & Camacho (1999) (cf. Cap. I) sustentam que construções do tipo das **CFFs**, em espanhol, sofrem uma restrição aspectual, de modo que as construções com *agarrar* ("pegar"), mas não as com *ir*, admitem o uso de imperfectivo. No que tange às **CFFs**, note

que a ocorrência (96) repetido aqui em (102), com verbo relacional no pretérito perfeito do indicativo, parece que não poderia ocorrer no presente, por exemplo, como em (103):

(102) Mas aí ele *ele chegou foi esperto*.

(103) ?*Ele chega é esperto*

Os enunciados como (102-103) chamam a atenção para o fato de V2 ser ou não uma classe livre. Não foi possível apontar claramente outros tipos de restrições, contudo, os resultados apresentados acima parecem sinalizar que as **CFFs** são preferencialmente usadas com verbos de processos material e verbal, sendo os outros tipos de verbos muito incipientes. Duas hipóteses explicativas são plausíveis. Por um lado, pode-se argumentar que as **CFFs** apresentam um certo tipo de restrição de compatibilidade que bloqueia o uso de certos tipos de verbos na posição V2. Por outro lado, é possível que, se continuarem sua trajetória de mudança, no futuro, as **CFFs** passarão a aceitar qualquer tipo de verbo nesta posição.

3.10) A negação nas CFFs

O padrão de negação das **CFFs** representa um dos seus traços mais idiossincráticos no que se refere às demais construções do Português, principalmente às construções coordenadas e com verbos auxiliares (cf. Cap. III), e sobretudo às construções *go-and-verb* presentes em outras línguas (cf. Cap. I). A negação das **CFFs** se dá de modo que o morfema de negação precede V2, embora tenha escopo sobre toda a construção³⁹. A esse respeito, considere os exemplos (104) e (105):

(104) E- E você é supersticiosa?

F- Está aí. Eu não sei lá. Eu- tem gente que fala: "faz mal passar por debaixo de escada". Aí *eu vou e não passo*. Mas se tiver que passar, eu passo.

³⁹ Veremos, no Capítulo III, que essa propriedade das **CFFs** deve ser tomada como uma evidência a mais do seu *status* construcional.

(105) Porque meu marido tem um <tempe-> ele é [um ótimo]- um (hes) ótimo pai, mas ele é como um Português daquele autoritário, que foi educado assim. Ele é um homem de instrução, também. ("Ele") chegou a fazer exame para marinha portuguesa e **foi e não passou**. Mas ainda conserva aquele espírito que o Português é: o pai é (hes) autoridade!

Em (106) vemos que o mesmo padrão se mantém quando V1 é o verbo **chegar**:

(106) Eu corria bem, pouca- há dois anos atrás eu corria [seis]- seis quilômetro, lá na praia, naquela areia fofa. Corria! Tranquilo! Aí **chegava não tinha problema**.

(107), coletado de forma não sistemática, confirma o mesmo padrão de negação também para as **CFFs** com **pegar**:

(107) O pão tava meio feio, aí **eu peguei e não comprei**.

Aparentemente não há impedimento formal para a realização do morfema de negação antes de V1 nas **CFFs**. Veja que (108) apresenta o morfema de negação adjacente a V1. Não se pode dizer, entretanto, que o escopo da negação seja o próprio V1, mas sim a construção como um todo. Em (108), a **CFF** está vinculada a uma oração de finalidade, numa relação de hipotaxe ("existe todo um sistema operacional *para que o carteiro não precise abrir a bolsa na rua para conferir os CEPs*").

(108) É, [Ah...num sabia] foi inaugurado recentemente um centro de triagem em Benfica que é tudo automatizado. [Nossa!] A máquina pode mandá o CEP prum setor errado (est) aí...e o continuísmo [da] [da] do trabalho, num tem como evitá. (est) Então, o fulano de tal dexô de recebê, eu num recebi, má a pessoa num qué sabê que atrás disso, além do ser humano cartero, (est) existe um sistema todo operacional, que é mecanizado, que não depende de carteiro, que ele já recebe pronta, **ele não chegá abrí a bolsa na rua** pra conferí os CEPs, pra vê se faz parte do distrito dele, entendeu?...Ah, num recebi, num sei quê...ainda num chegô, mas essas pessoas que reclamam deveria sabê como é que funciona o correio

(est) antes de reclamá, porque é mínimo, quase nada, em relação a o que o correio entrega por dia, no país intero (bate com as mãos para marcar as palavras) [Imagina, é] pode havê sim, inclusive...é... nessa transição [de] [de] de... que tá acontecendo na empresa, nessa informatização, nessa mecanização, otimização, em geral (est) pode tá havendo [alguma] algum conflito, né?

Na ocorrência (109), o morfema de negação também precede V1:

(109) E- Existe muito isso [de]- de comprar, ("assim") jogador?

F- Olha! Eu vou dizer que, para mim, [eu]- eu acho que não existe, porque eu nunca tive isso aí, eu joguei vinte anos, nunca <v-> -nunca foi <n-> -nunca teve ninguém aqui na minha casa, nem nunca veio conversar comigo- talvez, tenha sido também pelo meu caráter! Bem entendido: também **não vou chegar e dizer [que]- que tem ou que não tem. não**, eu então prefiro acreditar que não tenha. que [não]- não- que não exista isso, porque seria [o fim]- o fim do futebol- que o jogador- o jogador [que]- que pratica um ato desse, deve ser banido mesmo, porque perde a- pensa bem! (hes) O torcedor (hes)- o torcedor é um fanático, [ele]- ele trabalha a semana toda para chegar, ele fica com aquela coisa do seu clube, de ver seu clube jogar, então, ele vai com aquela esperança de ver o time ("jogar") (hes)- ver um jogador, vendido, entregando o jogo- ah, (inint)- é o fim do mundo! (ruído) então, eu prefiro acreditar [que]- que isso não <a-> [não]- não exista, não é?

Já em (110), coletada de forma não-controlada, a **CFF** aparece numa forma de interrogativa precedida por “por que”. Também aqui o escopo da negação recai sobre toda a construção.

(110) Por que você não pega e compra um carro?

Contudo, é preciso destacar que a construção “**pega e compra**” está inserida numa construção maior, já que se pode dizer que existe no Português uma construção do tipo “**por que X não Y?**”, relacionada à emissão de sugestão ou conselho, como em (111) e (112):

(111) Por que ela não tem um bebê?

(112) Se o chefe dele é tão antipático, por que ele não pede demissão?

Veja que tanto as posições *X* quanto *Y*, referidas acima como partes da construção “**por que X não Y?**”, podem ser preenchidas por elementos diversos. No caso de (110), a posição *Y* é preenchida pela **CFF**, o que justifica a presença do *não* antes de V1.

Tendo em vista os exemplos acima, acredito que o fato de V1 raramente ser precedido por negação diz respeito mais a questões de ordem semântica do que formal. Os exemplos acima mostram que, ocasionalmente, o morfema de negação pode ser adjacente ao V1. Contudo, parece que, quando seu uso é bloqueado nesta posição, ou seja, na maioria dos casos de **CFFs**, isso se dá por razões semânticas. Acredito que o morfema de negação adjacente a V1 forçaria uma interpretação lexical desse verbo. Veja que os exemplos abaixo são inaceitáveis:

(113) *Eu não peguei e comprei um carro.

(114) *Eu não fui e falei

(115) *Quando eu não estou com vontade, eu não pego e varro.

A dificuldade de V1 receber negação, nas **CFFs**, evoca um fato outrora observado por Kay & Fillmore (1999:27) quando analisaram a construção “**What’s X doing Y**” do inglês. Os autores lembram que a negação é uma função cujo domínio é um conjunto de proposições e que o objeto semântico presente nas construções “**What’s X doing Y**” não representa uma proposição. Embora não haja nenhuma correlação semântica e/ou sintática entre as **CFFs** e as construções “**What’s X doing Y**”, podemos admitir que o mesmo mecanismo que impede a negação dos constituintes **be** e **do** nas construções “**What’s X doing Y**” é o mesmo que dificulta a negação de V1 nas **CFFs**, já que V1, diferentemente de V2, não expressa uma proposição.

A questão da negação das construções do tipo **go-and-verb** não é abordada de forma sistemática nos trabalhos consultados, embora seja possível depreender, dos exemplos apresentados, que, em sueco (McCawley 1988:282 *apud* Zwicky 1990:09), por exemplo, o morfema de negação sempre precede o V1. Já nas construções em inglês a negação pode

ser adjacente tanto ao V1 quanto ao V2. Todavia, não há nenhuma menção quanto ao escopo da negação. Já as construções semelhantes às **CFFs**, em espanhol, exibem o mesmo padrão de negação das **CFFs**. Desta forma, o Português e o espanhol se distinguem de outras línguas em relação a negação das construções do tipo das **CFFs**.

3.11) Outras propriedades das CFFs

Apresentarei nesta seção algumas outras propriedades das **CFFs** que, embora menos freqüentes no *corpus*, complementam, sem dúvida, sua descrição e análise.

Observei, por exemplo, que algumas **CFFs** com **ir** são realizadas na forma de uma oração principal de uma cláusula temporal (6%) ou condicional (5%), como mostram as ocorrências (116-117) e (118), respectivamente:

(116) E- É e teu marido, fala, aí um pouco sobre ele. [como é que ele é?]

F- [Meu marido é] legal. Ele é legal à beça. Tem hora que ele é legal, sabe? (est) Mas tem hora também que ele irrita, ele fala umas coisa que não me agrada. Porque ele (inint) é muito ciumento. Demais. Isso enjoa. Ele é ciúme mata qualquer um. Ele é legal também. Ele conversa, a gente brinca. Tem hora que a gente também às vezes aborrece, a gente briga. Mas ele é legal. A gente se amarra. Eu sei lá, mas tem hora que a gente não dá, não (hes) tem hora que dá ("vontade") de matar um o outro também! (riso e) Gente briga para caramba. Tem hora que a gente ("estamos") rindo, brincando. Tem hora que a gente estamos brigando. Assim vai levando a vida. Já tem três ano que eu estou com ele. Assim a gente vai levando. Briga hoje, amanhã está rindo. Hoje, briga, amanhã está brincando. E assim a gente vai indo, não é? Sai levando a vida para frente até quanto der. **Quando não der mais, eu vou fico de um lado ele vai para o outro**, também! (est) Está tudo certo.

(117) E- Você acredita em horóscopo?

F- Quem acredita mais aqui em casa em horóscopo é minha mãe, não é? Mas eu gosto de horóscopo, eu acho um negócio interessante! Como sei lá? acredito! (est) **sempre que eu posso escutar meu horóscopo na televisão, eu (riso) vou lá, escuto.** sou de peixes, não é?

E- Ah, é?

F- Sou. Aí vou lá, escuto. É bom, não é? [não] que a pessoa assim, por exemplo: tem vezes que dá horóscopo todo errado, não é? Na- por exemplo naquele dia: : "ótimos planos não sei o que não sei o que lá." dá tudo ao contrário mas você- só a intenção que você teve de- em ouvir, não é? Acho que vale a pena!

(118) E- Se você tivesse que começar tudo de novo, sua mulher trabalharia?

F- Se <priciz-> ela trabalhava em casa. Ela <fa...> lavava roupa para fora. (est) Ela grávida, ainda (hes)- lavava- tinha três lavagem de roupa. (está) Grávida! Mas, graças a Deus, sempre passou bem; temos cinco filhos, três mulheres e dois rapazes. Foi tudo bem, a gravidez. Então, ("ela trabalhava") normalmente. Encerava a casa (hes)- as vez ("a gente") saía de casa, estava um móvel de ("dia"), quando chegava estava tudo diferente. Eu digo: é- (est) ela arrastava aquilo tudo, mesmo grávida (inint). Sempre passou bem.

E- Que bom! Não e? (está) (inint) [E as suas filha-]

F- [E eu nunca fui] pessoa [de]- [de]- de- que tem camarada que é enjoado, não é? Eu nunca fui assim. **Se eu tiver que ir ali beber água, eu vou lá e apanho a água e bebo-** (está) apanho o copo. Tem pessoa não. Que está sentado: "fulano, me dá um café. Fulano [me dá]- me dá água?" (est) E eu nunca fui desse tipo. (est) Tiver que ajudar, eu ajudo- sempre fui assim. ("Até") no tempo da minha mãe e tudo. (est) Eu, aos domingo, <fi->- ("então (hes) eu varria a casa, tirava o pó-

As **CFFs** com **pegar** e **chegar** não se realizaram sob tal configuração. Em (119), entretanto, temos um caso em que uma **CFF** com **chegar** corresponde à própria cláusula condicional:

- (119) E- [E no] seu tempo, você falava assim palavrão que nem a turminha hoje fala?
F- Ah! não! Perto da minha mãe não falava mesmo.
E- Quer dizer que você acha que está mudando alguma coisa?
F- ("Set"). Perto da minha mãe, então **se eu chegasse e falasse assim: "Ah, merda!" Minha mãe, na mesma hora, dava um tapa na boca.** agora não!
Agora, a vizinha lá perto de casa, os filho dela, (inint) a mãe fala: "Minha filha, vem comer que está na hora de ir para o colégio" "Ah! Merda, eu não vou!" Ah! (hes) não se fala assim, não é? Com pai e uma mãe! Eu acho que- então para o meus filho eu estou dando educação que minha mãe me deu, sabe? (st) que eu acho muito feio a criança (ruído) pequena ficar falando palavrão, xingar mãe. ...às vez eu e minha mãe ficamos horrorizada de ver, de vizinho lá (inint) como é o tratamento dos filho com a mãe e o pai, sabe? (está)

As **CFFs** com **chegar** também podem ocorrer em posição [+ argumental] sob a forma de complemento de uma oração adjetiva, como em (120) e (121).

- (120) E- [É verdade.] [E como fazer?] (est) E como fazer para sair dessa situação? (ruído) É uma coisa que eu me pergunto, também, (ruído) não é...
F- Como fazer? Não é difícil não. É bem fácil. É perigoso, não é? Mas é fácil. É que todo mundo precisa nunca- precisa ser honesto não. Seja só um pouquinho honesto. [pois é. (inint)] É questão política. Um diz que o outro é ladrão, mas ninguém diz que rouba. (inint.) O candidato que ganharia voto, seria eleito pela unanimidade era aquele que chegasse lá e falasse: "Não, eu vou tirar um pouquinho, mas vou deixar para- vou fazer por vocês." Mas ninguém fala! Só fala [que]- que é honesto. Mas, se ele falar: "Não, vou tirar mas vou fazer por vocês." Aí seria eleito facilmente. "Não, vamos votar nesse porque pelo menos ele falou que faz. Vai tirar e vai se fazer." ("Mas não,") (inint) Que [faz] faz, não fazem nada. Eles fazem muito por eles. Caderneta de poupança? Caderneta de poupança. Não é um investimento bom. O melhor investimento que tem aqui é agora, é a política. Esses candidatos aí, a vereador, a deputado. Você gasta o quer? Quanto você gasta para fazer [uma]- uma campanha? Quanto vai ganhar quanto? De quatro anos lendo aquilo ali. O que você gasta, você não vai

ganhar nos quatro anos. Agora, porque que você gastou aquilo tudinho, [para] [para] ter prejuízo? Você está gastando agora, não é? [na]- Na moeda de agora.

(121) E- Mas eles devem ser necessitados, não é? eles-

F- Não, não têm necessidade não.

E- De roubar, não têm?

F- Diversão, é mole? eles roubam para dar os outro.

E- Para dar, cara?!

F- Tipo Tobin Hood, rouba [na]- na sul, para dar aqui para os outro que necessita.

E- Caramba!

F- Diversão. Tem filho aí- um garoto aí- filho de capitão, tem filho de sargento. Mas rouba, que sabe que pai vai soltar, aí vai dar aos outro. Esse que eu falei que é muito meu amigo, esse que chegou e assumiu tudo, esse necessita. (tosse f) tanto ele necessita que eu cheguei, fiz pedido, cheguei a chorar no pés da minha mãe para minha mãe defender ele, para tirar ele de lá de dentro, que ele me tirou, então eu quero que ele <ti...>- que a minha mãe <ti...>- queria que a minha mãe <tira...>- minha mãe, como minha mãe e ele foi me buscar, não podia. Arrumei um colega que tirou ele. Mas ele continua na vida.

E- Não adianta, não é, cara?

F- O outro não, os outros roubava de diversão mesmo. Tanto (hes) que eles roubam, eles rouba moto para andar.

Observei ainda que algumas ocorrências de **CFFs** com **chegar** se apresentam sob uma forma especial, que parece elaborar alguma idéia expressa no discurso precedente. Neste caso, a **CFF** veicula algum tipo de informação que explica ou exemplifica uma idéia (122) ou situação (123):

(122) E- Já foi assaltado?

F- Já.

E- Quantas vezes?

F- Uma só. (est)

E- E como é que foi? dá para você contar?

F- (ruído) Estava eu, namorada, (est) uma meninas, tudo vindo de uma festa, normal. Todo mundo- nós viemos nos andando para apanhar um carro, ou um ônibus, que passasse, que era tarde para vim para casa. (est) saiu (hes) uma garotada do conjunto, garotada nova, (ruído) foram- mas eles- a intenção deles não era roubar dinheiro de ninguém, era roupa. (est) Aí, roubaram um tênis de um colega.

E- Tênis?!

F- É, roubaram um [tênis.]

E- [("p", então")] Era gente necessitada, não é, cara?

F- Roubaram meu cordão de ouro, meu relógio, também era de ouro.

E- Pô, você se arrisca a sair (falando rindo) com um relógio de [ouro?!] (f)

F- [Eu só ando] de ouro. Hoje estou assim, que eu tirei ontem, mas ontem estava com o cordão.

E- É mesmo, cara?!

F- Levaram- eu arriscava, depois disso, eu não arrisco mais, eu ando com um cordão só. Levaram o relógio, queriam levar a camisa, eu falei para eles: "que é isso, eu acho isso **uma ignorância de vocês chegar e levar a camisa**. Isso é burrice. Vocês estão necessitando de dinheiro, não precisa roubar. Se pedir, as pessoas dão". Eu falei para eles. [Fui] agredido.

E- [Você falou, cara?!] você foi agredido?

F- Fui. (est) e [não]- não fiz nada também, que eu estava vendo desvantagem, eles armado.

(123) E: Ah, então. ("Deixa eu ver.") (pausa) Ahm... (inint) (pausa) Ah, você gosta ("desse") seu bairro?

F: Adoro!

E: Ehm...

F: Morro de paixão!... (risos)

E: E... o que... você acha que tem de bom, que tem de ruim?...

F: O que tem de bom aqui eu acho que é a praia durante o final de semana, que só tem morador, fica fazia... fica uma delícia, sabe? fica super tranquila... Tem sempre gente se exercitando... [(est)] andando no calçadão, na ciclovia... e

fazendo até aqueles aparelhos que ficam na praia, (“aqueles ferros”)... e na praia mesmo!... [sabe?]1 [(est)] Os aparelho de ginástica, tem sempre gente andando com cachorro! tem tudo. Eu achei ele muito tranqüilo... eu adoro... muito tranqüilo. Aqui em casa por exemplo tem muito passarinho, se você parar perceber, [sabe?] [(est)] Começa ah... barulho de passarinho eu adoro! esse contato, sabe? (pausa) E... o que mais? Eu adoro a praia daqui, que tem um... um aí!... uma... Ai meu Deus! esqueci!... (riso f) (“tem um”) parque! aqui. [(est)] Uma reserva ecológica, [(“certo?”)]

E: [Hu-hum.]9 [Hu-hum.]1 [Hu-hum.]2 [De...]3 [Ah!... tá.]

F: Sabe? pra você andar é bom, só que, ela é muito bonita, só que é é meio perigosa, porque assim... pessoal freqüenta, mas... não freqüen- assim, freqüenta mas não é **aquele negócio muito cheio, que *você pode chegar e ficar andando por ali***; sabe? tem umas trilhas muito bonitas por ali, porque é muito verde!... Mas também já pensou! Pode alguém pular! Da Via Nove que é uma rua que dá até na praia e só pode pular da Via Nove pra dentro dessa reserva!... e assaltar numa boa, porque... ele fica cheio mas só onde tem os brinquedinhos pras crianças... [(est)] e uma ou outra pessoa andando até ali por dentro. Mas eu acho que no final de semana fica mais cheinho. Mas eu nunca fui assim final de semana não. Mas eu ia quando eu era menor, porque... ia muito mais gente pra lá, né? Tudo que era morador ia pra lá! E agora com o Shopping Recreio também é maravilhoso, super tranqüilo... Eu gosto à beça do cinema do Shopping Recreio, eu adoro!... E agora eu tô... (falando rindo) tô sempre aqui!

Uma vez apresentadas as propriedades relacionadas à configuração sintática das **CFFs**, passo agora à parte deste capítulo, em que discutirei a sua função pragmática.

4) A função das CFFs no discurso

Os autores como Bechara (1999), Tavares (no prelo), Stefanowitsch (1999, 2000), Hopper (2002) e Arnaiz & Camacho (1999) correlacionam as construções semelhantes às **CFFs** a algumas funções básicas, tais como:

- i. aspecto (inceptivo);
- ii. contraste entre figura e fundo (*grounding*);
- iii. ação inesperada ou surpresa (contra-expectativa ou contrajunção);
- iv. tomada de decisão.

Contudo, tendo em vista o largo *corpus* analisado (*ir*= 227 ocorrências; *pegar*= 85 ocorrências; *chegar*= 81 ocorrências), verifiquei que algumas dessas hipóteses não podem ser confirmadas no que diz respeito às **CFFs**, em PB. Mostrarei a seguir que as **CFFs** não são responsáveis, pelo menos não independentemente, pelas noções semânticas de contrajunção e tomada de decisão, bem como pelas funções de aspecto e de *grounding*, muito embora seja possível determinar alguns tipos de contextos específicos em que essas construções tendem a ocorrer.

Argumentei, no item 3.7, que parece existir uma correlação entre o tipo de V1 tanto em relação às seqüências textuais quanto à organização textual. As **CFFs** com *ir* e *pegar* tendem a ocorrer mais em narrações enquanto as **CFFs** com *chegar* são mais usadas em trechos argumentativos. Em relação à organização textual, as **CFFs** com *ir* e *chegar* tendem a atuar mais na progressão textual. Todavia, há diferenças quanto aos outros contextos. As **CFFs** com *ir* são usadas em todos os contextos, quer de introdução e reintrodução, quer de fechamento de tópico. Já as **CFFs** com *chegar* não são usadas em fechamento de tópico. As **CFFs** com *pegar*, por sua vez, não se associam a contextos de introdução de tópico.

Não defendo, entretanto, que as próprias **CFFs** são independentemente responsáveis pelas funções de organização textual, uma vez que a retirada de V1 parece não comprometer o entendimento do texto.

Em relação às questões relacionadas ao valor aspectual das construções do tipo *hendiadys*, semelhantes às **CFFs**, Hopper (2002) propõe que a construção “**start and**” tem um valor inceptivo. Tavares (no prelo) também defende que as construções com **pegar**, como (124), apresentam um valor aspectual inceptivo:

(124) porque mui/ muitos amigos fazem aniversário ... faz a festinha ... convida ... a ... o cara é legal ... num sei quê ... bom me convidam ... **pego e vou** ... uma reca assim ... um bando ... arrastão pra festa ... por isso que eu digo que essa foi a melhor coisa que aconteceu assim ... pra mim ...

Hopper (2002) também assevera que a construção **turn round and** funciona como um aspectualizador cuja função é sugerir uma ação que ocorre em resposta a uma situação ou ação não esperada.

Stefanowitsch (1999), por sua vez, afirma que um dos significados das construções do tipo **go-and-verb**, em algumas línguas, como o sueco, se relaciona à expressão de uma ação contínua marcada por um valor aspectual progressivo habitual, como em (26), repetido aqui em (125):

(125) något jag har gått och tänkt mycket på
sth. I have gone and thought much about
'something I have been thinking about a lot'
(Lit. “alguma coisa que *eu fui e pensei muito a respeito*.” = “alguma coisa sobre a qual eu tenho pensado muito a respeito.”)

Já Arnaiz & Camacho (1999) acreditam que as construções do tipo **go-and-verb**, em espanhol, exibem um valor aspectual que modifica a estrutura interna da ação verbal.

Contrariando todas as afirmações acima, minha hipótese é a de que as **CFFs** não contribuem para o quadro aspectual do PB. Para nenhuma das ocorrências do *corpus* foi possível aferir uma interpretação aspectual clara que decorra apenas do V1. Quanto a (124), questiono a validade da hipótese de que *pego e vou* possui um valor inceptivo.

Castilho (1968: 62) define aspecto inceptivo como indicador dos primeiros momentos da ação e lembra que há duas modalidades de inceptivo: inceptivo incoativo e inceptivo propriamente dito.

O aspecto inceptivo incoativo indica o “começo da ação a que se segue uma mudança de estado” (Castilho 1968: 67). Os sufixos **–ecer** e **–ejar** são indicativos de incoação em Português, como em *amanheceu* e *fraquejou*.

O inceptivo propriamente dito é expresso por verbos como *começar*, *encetar*, *principiar*, independentemente do tempo verbal em que estejam conjugados⁴⁰. Dentre as perífrases indicadoras de aspecto inceptivo descritas por Castilho (1968: 64-65), destaco duas que particularmente interessam a esse trabalho. A primeira delas é formada pelo verbo **pegar a + infinitivo**, como em “**Pegou a falar** que não aceitaria tais condições”. A segunda é formada pelo verbo **agarrar a + infinitivo**, como em “**Pedro não viu nada, garrou a ficar** com dó da velha ()”.

Apesar da configuração sintática dessas perífrases, é interessante notar que a construção **pegar a + infinitivo** esteja incluída dentro do conjunto de perífrases aspectuais do Português. Hopper (2002) chama a atenção para o uso, em inglês, de formas como **try to** e **try and** (cf. Cap. I), que, segundo Quirk *et al.* (1985: 987-8 *apud* Hopper 2002) são semanticamente equivalentes, embora a segunda seja mais característica do registro informal e esteja associada a uma idéia de desaprovação por parte do falante, como em “*He went and complained about us*” (“Ele foi e reclamou de nós.”)⁴¹. Todavia, as descobertas de Nordquist (1988) provam o contrário revelando que as construções **try to** e **try and** não são semanticamente equivalentes. Segundo o autor, **try to** pode indicar que a ação de V2 será sucedida ou não. **Try and**, por sua vez, funciona como um modal e sinaliza a ação expressa pelo V2 não será completada. Portanto, **try and** e **try to** se distinguem do ponto de vista semântico, na medida que a primeira construção teria se especializado no significado de “não realização” (*unaccomplishment*), que seria menos óbvio na segunda.

⁴⁰ Castilho (idem) salienta que “a diversidade dos tempos adotados tão somente dilui ou torna mais preciso o momento por que principia a ação”.

⁴¹ Acredito que a noção de desaprovação veiculada por esse enunciado está ligada mais à semântica do verbo “reclamar”, que em si já geraria uma desaprovação por parte da vítima da delação, do que à construção **go-and-verb**.

Como os estudos sobre construções como as discutidas nesta tese ainda são muito incipientes no Brasil, não há evidências sobre a correlação de uso entre as construções **pegar a + infinitivo** e **pegou e falou**, por exemplo. Só um estudo em conjunto dessas duas estruturas poderia esclarecer se de fato o valor aspectual da perífrase com **pegar**, como em *pegou a falar*, se mantém na forma *pegou e falou*, por exemplo. Não acredito, no entanto, que a análise de *pego e vou*, em (124), seja conclusiva.

A construção *pego e vou* está inserida numa estrutura condicional “*se me convidam eu pego e vou*”, e parece estar ligada mais à noção de ação habitual, recorrente, do que à de inceptivo. De fato, Castilho (1968: 66-67) ressalta que existe uma sobreposição dos aspectos inceptivo e iterativo em perífrases com verbos télicos, que tende a indicar repetição, como em “*Levada em parte pela sua natural solicitude (), começou a intervir na minha vida ()*” (C. dos Anjos *apud* Castilho 1968: 66-67). Essa mesma confluência de valores não seria possível, segundo o autor, quando o verbo é atélico, como no caso de “***Começou a caminhar em direção à casa***”.

Creio que o que está em foco no enunciado (124) é o fato de o falante freqüentar ocasionalmente algumas festas, quando convidado, e não o início da ação de **ir**. A flexão dos verbos **pegar** e **ir** no presente favorece essa interpretação de um estado-de-coisas habitual. Mas vejamos que se transpuséssemos os verbos para o passado, embora se perdesse a leitura inicial, ainda assim não é evidente o valor de inceptivo. Em (126), parece que o que está em jogo é o término da ação e não seu início. Note, contudo, que a ausência do verbo **pegar** não alteraria essa interpretação:

(126) bom, me convidaram, **peguei e fui**.

Não encontrei evidências da relação entre as interpretações semânticas e os tempos verbais das **CFFs**, uma vez que o que defendo aqui é que essas construções não possuem nenhuma função gramatical e nem um valor semântico específico. Admito que sua ocorrência está vinculada a alguns valores semânticos, como tomada de decisão, contração e *grounding*, mas insisto que (a) esses valores não são válidos para todos os

casos de **CFFs** e que (b) a presença das **CFFs** apenas os acentua, uma vez que esses valores já se encontram disponíveis nos contextos em que essas construções emergem.

Veja, por exemplo, que, em (127), há um contraste aspectual entre os enunciados “*ele tava comendo*”, no imperfectivo, e “*ele foi me deu uma dentada*”, no perfectivo. Contudo, esse contraste permaneceria se, ao invés do uso da **CFF**, “*ele foi me deu uma dentada*”, tivéssemos apenas “*ele me deu uma dentada*”. Desta forma, defendendo que, por mais que as **CFFs** possam emergir em contextos de mudança aspectual, como em (127), sua função não é a de marcar aspecto:

(127) E: E como é que foi a sua mordida (E falando com risos) e a mordida da sua amiga?

F: Bom, a mordida da minha amiga foi... acho que [foi]... foi nas pernas, né? O cachorro pegô ela nas pernas, na perna, né? e comeu quase toda - toda a perna dela. O cachorro, um cachorrão, né? Pô, ela teve que costurá toda a perna, né? Acho que tomô umas cem injeções, mais do que isso. Foi muito, foi horrível.

E: E você, disse que foi mordida pelo seu próprio cachorro (risos de E). Como é que foi isso?

F: Ah, foi eu caí em cima dele, né? tava brincando, eu caí em cima do meu cachorro, **ele tava comendo**, né? ***Aí ele foi me deu uma dentada***. Foi ... acho que foi ... é , foi no braço. Eu tive outra mordida de gato também, que eu tava tentando separá-lo, né? da gata, né? aí ele me mordeu.

E: Cê tem gato em casa?

F: Tenho. Eu tenho um gatinho.

O contraste entre aspecto perfectivo/imperfectivo marca também o contraste entre planos discursivos. Hopper & Thompson (1980: 280) enfatizam que, em qualquer situação de fala, certas informações são mais relevantes que outras. Segundo os autores (1980: 282), a recorrência de um ou outro elemento gramatical relacionado a *grounding* sugere que alguma limitação psicológica no processamento do discurso deve estar envolvida, já que os falantes aparentemente necessitam sinalizar morfossintaticamente aquelas partes do discurso que devem ser tomadas como mais relevantes.

A parte do discurso que não contribui imediatamente ou crucialmente para os objetivos do falante, mas simplesmente auxilia, amplifica ou comenta, é chamada de fundo (*background*). Por outro lado, o material que embasa os pontos principais do discurso é conhecido como figura (*foreground*). A figura representa o esqueleto do texto, formando sua estrutura básica. Já o fundo preenche esse esqueleto, mas é irrelevante para sua coerência estrutural (Hopper & Thompson 1980: 281). Ademais as cláusulas que atuam como figura obedecem a uma ordenação temporal; qualquer mudança na ordem de uma delas acarretaria uma mudança na interpretação da ordenação dos eventos. As cláusulas de fundo, por sua vez, não são ordenadas e podem até ser movidas de acordo com as cláusulas de figura.

Inúmeras línguas possuem elementos morfológicos e sintáticos para marcar a distinção entre figura e fundo. Esses elementos vão desde partículas discursivas, colocadas em pontos estratégicos para chamar a atenção do ouvinte de que as cláusulas atual ou seguinte são figura, até elaborados paradigmas verbais (tempo-aspecto) especificamente utilizados nessa distinção. Hopper & Thompson (1980: 281) atestam que, em Swahili, por exemplo, o tempo passado narrativo é indicado pelo prefixo verbal *li-*: ***a-li-soma*** ‘ele passado-leu’ etc. Contudo, quando temos uma seqüência de vários verbos denotando eventos, apenas o primeiro recebe um prefixo temporal explícito. Os outros são marcados com o que foi denominado prefixo temporal consecutivo ***ka-***, como em (128). O prefixo ***ka-*** é usado somente para narração de eventos consecutivos, ou seja, indicam que os verbos aos quais se anexam representam as partes de figura na narrativa:

(128) **Tu-LI-po-sema vile, wa-KA-jua kama wevi, Mara lie**

We-li-when-say thus they-ka-know as thieves at once that

wa-KA-ondoka wa-KA-kimbia

they-ka-leave they-ka-run away

‘When they said this, they knew that they had been recognized, and they at once got off (the train) and ran away’ (Harries 1965:131 *apud* Hopper & Thompson *op. cit.*:281)

(Tradução: ‘Quando eles disseram isso, eles sabiam que tinham sido reconhecidos, e imediatamente saltaram do trem e fugiram’)

Por outro lado, a sequência de eventos é interrompida por outros eventos que não são centrais para a narrativa, e são, portanto, identificados como fundo. Nesse caso, o prefixo *ki-* é usado:

(129) Hata wa-Li-kuwa wa-KI-rejea kuja zao kambini, wa-KA-shuka

Until they-*li*-were they-*ki*-return come their to camp they-*ka*-descend

Kilima-ni magharibi, Mara wa-KA-kuta kondoo, bwana

hill-LOC west suddenly they-*ka*—come upon sheep master

Wangu KA-m-piga kondoo mkubwa sana na pembe zake nzito

my *ka*-him-shoot sheep big very and horns its heavy

sana

very

‘When they were making their way back to camp, they came down a hill on the western side, and at once came upon some wild sheep, and my master shot an enormous sheep, and its horns were very heavy.’

(Tradução: Quando eles estavam voltando do campo, eles descenderam por um morro a oeste, e imediatamente se depararam com algumas ovelhas selvagens, e meu senhor atirou numa ovelha enorme e seu chifre era muito pesado.)

Voltando às construções *go-and-verb*, Hopper defende que uma das funções das construções do tipo *turn around and* e *start and* é marcar, na narrativa, o contraste entre fundo e figura, na medida em que destacam uma ação importante (Hopper & Thompson 1980:280).

Travaglia (1991:103) atesta que muitos autores correlacionam o contraste entre figura e fundo ao aspecto verbal. Por exemplo, Li, Thompson & Thompson (1982), Hopper (1982) e Rafferty (1982) defendem que o fundo se constitui de formas verbais do imperfeito e a figura, de formas do perfectivo, sendo que o perfectivo “chama a atenção para pontos importantes na história, drama ou conversação” (Rafferty 1982 *apud* Travaglia 1991).

Ao tratar do contraste entre figura e fundo, entre primeiro e segundo planos no texto, Travaglia (1999: 103) defende que, no Português, o mecanismo e os elementos (formas,

categorias) envolvidos nesse contraste estão ligados à relevância pragmática, que se dá através, entre outros recursos, do uso de formas verbais, como em (130), em que a mudança de aspecto imperfectivo/perfectivo indica contraste entre figura e fundo (Travaglia 1999: 107). Os verbos no perfectivo descrevem os eventos que aparecem em primeiro plano e funcionam como figura e os verbos no imperfectivo codificam os eventos que aparecem em segundo plano e funcionam como fundo:

(130) “i cumu eu vô sempri na casa da Teresa, eu peçu carona pra eli, porque é na rua deli mesmu, né. Intão, ele desci, mi de(i)xá lá, né. Depois eu voltei da casa... Eu sempre vejo eli depois... eli vem... sei lá... intão, cumu eli num tava passan(d)u, né, **eu peguei i fui... fui à pé mesmu**. I quan(d)o to passan(d)u im frenti à casa deli, eli ta lá cum duas menina” (NURC/SP DID 059 *apud* Travaglia 1999: 107).

Note, entretanto, que Travaglia atenta apenas para o contraste entre os usos do aspecto perfectivo e imperfectivo, sem considerar a estrutura “**eu peguei i fui**”, que introduz o perfectivo. Esse fato dá respaldo à hipótese defendida nesta tese de que as **CFFs** não contribuem para o quadro aspectual do texto. No enunciado “**eu peguei i fui**”, o V1, *peguei*, marca, e conseqüentemente destaca, uma tomada de decisão expressa pelo V2, *fui*. Vê-se pelo desenrolar dos fatos que o destaque sobre essa decisão não é gratuito, uma vez que a partir daquela ação os fatos tomaram novo rumo: a informante flagrou a traição do namorado.

Essa função de destacar algum evento importante também foi atribuída, por Hopper (2002) à construção **go ahead**, que funciona, entre outras coisas, para sinalizar pontos que o ouvinte deve valorizar. Embora esse seja também um valor atribuído às **CFFs**, defendo que, nem sempre, o evento destacado pelo uso das **CFFs** é, de fato, o evento mais importante ou mais relevante no contexto discursivo. Veja que, em (131), o falante descreve os passos de um receita de arroz e não se pode dizer que o uso da **CFF** marca o evento mais importante, uma vez que todos os passos da receita são relevantes:

(131) I- E quando você faz, como é que você faz, assim, um arroz? Essas coisas.

F- Fazer um arroz?

I- É, como é que faz?

F- Como é que eu faço?

I- É.

F- Eu boto a água para ferver, aí cato o arroz, **aí vou lavo**. Aí boto alho na panela com a banha, aí deixo o alho corar, aí jogo o arroz dentro, aí espero refogar.

Nesse caso, o uso da CFF parece obedecer também à subjetividade do falante e não apenas à relevância das informações descritas.

Nos trabalhos consultados é muito recorrente a asserção de que as construções do tipo **go-and-verb** introduzem uma ação inesperada que altera o curso previsível da narrativa. Stefanowitsch (1999), por exemplo, defende que “**he went and did it**” (“ele foi e fez isso”), em (132), expressa uma noção de surpresa, na medida em que introduz um evento que contradiz as expectativas em relação ao primeiro enunciado “**Nobody thought he could climb Everest**” (“ninguém acreditava que ele escalaria o Everest”):

(132) **Nobody thought he could climb Everest, but he went and did it!**

(“Ninguém achou que ele escalaria o Everest, mas *ele foi e fez isso!*”)

Hopper (2002) também defende esse valor de contra-expectativa para as construções do tipo **turn around and**, como em (133):

(133) **you ask 'em to lend you a fiver and they might <laughs> turn round and tell you to sod off**

(“Você pede a eles que te emprestem uma nota de 5 dólares e eles podem (virar e) falar pra você desaparecer.”)

Observei que esse mesmo valor pode ser encontrado em alguns casos de **CFFs**, como em (134):

(134) O banco é uma coisa assim que- tem muita coisa ruim, não é? <pa...>-. Sabe? Aquele paranóico que chega, sabe? Que tira tua atenção, aquele- não sei, não é? Acho que, [no]- no geral, sabe Roberto, vai muito também [da tua]- da tua natureza, sabe? Da tua, digamos assim, índole, sabe? de aceitar, ou seja, admitir, está? aquela idéia de estar trabalhando assim para um sistema fechado, está? (est.) E, sabe? Se moldar- se moldar não é bem a palavra. Sabe? Adaptar o teu trabalho para tua natureza, ou então pular fora, está? Se dar para adaptar, tudo bem, você fica; se não, você sai fora. A Sílvia, por exemplo. A Sílvia é psicóloga. Devido ao campo de trabalho, não é? Estar a maior braba mesmo, estar russíssimo assim para todo mundo, a Sílvia foi lá no Banco Nacional, <pá>, se inscreveu- (ruído de um líquido sendo despejado) - barulho gostoso, não é? -- (risos) A Sílvia se inscreveu- aí passou, <pá>, tudo bem, psicotécnico, mil coisas, não é? Passou. Mas ela é psicóloga formada, não é? Então não estava atuando, primeiro lugar, porque, sabe? Não corre atrás como deve. Porque, quando você quer, você acaba conseguindo pelo menos um estágio, não é? (est.) Ganhando pouquinho, <pá>, mas consegue. Mas **a Sílvia foi virou bancária**. A gente passou assim, o quê? Teve [um]- um convívio muito pequeno.

Entretanto, tanto em (132) como em (134), a presença da conjunção adversativa *mas* já assinala que alguma informação contrastante será introduzida. Desta forma, defendo que o valor semântico do enunciado não é alterado pela presença das **CFFs**, uma vez que se ao invés de “**a Sílvia foi virou bancária**” tivéssemos “**a Sílvia virou bancária**” o mesmo contexto de contra-expectativa se manteria.

Ademais, a contra-expectativa não é um valor muito característico das **CFFs**, como mostra a Tabela 16. Veja que os resultados para *ir* e *pegar* são estatisticamente irrelevantes. Já aqueles para *chegar* são um pouco mais significativos:

Tabela 16: Contrajunção nas CFFs

V1	IR		CHEGAR		PEGAR	
	N	%	N	%	N	%
Contrajunção	5/227	2	12/82	25	1/85	2

As ocorrências (135-136) são representativas. Vale ressaltar que o valor de contrajunção nas **CFFs** com **chegar** estão mais vinculados a contextos de argumentação e descrição e não de narração, como parece ser o caso das construções em inglês.

(135) E- E essas casas são própria?

F- Não, é do jardim. vão passar- diz meu tio que estão com uma proposta para passar para os moradores, não é? Comprar. Se passar, é uma boa, não é? (está) E aí passa a ser nossa. [pode fazer- pode] fazer dois andar, ("se") quiser melhorar, ("a gente") pode fazer. Agora a gente fazer dois andar, melhorar a casa, **depois chega a repartição e toma**, não é? Gasta um dinheiro e não aproveita nada.

E- Há pouco tempo atrás, [eles]- eles estavam dizendo que todo mundo tinha que sair daí, não é?

(136) F- Ah, eu acho que deveria ter mais ajuda, não É? [mais]- mais empregos, não É? porque, poxa! [a gente]- a gente anda atrás de emprego, não consegue, sabe? tem muito desemprego. Eu acho que essas pessoas que tinham vontade de subir, não É? eu acho que deveria ter mais emprego, [mais]- mais oportunidade, sabe? geralmente, muitas pessoas têm aquela vontade de trabalhar, [vai]- vai no emprego, faz seleção, (entrevistador tossindo) aqueles que não precisam, sabe? passam, conseguem emprego, os que precisam, poxa! não consegue, poxa! eu acho que, sabe? deveria ter, sabe? [um]- um- sei lá, um melhor apoio de alguém, o governo. Sei lá, assim, sabe? para ter mais emprego. É duro (inint) a gente sair sabe? estudar, trabalhar, assim, para conseguir uma coisa, poxa! **chega lá e não consegue**. Um montão de exigência, sabe? tem gente, poxa, que não tem condições de estudar, tem gente que, não É? É aquilozinho só e tudo bem. Então vai quem, poxa, quem tem um nível de escolaridade tudo bem. quem não tem, poxa! vai trabalhar em casa de família. ("p") Aí não dá acho que deveria ter oportunidade para essas pessoas assim, sabe?

Mais uma vez, é preciso dizer que a noção de contrajunção já está disponível, de certa forma, em (137-138). Observe que, nos dois casos, não é o V1 o responsável por nenhuma

alteração semântica dos enunciados. Compare (137) com (135) e (138) com (136) e veja que a noção de contrajunção permanece disponível em (137-138) mesmo sem o V1:

(137) “**Não dá pra gente fazer reforma na casa e depois a repartição tomar a casa da gente.**”

(138) “**É duro a gente sair, estudar, trabalhar para conseguir uma coisa e não conseguir**”

Um outro valor atribuído às construções do tipo **go-and-verb** é o de tomada de decisão, defendido principalmente por Stefanowitsch, para enunciados como (139):

(139) **We asked him not to call the police, but *he went (ahead) and did it anyway.***

(“Nós pedimos pra ele não chamar a polícia, mas *ele (foi (em frente) e) fez isso de qualquer maneira.*”)

Verifiquei que, de fato, alguns casos de **CFFs** são responsáveis pela sinalização de uma tomada de decisão. A Tabela 17 mostra que esse valor é mais recorrente, contudo, nas **CFFs** com **pegar**:

Tabela 17: Tomada de decisão nas CFFs

Tomada de decisão	V1		IR		CHEGAR		PEGAR	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim	4	2	2	3	20	24		
Não	223	98	80	97	65	76		
TOTAL	227		82		85			

Os enunciados (140) e (141) são representativos:

(140) E- Jupira, assim, parece um nome [indígena,] não é?

F- [Indígena.] É, isso mesmo. (balbucio) Foi minha vó, uma mulher a mulher que eu nasci na rua eu nasci no meio da rua, não é? Nasci na Chácara do Céu, mas nasci na rua. Aí, essa dona (balbucio) me pegou para casa dela. Aí,

pegou, ela ("me") botou roupa, lá. Ela disse que quando eu acabei de nascer, ela viu uma cabocla no portão, e essa cabocla era cabocla Jupira. Ela pediu, insistiu para o meu pai botar esse maldito desse nome, que eu tenho um ódio. (balbucio) ***Aí, meu pai pegou botou esse nome em mim: Jupira, Jupira!*** Isso ("até") me cansa. Jupira. Nome feio para [caramba.] (ri) (rindo) Eu não gosto, não! (f) Tenho pavor desse nome. Não sei para quê meu pai foi botar esse nome em mim! Foi por causa dela. Ela disse que quando eu acabei de nascer ela viu uma cabocla. E essa cabocla era cabocla Jupira. Aí, botou esse nome em mim: Jupira! Cabocla Jupira. Não tenho nada de cabocla, aqui. (riso e)

(141) E- (est.) E, [você gosta de ficar]- você gosta de ficar mais onde: aqui, [ou]- ou lá na sua casa?

F- Casa, lá na minha casa.

E- Por quê, Carlos?

F- Principalmente, lá na casa da minha noiva, fico com ela.

E- Ah! Certo! Você está na casa da sua noiva [agora?]

F- [Hum, hum]. (inint) [Eu]- eu estou um tempo lá. Porque eu- [desde que]- desde que eu tive uma briga lá, com meu irmão, aí, eu <peguei>- que ***eu peguei saí de casa***, não é? Aí, eu fui para lá.

E- Ah, você brigou com seu irmão?

F- É.

Note, entretanto, que, o uso de ***pegar*** não é o único responsável pela sinalização da tomada de decisão, uma vez que a sua retirada não comprometeria o entendimento desses enunciados. Ou seja, a noção de tomada de decisão já está implícita no texto, sendo acessível sem o uso específico das **CFFs**.

Tendo em vista as discussões acima, resta definir qual é, de fato, a função das **CFFs**, já que essas construções parecem não apresentar valores semânticos específicos.

Embora não haja uma homogeneidade no que diz respeito a algumas especificidades semânticas e ao ambiente em que as **CFFs** podem ocorrer, acredito que há uma função única que subjaz a todos os casos de **CFFs**. Defendo que as **CFFs** têm uma função

discursivo-pragmática de dramatizar ou enfatizar os eventos codificados em V2. Considero que esse efeito de dramatização ou ênfase se dá pelo acréscimo de mais material lingüístico⁴², ou seja, o V1.

A função de dramatização e ênfase diz respeito às questões relacionadas ao relevo discursivo. Dentre as funções do relevo positivo⁴³, destacadas por Travaglia (1999: 78), “a mais básica é exatamente dar destaque/proeminência, que pode ter funções derivadas tais como: a) enfatizar; b) intensificar; c) marcar um valor especial, indicando que o elemento em relevo deve ser tomado num sentido diverso do habitual, muitas vezes contrário; d) estabelecer contraste; e) reforçar um argumento; f) marcar importância para a estrutura ideacional/informacional; g) marcar o foco informacional etc.”

Assumir as **CFFs** como instanciadoras de relevo é ratificar sua atuação no plano discursivo-pragmático, uma vez que, segundo Travaglia (1999: 127), o relevo não é de nível sintático nem semântico, mas sim pragmático, tendo origem e resultado na interação entre os falantes numa dada situação de comunicação.

Proponho, deste modo, que, além do contraste entre imperfectivo/perfectivo, por exemplo, também as **CFFs** devem ser inseridas entre os diferentes recursos marcadores de relevo do Português.

5) A hipótese da iconicidade

A hipótese do isomorfismo postula que “a condição natural da língua é preservar uma forma para cada significado e um significado para cada forma” (Bolinger 1977 *apud* Haiman 1985: 21). As discussões suscitadas a partir desta hipótese são recorrentes nas pesquisas funcionalistas e remetem a Saussure e à sua proposição do signo lingüístico como uma entidade bilateral, em que um significado estaria sempre correlacionado a uma forma

⁴² Embora não desenvolva a questão, Hopper (2002) cogita a possibilidade de o uso de **hendiadys** estar associado, entre outras coisas, à intenção do falante de compensar, através do aumento do “volume” de itens lingüísticos, os enunciados pequenos, mas importantes.

⁴³ Travaglia (1999: 77) distingue relevo positivo e relevo negativo, sendo que o primeiro visa a enfatizar determinados elementos dentro do texto, enquanto o segundo tem como objetivo rebaixar ou ocultar determinados elementos em relação a outros no texto.

(significante), entendendo que essa relação é arbitrária. Haiman (1985: 22) argumenta que, embora a homonímia (uma forma para significados diferentes) seja relativamente comum nas línguas, o intercâmbio total entre duas expressões lingüísticas (sinonímia) é quase impossível.

Goldberg (1995: 67), tendo em vista a sua proposta de que as construções de uma língua mantêm relações entre si, reinterpreta, com base nos trabalhos de Givón (1985), Kirsner (1985), Langacker (1985), Clark (1987) e Wierzbicka (1988), a hipótese do isomorfismo a partir de quatro princípios. O segundo deles, que é o que me interessa aqui, é chamado de Princípio da Não-sinonímia e prevê que “se duas construções são sintaticamente distintas, então devem ser semanticamente ou pragmaticamente distintas”. Goldberg entende que os “aspectos pragmáticos das construções” envolvem elementos de sua estrutura informacional, tais como tópico e foco, além de aspectos estilísticos como registro. A autora (1995: 2-3) remete a autores como Green, Oehrle, Bolinger, Borkin, Wierzbicka, entre outros, cujos trabalhos têm apontado para as sistemáticas diferenças de significados em construções similares.

Wierzbicka (1988 *apud* Goldberg 1995), por exemplo, contrasta as sentenças (i) e (ii), afirmando que, somente na primeira, o falante presumidamente tem a intenção de atravessar a estrada:

(i) I am afraid to cross the road.

(Estou com medo de atravessar a estrada.)

(ii) I am afraid of crossing the road.

O Princípio da Não-Sinonímia se desdobra em dois corolários. O corolário A prevê que “se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, logo não devem ser pragmaticamente sinônimas” (Goldberg 1995: 67). Já o corolário B pressupõe que “se duas construções são sintaticamente distintas e pragmaticamente sinônimas, logo não devem ser semanticamente sinônimas” (Goldberg 1995: 67).

Argumentei, na seção anterior, que, de uma perspectiva semântica estritamente referencial, as **CFFs** parecem não ser responsáveis por nenhum valor específico. A retirada de V1 não

acarreta mudança semântica, mas sim pragmática. Como ilustram as ocorrências abaixo, a presença do V1 **foi** em (142) em oposição a (143), em que o V1 foi removido, parece não alterar a interpretação dos eventos narrados:

(142) F: [Você] Quase que eu fui atropelado um dia.

E: Como é que foi isso?

F: Eu sai da Escola, fui atravessar a rua, só que numa tava-num tava olhando direito. Tava mais preocupado com o ônibus, né ? Que eu ía perdê o ônibus. Se eu perdesse o ônibus naquela hora eu ía ficar mofando lá... no ponto. Aí eu ia atravessar, o carro foi parou encostou em mim.

E: E aí ?

F: [Aí-] aí **o cara foi buzinou**, quase morri do coração, aí **eu fui atravessei**.
Naquele dia Deus me guardou.

(143) **O cara buzinou**, quase morri do coração, aí **eu atravessei**.

Do ponto de vista referencial (142) e (143) são semelhantes e corroboram as asserções de Goldberg em relação ao corolário A do Princípio da Não-Sinonímia, uma vez que “*o cara foi buzinou*” e “*o cara buzinou*”, além de “*eu fui atravessei*” e “*eu atravessei*”, são:

- i. sintaticamente distintas, vide a presença de V1 em (141);
- ii. semanticamente sinônimas, já que não há contraste entre as interpretações semânticas de (142) e (143); e
- iii. pragmaticamente diferentes, uma vez que (142) ganha ênfase ou dramaticidade pelo acréscimo do V1.

Podemos considerar “*o cara foi buzinou*” em relação a “*o cara buzinou*”, e “*eu fui atravessei*” em relação a “*eu atravessei*” como formas variantes, tendo em vista que as formas variantes *stricto sensu* são aquelas que mantêm o mesmo significado e podem ocorrer num mesmo contexto (Labov 1978 *apud* Gorski *et al.* 2003:109). Nos seus primórdios, a lingüística variacionista, pressupostamente, considerava a existência de variantes apenas no nível morfossintático e fonológico. Gorski *et al.* (2003), compreendendo como *mesmo significado* não apenas o mesmo valor de verdade ou mesmo significado referencial, mas também como

mesmo significado/função, defendem que “é possível tratar fenômenos discursivos como variáveis, utilizando-se do aparato metodológico da teoria variacionista, especialmente no que diz respeito à definição do envelope de variação, i.e., a identificação da variável, das formas variantes e dos fatores condicionantes.” Além do mais, a ocorrência de formas variantes, contudo, em níveis sintático e discursivo, em que não existe sinonímia denotativa plena, pode ser controlada, segundo Naro & Braga (2000), através da postulação de fatores independentes apropriados.

5) Resumo

Apresentei neste capítulo as propriedades morfossintáticas e pragmáticas das “construções do tipo *foi fez*”. Mostrei que essas construções se formam a partir de uma seqüência mínima de V1 e V2, em que V1 corresponde aos verbos *ir*, *chegar* e *pegar* e V2 é relativamente livre. Ademais, verifiquei que as **CFFs** podem ocorrer sob a forma de dois tipos distintos, tipos 1 e 2, caracterizados pela presença ou ausência da conjunção *e*. Propus que as **CFFs** de tipo 1 ainda preservariam a forma da construção que as originou, as construções coordenadas, e as de tipo 2 já estariam num estágio mais avançado de mudança. Esta hipótese é corroborada pelas **CFFs** com *chegar*, que apresentam mais casos de ambigüidade e se realizam majoritariamente como construções do tipo 1 [+ CONJ].

Este estudo levou em conta também os tipos de material interveniente entre V1 e V2; as pessoas do discurso; a animacidade do sujeito; os tempos e modos verbais de V1 e V2; as seqüências textuais em que as **CFFs** ocorrem; a atuação das **CFFs** na organização do discurso; a classe semântica de V2; a negação das **CFFs**; além de outras propriedades.

Os resultados da análise quantitativa revelaram uma certa regularidade no que diz respeito à realização dessas construções. Sendo assim, vimos que V1 e V2 partilham flexões e têm sujeitos correferenciais. Ainda em relação ao sujeito, vimos que as **CFFs** privilegiam a realização do sujeito pronominal que antecede V1 e que a primeira e a terceira pessoa são preferencialmente mais usadas.

A presença de material interveniente entre V1 e V2 também foi verificada nas **CFFs** com *ir* e *chegar*, sendo a partícula *lá* a mais freqüente. As **CFFs** com *pegar* coligidas a partir do *corpus* não apresentaram material interveniente diferente da conjunção *e*.

Constatei que as **CFFs** emergem em porções textuais que se caracterizam pela seqüência de eventos e que há uma correlação entre o tipo textual e o tipo de V1. As **CFFs** com *ir* são mais usadas em contextos de narração e de descrição, sendo menos freqüentes em trechos argumentativos. Já as **CFFs** com *pegar* ocorrem principalmente em textos narrativos, embora também sejam usadas em trechos descritivos e argumentativos. Por outro lado, as **CFFs** com *chegar* são muito mais empregadas em contextos de argumentação, apesar de também ocorrerem em porções descritivas e narrativas.

Ademais, descobri que as **CFFs** com *ir*, *pegar* e *chegar* também diferem quanto a sua ocorrência no plano da organização do discurso. Todas as construções ocorrem em situações de progressão textual e em reintroduções. As **CFFs** com *ir* e *chegar*, mas não as com *pegar*, são usadas na introdução de tópico. As **CFFs** com *ir* e *pegar*, mas não as com *chegar*, podem ser empregadas em sentenças de desfecho, ou fechamento de tópico.

No que diz respeito à classe semântica dos verbos expressos na posição V2, observei que embora a maioria desses verbos representem verbos de processo material, também verbos de outras classes semânticas como de processo verbal e mental foram usados.

Descrevi também o idiossincrático padrão de negação das **CFFs**. Mostrei que o morfema de negação precede V2, mas tem escopo sobre toda a construção e que essa propriedade difere as **CFFs** não só dos processos de coordenação e auxiliarização quanto das construções do tipo *go-and-verb* presentes em outras línguas.

Quanto à função das **CFFs** concluí que elas atuam no nível discursivo-pragmático, dramatizando ou enfatizando os eventos descritos em V2, sendo que essa noção de dramatização ou ênfase é realizada através do acréscimo de mais material lingüístico, ou seja, o V1.

Tendo em vista sua função pragmática, sugeri ainda que as **CFFs** fossem incluídas entre os diferentes recursos marcadores de relevo no PB.

CAPÍTULO III

O ESTATUTO CATEGORIAL DAS CFFs

Introdução

No primeiro capítulo, considerei os principais trabalhos sobre as construções **go-and-verb**, semelhantes às **CFFs**, presentes em línguas diferentes do Português. Ocupei-me, no segundo capítulo, da análise das propriedades gramaticais das **CFFs**, bem como de seu valor discursivo-pragmático. Este terceiro capítulo, todavia, tem como objetivo propor a correta inserção das **CFFs** no quadro gramatical do PB. Inicialmente, discutirei a questão da categorização, tendo em vista as três principais propostas, quais sejam, a clássica aristotélica, a semelhança de família (*family resemblance*) e a teoria dos protótipos. Concluirei que as **CFFs**, dado seu caráter híbrido, são melhor analisáveis tendo em vista os dois últimos modelos, uma vez que pressupõem a existência de entidades lingüísticas não discretas e prevêem, como fundamental, o construto de um *continuum* de categorias lingüísticas. A relevância desses modelos para a análise das **CFFs** se descortina à medida que passam a ser comparativamente estudadas em relação a três construções gramaticais mais delimitadas: as construções coordenadas, as construções com verbos auxiliares, **CVAs**, e as construções com verbos seriais, **CVSs**. Portanto, na segunda parte deste capítulo, apresentarei três hipóteses básicas sobre o estatuto categorial das **CFFs**. A primeira hipótese analisa as **CFFs** como uma possível instância de coordenação. A segunda hipótese questiona se as **CFFs** poderiam ser tratadas como um caso de **CVAs**. A terceira hipótese, por fim, avalia se os casos de **CFFs** poderiam ser considerados como representantes, no Português, de **CVSs**. Minha conclusão será a de que as **CFFs** definitivamente não podem ser analisadas como casos de coordenação nem de auxiliarização, apesar de compartilharem algumas propriedades. Entretanto, mostrarei, com base nos trabalhos que descrevem translingüisticamente as **CVSs**, que essas construções e as **CFFs** compartilham propriedades muito relevantes. Esse intrincado padrão de diferenças e semelhanças entre

entidades lingüísticas é previsto pelos modelos teóricos que defendem a existência de semelhança de família e de protótipos.

O reconhecimento das **CFFs** como uma possível instância de **CVSs** é justificado na medida em que se reconhece que esses dois grupos de construções devem ser analisados como parte de um estudo ainda mais abrangente, a saber, a configuração sintática de cláusulas. Assim sendo, focalizarei, na terceira parte deste capítulo, a relação não dicotômica entre coordenação e subordinação, que pode ser explicada tendo em vista um *continuum* que conecta estruturas [$\pm$ dependentes]. Concluirei que as **CFFs**, assim como as **CVSs**, constituem estruturas que se situam entre os dois pólos desse *continuum*.

Finalmente defenderei que, embora seja possível sugerir que as **CFFs** integram um *continuum* de tipos de construções de predicação complexa, que se verifica translingüisticamente, no que tange ao PB, representam um tipo de construção gramatical absolutamente singular. As propriedades, sobretudo aquelas relacionadas à flexão e à negação, determinam o estatuto das **CFFs**, que permanecem distintas de todas as outras construções do Português. Sustentam minha hipótese os trabalhos desenvolvidos sob o paradigma da gramática das construções (GC), que prevêem que todas construções da língua, até mesmo as mais idiomáticas, são passíveis de uma descrição detalhada de suas propriedades e funções. Apresentarei brevemente, deste modo, no final deste capítulo, os mais importantes conceitos da GC, assim como aclarados por alguns de seus principais estudiosos.

1) A Categorização

Neste capítulo nos defrontamos com o delicado tema da categorização, cuja problemática, como aponta Eco (1997), “obcecou o pensamento humano desde Platão até os cognitivistas contemporâneos”. A questão é ampla e não cabe aqui discuti-la profundamente. No que tange aos objetivos deste trabalho, importa considerar como novas categorias são criadas e como se elegem novos membros para categorias pré-existentes.

Em Lakoff (1987) e Taylor (1995) temos um resumo das principais fases dos estudos sobre categorização lingüística, como aqueles desenvolvidos por Wittgenstein (1953 *apud* Lakoff) e mais posteriormente por Berlin & Kay (1969 *apud* Lakoff 1987) e Rosch (1973 *apud* Lakoff 1987), entre outros.

Esses trabalhos se destacam pela oposição crítica à teoria clássica aristotélica. Na visão clássica de categorização, as categorias, de um modo geral, são analisadas em termos da conjunção de traços suficientes e necessários. Esses traços são binários, isto é, uma entidade só pode apresentar um ou outro traço. Nesse sentido, categorias são bem delimitadas e todos os membros de uma categoria têm o mesmo estatuto. Para esse modelo, nenhum membro pode ser tomado como mais representativo de uma categoria do que outro, ou seja, não há graus de filiação (*membership*) (Taylor 1995: 24) e as categorias são simétricas.

Lakoff (1987: 5) salienta que essa percepção de que as categorias são baseadas em traços ou propriedades compartilhadas não é totalmente errada, mas não resolve todo o problema da categorização, que é muito mais complexo.

Parece que o primeiro a problematizar a teoria clássica de categorização foi Wittgenstein que, em trabalho realizado sobre a definição da categoria “jogo”, concluiu que esta não se encaixava no modelo clássico, pois não havia nenhuma propriedade em comum compartilhada por todos os seus membros. Desta forma, Wittgenstein propõe que as categorias se formam a partir do que identifica como semelhança de família (*family resemblances*). A semelhança de família pressupõe que os membros de uma categoria podem estar ligados a outros sem que, no entanto, todos os membros tenham alguma propriedade em comum que defina a categoria (Lakoff 1987: 12). A idéia da semelhança de família pressupõe os conceitos de centralidade e gradiência. Centralidade indica que alguns membros de uma categoria podem constituir melhores exemplos da categoria do que outros. Gradiência, por sua vez, compreende que os membros (ou subcategorias) que estão localizadas nas fronteiras da categoria ainda assim podem ser considerados mais ou menos centrais.

Wittgenstein também questiona a premissa de que categorias têm fronteiras fixas, uma vez que observou que a categoria “jogo” poderia ser expandida e diferentes tipos de jogos poderiam surgir. Lakoff lembra que a introdução do videogame é um caso mais ou menos recente que ilustra a ampliação da categoria “jogo”.

A comprovação empírica das hipóteses de Wittgenstein veio do estudo, realizado por Labov (1973 *apud* Taylor 1995: 40), sobre a categorização lingüística de utensílios domésticos como xícaras, canecas, tigela e vasos. Labov constatou, por exemplo, que ao contrário do que previa a teoria clássica, não existe uma linha divisória nítida entre as categorias xícara e tigela. Na verdade, uma categoria avança gradualmente dentro da outra.

Anos antes, Zadeh (1965 *apud* Lakoff 1987) já discutira os graus de filiação dentro das categorias. Para algumas categorias, como “homem rico” ou “homem alto”, a idéia de gradação é relevante, visto que existe gradação de riqueza e altura.

Berlin & Kay (1969 *apud* Lakoff 1987), por sua vez, trataram da questão da prototipicidade a partir da classificação de cores. Os autores observaram regularidades referentes ao que eles chamaram “termos de cores básicas”. As cores básicas são expressas por um único morfema, como verde, em oposição a “verde escuro”. Uma cor básica não deve estar incluída em outra cor, como escarlate, que está incluída em vermelho. Ademais, uma cor básica não deve estar associada a nenhum objeto específico, como louro, que é associado a cabelo. Finalmente, uma cor básica deve ser conhecida, como amarelo em oposição a açafrão (Lakoff 1987: 25). As cores básicas representam, portanto, os membros [+prototípicos].

A teoria dos protótipos foi desenvolvida, principalmente, por Eleanor Rosch. Suas pesquisas evidenciaram que, contrariamente às pressuposições da teoria clássica, existe uma assimetria entre os membros de uma categoria, isto é, os membros de uma categoria não possuem o mesmo estatuto.

Tendo em vista todos os estudos sobre categorização, Lakoff (1987: 58) advoga que as categorias lingüísticas devem ser tratadas como as demais categorias em nosso sistema conceitual, principalmente no que diz respeito à determinação de protótipos.

Por exemplo, as pesquisas sobre o conceito de *marcação* (*markedness*) focalizam certos tipos de assimetrias dentro das categorias lingüísticas e pressupõem que determinadas categorias (morfológicas ou sintáticas) possuem uma “marca” e outras são “não-marcadas”. Alguns autores divergem quanto à determinação de itens marcado e não-marcado. Para Lyons, “a forma não-marcada tem um sentido mais geral ou uma distribuição mais ampla do que a forma marcada” (1977 *apud* Braga, *mimeo.*). Givón (1995), por sua vez, lembra que essa noção de *marcação*, apesar de ter origem bem mais antiga, foi desenvolvida pela Escola de Praga, inicialmente como um refinamento do conceito saussuriano de *valor lingüístico* (*valeur linguistique*), pautado nas oposições binárias. Os estudiosos dessa escola notaram que essas oposições binárias, na fonologia e na gramática, eram sistematicamente assimétricas.

Essa assimetria é responsável pelos valores marcado e não-marcado conferidos às categorias lingüísticas. Givón aponta três critérios para a identificação desses valores tendo em vista as categorias sintáticas, discursivas e conversacionais:

- (a) *complexidade estrutural*: as estruturas marcadas tendem a ser mais complexas do que suas correspondentes não-marcadas;
- (b) *freqüência*: as categorias marcadas tendem a ser menos freqüentes, logo cognitivamente mais salientes do que uma categoria não-marcada correspondente;
- (c) *complexidade cognitiva*: as categorias marcadas tendem a ser cognitivamente mais complexas – em termos de esforço mental, atenção demandada ou tempo de processamento – do que suas correspondentes não-marcadas.

Givón ressalta, no entanto, que *marcação* é um fenômeno que está atrelado às mudanças contextuais. Isto é, uma estrutura pode ser marcada em um contexto e não-marcada em outro. A título de exemplo, o autor cita o uso predominante de cláusulas ativas na comunicação oral cotidiana. Passivas e outras cláusulas impessoais, por sua vez, predominam no discurso formal acadêmico. Sendo assim, no contexto da comunicação oral informal, a passiva é a forma marcada e, no contexto do discurso acadêmico escrito, a ativa é a forma marcada.

Taylor (1995: 40-41), preocupado mais especificamente também com a categorização de unidades lingüísticas, adota o modelo da teoria dos protótipos, que pressupõe que entidades são caracterizadas com base em seus atributos e que estes não representam construtos binários. Os membros de uma categoria dificilmente compartilham todos atributos. Os membros [+ prototípicos] de uma categoria compartilham mais atributos, enquanto os membros [- prototípicos] compartilham menos atributos e representam entidades mais marginais ou periféricas. Quanto mais marginal é um determinado membro, menos atributos ele compartilha com os demais membros de sua categoria. Ao contrário do que a teoria clássica previa, não há uma divisão nítida entre as entidades [+ prototípicos] e [- prototípicos].

A teoria dos protótipos parece ser muito mais apropriada para a categorização de entidades lingüísticas, uma vez que pressupõe que as categorias não são homogêneas e que, apesar da existência de uma entidade mais representativa de uma categoria, as entidades que compartilham apenas alguns atributos também podem ser tomadas como membros desta mesma categoria. Assume-se, deste modo, a gradiência de categorias lingüísticas, como, por exemplo, observado na relação entre *nome*, *afixo* e *clítico* (Taylor 1995: 175) e entre *verbos pleno* e *auxiliar* (Heine 1993, Lehmann 1995, Castilho 2002, Longo & Campos 2002).

Heine (1993: 114), por sua vez, argumenta que a semelhança de família parece ser muito mais apropriada para descrever categorias que estão dispostas numa cadeia de gramaticalização. Porém, o autor reconhece que a teoria dos protótipos e a semelhança de família estão de certa forma relacionadas, uma vez que compartilham as seguintes propriedades:

- I. A estrutura das categorias se constitui a partir de um conjunto de atributos que se agrupam e se sobrepõem;
- II. Categorias são difusas nas extremidades, têm fronteiras indistintas.
- III. Nenhum atributo é compartilhado por todos os membros de uma categoria;
- IV. Nenhum membro combina todos os atributos constitutivos de uma categoria.

Heine (1993: 114) mostra que alguns autores de fato assumem que há uma correlação entre prototipicidade e semelhança de família, uma vez que suas pesquisas sugerem que quanto mais atributos um dado membro tem em comum com outros membros da mesma categoria, maior a possibilidade de ser avaliado como altamente prototípico.

Entretanto, Heine lembra que há mais dois atributos que são válidos apenas para protótipos, a saber:

- V. Nem todo membro é igualmente representativo de sua categoria;
- VI. Os membros [+ prototípicos] compartilham um máximo número de atributos com os outros membros e um mínimo número com os membros de categorias opostas.

Tendo em vista (V) e (VI), Heine (1993: 114) sugere que o construto de prototipicidade e semelhança de família devem ser separados, porque apesar de se diferenciarem em relação a apenas duas propriedades, aquelas são as mais relevantes para o estabelecimento de membros [+ prototípicos] e a distinção de outros tipos de categorias. Ademais, o autor acredita que, uma vez que protótipos e semelhança de família privilegiam princípios taxonômicos diferentes, conduzem a diferentes tipos de categorização. Ele defende ainda que enquanto fenômenos do mundo real são mais bem descritos em termos de estruturas prototípicas, fenômenos lingüísticos encaixam-se melhor no modelo de semelhança de família, como no caso das cadeias de gramaticalização. Os trabalhos de Lakoff (1987) e Taylor (1995) são, entretanto, um contra-exemplo para as afirmações de Heine por mostrarem que inúmeros fenômenos lingüísticos podem e devem ser analisados tendo em vista os graus de prototipicidade.

Na verdade o que Heine (1993: 115) defende é que os itens que emergem em cadeias de gramaticalização parecem instanciar um tipo de fenômeno que é mais difícil de descrever em termos de prototipicidade.

Certamente a teoria clássica, que prevê a existência de categorias discretas, é insustentável como modelo para analisar as **CFFs**, uma vez que, como se verá neste capítulo, é evidente que elas compartilham atributos com diferentes categorias de construções. Acredito, ao

contrário de Heine, que a teoria de protótipos é muito relevante para os estudos lingüísticos, embora seja mais adequada para identificar membros [$\pm$ prototípicos] dentro de uma categoria pré-existente. Com base na teoria dos protótipos podemos estabelecer, por exemplo, membros [$\pm$ prototípicos] para a categoria das **CFFs**. Nesse caso, a realização do sujeito em V2 indicaria um caso de **CFFs** [- prototípico]. O uso da teoria de protótipos, no entanto, para identificar novas categorias requer cautela, pois pode levar a sua classificação com base em categorias pré-existentes, tendo em vista os atributos compartilhados. Veremos a seguir que as **CFFs** compartilham atributos com três tipos de construções (coordenadas, com verbo auxiliar e com verbos seriais), o que permitiria analisá-las como membro de qualquer uma das três estruturas. Contudo, resta dizer, que, embora não exista um atributo comum a todos os membros de uma categoria, o conjunto de atributos de uma categoria é limitado e certos atributos podem ser bloqueados pois desconfigurariam a categoria. É o que acontece com as **CFFs**: os atributos flexão e negação impedem que sejam analisadas como membro da categoria das construções coordenadas e das construções com verbo auxiliar. Por outro lado, a idéia de que as categorias formam um *continuum* ou uma cadeia e que itens de categorias diversas apresentam traços que se sobrepõem (*overlapping*) é importante para mostrar que as **CFFs** compartilham certos atributos com as construções coordenadas, com as **CVAs** e as **CVSs**.

Lakoff (1987: 6) completa que a maioria das categorizações são feitas automaticamente e inconscientemente, sendo que ela só nos chama a atenção quando se trata de casos problemáticos. E esse parece ser o caso das **CFFs**: estamos diante de uma nova categoria ou apenas de um membro [- prototípico] de alguma categoria já existente? Eco (1997) discute o problema de categorização tendo em vista animais “estranhos”, como o rinoceronte, descrito por Marco Pólo como unicórnio, e o ornitorrinco. Embora aqui o objeto da categorização seja diverso, as discussões são praticamente idênticas. Marco Pólo, ao ver em Java um rinoceronte pela primeira vez, tenta classificá-lo a partir da aproximação com algo já previamente arquivado em sua enciclopédia. Levando em conta que o animal apresentava quatro patas e um chifre, o identifica como um unicórnio, mesmo reconhecendo que se tratava de unicórnios pouco graciosos. Com isto, Marco Pólo evita criar uma nova categoria, pois ao corrigir a descrição vigente dos unicórnios, amplia sua categoria e admite a existência de membros [- prototípicos]. Note que a análise de Marco Pólo é componencial, ou seja, segmentada, o que lhe conduziu a uma conclusão pouco precisa. Eco questiona se,

ao invés da China, Marco Pólo tivesse chegado à Austrália e encontrado o ornitorrinco. O ornitorrinco é um animal exótico, mamífero aquático, com bico e que bota ovos. A análise componencial, neste caso, não permitiria nenhuma conclusão sobre a classe daquele animal. Eco (1997: 56) especula que talvez a única solução para Marco Pólo teria sido recorrer à idéia de Quimera. A classificação do ornitorrinco, de fato, ocupou os cientistas ingleses no século 19 e a solução encontrada foi propor a existência de uma “tribo” comum aos “pássaros” e aos “anfíbios”, apresentando antes de Darwin, uma idéia muito próxima à teoria evolucionista (Eco 1997: 207). O conceito por trás desta classificação é certamente o de um *continuum* no qual entidades se conectam através do compartilhamento de certos atributos. Não seria pretensioso dizer que, assim como o ornitorrinco deixa claro a existência de um *continuum* da evolução das espécies, as **CFFs** ratificam a idéia de que as categorias gramaticais são entidades não discretas dispostas num *continuum*.

2) Categorizando as construções do tipo *foi fez*

Constatai que as **CFFs** possuem algumas propriedades não exclusivas de sua categoria. Portanto, com base no pressuposto de que as categorias lingüísticas não representam entidades discretas e que os membros de diferentes categorias podem compartilhar atributos, assumo que as **CFFs** compartilham alguns atributos com outras construções gramaticais.

2.1) As CFFs são construções coordenadas?

As **CFFs** foram analisadas sintaticamente, no Capítulo II, como uma seqüência mínima de dois verbos flexionados, V1 e V2, que podiam estar interligados, ou não, pela conjunção *e*. Uma seqüência de dois ou mais verbos flexionados, conectados ou não por *e*, em Português, é também uma característica das orações coordenadas.

Croft (2001: 321) defende que, na coordenação, especificamente naquelas interligadas pela conjunção *e*, as cláusulas são sintaticamente equivalentes: ambas são finitas, ou seja,

podem funcionar como cláusulas principais simples. As **CFFs** exibem uma configuração sintática idêntica às cláusulas coordenadas. V1 e V2 sempre partilham a mesma flexão e podem ser ligados pela conjunção *e* ou podem apenas se justapor. Além disso, as **CFFs** compartilham mais uma propriedade com a coordenação: as cláusulas coordenadas que têm sujeitos correferenciais apresentam uma tendência em não explicitar (lexicalmente ou pronominalmente) o sujeito na segunda cláusula, que tem um sujeito anafórico (anáfora zero). Também nas **CFFs**, a ocorrência de sujeito em V2 é muito marcada e foi verificada em muitos poucos casos no *corpus*.

Contudo, a coordenação e as **CFFs** possuem outras propriedades contrastantes. Na coordenação, cada cláusula representa um evento distinto. No caso das **CFFs**, V1 nunca representa uma ação ou um evento separado de V2.

Hopper (2002) sustenta que as construções do tipo *hendiadys*, similares às **CFFs** (principalmente as **CFFs** de tipo 1 [+ CONJ], cf. Capítulo II) apresentam uma estrutura sintática semelhante àquela exibida pelas construções coordenadas. Para o autor, o principal critério para distinguir essas duas construções é saber se elas descrevem um ou mais eventos. Na coordenação, cada oração – ou predicado verbal – traduz um evento. Já no caso dos *hendiadys*, os verbos envolvidos remetem a apenas um único evento. O autor argumenta que, na coordenação, duas ou mais cláusulas representam diferentes asserções, o que não ocorre nos *hendiadys*, em que a primeira cláusula pressupostamente não representa uma ação discreta separada da ação expressa na segunda cláusula⁴².

Também para a análise que aqui se propõe o conceito de evento é primordial. Portanto, é preciso, antes de tudo, deixar claro o que estou tratando por “evento”. Ilari & Basso (*mimeo*.) mostram, entre outras coisas, como algumas questões lingüísticas podem ser mais bem entendidas do ponto de vista dos “eventos”, o que será, de fato, feito a seguir principalmente com o intuito de distinguir as **CFFs** e as estruturas coordenadas.

⁴² Hopper salienta, no entanto, que nem todos os casos de *hendiadys* podem ser claramente analisados do ponto de vista da realização de eventos, uma vez que há casos em que essa definição é mais problemática. O autor lembra que essa ambigüidade é amplamente verificada nos itens que sofrem gramaticalização.

Uma vez que a classificação dos “eventos” está longe de ser um tema consensual, adotarei aqui uma postura que, embora não esgote o tópico, é suficiente para dar conta dos casos de **CFFs**. Assim sendo, valho-me da noção de que um evento corresponde a uma proposição. Desta forma, as **CFFs** jamais descreverão eventos distintos, visto que V1 nunca representa uma proposição e essa é uma característica decisiva para distinguir as **CFFs** das orações coordenadas. No trecho apresentado em (143), por exemplo, V1 e V2 não constituem dois eventos diferentes, uma vez que V1 não representa um estado-de-coisas. Estado-de-coisas são interpretados aqui como “entidades que podem ser objeto de atitudes proposicionais” (Ilari & Basso *mimeo.*: 05). V1 não tem valor proposicional, isto é, não é possível verificar suas condições-verdade e também, como vimos anteriormente, não é possível sua negação. Na verdade, “*eu peguei dancei*” em (143) é interpretado como “*eu dancei*”, sendo que o uso de **pegar** se dá por motivos discursivos, como discutido no Capítulo II.

(143) Cabelo todo ("enroladão"), estava bonitão. Aí ***eu peguei dancei***, aí todo mundo: "É essa?"

Ademais, em caso de uma tradução da sentença em destaque em (143) para outra língua, como, por exemplo, o inglês, que não possui estrutura semelhante às **CFFs** com **pegar**, só seria possível como em (144):

(144) ***Eu peguei dancei = I danced***

Constatai assim que a noção de evento é crucial para explicar porque as **CFFs** não podem ser analisadas como uma instância dos casos de coordenação. Essa distinção é, no entanto, referendada por outras propriedades sintáticas, tradicionalmente atribuídas à coordenação, tais como apresentadas em (145):

(145) **Propriedades que distinguem as CFFs das cláusulas coordenadas:**

- a. As orações coordenadas podem ou não partilhar o mesmo sujeito, diferentemente das **CFFs**, em que V1 e V2 sempre partilham o mesmo sujeito;
- b. Os verbos das orações coordenadas em Português não precisam partilhar a mesma flexão, embora algumas vezes isso aconteça. Nas **CFFs**, os verbos sempre partilham flexão;

- c. Nas orações coordenadas, os verbos podem ser negados separadamente ou não. Já nas **CFFs**, o morfema de negação precede V2 mas tem escopo sobre toda a construção: V1 e V2 não podem ser independentemente negados;

Vê-se, portanto, que apesar de a coordenação e as **CFFs** partilharem algumas propriedades, definitivamente estamos diante de dois fenômenos lingüísticos diferentes. Não é por menos que estruturas semelhantes às **CFFs** em inglês foram identificadas como casos de pseudo-coordenação ou falsa coordenação (Quirk *et al.* 1985: 987-8 *apud* Hopper 2002).

2.2) As CFFs são construções com verbo auxiliar?

A lista de verbos auxiliares em Português é extensa e há divergência, entre os autores, quanto à determinação de seus membros. Os auxiliares básicos, definidos por Rocha Lima (2001: 134), são *ter* e *haver* (tempos compostos) e *ser* (auxiliar de voz).

Bechara (1999: 230-232) identifica vários tipos de verbos auxiliares em Português. *Ter*, *haver* e *ser* combinados com o verbo principal no particípio formam os tempos compostos e sinalizam que a ação verbal está concluída: *tenho* ou *hei cantado*, *vendido*, *partido*, por exemplo. Segundo ele, esses verbos são usados para construir a voz passiva *Ser*, *estar* e *ficar* quando combinados com o particípio do verbo principal formam a voz passiva: *é amado*, *está prejudicada*, *ficaram rodeados*. Já os auxiliares *acurativos* se combinam com um verbo principal no infinitivo ou gerúndio para expressar aspecto verbal. Os que indicam início da ação são: *começar a*, *pôr-se a* etc. Aqueles que indicam iminência da ação são: *estar para* (*por*), ***pegar***⁴³ *a* (*de*) etc. O verbo que sinaliza continuidade da ação é *continuar*. Bechara lista ainda os verbos auxiliares que indicam desenvolvimento gradual da ação (*estar a*, *andar a* etc.); repetição da ação (*tornar a*, *costumar*), término da ação (*acabar de*, *cessar de*, *deixar de*, *parar de* etc.). Na lista de auxiliares proposta por Bechara, constam ainda os auxiliares modais, que se combinam com o verbo principal no infinitivo ou gerúndio para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa realizar a ação verbal. Os auxiliares

⁴³ Note que o verbo ***pegar*** é novamente incluído na lista de verbos auxiliares de aspecto.

modais podem indicar possibilidade ou capacidade (*poder*); vontade ou desejo (*querer*); tentativa (*buscar, pretender*); consecução (*conseguir*); aparência (*parecer*), entre outros.

Longo & Campos (2002), por sua vez, propõem uma lista de perífrases aspectuais e temporais correntes no PB contemporâneo:

Valor /Forma Nominal	Infinitivo	Gerúndio	Particípio
Inceptivo	Começar a; ir		
Ingressivo	Passar a; ficar		
Cursivo	Continuar a; estar a	Estar; ir; vir	
Progressivo		Estar; ir; vir	
Permansivo	Permanecer a; custar a	Ficar; permanecer	
Habitual	Viver a; costumar	Viver	
Iterativo	Andar a; tornar a	Andar	
Cessativo	Acabar de; deixar de		
Resultativo	Acabar por; vir (a)	Acabar; terminar	
Perfectivo			Ter; haver

Quadro 01: Auxiliares aspectuais (Longo & Campos 2002:450)

	Infinitivo	Particípio
Perfeito	Acabar de + presente Vir de + presente	Ter + presente
Mais-que-perfeito	Acabar de + imperfeito Vir de + imperfeito	Haver + imperfeito Ter + imperfeito
Futuro do presente	Estar para + presente Haver de + presente Ir + presente	Ter + futuro do presente
Futuro do pretérito	Estar para + imperfeito Haver de + imperfeito Ir + imperfeito	Ter + futuro do pretérito

Quadro 02: Auxiliares temporais (Longo & Campos 2002:456)

Longo & Campos (2002: 446) excluem os modais do conjunto de auxiliares, pois acreditam que esses verbos exibem características incompatíveis com a classe, como associação com elementos que não admitem tempo, como o gerúndio” (“Podendo vir, não faça cerimônia.”), além de selecionarem tematicamente os seus argumentos” (*“Este vaso quis quebrar. = teve desejo de”).

Os autores consultados divergem quanto ao conjunto de verbos incluídos na classe dos verbos auxiliares. Todavia, há uma convergência no que diz respeito à definição desses verbos. Os verbos auxiliares em Português são identificados com base em duas propriedades principais: (a) recebem flexão de tempo, modo e pessoa, e (b) se conectam a

um segundo verbo, principal, que se apresenta sempre sob uma forma nominal verbal, formando assim uma locução verbal. Lobato (1975: 33), entretanto, descarta o uso exclusivo dessas propriedades por considerá-las insuficientes para determinar auxiliaridade: “nem toda forma verbal seguida (...) de infinitivo, gerúndio ou particípio faz parte (...) de um processo de auxiliação”. A autora propõe que se leve em conta também outros critérios para identificar os verbos auxiliares no Português moderno, dentre os quais destaco (146):

(146) Critérios para identificar verbos auxiliares (Lobato 1975):

- a. Redução semântica: o verbo auxiliar perde seu significado lexical;
- b. Unidade semântica: o verbo auxiliar e o principal têm um só sujeito;
- c. Impossibilidade de desdobramento da locução em construções completivas;
- d. Incidência de um circunstante temporal: deve ter escopo sobre todo o conjunto;
- e. Negativização: a negação deve ter escopo sobre todo o conjunto.

Vários autores defendem a postulação de critérios capazes de determinar auxiliaridade. Ilari (1997: 29), por exemplo, seleciona os critérios abaixo que tradicionalmente são empregados para reconhecer auxiliares de tempo:

(147) Critérios empregados para identificar verbos auxiliares de tempo (Ilari 1997):

- a. As formas simples e as formas perifrásticas são semanticamente equivalentes;
- b. O mesmo verbo apresenta significados divergentes quando usado como auxiliar ou como verbo principal;
- c. O verbo auxiliar e o principal indicam uma única ação, atribuída a um único sujeito.

Longo & Campos (2002: 447) elegem, por sua vez, os seguintes critérios para identificação de auxiliares:

(148) Critérios para identificar verbos auxiliares (Longo & Campos 2002):

- a. Impossibilidade de desdobramento da oração: os verbos auxiliares formam com o verbo principal um grupo indissociável;
- b. Sujeito único: a perífrase possui apenas um argumento sujeito;
- c. Detematização: o verbo auxiliar não se associa a uma grade temática (“Por exemplo, o verbo *ir*, não auxiliar, constrói-se com sujeito *agente* (animado) e com dois complementos, um de *origem* outro de *meta*. Como auxiliar, pode ocorrer com sujeito *tema* (não animado) e sem complemento” (Longo & Campos 2002: 448)).

Castilho (2002: 91-94) também elenca alguns critérios aplicados para se identificar os verbos auxiliares:

(149) Critérios para identificar verbos auxiliares (Castilho 2002):

- a. Sujeito da expressão: o verbo auxiliar e o principal compartilham o mesmo sujeito;
- b. Escopo da negação: “se a negação toma por escopo os dois V[erbo]s, o primeiro é um auxiliar, e o conjunto se constitui uma perífrase”.;
- c. Alterações do sentido lexical do primeiro verbo;

Vê-se, a partir das listas de critérios para a identificação de verbos auxiliares em Português, que as propriedades destacadas são praticamente idênticas. Todavia, Longo & Campos (2002: 472) sugerem uma análise das perífrases temporais e aspectuais a partir de critérios de verificação do grau de gramaticalidade:

(150) Critérios para verificar o grau de gramaticalização de verbos auxiliares (Longo & Campos 2002):

- a. Inseparabilidade: se houver itens intervenientes, o grau de fusão é baixo;
- b. Irreversibilidade: se forem constatadas anteposições ou mudança de ordem, o grau de gramaticalização é mais baixo;
- c. Esvaziamento semântico (*semantic bleaching*);

- d. Recursividade: o fato de um verbo poder incidir sobre uma base idêntica indica que o verbo auxiliar e a base não são interpretados como sinônimos e que o auxiliar se esvaziou semanticamente, adquirindo um valor gramatical;
- e. Perda de características sintáticas.

Longo & Campos (2002) advogam uma não dicotomia no tratamento de verbos auxiliar e pleno, já que a relação entre eles pode ser mais bem compreendida através de um *continuum* de gramaticalização. Castilho (2002: 94) também concorda que as propriedades arroladas acima são insuficientes para resolver a questão da auxiliabilidade e recomenda que mais interessante e necessário é considerar a existência de diferentes graus de gramaticalização dos verbos plenos em sua alteração para verbos auxiliares.

Perspectiva semelhante é adotada por Lehmann (1995: 33), para quem a distinção entre verbos auxiliares e verbos plenos não é pertinente, tendo em vista que categorias conectadas numa escala de gramaticalização não representam nem categorias distintas nem semelhantes.

Inúmeros outros trabalhos se ocupam da análise de verbos auxiliares, visto que se trata de um importante e produtivo fenômeno em várias línguas. Heine (1993: 22), por exemplo, define auxiliares como um item que é usado tanto para localizar a situação descrita na sentença com referência ao tempo dêitico (tempo), para lhe atribuir um contorno temporal (aspecto), como também para acessar sua realidade (modalidade).

Heine (1993: 22) faz uma compilação das propriedades dos verbos auxiliares tendo como base inúmeros trabalhos que trataram de auxiliarização em diferentes línguas e mostra que não se espera que um auxiliar exiba todas essas propriedades. Heine (1993: 22) assume que quanto maior o número de propriedades apresentadas por um item, mais facilmente esse item pode ser identificado como um bom exemplo de auxiliar⁴⁴. Dentre as características citadas por Heine, destaco aquelas presentes em (151) como as mais relevantes para o Português:

⁴⁴ Note que Heine, contrariando suas primeiras colocações sobre a teoria dos protótipos como menos apropriada para tratar de fenômenos lingüísticos, adota uma perspectiva de prototipicidade para identificar auxiliares!

(151) Auxiliares exibem pelo menos algumas das seguintes propriedades:

- a. Formam um grupo pequeno de unidades lingüísticas;
- b. Não podem ser o predicado (semântico) principal da cláusula;
- c. Ocorrem em uma posição fixa em relação ao verbo principal;
- d. Não podem ser claramente identificados nem como unidades lexicais nem gramaticais;
- e. Não podem ser nominalizados nem aparecer em “locuções”;
- f. Também podem ocorrer como verbos plenos com diferentes significados.

Em (152) temos duas propriedades compartilhadas pelas **CFFs** e as **CVAs**:

(152) Propriedades compartilhadas pelas CFFs e as CVAs:

- a. Nas **CVAs** e nas **CFFs**, é impossível o desdobramento de V2 em construções completivas (com conjunção integrante *que* ou *se*);
- b. Nas **CVAs** e nas **CFFs**, o escopo de circunstante temporal deve ser sobre toda a construção;

Além do mais, uma análise contrastiva entre os verbos auxiliares e o V1 das **CFFs** revela que o **verbo auxiliar** e o **V1**:

- c. formam um grupo fechado de unidades lingüísticas;
- d. não podem ser o predicado (semântico) principal da cláusula;
- e. ocorrem em uma posição fixa em relação a V2 e ao verbo principal;
- f. não podem ser claramente identificados nem como unidades lexicais nem gramaticais;
- g. também podem ocorrer como verbos plenos com diferentes significados;
- h. possuem apenas um argumento sujeito;
- i. sofrem alterações de significado.

Tendo em vista as propriedades descritas em (152) acima, parece ser possível analisar as **CFFs** como um caso de **CVAs**. Em primeiro lugar porque, assim como indicado anteriormente, apenas um grupo seleto de verbos podem ocupar a posição V1 nas **CFFs**,

que teoricamente corresponderia à posição reservada a um verbo auxiliar. Em segundo lugar, porque V1 não é responsável pelo valor semântico principal das **CFFs**. Ademais, os verbos que ocupam a posição V1 nas **CFFs** representam estruturas intermediárias e não podem ser analisados como unidades lexicais, devido ao seu desbotamento semântico, nem como unidades gramaticais, já que parecem não desempenhar função gramatical. A construção não aceita desdobramento em construções com as conjunções integrantes *que* ou *se*. *Ir*, *chegar* e *pegar* mantêm seus usos como verbos lexicais plenos paralelamente àquele desempenhado no contexto das **CFFs**. Finalmente, as **CFFs** possuem apenas um argumento externo sujeito.

Todavia existem outras propriedades próprias das **CVAs** que não se aplicam às **CFFs**. Uma delas diz respeito à função gramatical. Vimos que os verbos auxiliares em Português podem ser classificados em, pelo menos, dois tipos: de tempo e de aspecto. Essas distinções, contudo, não são válidas para as **CFFs**, pois, como mostrei no Capítulo II, o V1 não é responsável pelas determinações de aspecto e parece óbvio que tão pouco elas possam ser responsáveis pelas determinações de tempo verbal.

Ademais, outras propriedades sintáticas características das **CFFs** evidenciam sua distinção frente às **CVAs**:

(153) Propriedades que distinguem as CFFs das CVAs:

- a. Nas **CVAs**, o auxiliar “carrega” toda informação gramatical relacionada com o predicado, tais como marcadores flexionais de pessoa, número, tempo/aspecto/modalidade; e o morfema de negação precede o auxiliar. Já nas **CFFs**, V1 e V2 apresentam marcadores flexionais de pessoa e número e de tempo e modos verbais e a negação é adjacente a V2;
- b. Na presença de um auxiliar, o verbo principal é normalmente uma forma nominal. Nas **CFFs**, V1 e V2 partilham flexão.

Acredito que os padrões de flexão e de negação, bem como a ausência de função gramatical, comprovam que as **CFFs** não podem ser tomadas como instância de casos de auxiliarização, assim como esse fenômeno é entendido no âmbito do PB.

Uma outra característica dos verbos auxiliares, não observada pelos autores supracitados, é a possibilidade de serem retomados em interrogativas curtas, como no pequeno diálogo em (154):

- (154) – “Ela *vai* viajar no fim do ano.” (asserção)
– “*Vai* mesmo?” (pergunta)

As **CFFs**, neste ponto, também se distinguem das **CVAs**, pois V1 nunca pode ser alvo de interrogação:

- (155) – “Ele **pegou e comprou** um carro.” (asserção)
(156) – *“(Pegou mesmo?” (pergunta não aceitável)
(157) – “(Comprou mesmo?” (pergunta aceitável)

A inaceitabilidade verificada em (156) se dá porque o valor de V1 só é válido no contexto das **CFFs**, não sendo recuperável em outros contextos.

A análise em paralelo das **CVAs** e das **CFFs** é produtiva na medida em que permite discutir se a auxiliarização é ou não um fenômeno lingüístico discreto e também porque mostra que o desenvolvimento de verbos plenos em auxiliares envolve certos tipos de mudanças lingüísticas não exclusivas deste processo.

2.2.1) Gramaticalização dos auxiliares

Três hipóteses já foram levantadas para discutir a pertinência de os verbos auxiliares serem tomados como uma categoria lingüística discreta (Heine 1993: 8). A primeira hipótese proclama a autonomia dos verbos auxiliares, assumindo que “AUX” é uma categoria distinta, diferente de verbos e outras categorias. A segunda hipótese prevê que verbos auxiliares e verbos plenos são ambos membros da mesma categoria lexical. Finalmente, a terceira hipótese propõe que não há distinção entre verbos auxiliares e plenos e sim um *continuum* ou gradiência que conecta esses dois elementos.

Esta terceira hipótese é corroborada pelos diversos estudos sobre os processos de gramaticalização. Kuteva (2001), por exemplo, defende que os auxiliares se desenvolvem a partir de fontes lexicais, o que implica que têm origem num processo de gramaticalização. Heine (1993) esclarece, no entanto, que “o desenvolvimento de auxiliares envolve construções inteiras não somente uma palavra”. O que era um verbo pleno seguido por um complemento nominal ou nominalizado na construção-fonte passa a ser um marcador gramatical seguido por um verbo principal na estrutura auxiliar resultante. Portanto, o desenvolvimento de auxiliares envolve uma mudança morfossintática pela qual uma construção lexical do tipo (A) se desenvolve numa construção gramatical do tipo (B):

(A) *verbo-complemento*

(B) *marcador gramatical - verbo principal* (Kuteva 2001).

Heine (1993) destaca, dentre as mudanças sofridas pelos verbos lexicais ao se gramaticalizarem em auxiliares, a dessemantização e a decategorização. O termo dessemantização foi introduzido por Heine & Reh (1984) e Lehmann (1995 [1982]) e se refere ao processo pelo qual um item lexical, num contexto específico, tem sua semântica lexical esvaziada e adquire uma função gramatical (Heine 1993: 54). Esse mesmo fenômeno também é conhecido como desbotamento semântico (*semantic bleaching*).

O termo decategorização foi cunhado por Hopper & Thompson (1984) e prevê que os itens que sofreram gramaticalização tendem a perder ou neutralizar marcadores morfológicos e privilégios sintáticos (Heine 1993:55). Conseqüentemente, com a mudança do estatuto lexical para gramatical, o verbo progressivamente perde algumas propriedades (Heine, 1993: 55). Heine distingue vários estágios⁴⁵ desse processo de redução ou perda das propriedades verbais. No estágio (i), em vez de um nome, o complemento consiste em um verbo não-finito/nominalizado; no estágio (ii), o verbo perde propriedades tal como a habilidade de ocorrer na forma de imperativo, de ser nominalizado, ou de ser usado na voz passiva, e deixa de ter um nome como seu complemento; no estágio (iii), o verbo perde sua habilidade de ser negado separadamente e de ocorrer em outras posições na cláusula; no estágio (iv),

⁴⁵ Heine usa o termo “estágio” que pressupõe uma ordem cronológica que nem sempre se verifica. Trata-se, na verdade, de processos de mudança que operam de maneira inter-relacionada.

tendo em vista a construção fonte *verbo-complemento*, o verbo perde virtualmente todas as demais propriedades e o seu complemento adquire a morfossintaxe de verbo principal (Heine 1993).

De acordo com Heine (1993: 60) a mudança de um item lexical para um item gramatical permite que o verbo possa tomar um complemento com a mesma etimologia que seu núcleo (cf. Capítulo II), como nos seguintes exemplos do inglês:

(158) **Rachel *has to have* a new flat.**

(“Raquel tem que ter um novo apartamento.”)

(159) **He *is to be* here by noon.**

(“Ele é para estar aqui ao anoitecer.”)

(160) **Desmond *keeps keeping* dogs.**

(“Desmond continua mantendo cães.”)

Além das mudanças em função da dessemantização e da decategorização, Heine atesta que em um estágio mais avançado de gramaticalização, o auxiliar adquire uma forma cristalizada, não podendo ocorrer em outras posições na cláusula.

Heine (1993) e Kuteva (2001) se preocupam em demonstrar que os verbos auxiliares têm origem num processo de gramaticalização, em que um verbo lexical, após sofrer algumas mudanças, como dessemantização e decategorização, adquire a forma e a função de um verbo gramatical.

Constatei que os verbos *ir*, *chegar* e *pegar*, quando usados na posição de V1 nas **CFFs**, sofrem os mesmos tipos de mudança previstos no processo de gramaticalização, embora não tenham adquirido nenhuma função gramatical. Discutirei, no Capítulo IV, a pertinência de se tratar os casos de **CFFs** como resultado de um fenômeno de gramaticalização. Neste momento, entretanto, preocupar-me-ei apenas em mostrar que *ir*, *chegar* e *pegar*, no contexto das **CFFs**, não estão sendo mais usados como verbos lexicais.

Os verbos *ir*, *chegar* e *pegar* sofrem desbotamento semântico, visto que não são mais empregados para significar deslocamento no espaço (*ir*, *chegar*) ou posse (*pegar*), mas sim como elementos constituintes das **CFFs** (cf. Capítulo II). A título de ilustração, recordo aqui a possibilidade de *ir* e *chegar* serem usados numa associação com verbos cujos significados lexicais denotam movimentos em direções opostas ao centro dêitico, sem que o enunciado acarrete problemas de interpretação:

- (161) Bem, um homem, um bom marido [ele] - ele deve chegar, na hora certa, em casa, e não atrasar, se, não é? Se chegar tarde em casa, porque houve algum problema, *ele vai chega e explica*, não é? No trabalho, tem que ir todo dia, não pode faltar, porque tem [aquele [<compromisso>]- aquele compromisso de casa- eu acho assim, um homem certo.

Ir e *chegar* também sofrem decategorização, já que, como verbos plenos, são analisados como verbos transitivos circunstanciais e exigem um complemento do tipo advérbio de lugar. Já nas **CFFs**, esses verbos perdem transitividade e deixam de exigir um complemento.

Exemplos de **CFFs** com *pegar* mostram que esse verbo, além da dessemantização, sofreu também decategorização, pois, nestes contextos, perde transitividade, deixando de subcategorizar objeto direto e também passa a aceitar sujeitos com traço [- agente].

Ademais, assim como as **CVAs**, as **CFFs** admitem recursividade. Em (162), *vai* ocupa tanto a posição V1 quanto V2⁴⁶:

- (162) E- Você freqüenta concertos?

F- Não, isso eu não vou muito não, mas de vez em quando meu pai cisma de ir, assim, um negócio, assim, (hes) um recital de não sei das quanta, *a gente vai lá e vai*.

As **CFFs** apresentam a mesma cristalização também prevista nas construções com verbos auxiliares: a ordem de V1 e V2 não pode ser alterada. As ocorrências (163) e (165), em

⁴⁶ Uma análise mais detalhada deste enunciado é apresentada no Capítulo II, item 3.2.

comparação com (164) e (166), só são interpretáveis se todos os verbos forem analisados como verbos lexicais plenos:

(163) **Ele falou e foi.**

(164) **Ele foi e falou.**

(165) **Ele fez e foi.**

(166) **Ele foi e fez.**

Castilho (2002) e Longo & Campos (2002), ao abordarem a questão da gramaticalização de verbos plenos em auxiliares, defendem que a presença de algum elemento interveniente entre os verbos da perífrase indica um grau fraco de gramaticalização, na medida em que, num estágio avançado de gramaticalização, os verbos principal e auxiliar formam um conjunto indissociável⁴⁷. Se esse mesmo critério fosse proposto para as **CFFs** seríamos obrigados a concluir que essas construções apresentam um grau fraco de gramaticalização. Esses resultados são mais relevantes, contudo, para os casos com **chegar** em que 84% das ocorrências caracterizam-se pela descontinuidade entre V1 e V2. As **CFFs** com **ir**, por sua vez, apresentam resultados estatisticamente similares para a ocorrência de material interveniente, já que 58% das ocorrências possuem algum tipo de material entre V1 e V2, e 42%, não. Já nas **CFFs** com **pegar**, 64% das ocorrências não apresentam nenhum tipo de material entre V1 e V2. A Tabela 18 explicita melhor esses resultados:

Tabela 18: Presença de material interveniente nas CFFs

Tipo de V1	IR		CHEGAR		PEGAR		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Presença de material interveniente								
SIM	132	58	68	84	31	38	231	59
NÃO	95	42	13	16	54	64	162	41
TOTAL	227	100	81	100	85	100	393	100

Concluo, finalmente, que as **CFFs** definitivamente não podem ser analisadas como um caso de auxiliarização, porque, embora haja compartilhamento de algumas propriedades entre

⁴⁷ Esta hipótese baseia-se, principalmente, na proposição de Lehmann, qual seja, um item gramaticalizado tende a perder sua autonomia. Discutirei, no item 4.2, mais detalhadamente esta questão.

esses dois tipos de construções, os padrões de flexão e, principalmente, de negação são suficientemente importantes para aferir um caráter singular às **CFFs**. Mostrei também que, apesar de os mesmo tipos de mudança sofridos pelos verbos lexicais ao se gramaticalizarem em auxiliares atingirem o V1 nas **CFFs**, *ir*, *chegar* e *pegar* não adquirem uma função gramatical, como acontece com os auxiliares. Voltarei a abordar essa questão no Capítulo IV quando discutirei a origem das **CFFs**.

2.3) As **CFFs** são construções com verbos seriais?

Nas suas primeiras descrições, as **CVSs** eram incluídas dentro de uma classe muito fechada, com ocorrência apenas em línguas não-européias faladas em certas regiões, como oeste da África (Givón 1975, Lord 1989 e 1993, Schachter 1974), sudeste da Ásia (Li & Thompson 1981, Clark Ms 1978, Matisoff 1969, Bisang 1992), Papua Nova Guiné (Foley 1986), Oceania (Durie 1988) e América Central (Hale 1991) (*apud* Durie 1997: 289). A ocorrência de **CVSs** também foi observada em alguns *pidgins* e algumas línguas crioulas (Crowley 1990 *apud* Durie 1997: 289). Nessas análises, a forma e o significado das **CVSs** pareciam se distinguir de todas as classes de verbos até então descritas. No entanto, alguns estudos (os de Givón, por exemplo) mostraram que, ao contrário do que se pensava, a classe dos verbos seriais não era tão bem delimitada e que sua ocorrência era muito mais abrangente. Essas descobertas foram questionadas por certos autores e algumas discussões se deram apenas no nível da nomenclatura, já que foi recriminado o uso do termo “*serial verbs*” para identificar estruturas diversas. O fato é que inúmeras descrições de verbos seriais são propostas, evidenciando uma impossibilidade de defini-los uniformemente, já que cada vez mais esse termo tem sido usado para identificar diferentes “tipos” de verbos seriais encontrados em diversas línguas. Na verdade, parece que para quase toda definição estrita de verbos seriais foi encontrado um contra-exemplo.

Estudiosos desse fenômeno passaram então a analisá-lo com base não em um critério mas em um conjunto de propriedades. Os trabalhos de Lane (1991) e Pawley & Lane (1998), por exemplo, destacam que as propriedades abaixo são significativamente relevantes para

descrever formalmente pelo menos um importante sub-grupo de **CVSs**. As **CVSs** são assim identificadas como construções que tem mais de um verbo,

- (a) em que não há nenhum contraste de flexão verbal entre eles (por exemplo, para categorias como tempo, modo, aspecto, pessoa/número do sujeito ou agente (e algumas vezes outros papéis semânticos ou gramaticais), advérbios, transitividade e negação).

Os autores também apresentam outros traços que mostram que as **CVSs**:

- (b) não exibem morfemas característicos das fronteiras de cláusulas;
- (c) não possuem evidência entonacional de fronteira de cláusula;
- (d) não apresentam restrições de argumentos externos (agente ou paciente).

Além do mais, para uma identificada subclasse de **CVSs**, Lane (1991) e Pawley & Lane (1998) defendem que:

- (e) o morfema de negação e os advérbios adjacentes à cláusula (prototípica) têm escopo sobre todos os verbos da construção.

Para Durie (1997: 290-291), as **CVSs** representam construções cuja configuração sintática corresponde a uma seqüência de dois ou mais verbos que atuam como um verbo único. Outras propriedades fundamentais apontam que os verbos seriais:

- (f) descrevem o que é conceptualizado com um único evento (uma composição de verbos seriais pode geralmente ser mais bem traduzida em uma língua não-serial usando uma única cláusula mono-verbal);
- (g) compartilham tempo, aspecto, modalidade e polaridade (negação);
- (h) compartilham, pelo menos, mas, mais possivelmente, mais de um argumento;
- (i) não estão encaixados ou são complemento do outro (verbo da construção);
- (j) possuem propriedades entonacionais idênticas àsquelas de uma cláusula simples (mono-verbal) (Givón 1990/91 *apud* Durie 1997);
- (k) tomam apenas um único sujeito/argumento externo.

Ademais,

- (l) quando uma serialização resulta em uma composição de mais de um argumento, a configuração desses argumentos obedece à mesma ordem verificada numa cláusula simples de línguas não-seriais: argumento + adjuntos;
- (m) existe uma forte tendência diacrônica para lexicalização e gramaticalização do significado das **CVSs**, o que pode envolver tanto o tratamento de toda composição serial como um único item lexical(izado) quanto “rebaixamento” (*demotion*) do significado e do *status* gramatical (de um dos) dos verbos (da composição serial), que passa a funcionar como um modificador ou um marcador de caso.

Pawley & Lane (1998: 210) enfatizam que as fronteiras entre as **CVSs** e os outros tipos de construções são difusas, o que significa que uma definição precisa de serialização é difícil de se obter. Sugerem que uma solução para esse problema é considerar que o conjunto de propriedades apresentado acima pode possivelmente ter diferentes pesos para o tipo de **CVSs** que se considere.

Também Durie (1997: 291), a respeito das inúmeras discussões mencionadas acima, lembra que, embora construções chamadas de serialização verbal possuam importantes propriedades similares em diferentes línguas, não se pode esperar que todos os casos identificados como serialização sejam analisados como um mesmo fenômeno. Durie (1997: 292) também observa que, mesmo numa única língua, diferentes tipos de serialização podem ser encontrados.

Crowley (1987 *apud* Durie 1997: 292), por exemplo, seguindo Foley & Olson (1985) e Foley & Van Valin (1984), distingue dois tipos de serialização, a saber, serialização nuclear e marginal (*core* e *nuclear serialization*) em Paamese, língua oceânica falada no arquipélago de Vanuatu (Pacífico Sul). Crowley descreve a serialização marginal como a menos condensada, em que cada verbo mantém as marcas morfológicas de concordância de sujeito. O verdadeiro SN sujeito na serialização marginal do Paamese aparece antes de V1 e qualquer tentativa de inserir um segundo SN sujeito antes de V2 altera completamente o

significado para uma interpretação bi-clausal⁴⁸ (Durie 1997:292). Ademais, V2 não pode ser independentemente negado: o morfema de negação *ro-...-te* é descontínuo e se aplica apenas ao V1. Contudo, a negação tem escopo sobre toda a composição serial. Se a negação é aplicada separadamente ao segundo verbo, a leitura serial se perde (Durie 1997: 293). Na serialização nuclear em Paamese, por sua vez, as concordâncias de sujeito, objeto e marcação de modo ocorrem uma única vez: um verbo segue o outro sem a presença de nenhum material morfológico (Durie 1997: 294) e a negação se aplica separadamente aos verbos da sequência.

Pawley & Lane (1998: 208) afirmam que a propriedade (e), apresentada acima, também sugere a existência de subtipos de serialização verbal que podem ser identificados a partir do escopo da negativa e dos advérbios. Tais subtipos foram identificados, por exemplo, em Barai, língua falada na Papua Nova Guiné. Esses subtipos foram igualmente classificados como serialização nuclear e marginal. Na serialização nuclear, o morfema de negação precede o primeiro verbo nas **CVSs** e o escopo semântico da negação está necessariamente sobre os dois verbos:

- (167) *Fu fase naaebe fi isoe*
 He letter NEG **sit** write
 'He did not sit and write a letter'
 (ele carta NEG **senta** escreve)

Na serialização marginal, por sua vez, cada verbo pode ser negado separadamente:

- (168) a. *Fu naaebe fi fase isoe*
 he NEG **sit** letter **write**
 'He did not sit down, but did write a letter.'
 (ele NEG **senta** carta **escreve**)

- (169) b. *Fu fi fase naaebe isoe*
 he **sit** letter NEG **write**
 'He sat down, but did not write a letter.'
 (ele **senta** carta NEG **escreve**)
 (Foley & Olson 1985:40 apud Pawley & Lane 1998: 208-9)

⁴⁸ O termo "bi-clausal" indica aqui uma estrutura como a encontrada nos processos de coordenação de cláusulas.

Lane (1991: 48-49) assevera que também em línguas como Kobon, falada na Papua Nova Guiné e Anyi, falada na África, a negação nas **CVSs** tende a ser marcada apenas uma vez embora tenha escopo sobre toda a construção.

Em relação à sua função, as **CVSs** podem ser divididas, segundo Givón (1991b: 138-139), em um número de tipos mais ou menos distintos identificáveis em diferentes línguas. Esses tipos são apresentados abaixo:

(i) **marcador de caso:**

- | | |
|--|--------------|
| a. She take -stick break | |
| ‘She broke the stick.’ | Paciente |
| (ela pega -galho quebra) | |
| (Ela quebrou o galho.) | |
| | |
| b. She walk go -market | |
| ‘She walked <i>to</i> the market.’ | Locativo |
| (ela anda vai -feira) | |
| (Ela andou até a feira.) | |
| | |
| c. He work give -her | |
| ‘He worked <i>for</i> her.’ | Beneficiário |
| (ele trabalha dar -ela) | |
| (Ele trabalhou para ela.) | |
| | |
| d. She take -knife cut meat | |
| ‘She cut the meat <i>with</i> the knife.’ | Instrumental |
| (ela pega -faca corta carne) | |
| (Ela cortou a carne com a faca.) | |

(ii) **lexicalização:**

- a. She **hit-break** the glass
‘She broke the glass.’
(ela **bate-quebra** o vidro)
(Ela quebrou o vidro.)
- b. She **frighten-die** him
‘She frightened him to death.’
(ela **assusta-morre** ele)
(Ela o assustou até morrer.)
- c. He **sleep-perceive**
‘He dreamed.’
(ele **dorme-percebe**)
(Ele sonhou.)
- d. She **eat-perceive** the meat
‘She tasted the meat.’
(ela **come-percebe** a carne)
(Ela provou a carne.)

(iii) **marcador dêitico-direcional:**

- a. He **walked** he-**go**
‘He walked away (from reference point).’
(ele **andou** ele-**vai**)
(Ele se foi (em relação ao ponto de referência).)
- b. She **took** the book she-**come**
‘She took the book toward (a reference point).’
(ela **pegou** o livro ela-**vem**)
(Ela trouxe o livro.)

(iv) **marcador de tempo-aspecto:**

a. He **stay work**

‘He is working.’ Durativo

(ele **fica** trabalha)

(Ele está trabalhando.)

b. He **go work**

‘He will work’ Futuro

(ele **vai** trabalha)

(Ele vai trabalhar.)

c. He **walk finish**

‘He has already walked.’ Perfectivo

(ele anda **acaba**)

(Ele já andou.)

(v) **Marcador epistemológico e de evidencialidade:**

a. **They say** she’s coming. Boato

(Eles dizem que ela está vindo.)

b. **I understand** he’s leaving. Hedge (delimitador ou circunscritor)

(Eu acho que ele está partindo.)

c. **I think** she’s home. Inferência

(Eu acho que ela está em casa.)

d. She’s left, **I know**. *Co-option*

(Ela se foi, eu sei.)

Todavia, Givón somente apresenta as glosas em inglês o que acarreta alguns problemas de interpretação. Por exemplo, em (i), os enunciados (a) e (d) se diferenciam de (b) e (c) pela posição dos verbos envolvidos. Nos primeiros, o verbo lexical ocupa a posição V2, e nos últimos, a posição V1. A mesma distinção se apresenta entre (a) e (b) em oposição a (c) em (iv). Ademais, como distinguir marcador de caso e lexicalização se os exemplos (a) em (i) e (a) em (ii) são praticamente idênticos? Finalmente, os enunciados em (v) estão em inglês e não apresentam glosa. Estaria o autor sugerindo aqui que essas construções do inglês incluem-se entre as **CVSs**?

Vimos, no Capítulo I, que inúmeros autores como Pullum (1990), Stefanowitsch (1999, 2000), Hopper (2002) e Arnaiz & Camacho (1999) identificaram construções do tipo **go-and-verb**, semelhantes às **CFFs**, como possivelmente relacionadas às **CVSs**. No entanto, nenhum desses autores esclarece em que nível essas similaridades se dão, o que leva à conclusão de que apenas um fator parece ter sido considerado. Para aqueles autores a única semelhança entre as construções do tipo **go-and-verb** e as **CVSs** parece se resumir à ocorrência de uma seqüência de dois ou mais verbos, flexionados ou não, numa mesma cláusula. Arnaiz & Camacho (1999: 1) acrescentam que, dentre os tipos de **CVSs**, alguns se caracterizam pela presença de uma conjunção entre os verbos envolvidos, tal como as construções estudadas por esses autores.

Há controvérsias no tocante à possibilidade de presença de algum elemento de ligação entre verbos seriais. O fato é que, em algumas línguas, os verbos seriais aparecem conectados por uma conjunção. Hyman (1971:30 *apud* Pullum 1991: 225), por exemplo, descreve o exemplo de Fe'fe' (África) abaixo como um caso de serialização instrumental:

(170) á ká láh pĩε ncwēe⁴⁹ mbáa

he PAST take knife &-cut meat

'He cut the meat with the knife'.

(ele **pega**-Past faca **e-corta** carne)

(Ele corta a carne com a faca.)

⁴⁹ Nesse exemplo, V2 apresenta uma forma prefixal reduzida (*n-*) de uma conjunção coordenada (Pullum 1991: 225).

Acredito que, de fato, as **CFFs** compartilham algumas propriedades com as **CVSs**. A presença de uma conjunção coordenada entre V1 e V2 é uma propriedade que atua a favor dessa aproximação entre as **CVSs** e as **CFFs**. O padrão de negação identificado nas **CVSs** em diversas línguas, em que a negação pode incidir sobre apenas um verbo da construção, mas tem escopo sobre toda a construção, como Paamese e Kobon, também se assemelha àquele exibido pelas **CFFs**.

Uma outra propriedade comum às **CVSs** e às **CFFs** diz respeito à obrigatoriedade do compartilhamento de argumento externo: ambas construções admitem apenas um SN sujeito que precede o V1. O compartilhamento de argumento interno, embora seja uma característica das **CVSs**, não é observado nas **CFFs**, uma vez que, nessas construções, o V1 é sempre um verbo intransitivo.

Resumo, em (171) aquelas propriedades compartilhadas pelas **CFFs** e pelas **CVSs**:

(171) Propriedades compartilhadas pelas CFFs e as CVSs:

- a) a construção possui mais de um verbo flexionado;
- b) não há contraste entre as flexões verbais desses verbos (por exemplo, para as categorias como tempo, modo, aspecto, pessoa/número do sujeito ou agente (e algumas vezes outros papéis semânticos ou gramaticais) e negação);
- c) o morfema de negação incide apenas sobre um dos verbos, mas tem escopo sobre toda a construção.
- d) há compartilhamento de argumento externo sujeito;
- e) a construção descreve apenas um evento;
- f) alguns tipos apresentam uma conjunção coordenada ligando V1 e V2.

Todavia, as **CFFs** não exibem as funções lexicais (lexicalização) nem gramaticais (marcação de caso, tempo ou aspecto, evidencialidade) próprias das **CVSs**. As **CFFs** apresentam uma função discursiva na medida em que conduzem a atenção do interlocutor/ouvinte para o fato que será descrito pelo segundo verbo da construção.

Givón (1991b: 138-9) assevera que as **CVSs** têm sido apenas descritas em línguas não-européias e que sua genética singular e sua distribuição justificam-se muitas vezes na

relação entre gramática e cognição⁵⁰. O autor, por sua vez, defende que a existência deste fenômeno gramatical não se dá por razões cognitivas nem culturais, mas sim tipológicas. O fenômeno que fora inicialmente analisado como “exótico” e de ocorrência limitada, pode, ao contrário, ser observado em línguas diversas, como Português e inglês. Evidentemente, alguns tipos de **CVSs** são apenas característicos de determinadas línguas, mas a identificação de diferentes tipos de serialização traz a discussão sobre esse fenômeno para um campo específico da gramática, a saber, a configuração sintática de cláusulas.

Inúmeros trabalhos de orientação funcionalista (Foley & Van Valin 1984, entre outros) consideram a serialização verbal como uma das maneiras possíveis de se integrar camadas (*layers*) de uma cláusula (Pawley & Lane 1998). Lehmann (1988: 191) atesta que as **CVSs** estão claramente relacionadas com a gramaticalização de integração de cláusulas. Givón (1991b: 177), em estudo comparativo entre cláusulas principais finitas e cláusulas com verbos seriais identificadas em línguas faladas na Papua Nova Guiné, como Kalam, Alamlak, Tairora e Chuave, concluiu que existe um *continuum* de tipos de cláusulas de acordo com o grau de finitude. As cláusulas principais prototípicas e as cláusulas com verbos seriais se revelaram como dois pontos extremos nesse *continuum*, na medida em que as primeiras representam cláusulas independentes e as últimas, raízes co-lexicais ou morfemas gramaticais.

No *continuum* de tipos de sentenças complexas, elaborado por Croft (2001: 322), as **CVSs** representam estruturas intermediárias entre a coordenação e a complementação. Está previsto, deste modo, que há uma estreita relação entre coordenação e as **CVSs**, embora as segundas apresentem um grau de integração sintática mais forte.

Essa idéia de um *continuum* que conecta diferentes tipos de cláusulas é bastante explorada por estudiosos, principalmente, funcionalistas, para discutir a relação não dicotômica entre coordenação e subordinação, tópico que será considerado a seguir.

⁵⁰ Givón critica neste momento alguns autores que defendem que línguas que possuem **CVSs** diferem das outras línguas pelo fato de que os falantes das primeiras percebem e codificam eventos diferentemente dos falantes das segundas. Nesse caso, o uso de **CVSs** seria cognitivamente determinado.

3) A relação entre coordenação e subordinação

A relação entre os processos de coordenação e subordinação de cláusulas é matéria controversa na literatura. Para a NGB, a articulação de orações se reduz à dicotomia coordenação versus subordinação. Nessa perspectiva, as orações coordenadas são definidas como independentes e se dividem em sindéticas, em que se verifica a presença de conjunção, ou assindéticas, em que as orações apenas se justapõem. Já as orações subordinadas funcionam como “termos essenciais, integrantes ou acessórios” de uma outra oração, a principal. As orações subordinadas são classificadas de acordo com as funções que desempenham na principal. Podem ser *substantivas*, *adjetivas* ou *adverbiais* (Cunha & Cintra 1985: 584).

As definições tradicionais são alvo de inúmeras críticas por parte de várias correntes teóricas da lingüística. Partindo de uma perspectiva textual da linguagem, Koch (1996: 11) argumenta que “toda oração ou conjunto de orações veicula significados” e, portanto, “forma e função (...) não podem e não devem ser desvinculados no estudo da linguagem humana”. Koch assevera ainda que “o funcionamento global de uma língua só pode ser devidamente explicado por um estudo integrado dos componentes sintático, semântico e pragmático”. Para a autora, o termo **interdependência** deve se sobrepôr aos termos dependência (para subordinadas) e independência (para coordenadas), uma vez que traduz melhor as relações entre as orações. Essa interdependência prevê que, seja no período, no parágrafo ou no texto, qualquer uma das orações é necessária à compreensão das demais.

Bally (1944 *apud* Koch 1996: 116) propõe uma definição das relações interfrásicas com base nos modos de combinação possíveis entre enunciações, tendo em vista não as noções de ordem morfológica ou sintática, mas semântica. Esses modos de combinação são: a coordenação, a soldadura e a segmentação. Há coordenação semântica entre A e B quando os elementos podem ser identificados um como tema e outro como comentário. Nas frases ligadas, originadas pela soldadura, duas orações estão ligadas num único ato de enunciação, correspondente a uma única intenção, de tal modo que a primeira não constitui objeto de um ato de linguagem acabado, independentemente da segunda. Na segmentação, tem-se uma frase única resultante da condensação de duas orações coordenadas, mas com soldadura

imperfeita, permitindo distinguir duas partes, uma das quais tem a função de tema e a outra, a de comentário. A segmentação distingui-se da coordenação pelo fato de haver uma interdependência maior, um relacionamento recíproco entre dois enunciados A e B.

A proposta de Bally é de grande relevância, principalmente, como adverte Koch (1996), pela distinção entre frases ligadas e coordenação:

“No caso de frases ligadas, tem-se um predicado complexo, e, portanto, um enunciado único, resultante de um só ato de enunciação. Na coordenação, ao contrário, trata-se de duas proposições, resultantes de dois atos de enunciação diferentes, em que o segundo toma o primeiro como tema: tem-se uma estrutura semântica em que ocorre uma sucessão de proposições. (Koch, 1996: 122)

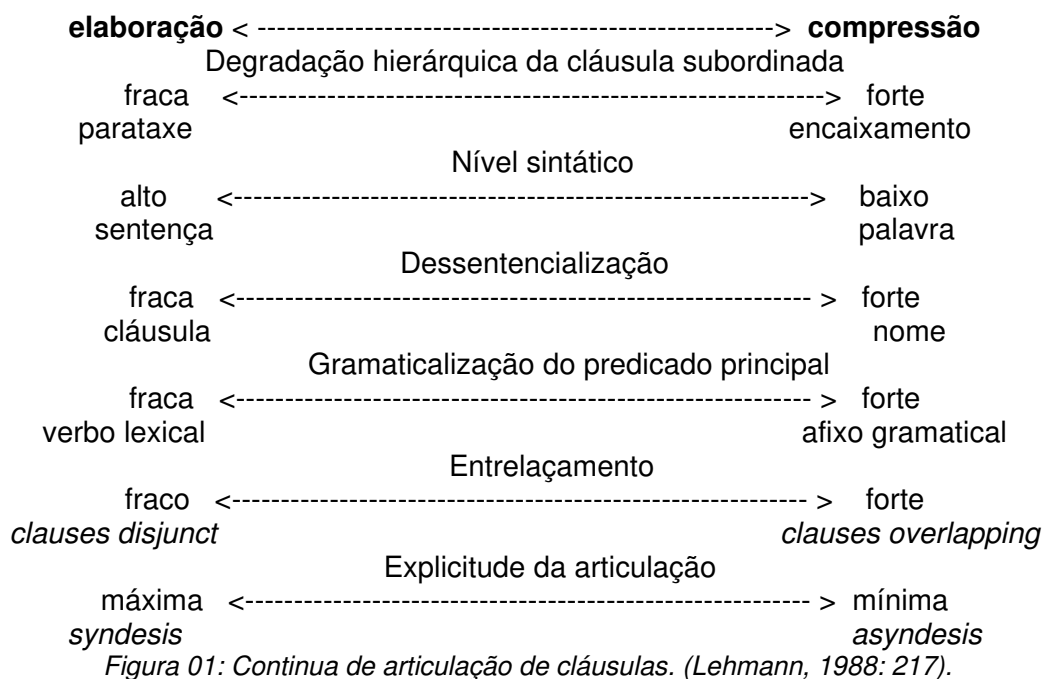
Para a lingüística funcional não existe uma relação dicotômica entre a coordenação e a subordinação, uma vez que o fenômeno da integração de cláusulas é entendido como um *continuum* que conecta estruturas [$\pm$ dependentes].

Para Lehmann (1988), a articulação de cláusulas pode ser definida a partir de vários parâmetros semântico-sintáticos, identificáveis em várias línguas:

- i. degradação hierárquica da cláusula subordinada;
- ii. nível do constituinte sintático ao qual a oração subordinada se liga;
- iii. dessentencialização da subordinada;
- iv. gramaticalização do verbo da principal;
- v. entrelaçamento das duas orações;
- vi. explicitude da articulação.

A partir desses parâmetros, Lehmann (1988) estabelece seis *continua* que partem de um pólo de máxima *elaboração* a outro de máxima *compressão* (ou condensação) de informação lexical ou gramatical. No pólo esquerdo, há um período formado por orações que são sintaticamente equivalentes e interligadas por um conectivo: cláusulas independente e simples. Já no pólo direito, há um período em que uma das orações apresenta o predicado

reduzido, há encaixamento da oração principal em um constituinte de nível sintático baixo e a oração pode ser nominalizada (nominalização): cláusula complexa:



Para Lehmann (1988: 183), a articulação de cláusulas é hierarquicamente condicionada. No pólo esquerdo do *continuum* não há nenhuma relação hierárquica entre as duas cláusulas da sentença complexa: parataxe. Já no pólo direito, é evidente a relação hierárquica entre as cláusulas, sendo que a cláusula subordinada se torna um constituinte da cláusula principal: encaixamento. Contudo, Lehmann (1988: 185) deixa claro que o espaço entre esses dois pólos é preenchido por inúmeros tipos de construções, inclusive as **CVSs**.

Hopper e Traugott (1993: 170), por sua vez, redefiniram a relação inter-clausal, de acordo com a perspectiva da gramaticalização, através do *continuum*:

parataxe > hipotaxe > subordinação,

que leva em conta a combinação dos parâmetros dependência e encaixamento, como explicitado no quadro abaixo:

parataxe	>	hipotaxe	>	subordinação
- encaixamento		- encaixamento		+ encaixamento
- dependência		+ dependência		+ dependência

Quadro 3: "Cline" de combinação de cláusulas (Hopper e Traugott, 1993: 170).

Para esses autores, a parataxe caracteriza-se por uma independência relativa. O vínculo semântico é inferido pela relevância e pelo sentido que emerge da conjunção das duas, ou mais, cláusulas. Não há encaixamento de uma cláusula dentro de outra. Esse grupo é formado por orações coordenadas e justapostas. A hipotaxe é caracterizada pela interdependência entre as cláusulas, que são definidas como núcleo e margem. Integram esse grupo as orações adverbiais e as relativas apositivas. Por fim, a subordinação é caracterizada pela total dependência entre as cláusulas matriz e encaixada. Há encaixamento de todo satélite dentro de um constituinte da matriz. Compõem esse grupo as orações completivas e as relativas restritivas.

Esse *continuum* dá conta dos graus de integração das orações, que caminham de um ponto onde as relações sintáticas são mais frouxas, para outro, onde haveria uma maior integração clausal. Ou seja, na escala temos uma estrutura menos gramaticalizada, à esquerda, em oposição a uma estrutura mais gramaticalizada, à direita. Hopper & Traugott (1993) defendem que o grau de vinculação entre as cláusulas é determinado pelos avanços no processo de gramaticalização.

Para tratar do grau de integração entre orações, Hopper & Traugott remetem a Givón (1990 *apud* Hopper & Traugott 1993: 171) que sugere que haveria um paralelismo cognitivo que estabelece uma "iconicidade diagramática" entre forma e função: a uma maior integração semântico-pragmática corresponderia uma maior integração entre as cláusulas. Para os autores, "a presença explícita e independente do elo clausal se correlaciona com uma integração semântico-pragmática mínima, ou seja, com uma maior autonomia e vice-versa", como explicitado no Quadro 4:

parataxe _____	hipotaxe _____	subordinação _____
(independência)	(interdependência)	(dependência)
núcleo _____		margem _____
integração mínima _____		integração máxima _____
máxima ligação explícita _____		mínima ligação explícita _____

Quadro 4: *Propriedades relevantes para o "cline" de combinação de cláusulas.*
(Hopper & Traugott, 1993: 171).

As propostas dos autores considerados nessa seção, principalmente as de Lehmann (1988) e Hopper & Traugott (1993), são de grande relevância para este trabalho, na medida em que auxiliam a compreensão dos processos de combinação de cláusulas, que são mais bem interpretados através de um *continuum* que prevê graus de menor ou maior integração clausal.

No Brasil, os trabalhos realizados sob uma perspectiva funcional a respeito dos processos de articulação de cláusulas têm proposto uma reinterpretação daqueles tipos de orações já tradicionalmente conhecidos. Esses trabalhos visam a esclarecer alguns equívocos quanto à classificação de alguns tipos de orações bem como oferecem dados importantes para a descrição do Português brasileiro, inclusive sob a perspectiva da teoria da gramaticalização.

Já aqueles trabalhos realizados numa perspectiva textual de linguagem discutem a relação coordenação versus subordinação a partir do valor semântico das orações envolvidas nesses processos. Com base na dependência semântica entre as orações envolvidas num processo de coordenação, Garcia remete à “falsa coordenação”, em que se verifica coordenação gramatical e subordinação psicológica. Para Kock, por exemplo, mais do que a configuração sintática, as propriedades semânticas e textuais devem ser fundamentais para a identificação das relações que se travam entre orações no texto.

No entanto, a idéia de um *continuum* que conecta as estruturas com maior ou menor grau de integração pressupõe que, embora se possam identificar estruturas bem delimitadas nas extremidades, estruturas de natureza diferente preenchem o espaço entre os dois pólos. Estudiosos de diversas línguas oferecem descrição de algumas estruturas que exibem tanto características de coordenação quanto de subordinação. Apenas a título de exemplificação, cite-se o trabalho de Kazenin & Testelet (2004) que, ao tratar de construções com *converbs*

em Tsakhur, língua falada principalmente nas regiões leste e nordeste do Cáucaso, Rússia, mostra que essas construções apresentam uma ambigüidade estrutural entre coordenação e subordinação.

Croft (2001) propõe uma análise mais inovadora sobre os tipos de estruturas, encontradas em diversas línguas, que podem ocorrer nas fronteiras entre os quatro tipos tradicionais de sentenças complexas. De acordo com Croft, esses quatro tipos básicos são a coordenação, a complementação, as cláusulas adverbiais e as relativas. A Figura 02 mostra graficamente a relação entre os tipos básicos e as construções intermediárias. Entre a coordenação e a complementação estão as **CVSs**, as cláusulas paratáticas e os complementos de fala. Entre a coordenação e as cláusulas subordinadas adverbiais está a *cossubordinação* (Foley & Van Valin 1984). Entre as cláusulas adverbiais e as relativas estão as cláusulas relativas adjuntas. Finalmente, entre a complementação e as relativas estão as relativas com núcleo interno.

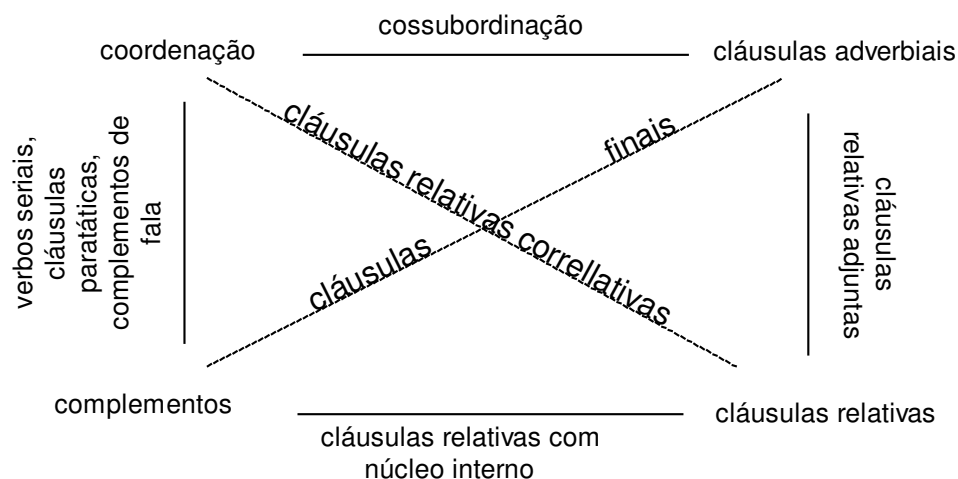


Figura 02: O continuum de tipos de sentenças complexas (Croft 2001: 322)

Sustento que as **CFFs** também constituem uma dessas estruturas intermediárias, pois embora se assemelhem à coordenação, exibem propriedades não previsíveis por este processo. A configuração sintática das **CFFs** é próxima da coordenação, mas a relação entre V1 e V2 aponta para um grau mais forte de integração semântica, uma vez que o valor discursivo de V1 só emerge nas **CFFs**.

Assumindo que as **CFFs** representam um fenômeno que deve ser também interpretado tendo em vista a integração de cláusulas, podemos vislumbrar um *continuum*, que acomode tanto as orações coordenadas e subordinadas, bem como as **CVSs** e as **CFFs**. O reconhecimento do fenômeno de serialização verbal como um processo de integração de cláusulas é importante para compreender porque as **CVSs** e as **CFFs** compartilham propriedades importantes. Na verdade, ambas construções constituem estruturas intermediárias.

4) O estatuto categorial das **CFFs**

Concluo que as **CFFs** podem ser descritas, em termos tipológicos, como parte de uma grande família de tipos de construções de predicação complexa. Contudo, no tocante ao PB, defendo que as **CFFs** permanecem distintas de todos os outros tipos de construções gramaticais e merecem, portanto, uma análise adequada de suas propriedades e funções. O estudo comparativo entre as **CFFs** e as construções coordenadas e com verbos auxiliares deixou evidente que uma análise componencial, que trata suas propriedades internas separadamente, não dá conta dos dados e poderia, inclusive, levar à conclusão de que as **CFFs** correspondem a um caso [- prototípico] de uma ou outra construção. Entendo que apenas uma proposta de análise não componencial⁵¹, tal como difundida pelos gramáticos construcionistas, pode dar conta do estatuto categorial das **CFFs**.

Os estudos desenvolvidos sob o prisma da GC têm destacado a importância e a necessidade de um modelo capaz de explicar padrões mais idiomáticos de uma língua como uma instanciação de construção gramatical. Kay & Fillmore (1999: 07) defendem, por exemplo, que novas construções têm origem em outras, pré-existentes na língua. A vantagem de um modelo construcional é a possibilidade de demonstrar a estreita relação de construções mais idiomáticas com construções mais familiares no licenciamento de sentenças da língua. Dessa forma, compreendo que a emergência das **CFFs** se dá a partir de estruturas já presentes no Português, a saber, as estruturas coordenadas. Contudo, as **CFFs** exibem propriedades que não são compartilhadas por nenhuma outra construção do Português, o

⁵¹ As partes internas das construções podem ser analisadas desde que sejam consideradas como pertencentes a um todo comum, isto é, pode-se investigar os seus valores dentro da construção.

que as caracteriza como uma construção gramatical singular. Acredito que o padrão de flexão, as mudanças semânticas sofridas por V1 e, especialmente, o padrão de negação devem ser destacados, pois representam importantes propriedades para distinguir as **CFFs** de outros tipos de construções do Português.

4.1) A gramática das construções

Dentre os trabalhos que deram origem ao que é hoje compreendido como gramática das construções estão, sem dúvida, os de Kay & Fillmore (1999), Fillmore, Kay & O'Connor (1988), Lakoff (1987), Brugman (1988), Lambrecht (1994), Goldberg (1995), Croft (2001), que, de um modo geral, assumem que as construções consistem em unidades básicas da língua.

Em Goldberg (1995: 06) é possível observar alguns dos principais pressupostos da GC, como:

- a) comprometimento com a análise de todas as construções da língua, não apenas com aquelas estruturas mais recorrentes e regulares⁵²;
- b) interesse em desvendar em que condições o uso de uma determinada construção pode ser bem sucedida, uma vez que é considerada como parte da competência do falante ou do conhecimento da língua. Esse interesse se baseia na convicção de que fatores semânticos e pragmáticos são cruciais para o entendimento dos limites de uso de uma construção gramatical;
- c) defesa de uma não divisão estrita entre léxico e sintaxe, e semântica e pragmática.

Fillmore (1985: 73), por exemplo, analisa o fenômeno identificado como “introduções sintáticas” (*syntactic intrusions*) para mostrar que a tecnologia gramatical que opera na introdução de elementos lexicais e clausais dentro de uma sentença requer muitas vezes um

⁵² O comprometimento com a completude das línguas, como previsto por esse modelo da gramática das construções, é também congruente com a perspectiva adotada nesta tese, uma vez que ambas propostas privilegiam a análise de construções marginais muitas vezes ignoradas na literatura lingüística, como, por exemplo, as CFFs.

tipo de sensibilidade contextual, que pode ser mais bem entendida pela referência à noção de construções. O autor acentua que o significado de tais construções não é determinado pelos elementos de sua constituição nem de sua derivação.

Para demonstrar como uma construção se forma a partir da introdução de elementos dentro de uma sentença comum, Fillmore (1985) analisa dois casos considerados como exemplos de um uso lingüístico desprestigiado em inglês. O autor acredita que, por se tratar de algo que não é ensinado na escola, tem em mãos estruturas que estão profundamente presentes na linguagem e não invenções que lhe foram externamente impostas.

Primeiramente Fillmore (1985: 74) analisa a sílaba extra que ocorre logo após as palavras *had* ou *hadn't* em certos tipos de cláusulas contrafactuais no passado. Compare os exemplos em (172) e (173):

(172) If you had eaten it, you would have died.
(“Se você tivesse comido aquilo, você poderia ter morrido.”)

(173) If you had **‘ve** eaten it, you would have died.

Segundo o autor, esse uso do *have* redundante é problemático nesses enunciados porque sua ocorrência nesses contextos específicos não é prevista por nenhuma característica do inglês.

Num segundo momento, Fillmore (1985: 80) analisa a introdução de interjeições como *the hell*, *the devil*, *the heck*, *the deuce*, etc., e alguns outros tipos de frases preposicionais do tipo *on earth*, *in the world*, *in tarnation*, *in haven's name*, etc. A generalização que pode ser feita, segundo o autor, a respeito dessas frases é que elas podem ocorrer imediatamente após qualquer cláusula interrogativa iniciada com WH-word, menos *which*:

(174) **What the heck did you see?**
(TL⁵³: “Que diabos você viu?”)

⁵³ TL = tradução livre.

O autor (1985:83) acredita que a única maneira de se explicar o fenômeno da introdução de *the heck* dentro de uma interrogação é admitir a existência de uma construção, em que uma WH-word, diferente de *which*, aparece em posição inicial para introduzir numa posição secundária uma categoria especial – possivelmente exclusiva desta construção – capaz de ser realizada como uma exclamação grosseira.

Fillmore (1985: 84) defende que, se as entradas lexicais novas fossem vistas como construções capazes de ocupar posições específicas em sentenças e se fossem incluídos os necessários papéis semânticos e as indispensáveis especificações estruturais, essas estruturas poderiam ser tratadas como provedoras de expansões de suas categorias. Estruturas desse tipo, como múltiplas ocorrências de *content-word*⁵⁴, seriam tratadas como idiomatismos. Estruturas desse tipo sem *content-word* seriam tratadas como construções menores ou maiores.

Em trabalho mais recente, Croft (2001:15) ressalta que a gramática das construções surge com o intuito de analisar um fenômeno problemático para o modelo lingüístico componencial⁵⁵, a saber, *idiomas*, ou seja, expressões idiomáticas. Os *idiomas* são expressões lingüísticas que são sintaticamente e/ou semanticamente idiossincráticas em vários sentidos, são maiores que palavras, e além do mais não podem simplesmente ser acrescentadas ao léxico de uma língua sem alguns mecanismos especiais. Alguns *idiomas* são lexicamente idiossincráticos. Croft exemplifica esse tipo de *idioma* em inglês com “*kith and kin*”. Em Português, “*sem eira nem beira*” pode ser tomado aqui também como exemplo. Tais *idiomas* são, por definição, sintática e semanticamente irregulares, uma vez que a palavra não-familiar ou não usual não tem nenhum estatuto sintático ou semântico independente. Em outros *idiomas* ocorrem palavras familiares, mas com sintaxe idiossincrática (“*all of a sudden*” ou “*in point of fact*” em inglês. (Para o Português, “*de vez em quando*”). Esses *idiomas* são chamados EXTRAGRAMATICAIIS. Outros tipos de *idiomas*, por sua

⁵⁴ *Content-words* correspondem àqueles elementos que podem preencher determinadas categorias dentro de uma dada construção.

⁵⁵ No modelo lingüístico componencial, os diferentes tipos de propriedades de um enunciado são representados em componentes separados, a saber, o componente lexical, o componente sintático e o componente semântico. Mais recentemente, deu-se atenção mais diretamente às “regras de ligação” (*linking rules*), que ligam estruturas sintáticas complexas a sua interpretação semântica, e ligam estruturas sintáticas a sua realização fonológica (Croft 2001: 14-15).

vez, apresentam palavras e sintaxe familiares, mas são semanticamente idiossincráticos. Um exemplo desse tipo de *idioma* é “*tickle the ivories*” (“tocar piano”). Em Português, “*chutar o balde*” também corresponde a esse tipo de *idioma*.

Croft (2001:15) defende que a teoria gramatical deve investigar as diferenças entre esses tipos de *idiomas* e sua relação com as regras lexicais e sintáticas regulares de uma língua. Segundo Croft, a necessidade de uma teoria que consiga acomodar os *idiomas* é ainda mais crítica para aqueles *idiomas* tratados em Fillmore *et al.* (1988), *idiomas* que são ESQUEMÁTICOS em maior ou menor grau. Ou seja, alguns *idiomas* não são completamente determinados lexicalmente ou SUBSTANTIVOS, como os descritos no parágrafo anterior. Estes *idiomas* incluem, ao contrário, categorias sintáticas, permitindo que uma gama de determinadas palavras e frases possam instanciar essas categorias.

Os *idiomas* descritos por Fillmore *et al.* (1988 *apud* Croft 2001) incluem aqueles que são parcialmente esquemáticos. Um *idioma esquemático* que é lexicalmente idiossincrático é a construção condicional comparativa do inglês “*The X-er, the Y-er*”, como em “*The longer you practice, the better you will become*”. Um exemplo de um *idioma* esquemático extragramatical é a construção do tipo “*Nth cousin*”, como em “*second cousin three times removed*”, que descreve diferentes graus de parentesco e tem uma sintaxe própria. Finalmente, um exemplo de *idioma esquemático* que é apenas semanticamente idiossincrático é a construção do tipo “*pull NP’s leg*” como em “*don’t pull my leg*”, em que a categoria SN pode ser preenchida por qualquer SN com traço [+ humano] (Croft 2001: 16).

Os *Idiomas* esquemáticos representam um significativo desafio para o modelo composicional já que possuem regularidades próprias que precisam ser capturadas como regularidades (*idiomas* extragramaticais esquemáticos), ou seguem regras sintáticas regulares e precisam de algum modo ser representados como tal (*idiomas* gramaticais esquemáticos). Além do mais, todos os *idiomas* são semanticamente idiossincráticos, o que significa que eles não seguem regras gerais de interpretação semântica. Ao contrário, eles requerem regras próprias de interpretação semântica.

Em Taylor (2002: 568), os *idiomas formais* se opõem aos *idiomas lexicais*, do tipo “*chutar o balde*”. Os *idiomas formais* são idiomáticos (suas propriedades não podem ser derivadas a

partir de princípios gerais) e são caracterizados nos termos de um esquema construcional com posições que podem ser preenchidas por qualquer item que se obedeça às especificações da construção. Os *idiomas formais*, de Taylor, correspondem aos *idiomas extragramaticais* e *esquemáticos*, de Croft (2001).

Os *idiomas construcionais* precisam, segundo Taylor (2002: 569) ser analisados tendo em vista tanto seus aspectos formais quanto semânticos. Resta saber, contudo, em que medida essas propriedades formais e semânticas estão ou não previstas na língua.

Uma vez que se admite a complexidade dos *idiomas* tal como descritos por Croft (2001), Kay & Fillmore (1999) e Taylor não é difícil entender por que todas as tentativas de análises mais tradicionais falharam para as **CFFs**. Apesar de possuírem léxico e sintaxe familiares ao Português, essas construções possuem regras próprias de sintaxe e de interpretação semântica. São, seguindo a nomenclatura proposta por Croft (2001), *idiomas extragramaticais* e *esquemáticos*. As **CFFs** constituem casos de *idiomas extragramaticais*, porque seguem regularidades sintáticas (padrão de flexão e negação) e semânticas próprias (uso discursivo específico); e *esquemáticos*, porque não sendo completamente pré-determinados, em termos lexicais, possuem algumas categorias sintáticas a serem preenchidas (Sujeito e V2).

Pensando com Taylor (2002), as **CFFs** são *idiomas formais* e suas propriedades sintáticas e pragmáticas não estão previstas no Português. O padrão de negação das **CFFs** contraria as expectativas tanto em relação aos processos de coordenação, em que cada verbo pode ser negado separadamente, quanto em relação à auxiliarização, em que o morfema de negação é adjacente ao verbo auxiliar e tem escopo sobre toda a construção. Nas **CFFs**, o morfema de negação é adjacente ao V2 e tem escopo sobre toda a construção. O padrão de flexão das **CFFs** também é idiossincrático, uma vez que o V1 recebe flexões de tempo, mas não designa um estado-de-coisas e não está ancorado no tempo ou na realidade tendo em vista a situação de ato de fala (Taylor 2002: 569). Nas **CVAs**, o verbo auxiliar também recebe flexão, mas o verbo principal, não. Nas **CFFs**, tanto V1 quanto V2 são flexionados.

Sendo assim, advogo a existência das **CFFs** como um tipo de construção gramatical no PB, fato que é atestado por suas propriedades sintáticas e semânticas idiossincráticas.

4.1.1) Evidências da construcionalidade das CFFs

Segundo Kay (2004), a maior motivação empírica para a GC reside na necessidade de se desenvolver um sistema de descrição gramatical no qual construções marcadas (formas de expressão mais ou menos idiomatizadas) são representadas no mesmo sistema formal junto com as não-marcadas. Interessa também para essa abordagem “a diversidade de modos pelos quais informações pragmáticas de vários tipos podem estar diretamente associadas com formas lingüísticas em construções gramaticais irreduzíveis, isto é, construções cujas formas não podem ser produzidas pela combinação de unidades menores da gramática de acordo com princípios gerais” (Kay 2004).

Pensando com Kay, é possível propor uma estrutura formal, como em (175), capaz de descrever as **CFFs**. No entanto essa estrutura falha em descrever seus aspectos pragmáticos, que só podem ser depreendidos em situações reais de uso. Vimos anteriormente que, mesmo nessas situações, as **CFFs** estão vinculadas a diferentes significados relativamente abstratos, tais como contrajunção e tomada de decisão, que podem ou não se inter-relacionar.

(175) [(SUJ_i) [V1_i [+ flex_i] (CONJ e) V2_i [+ flex_i]]]

Todavia, é perfeitamente possível definir as propriedades das **CFFs**. É o que faço a seguir:

- (a) As **CFFs** se formam a partir dos usos de um dos verbos *ir*, *chegar* ou *pegar* na posição V1 associado a V2, em que ambos compartilham sujeito e flexões modo-temporais e número-pessoais;
- (b) O sujeito sempre precede V1. Sujeitos precedendo V2 não são esperados. Um sujeito adjacente a V2 é muito marcado e constituiria um caso [- prototípico] de **CFFs**;
- (c) V1 e V2 podem ser contíguos ou ligados por *e*. Outros elementos que não *e* podem ocorrer entre V1 e V2, tais como a partícula *lá*, marcadores etc; essa posição pode ser ocupada ocasionalmente pelo sujeito posposto de V1.
- (d) V1 nunca pode receber negação. O morfema de negação, *não*, precede V2, mas tem escopo sobre toda a construção;

- (e) *Ir*, *chegar* e *pegar*, quando ocupam a posição V1, perdem transitividade e a sofrem mudança semântica⁵⁶;
- (f) V1 e V2 exibem uma ordem sintática fixa;
- (g) V1 nunca pode ser alvo de interrogação:

Asserção: Ela pegou morreu.

Pergunta aceitável: Morreu mesmo?

Pergunta inaceitável: * Pegou mesmo?;

- (h) E, finalmente, as **CFFs** possuem uma função pragmática específica, na medida em que V1 dramatiza ou enfatiza os eventos descritos em V2.

Todas as propriedades descritas acima asseguram o *status* construcional das **CFFs**. É preciso, no entanto, que esteja assegurado que essas propriedades e o valor discursivo das **CFFs** não estão relacionados nem com a composicionalidade dos elementos individualmente envolvidos nessas construções, muito menos com os sentidos lexicais destes elementos.

5) Resumo

Meu objetivo neste capítulo foi propor a categorização gramatical das **CFFs**. Mostrei inicialmente que o modelo de categorização clássica não é adequado para analisar as **CFFs**. Por outro lado, os modelos de semelhança de família e a teoria dos protótipos dão conta dos dados na medida em que propõem que as categorias lingüísticas se relacionam através de um *continuum*, em que diferentes categorias podem se sobrepor parcialmente. Isso porque as **CFFs**, em conjunção com as propriedades exclusivas de sua categoria, apresentam outras que são compartilhadas por diferentes tipos de construções.

Sendo assim, na segunda parte deste capítulo, analisei as **CFFs** comparativamente em relação às construções coordenadas, **CVAs** e **CVSs**. Concluí que a noção de eventos junto

⁵⁶ O desbotamento semântico de V1 é um importante aspecto para diferenciar as **CFFs** de outras estruturas do Português. Casos em que os verbos na posição V1 possam ser analisados como verbos lexicais plenos deixam de configurar instâncias de **CFFs** e estão fora do escopo deste trabalho. Evidentemente, há casos ambíguos, em que há superposição de significados. Esses casos não serão discutidos aqui.

com algumas propriedades sintáticas de V1 constituem evidência significativa para a sua distinção face às construções coordenadas. Nas **CFFs**, V1 e V2 não representam dois eventos discretos, enquanto na coordenação cada cláusula representa um evento distinto. Essa distinção é referendada por outras propriedades sintáticas referentes à flexão verbal, à realização do sujeito e à negação. Constatei também que as **CFFs** não constituem um caso de **CVAs**, uma vez que os padrões de flexão e de negação determinam uma não identidade entre esses dois fenômenos. Finalmente, focalizei o contraponto entre as **CFFs** e as **CVSs**, o que revelou que ambas construções compartilham um significativo número de propriedades. As **CFFs** e as **CVSs** constituem-se a partir de uma seqüência de verbos flexionados, que codificam apenas um evento e podem ou não estar conectados pela conjunção *e*; e o morfema de negação é adjacente a apenas um verbo, mas tem escopo sobre toda a construção.

A aproximação entre as **CFFs** e as **CVSs** é possível na medida em que a serialização verbal é compreendida como um fenômeno lingüístico não homogêneo, cuja definição se faz através de um conjunto de propriedades que não são necessariamente válidas para todos os tipos de **CVSs**.

Estudos como os de Givón e de Lehmann revelam que a serialização verbal integra, na verdade, o *continuum* de articulação de cláusulas, em que as estruturas encontram-se hierarquicamente posicionadas. Concluí que as **CFFs** podem ser concebidas como um tipo de construção de predicação complexa que se observa translingüisticamente. Entretanto, no âmbito do PB, defendi que as **CFFs** permanecem distintas de todos os outros tipos de construções gramaticais. Deste modo, focalizei na última parte deste capítulo, a abordagem construcionista de análise, que prevê que todas as construções da língua podem e devem ser analisadas em termos de suas propriedades e funções, tendo em vista um modelo de análise não componencial.

CAPÍTULO IV

A ORIGEM DAS CFFs: UM PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO OU DE DISCURSIVISAÇÃO?

Introdução

Nos três primeiros capítulos desta tese, (a) ofereci evidências de que as **CFFs** integram a classe das construções do tipo **go-and-verb**, que ocorrem não só em Português mas também em línguas diversas, como o inglês e o espanhol; (b) descrevi e analisei suas propriedades sintáticas e pragmático-discursivas; e (c) discuti o seu estatuto categorial, tendo em vista, principalmente, sua relação com as construções coordenadas, as construções com verbos auxiliares (**CVAs**) e as construções com verbos seriais (**CVSs**). Nesse âmbito, concluí que, embora seja possível sua inclusão num conjunto de construções de predicação complexa, verificado translingüisticamente, no que tange ao PB, as **CFFs** permanecem distintas de todos os outros tipos de construções.

Neste último capítulo, tratarei dos processos de mudança que afetaram o estatuto categorial dos verbos **ir**, **chegar** e **pegar**, levando à formação das **CFFs**. Seu desenvolvimento evoca, como explicitado no Capítulo III, a teoria de gramaticalização. Todavia, o resultado final do processo de mudança que culminou na emergência das **CFFs** no Português parece não poder ser explicado com base no *continuum item lexical > item gramatical* ou *item gramatical > item mais gramatical*, tradicionalmente utilizado para dar conta dos fenômenos de gramaticalização. Argumentei, no Capítulo II, que as **CFFs** não apresentam nenhuma função gramatical, mas sim pragmática, na medida em que V1 dramatiza ou enfatiza os eventos descritos em V2.

Alguns autores, como Vicent *et al.* (1993), Castilho (1997), Martelotta *et al.* (1996) e Martelotta (2004), têm proposto tratar os casos de mudança lingüística que atingem os elementos que atuam no nível do discurso como oriundos de um processo de pós-

gramaticalização (Vicent *et al.* 1993), ou discursivização (Castilho 1997; Martelotta *et al.* 1996 e Martelotta 2004). Traugott (1997, 2003), por outro lado, defende uma não distinção entre esses processos. O tema, contudo, está longe de ser consenso entre os estudiosos. O desenvolvimento das **CFFs**, tratado neste capítulo, contribui para essa discussão teórica.

Iniciarei fazendo uma revisão histórica, não exaustiva, mas representativa dos estudos sobre gramaticalização, pontuando suas principais fases e descobertas. Em seguida, apresentarei as propostas mais contundentes daqueles que advogam uma autonomia dos processos de pós-gramaticalização ou discursivização. Considerarei também a proposta de Traugott (1997, 2003), que defende uma reinterpretação dos princípios de gramaticalização para que não sejam excluídos do escopo desse processo aqueles itens que adquirem uma função discursiva. Finalmente, discutirei o desenvolvimento das **CFFs** sob estas perspectivas, mostrando em que medida oferecem contribuições para o entendimento das mudanças sofridas por *ir*, *chegar* e *pegar*.

1) A gramaticalização

1.1) Revisão teórica clássica

Os primeiros estudos sobre gramaticalização, embora o nome tenha surgido muito mais tarde, estão associados aos trabalhos dos filósofos franceses e britânicos do século XVIII. Nessa época, Condillac (1746 *apud* Heine 2003) advogava que morfemas flexionais tinham origem em palavras independentes. Algumas noções, hoje preconizadas pela teoria da gramaticalização, já estavam também presentes no trabalho de Horne Tooke (1786, 1805 e 1857 *apud* Heine 2003), que argumentava que a língua é concreta em seu “estágio original”, e que itens abstratos derivam de itens concretos. Naquele momento, “abreviação” e “mutilação” foram propostas como noções chave (Heine 2003: 576).

No século XIX, o lingüista alemão Franz Bopp (1816, 1833 *apud* Heine 2003) reconhecia que a mudança de formas lexicais para gramaticais era essencial para seus estudos de gramática comparativa.

No século XX, Meillet, o primeiro a usar o termo gramaticalização, definiu esse processo como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente considerada autônoma” (Meillet 1912: 131 *apud* Hopper 1991: 17). Kurylowicz (1965: 52 *apud* Heine 1993: 117) definiu gramaticalização como o processo pelo qual itens lexicais se tornam gramaticais ou itens gramaticais se tornam mais gramaticais através do tempo.

Nos anos 70, os estudos de gramaticalização estiveram principalmente relacionados ao paradigma do localismo (Anderson 1971, 1973 *apud* Heine 2003: 576). Para essa escola, expressões espaciais eram mais básicas e serviam de modelo para outros tipos de expressões lingüísticas. Contudo, os mais importantes desenvolvimentos desse período estão relacionados aos trabalhos de Givón, que argumentava que, a fim de que se pudesse entender a estrutura da língua, era preciso conhecer os primeiros estágios de desenvolvimento. Com o *slogan* “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”, considerado como parte do ciclo mais geral de evolução, como exposto em (176), este autor inaugurou uma nova perspectiva para o entendimento da gramática (Givón 1971: 12, 1979):

(176) Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero

Embora a definição de Kurylowicz se sustente como uma forte tendência para os estudos de gramaticalização, inúmeras outras abordagens co-existem. Hopper & Traugott (1993: 1-2), por exemplo, reconhecem que o termo “gramaticalização” também pode se referir a um modelo dentro do qual são explicados os fenômenos de linguagem. Deste modo, a gramaticalização diz respeito à parte do estudo das línguas que se interessa em descobrir como construções e formas gramaticalizadas emergem, como são usadas e como determinam as línguas. Hopper (1987), em particular, propõe tratar a gramaticalização como sendo sinônima, ou quase sinônima, de gramática emergente. Logo, gramaticalização, ou gramática emergente, diz respeito às estratégias que são recorrentemente usadas na construção do discurso e envolve um movimento contínuo em direção à estrutura.

Em Bybee (1985) e Bybee *et al.* (1991, 1994) a teoria da gramaticalização é vista como um modo de descrever e explicar translingüisticamente a estrutura de categorias gramaticais.

Heine *et al.* (1991) e Heine (1997), por sua vez, sustentam que a gramática é o resultado da inter-relação entre conceptualização e comunicação, e que a teoria da gramaticalização fornece instrumental para a reconstrução de algumas motivações extralingüísticas da gramática. De acordo com Heine (1991: 48ss), o padrão de transferência metafórica, subjacente a vários processos de gramaticalização, possui uma estrutura ontológica, em que domínios [- abstratos], à esquerda, podem ser usados para codificar domínios [+ abstratos], à direita:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

Deste modo, a gramaticalização é também o processo pelo qual expressões com significados [+ concretos] (= fonte) são usadas, em contexto específicos, para codificar significados [+ abstratos] e gramaticais (= alvo).

Os fenômenos de gramaticalização podem ser estudados a partir de duas perspectivas, a saber, diacrônica (histórica) e sincrônica. A primeira investiga a origem de formas gramaticais que se desenvolvem em decorrência das mudanças que as afetam. A abordagem sincrônica, por sua vez, trata a gramaticalização como um fenômeno principalmente discursivo-pragmático, que deve ser estudado tendo em vista os padrões de fluidez do uso lingüístico (Hopper & Traugott 1993: 02).

De uma perspectiva diacrônica, a gramaticalização é hipotetizada como um processo prototipicamente unidirecional (Hopper & Traugott, 1993: 94). Uma vez que as mudanças que determinado item sofre, em decorrência da gramaticalização, não são abruptas, o conceito de *cline* é fundamental para esse paradigma. Segundo Hopper & Traugott (1993: 07), pode se admitir que existe um “*cline* de gramaticalidade”, como exposto em (177):

(177) item lexical > palavra gramatical > clítico > afixo flexional

Nesse *cline*, o item lexical se move através de estágios e se torna mais sintático (palavra gramatical, clítico) e, finalmente, morfológico (afixo flexional). Itens à direita são mais

gramaticais e menos lexicais que os da esquerda. É difícil, contudo, estabelecer fronteiras nítidas entre as categorias representadas nos *clines*. Acredita-se, porém, que um item se move, provavelmente, de um ponto à esquerda para um ponto mais à direita, ou seja, há uma forte tendência de unidirecionalidade na história de formas individuais. Hopper & Traugott (1993: 94-95) acreditam que os itens em processo de gramaticalização indubitavelmente seguem uma trajetória unidirecional, esquematicamente apresentada abaixo:

item lexical usado em contextos lingüísticos específicos > sintaxe > morfologia

Sincronicamente, porém, o *cline* pode ser entendido metaforicamente como um *continuum* em que as formas se arranjam ao longo de uma linha imaginária na qual estão dispostos de um lado um item lexical e de outro um item gramatical (Hopper & Traugott 1993: 7).

A idéia de *cline* é metaforicamente utilizada para tratar do deslizamento categorial de itens em processo de gramaticalização. Heine (2003: 163) propõe o seguinte *cline* em (178), em que se pode visualizar os principais estágios de desenvolvimento na gramaticalização:

(178) L > G1 > G2 > G0

(em que L= forma lexical, G1 = forma gramatical, G2 = forma mais gramatical, G0 = forma gramatical que não tem mais significado gramatical, e ">" = "desenvolve diacronicamente em".)

Entende-se que a teoria da gramaticalização se baseia na hipótese de que o desenvolvimento pressuposto em (178) é unidirecional. Heine explica que "subjacente à gramaticalização, existe uma estratégia cognitiva através da qual os conteúdos menos concretos, menos imediatamente acessíveis e/ou com significado menos delineados são entendidos em termos de conteúdos mais concretos, mais rapidamente acessíveis e/ou com significado mais claramente delineado"⁵⁷.

⁵⁷ "Underlying grammaticalization there is a cognitive strategy whereby in specific context less concrete, less immediately accessible, and/or less clearly delineated meaning contents are understood and described in terms of more concrete, more readily accessible and/or more clearly delineated contents" (Heine 2003: 163).

O autor se refere a essa estratégia como “concretização”, tal como proposto em Heine & Kuteva (2002). Essa estratégia afeta diretamente a mudança gramatical, sendo responsável pelos seguintes mecanismos: (a) uso de uma expressão lingüística existente num novo contexto (= extensão ou generalização contextual); (b) perda de propriedades semânticas que são irrelevantes neste contexto (dessemantização); (c) subsequente também perda de propriedades morfosintáticas características deste uso em outros contextos (decategorização); e (d) eventualmente também perda de substância fonética (erosão). Pode-se dizer que, tecnicamente, a gramaticalização de expressões lingüísticas envolve estes quatro mecanismos (a-d) inter-relacionados. Esses mecanismos, ou estágios, são apresentados individualmente apenas por motivos metodológicos. Subentende-se, no entanto, que não são concebidos de forma estanque.

Enquanto três destes mecanismos envolvem perda de propriedades, há também ganhos. Os itens que sofreram gramaticalização ganham em propriedades características dos usos nos novos contextos. Nenhum desses mecanismos é exclusivo de gramaticalização, mas tendo em vista que em conjunto são responsáveis pela implementação da gramaticalização, pode-se dizer que eles constituem diferentes componentes de um mesmo processo.

Heine (1993) propõe, para descrever o processo contínuo de gramaticalização, o uso do termo “cadeia de gramaticalização” (*grammaticalization chain*), que pode ser caracterizado da seguinte maneira: (a) pode ser alternativamente interpretado como um estrutura sincrônica ou diacrônica; (b) forma uma estrutura linear em que uma extremidade da cadeia pode ser considerada mais antiga e menos gramaticalizada, enquanto a outra é mais nova e mais gramaticalizada; (c) pode ser descrita como uma categoria de semelhança de família linearmente estruturada. O autor prefere o uso do termo “cadeia” pois defende que mudanças gramaticais pressupõem a existência de estruturas sobrepostas, que podem ser mais bem compreendidas tendo em vista o modelo de sobreposição (“*overlap model*”), esquematizado em (179). Nesse modelo, o desenvolvimento de formas gramaticais não ocorre a partir de uma forma-fonte (A) direto para a forma-alvo (B) mas invariavelmente envolve um estágio intermediário em que A e B co-existem, criando uma situação de ambigüidade:

(179) A > A,B > B

Esse esquema pressupõe que (Heine 1993:48-53):

- i. Há uma expressão lingüística A que é recrutada para gramaticalização.
- ii. Esta expressão adquire um segundo uso padrão, B, de modo de que há ambigüidade entre A e B.
- iii. Finalmente, A se perde, isto é, há agora somente B.

Nem todos os exemplos de gramaticalização avançam, de fato, até o estágio (iii). Muitas vezes, apenas o estágio (ii) é atingido. Contudo, uma vez que (iii) é atingido, B tende a se convencionalizar, isto é, B se torna uma nova categoria gramatical. Há também que se considerar que A pode não se perder, uma vez que a gramaticalização não é inevitável.

Essa situação pode ser exemplificada, dentre tantos outros casos, pela gramaticalização do verbo de volição *-taka* do Swahili para um marcador de aspecto aproximativo ('estar prestes a', 'na iminência de') (Kuteva 1998; Romaine 1999 *apud* Heine 2003:590). Em (180a), observamos a ocorrência da forma-fonte (A) como um verbo lexical. Em (180b), temos a situação de ambigüidade em que tanto a interpretação lexical (A) quanto aspectual (B) é possível. Já (180c) representa um exemplo claro de (B), em que um referente [- animado] é usado. No estágio A, *-taka* apenas podia ter referentes [+ animados].

(180) Swahili (Bantu, Niger-Congo)

- a. **A- na- taka ku- ni- ita**
C1- PRES- want INF- me- call
"He wants to call me" (*Ele quer me chamar*)
- b. **A- na- taka ku- fa**
C1- PRES- want/PROX INF- die
 - i. "He wants to die" (*Ele quer morrer*)
 - ii. "He is about to die" (*Ele estar prestes a morrer*)
- c. **M- ti u- na- taka ku- anguka**
C3- tree C3- PRES- PROX INF- fall
"The tree is about to fall" (*A árvore está prestes a cair*)

Em Português, (181a-c) também representam diferentes estágios de gramaticalização de *ir*, partindo de um verbo lexical para um verbo auxiliar de futuro:

- (181) a. João *vai* a São Paulo.
b. José *vai lá comprar* pão.
c. A árvore *vai cair*.

Em (181a), *ir* é um verbo pleno que indica deslocamento. Em (181b), à noção de deslocamento (ir a algum lugar comprar pão) se sobrepõe uma idéia de futuro. Já em (181c), a forma *ir* + infinitivo se estabelece como uma perífrase de futuro e passa, inclusive, a aceitar sujeitos [- animados].

Conclui-se que a gramaticalização é processo de mudança lingüística produtivo assim como atestado por inúmeros estudos desenvolvidos em línguas diversas. Contudo, como para todo e qualquer modelo teórico que se apresente, algumas críticas têm sido levantadas com o intuito, principalmente, de questionar a validade da gramaticalização como um quadro de referência teórica e o caráter unidirecional desse processo.

1.2) Críticas

Campbell (2001) e Newmeyer (2001) considerarem que falta à gramaticalização um conjunto de leis próprias. Campbell (2001: 117) defende que a gramaticalização não possui um estatuto independente, uma vez que envolve outros tipos e mecanismos de mudanças, como mudança semântica, redução fonológica e reanálise, que não se limitam aos casos de gramaticalização. Argumenta (Campbell 2001: 119) que a mudança semântica (*bleaching*) não é nem uma característica suficiente (uma vez que os mesmos tipos de mudança semântica que operam na gramaticalização são os que operam na mudança lexical em geral, não apenas na gramaticalização), nem necessária, (uma vez que algumas instâncias de gramaticalização não envolvem mudança nem perda semântica) para definir gramaticalização. A redução fonológica também é apontada (Campbell 2001: 123) como um fenômeno independente de gramaticalização, uma vez que existem casos em que não há

alteração no componente fonológico e que muitas reduções fonológicas ocorrem totalmente fora do contexto de gramaticalização.

Campbell (2001: 123) critica também a hipótese da unidirecionalidade, dizendo que inúmeros contra-exemplos, verificados translingüisticamente, servem como evidência de que não se pode advogar uma direcionalidade das mudanças lingüísticas.

O caso do genitivo “-s” do inglês é um dos vários contra-exemplos apresentados por Campbell. Se comparado com o inglês arcaico, o -s é muito mais independente no inglês moderno, uma vez que pode ser separado por um advérbio, como em “*somebody else’s hat*”, por um sintagma preposicional, como “*the queen of England’s power*”, ou ainda por uma cláusula relativa, como em “*the man I saw yesterday’s car*”. Esses exemplos revelam que o genitivo inglês não é mais uma forma flexional. Os fatos históricos revelam que não houve uma evolução de uma palavra originalmente independente para uma forma flexional. Ao contrário, o que se deu foi o desenvolvimento do que era, a princípio, uma parte inseparável de um complexo sistema flexional para um elemento mais independente (Jespersen 1894 *apud* Campbell 2001: 127).

Em resposta a algumas dessas críticas, Heine (2003: 575) sustenta que a gramaticalização não é nem uma teoria da linguagem nem da mudança; seu objetivo é descrever a gramaticalização, isto é, a maneira como formas gramaticais emergem e se desenvolvem através do tempo e do espaço, e explicar porque elas são estruturadas do jeito que são. Além do mais, jamais se argumentou, segundo Heine, que a gramaticalização é o único processo de mudança lingüística. Sempre se discutiram os diferentes tipos de mudanças sintático-semânticas que subjazem aos fenômenos de gramaticalização. Portanto, o reconhecimento de que a gramaticalização envolve reanálise e extensão não invalida sua autonomia.

Em relação às críticas sobre a unidirecionalidade da gramaticalização, Heine (2003: 575) argumenta que esse processo é hipoteticamente unidirecional e essa hipótese é fortemente atestada translingüisticamente. O autor assume a possibilidade de haver degramaticalização, mas argumenta que muitos dos exemplos apresentados pelos críticos não correspondem

realmente a casos de degramaticalização, mas sim de lexicalização⁵⁸. Até mesmo Campbell (2001: 133) postula que a “existência desses contra-exemplos não nega uma tendência direcional na gramaticalização”. É essa tendência unidirecional que permite aos pesquisadores fazer postulados sobre gramaticalização que sugerem que categorias de tempo podem se desenvolver de categorias de aspecto, ou podem ser usadas para expressar modalidade epistêmica, enquanto processos na direção oposta seriam mais difíceis de acontecer (Heine 2003: 594).

2) Outras perspectivas para o paradigma da gramaticalização

2.1) Subtipos de gramaticalização

Wischer (2000) propõe que a gramaticalização pode ser analisada tendo em vista dois subtipos. O Subtipo I (baseado na suposição de Meillet de que a gramaticalização pressupõe “a transição de uma palavra independente para uma palavra gramatical”) opera no nível proposicional e se refere à transformação de unidades sintáticas livres em morfemas gramaticais altamente delimitados. O seguinte *continuum* de Givón (1979 *apud* Wischer 2000) dá conta das mudanças que ocorrem no subtipo 1:

discurso → sintaxe → morfologia → morfofonêmica → zero

Já o Subtipo II opera no nível textual ou discursivo e envolve o desenvolvimento de marcadores textuais. As mudanças que operam nesse subtipo são captadas pelo seguinte *continuum* (Traugott 1982 *apud* Wischer 2000):

proposição → texto → discurso

Note que o discurso ocupa posições completamente invertidas nos dois contínuos.

⁵⁸ Lehmann (2002) sustenta que lexicalização não é o oposto de gramaticalização, embora ambas envolvam um processo de redução. A lexicalização é o processo através do qual grupos sintaticamente livres ou formações *ad hoc* se desenvolvem em unidades lexicais com um componente semântico específico. Esse mesmo processo é também reconhecido como idiomatização.

A subdivisão proposta por Wischer (2000) remete à discussão que se instaurou entre os estudiosos dos processos de gramaticalização, tendo em vista principalmente estudos como os de Vicent *et al.* (1993) que propõem uma distinção entre dois processos de mudança lingüística: gramaticalização e pós-gramaticalização.

2.2) Gramaticalização e pós-gramaticalização

Vincent *et al.* (1993) defendem que, paralelamente ao processo de gramaticalização, existe um processo de pós-gramaticalização, que faz com que “certos elementos se libertem da gramática para atuar somente num nível de articulação discursiva”. Dentre os elementos focalizados pelos autores estão aqueles que modalizam o discurso. Os autores principalmente investigam a trajetória dos elementos lingüísticos do léxico que entram na gramática, como *mettons* em francês quebequense (FQ); e a dos elementos que se movem no espaço entre duas categorias gramaticais, como *meio/meia* em PB e *par exemple* em FQ; além da liberação dos elementos gramaticalizados de suas categorias gramaticais, como *là* (FQ), *né* (PB), e *oui* e *ok* (FQ).

Na pós-gramaticalização, um item migra para um nível não gramatical, o que para os autores, significa que esta forma “deixa de se submeter às restrições gramaticais para ser pressionada pelas restrições pragmáticas e interativas”.

A gramaticalização e a pós-gramaticalização são tomadas como dois tipos de mudança de características regulares, que se instanciam continuamente nas línguas, e através das quais instaura-se uma trajetória de um uso mais concreto e mais dêitico para os usos mais abstratos e relacionais. Os *clines* propostas por Abraham (1991: 373 *apud* Vincent *et al.* 1993) (espacial > temporal > lógico > ilocutivo > discursivo) e por Traugott e König (1991: 207 *apud* Vincent *et al.* 1993) (proposicional/ideacional > textual > interpessoal/expressivo) são as mais significativos para os dados analisados pelos autores.

Vincent *et al.* acreditam que algumas propriedades são estabelecidas no processo de pós-gramaticalização de modo que todas envolvem o efeito de reequilíbrio entre perda e ganho.

Quanto mais uma unidade consolida o seu próprio processo de pós-gramaticalização, mais ela:

- a) perde em complexidade semântica e ganha em significação pragmática;
- b) perde em significação sintática;
- c) tende a ter um uso opcional;
- d) diversifica suas posições na frase; e
- e) distingue-se das unidades que continuam a ser gramaticais, pela posição que ocupa na frase e pela entonação com que é emitida.

Tendo em vista os dados analisados, os autores admitem que as perdas fonéticas são relativas ao tipo de mudança. Inclusive porque há até mesmo alguns casos de gramaticalização que não envolvem perda fonética.

A hipótese segundo a qual as categorias mais concretas são utilizadas para descrever as categorias mais abstratas, como previsto no *continuum* de Heine *et al.* (1991) (cf. p. 156) para os casos de gramaticalização, é também pertinente para os casos de pós-gramaticalização: (a) as entidades mais claramente estruturadas são utilizadas para referir as entidades menos delimitadas e (b) as experiências físicas permitem dar conta das experiências menos físicas. O fenômeno de variação e de mudança do gênero se situa no final da trajetória (cf. Heine *et al.* 1991a), no ponto em que o sentido é muito abstrato, e em que praticamente não há mais referência concreta.

Vincent *et al.* defendem que o princípio de pós-gramaticalização se aplica (ou se aplicava há muito tempo) a todos os elementos que têm um campo de ação mais vasto do que aquele do qual a gramática dá conta; eles marcam as relações entre os locutores ou entre o locutor e seu discurso, sem marcar a relação entre os elementos de gramática.

2.3) Discursivização

Castilho (1997: 60) descreve a discursivização como “o uso discursivamente relevante de itens lexicais”. Já Martelotta (2004: 82-83), tendo em vista os usos de um conjunto de itens lingüísticos de natureza diferente, propõe a distinção entre os processos de gramaticalização e de discursivização. Embora reconheça que esses dois processos apresentam fronteiras difusas, assume que, em termos prototípicos, na gramaticalização, um item lexical passa a funcionar como um operador argumentativo, assumindo funções referentes à organização interna do texto. Na discursivização, por outro lado, um item adquire a função de marcador discursivo⁵⁹, modalizando ou reorganizando a produção da fala, quando sua linearidade é momentaneamente perdida, ou servindo para preencher os vazios ou interrupções, causados por essa perda de linearidade.

Martelotta sustenta que a gramaticalização e a discursivização compartilham algumas propriedades, entretanto, assegura que há diferenças marcantes entre os dois processos. Ressalta ainda que considerar que os usos de marcadores discursivos têm origem num processo de gramaticalização exige, pelo menos, que se admita que esse processo de mudança opera mecanismos de natureza diferente.

Martelotta considera, neste trabalho, os operadores argumentativos (voltados para a organização textual), como ***assim***, e os marcadores discursivos (elementos com funções relacionadas às estratégias voltadas para a viabilização do processamento da fala, como ***tá?***, ***sabe?*** e ***entendeu?***). Destaca ainda que os marcadores discursivos possuem algumas subfunções, como a de marcar as reformulações na fala, indicar discurso de fundo, modalizar a fala e preencher vazios causados pela perda de fluxo das informações.

Certamente os estudos de Vincent *et al.* (1993), Martelotta *et al.* (1996b) e Martelotta (2004) focalizam um conjunto de formas lingüísticas distinto das **CFFs**, mas oferecem uma

⁵⁹ Optei por manter a nomenclatura sugerida pelos autores citados, mas estou ciente de que o rótulo “marcador discursivo” é problemático, uma vez que a literatura não é clara quanto aos elementos pertencentes a essa classe e muito menos quanto às suas propriedades. Risso *et al.* (1996) propõem alguns traços através dos quais é possível identificar marcadores discursivos. Contudo, o que se vê é que cada vez mais esse rótulo tem sido usado com certa flexibilidade para se referir a elementos diversos. Risso *et al.* (1996: 22) inclusive destacam que o nome *marcadores* é dado “a todos os recursos discursivos com os quais não se sabe o que fazer”.

interessante perspectiva de análise para essas construções que, assim como os marcadores discursivos, são resultado de uma trajetória que parte do plano referencial (lexical) para o plano discursivo. Contudo, V1 nas **CFFs**, é comandado por regras sintáticas bem definidas, tais como explicitadas no capítulo II e, portanto, ao contrário do marcadores discursivos, não goza da liberdade posicional nem ocupa posições distintas nas **CFFs**. *Ir*, *chegar* e *pegar*, nestes contextos, embora percam suas propriedades de subcategorização, ocorrem num ambiente sintático muito similar àquele ocupado pelos seus usos mais referenciais.

Vincent *et al.* (1993), Martelotta *et al.* (1996b) e Martelotta (2004), ao descreverem itens lexicais que desenvolveram uma função discursiva, impõem um desafio ao paradigma da gramaticalização, cujos pressupostos não contemplam os itens lingüísticos que desenvolvem uma função discursiva.

2.4) A proposta de Traugott

Na verdade, a discussão a respeito da validade da proposta de distinção entre gramaticalização e pós-gramaticalização ou discursivização se resume ao resultado final de cada processo que leva ao surgimento de itens que operam quer no nível da gramática, entendendo-se por isso as relações gramaticais, sintáticas, quer no nível do discurso, ou seja, atuando na “organização da linha de raciocínio na fala, funcionando como marcadores discursivos” de funções diversas, como retomadas e preenchimento de pausa (Martelotta *et al.* 1996b: 262).

Traugott (2003) reconhece o problema, mas propõe que o desenvolvimento de marcadores discursivos é um processo de gramaticalização e tem sido excluído do escopo desse modelo apenas porque é priorizada a adesão irrestrita a todos os princípios postulados como indicativos de gramaticalização. Portanto, defende que o afrouxamento na visão desses princípios é suficiente para resolver a questão, descartando a necessidade de propor um segundo tipo de processo paralelo à gramaticalização.

Traugott mantém a visão de Hopper & Traugott (1993: 68), que prevêem que as “mudanças de significado e as estratégias cognitivas que as motivam são decisivas nos estágios iniciais de gramaticalização e estão crucialmente ligadas com expressividade”. Desta forma, sustenta que gramaticalização está profundamente relacionada com enriquecimento pragmático, uma vez que não se pode dizer que haja perda de material semântico, mas sim ganhos nos primeiros estágios de gramaticalização, e que o discurso, ao contrário do que tem sido preconizado por algumas abordagens, não é algo que está fora da gramática⁶⁰.

Traugott (1997) propõe que é necessário adicionar, ao inventário de *clines* associados à gramaticalização, aquele que inclui o desenvolvimento de marcadores discursivos a partir de advérbios. Esse *cline*, no entanto, em algumas línguas como inglês, envolve aumento da liberdade sintática e escopo, violando os princípios de conexidade e escopo, freqüentemente associados à gramaticalização (cf. item 3.2). Contudo, também ilustra um conjunto de outras características presentes nos primeiros estágios de gramaticalização, especialmente decategorização, redução fonética e generalização, além de salientar outras duas características mais recentemente reconhecidas, especialmente enriquecimento pragmático e subjetividade (expressividade). Traugott (1997) sugere que essas características semântico-pragmáticas devem ser consideradas salientes para gramaticalização, enquanto perda de liberdade sintática e escopo, não.

A autora, por sua vez, assinala a possibilidade e, principalmente, a necessidade de se assumir que a formação de novos marcadores discursivos pode ser depreendida a partir do mesmo percurso unidirecional verificado nos processos de gramaticalização.

Mostrei, no decorrer, deste trabalho, que o desenvolvimento das **CFFs** é compatível com vários estágios de gramaticalização, como dessemantização e decategorização. Contudo, uma vez que essas construções não desempenham nenhuma função gramatical prototípica dos itens gramaticalizados, defini-las como um fenômeno de gramaticalização requer alguns cuidados. Por outro lado, a proposta de tratar os itens que adquirem uma função discursiva como parte de um fenômeno de discursivização também não resolve o problema das **CFFs**, já que essas construções não são nem formal nem semanticamente semelhantes aos itens

⁶⁰ Principalmente se refere a Lehmann (1982), para quem o discurso é caótico e independente da gramática (Traugott 2003: 630).

apresentados como oriundos desse processo. Diante disso, assim como na sua categorização, as **CFFs**, mais uma vez, mostram-se problemáticas também do ponto de vista do seu desenvolvimento.

3) O caso das CFFs: gramaticalização ou discursivização?

3.1) A gramaticalização de verbos

A gramaticalização não apresenta restrição à categoria de palavra sobre a qual incide, podendo afetar nomes, preposições, cláusulas e verbos. Uma vez que meu objetivo é discutir, a partir de agora, as mudanças, sofridas por *ir*, *chegar* e *pegar*, que deram origem às **CFFs**, restringirei minha análise à gramaticalização dos verbos. Nesse âmbito, Castilho (1997: 33) afirma que o fenômeno mais interessante é o da transformação de um verbo pleno num verbo funcional, e deste num verbo auxiliar, uma vez que o verbo não deriva de outra classe lexical⁶¹.

Castilho (1997: 33) ilustra essa escala a partir do verbo *sedere* > *ser* “estar assentado”, e *stare* > *estar* “estar de pé”. Esses verbos eram, *a priori*, locativos e atuavam como núcleo predicator da sentença e selecionavam sujeitos não agentivos. Os locativos dão surgimento aos existenciais, e aos possessivos, transitando de verbos plenos para verbos funcionais.

Um verbo funcional pode transformar-se em verbo auxiliar, e este em afixos, morfologizando-se. Tais processos seqüenciais de gramaticalização são apresentados por Castilho (1997: 35) na forma de um *continuum*:

verbo pleno > verbo funcional > verbo auxiliar > clítico > afixo

Os verbos auxiliares são responsáveis pela codificação do aspecto, do tempo, do modo e da voz. Vários autores acreditam que a gramaticalização dos verbos auxiliares envolve uma certa regularidade. Os auxiliares de modo podem derivar de verbos plenos, como, por

⁶¹ A exceção, neste caso, segundo Castilho (1997: 33) fica por conta daqueles casos em que um sufixo verbal é acrescentado a uma base nominal.

exemplo, no latim, em que o existencial *esse* combinado com um gerundivo passa a expressar obrigatoriedade. Quanto aos auxiliares de voz, sabe-se que no latim, e, portanto, nas línguas românicas, esse substituiu a voz passiva afixal (Castilho 1997: 35-6).

Lehmann (1995: 37) propõe um esquema em que se pode visualizar a inter-relação de alguns canais de gramaticalização de categorias verbais:

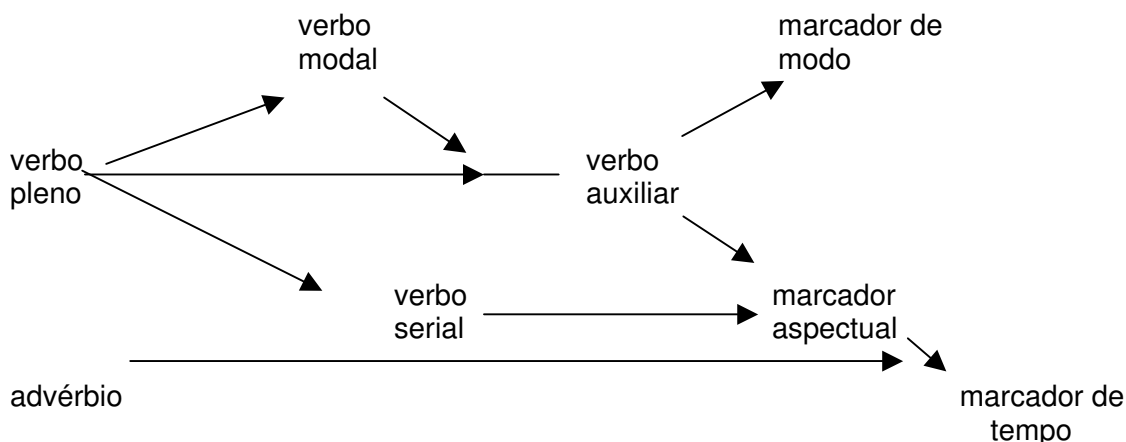


Figura 03: Alguns canais de gramaticalização de categorias verbais (Lehmann, 1995: 37)

As mudanças que determinam o status [+ gramatical] de um elemento anteriormente analisado como [+ lexical], explicitados no item (2), são: dessemantização (ou *bleaching*, ou desbotamento semântico), extensão (ou generalização contextual), decategorização (ou descategorização) e erosão (ou redução fonética).

Mostrei no Capítulo III, que *ir*, *chegar* e *pegar*, quando usados no contexto das **CFFs** sofrem tanto dessemantização quanto decategorização, uma vez que se observam alterações no seu conteúdo semântico e no seu *status* gramatical. Todavia, expus que, embora tenham sofrido os mesmos tipos de mudança que levam à formação de verbos auxiliares a partir de verbos lexicais, *ir*, *chegar* e *pegar* não apresentam nem configuração nem função compatível com os auxiliares do Português. Quanto à configuração sintática das **CFFs**, V1 e V2, o verbo lexical da construção, compartilham flexão de tempo e pessoa, diferentemente das **CVAs**, em que o verbo auxiliar carrega todas as marcas morfológicas de tempo e pessoa e o verbo principal, lexical, é uma forma nominal. Já quanto à função, V1, nas **CFFs**, desempenha uma função pragmática, muito diferente daquela própria dos auxiliares, que são responsáveis pela codificação de tempo, modo e aspecto.

Tendo em vista o desenvolvimento de verbos lexicais em verbos auxiliares, concluí, no capítulo III, que as **CFFs** constituem uma situação anômala, inclusive para o paradigma da gramaticalização, pois, embora os verbos *ir*, *chegar* e *pegar* tivessem sofrido decategorização e dessemantização, a forma-alvo, não pode ser explicada pelo *cline item lexical > item gramatical* ou *item gramatical > item mais gramatical*. Todavia, a questão do desenvolvimento das **CFFs** merece maior aprofundamento. Meu objetivo na próxima seção é, portanto, analisar essas construções com base no conjunto de princípios de gramaticalização apresentados por Lehmann (1995) e Hopper (1991).

3.2) Os princípios de gramaticalização

No intuito de discutir o processo de mudança que deu origem às **CFFs**, analiso a seguir essas construções mediante um conjunto de princípios, propostos por Lehmann (1995 [1982]) e Hopper (1991), capazes de aferir os diferentes graus de gramaticalização. Mostrei no capítulo III e no item 3.1, acima, que os verbos *ir*, *chegar* e *pegar*, quando ocupam a posição V1 nas **CFFs**, sofrem algumas mudanças tradicionalmente identificadas em itens em processo de gramaticalização. Dentre essas mudanças estão, principalmente, a dessemantização e a decategorialização.

Lehmann (1995 [1982]) e Hopper (1991) destacam que a gramaticalização é gradual e propõem alguns princípios (ou parâmetros) através dos quais é possível verificar o grau de gramaticalização de unidades lingüísticas. Basicamente, o conjunto de princípios apresentado por Lehmann se distingue daquele elaborado por Hopper, na medida em que o primeiro é mais facilmente verificado em itens em estágio mais avançado de gramaticalização, enquanto o segundo é mais voltado para itens em estágio inicial de gramaticalização.

Segundo Lehmann (1995: 122), com base em Meillet, a gramaticalização diz respeito essencialmente à autonomia do signo: quanto mais autônomo o signo, menos gramaticalizado, e quanto menos autônomo, mais gramaticalizado. É possível medir o grau de autonomia de um signo tendo em vista:

- (a) **Peso**: para ser autônomo, um signo deve ter certo peso, propriedade que o distingue dos demais membros de sua classe, proporcionando-lhe proeminência no sintagma;
- (b) **Coesão**: a autonomia de um signo diminui de acordo com as relações que sistematicamente trava com outros signos;
- (c) **Variabilidade**: quanto maior a mobilidade do signo, maior será sua autonomia.

Os parâmetros de Lehmann se relacionam à seleção (eixo paradigmático) e à combinação (eixo sintagmático) de signos lingüísticos. O quadro abaixo, no entanto, visa a explicitar os efeitos da gramaticalização, na medida em que Lehmann defende que esses parâmetros formais são capazes de medir o grau de autonomia de um item, e conseqüentemente, seu grau de gramaticalização.

Parâmetros		Gramaticalização incipiente	Processo	Gramaticalização Avançada
Eixo paradigmático	Integridade (peso)	Conjunto de traços semânticos	Atrição	Poucos traços semânticos
	Paradigmaticidade (coesão)	Participação “frouxa” em um campo semântico	Paradigmaticidade	Paradigma pequeno, altamente integrado
	Variabilidade paradigmática (variabilidade)	Escolha livre dos itens, segundo as necessidades comunicativas	Obrigatoriedade	Escolhas sistematicamente restritas, uso obrigatório
Eixo sintagmático	Escopo (peso)	Item relaciona-se a constituintes de complexidade arbitrária	Condensação	Item modifica palavra ou a raiz
	Conexidade (coesão)	O item é justaposto independentemente	Coalescência (união)	O item é afixo ou traço fonológico
	Variabilidade sintagmática (variabilidade)	Liberdade de movimento do item	Fixação	O item ocupa uma posição fixa

Quadro 05: Parâmetros de Gramaticalização

(cf. Lehmann, 1995 [1982]; p. 164)⁶²

⁶² Tradução de Gonçalves (2003: 198).

No eixo **paradigmático**, o parâmetro **integridade (peso)** pode ser apreciado sob duas perspectivas: a atrição (ou erosão) fonológica e a dessemantização ou *bleaching* semântico. Não parece ser pertinente dizer que *ir*, *pegar* e *chegar* sofreram atrição. Sabe-se, contudo, que a redução fonética não é condição *sine qua non* de gramaticalização. A literatura lingüística mostra que nem todos os itens que se gramaticalizam sofrem atrição, apenas que itens gramaticalizados tendem a ter suas formas compactadas como em *be going to > gonna*, *will > 'll* e *estare > estar > está > 'tá*. Por outro lado, esses verbos perderam seu significado referencial e deixaram de subcategorizar complemento.

Lehmann (1995: 132) afirma ainda que um aspecto da redução do peso paradigmático de um signo é a perda da habilidade de flexionar, ou seja, o item deixa de receber marcas morfológicas de tempo e de pessoa. Esse processo é reconhecido como **degeneração morfológica** e representa um “sintoma” de uma mudança de estatuto gramatical. Os dados mostram que *ir*, *chegar* e *pegar*, quando usados nas **CFFs**, ocorrem mais em terceira pessoa do presente e do pretérito perfeito do indicativo, o que indica uma tendência desses verbos em assumir, nesses contextos, uma forma fixa. Essa é, contudo, apenas uma tendência, porque, na verdade, as **CFFs** não oferecem restrição de tempo nem de pessoa.

No que tange ao parâmetro integridade, compreendo, portanto, que *ir*, *chegar* e *pegar*, nas **CFFs**, sofrem redução semântica, mas não fonológica.

O parâmetro **paradigmaticidade (coesão)** está relacionado ao “tamanho” do paradigma e prevê que os paradigmas altamente gramaticalizados tendem a ser menores do que os menos gramaticalizados. Quanto menos membros possuir, menor será um paradigma, e, portanto, mais gramaticalizado. Contudo, mais que o tamanho, a homogeneidade interna do paradigma é indicativa de um grau mais forte de gramaticalização. O processo de paradigmáticação conduz à neutralização das diferenças entre os membros do paradigma.

As **CFFs**, como argumentado no capítulo II, se inserem no domínio funcional da relevância discursiva. Travaglia (1999) fornece pistas da extensão desse domínio no Português, sendo que as **CFFs** eram, até o momento, ignoradas. Tendo em vista a variedade de formas

disponíveis, as **CFFs** parecem participar escassamente do paradigma das formas de expressão do relevo discursivo.

O parâmetro **variabilidade paradigmática** refere-se à possibilidade de uso de um outro item em lugar daquele em processo de gramaticalização. Em termos pragmáticos, refere-se à liberdade com a qual o usuário da língua escolhe um signo dentre aqueles pertencentes a um mesmo paradigma ou não escolhe nenhum deles, deixando em seu lugar uma categoria genérica (ou não-marcada) disponível para aquele contexto de uso. Este parâmetro está relacionado à existência de formas variantes, assim como são definidas pela sociolingüística.

O uso das **CFFs**, neste caso, se contrapõe ao uso de formas simples, como explicitado pela oposição entre “ele foi e comprou um carro” e “ele comprou um carro”. Uma vez que as **CFFs** desempenham uma função pragmática, que é válida apenas no contexto de interação e está vinculada à subjetividade do falante, a escolha entre as **CFFs** e as formas simples é relativamente livre. Mostrei, inclusive, no capítulo II, que a remoção de V1 parece não implicar em mudanças semânticas dos enunciados. Concluo, portanto, que não há contexto obrigatório para o uso das **CFFs**, o que indica, segundo o parâmetro variabilidade paradigmática, um grau fraco de gramaticalização.

No **eixo sintagmático**, o parâmetro **peso sintagmático** ou **escopo** de um item refere-se à extensão da construção que ele ajuda a formar. Lehmann (1995: 143) afirma que, com o aumento do grau de gramaticalização de um item, seu escopo diminui.

Como verbo pleno, **pegar** tem escopo sobre um SN (peguei o livro). **Ir** e **chegar**, por sua vez, como verbos plenos, têm escopo sobre um Sadv. Todavia, nas **CFFs**, esses verbos perdem suas propriedades de subcategorização, como mostrei no capítulo II. Semanticamente, contudo, **ir**, **chegar** e **pegar** passam a ter escopo sobre um conteúdo proposicional maior, expresso em V2. Segundo Lehmann, a ampliação do escopo da ação verbal para a proposição é indicação de aumento de gramaticalização.

O parâmetro **conexidade** ou **coesão sintagmática** (Lehmann 1995: 147) refere-se à forma que um item se conecta a outro com o qual mantém uma relação sintagmática. O grau de conexidade pode variar desde a justaposição até a fusão, ou amalgamação, de acordo com o grau de gramaticalização. O aumento do grau de conexidade é também chamado de coalescência. Nas **CFFs**, o V1 pode se justapor ou se conectar ao V2 através da conjunção e, mas nos dois casos, V1 e V2 mantêm as marcas morfológicas de tempo e pessoa, indicando um grau de conexidade baixo e, portanto, um grau fraco de gramaticalização.

Semanticamente, por outro lado, a conexidade se refere à dependência do significado gramatical em relação aos significados lexicais com os quais se liga. Lehmann (1995: 156) explica: um item lexical pleno tem significado próprio, independente; já um item gramaticalizado perde essa habilidade, pois seu significado só pode ser depreendido a partir da sua conjunção com outra palavra. O aumento dessa dependência semântica é proporcional ao aumento do grau de gramaticalização. Nesse âmbito, as **CFFs** apresentam um grau forte de conexidade, pois, como mostrei nos capítulos II e III, o valor pragmático do V1 está disponível apenas no ambiente sintático da própria construção.

Finalmente, o parâmetro **variabilidade sintagmática** se refere à mobilidade de um item dentro da construção que integra. A restrição quanto a essa mobilidade é indicativa de aumento de gramaticalização. O V1 tem posição fixa nas **CFFs**, sua mobilidade é totalmente bloqueada, o que indica um grau forte de gramaticalização.

A apreciação dos parâmetros propostos por Lehmann não fornece evidências esclarecedoras a respeito do desenvolvimento das **CFFs**, uma vez que não se mostraram adequados na aferição do estatuto gramatical dessas construções.

Hopper (1991), por sua vez, sugere um outro conjunto de princípios que, segundo o autor, não são específicos apenas de gramaticalização, mas caracterizam os aspectos da mudança em geral. Esses princípios ganham maior relevância no contexto de gramaticalização por serem potencialmente indicativos da emergência de formas e construções gramaticais a partir de forma pré-existentes e também de diferentes graus de gramaticalização. Os cinco princípios propostos são: **estratificação**, **divergência**, **especialização**, **persistência** e **decategorização** (ou descategorização).

A **estratificação** (*layering*) (Hopper 1991: 22-24) pressupõe que, em um domínio funcional amplo, novas camadas (*layers*) estão sempre emergindo e coexistindo com as antigas. Essa diversidade formal decorre do fato de que, as novas formas funcionais não substituem imediatamente, e talvez, nem a longo prazo, o conjunto pré-existente de formas funcionalmente equivalentes. O resultado disso é a coexistência das duas camadas (*layers*), as novas e as antigas, que podem divergir quanto ao significado e quanto às formas de expressão (itens lexicais e construções) ou a registros sociolingüísticos, podendo ser reconhecidas como variantes estilísticas. Esse princípio prevê que mais de uma forma está disponível na língua para servir a funções similares ou idênticas (Hopper 1991: 23). Nesse caso, as **CFFs** apresentam uma variante equivalente, que é a forma simples, como em “ele pegou e falou” vs. “ele falou”. Como já argumentado, o uso das **CFFs** tem motivação pragmática e não suplantou o uso das formas simples.

Segundo o princípio da **divergência** (Hopper 1991: 24-25), quando um item lexical se gramaticaliza, a forma original se mantém como um item autônomo e está sujeita às mesmas mudanças assim como qualquer outro membro de sua classe, podendo inclusive sofrer um novo processo de gramaticalização.

Segundo Hopper, a divergência é um caso especial de estratificação. Estratificação envolve diferentes graus de gramaticalização em domínios funcionais distintos. Divergência, por outro lado, se aplica aos casos em que o mesmo item se gramaticaliza em um contexto mas não em outro. Os diferentes usos de *ir*, *chegar* e *pegar* evidenciam que esses verbos continuam existindo tanto como verbos lexicais quanto gramaticais. Para se ter uma idéia da enorme variedade de usos desses verbos vale consultar Borba *et al.* (1991), por exemplo. Ademais, inúmeros trabalhos têm sido realizados para dar conta da extensa lista de diferentes usos desses verbos na modalidade falada do PB.

O princípio da **especialização** (Hopper 1991: 25-26) se refere à diminuição da liberdade de escolha entre as formas pertencentes a um mesmo domínio. A especialização corresponde ao princípio da “obligatoriedade” de Lehmann, e mostra que, num processo de

gramaticalização, as formas se tornam gradualmente mais obrigatórias. Mostrei, no capítulo II, que as **CFFs** como, “ele pegou botou esse nome em mim”, são semanticamente equivalentes às formas simples como, “ele botou esse nome em mim”. A escolha de uma dessas forma está ligada à subjetividade e não se pode falar em caráter obrigatório.

Já o princípio da **persistência** (Hopper 1991: 28) prevê que, quando uma forma lexical sofre gramaticalização, a forma gramaticalizada preserva alguns dos valores da forma original, o que pode explicar certas restrições semânticas ou sintáticas. Talvez o fato de as **CFFs** dificilmente, no caso de *ir* e *chegar*, e nunca, no caso de *pegar*, aceitarem sujeitos [-animados], possa indicar que alguns traços da forma de origem ainda são persistentes, uma vez que no seu sentido lexical mais básico⁶³ esses verbos aceitam apenas sujeitos [+animados]. Note que enunciados como (182) parecem ser inaceitáveis:

(182) ?A casa *pegou/foi/chegou* e caiu.

Finalmente, o princípio da **deategorização**, ou **descategorização**, (Hopper 1991: 30-31) prevê que, à medida que uma forma se move numa trajetória de gramaticalização, ela sofre uma mudança funcional e semântica, identificada como deategorização (ou descategorização). Em outras palavras, tem-se que a forma em gramaticalização tende a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e os privilégios sintáticos, que caracterizam as formas plenas como nomes e verbos, vindo a assumir atributos das categorias secundárias, mais gramaticalizadas, como advérbios, preposições, clíticos, afixos, podendo, em alguns casos chegar a zero. *Ir*, *chegar* e *pegar* sofrem deategorização, pois deixam de subcategorizar complemento e oferecem restrição quanto à negação, como reforçado no decorrer deste trabalho.

Concluo que o desenvolvimento das **CFFs** não pode ser uniformemente explicado pelos parâmetros propostos por Lehmann e Hopper. Traugott (2003: 630) chegou à mesma conclusão ao analisar alguns itens lingüísticos com função de marcador discursivo em inglês, e defende que, embora esses parâmetros indiquem uma tendência de mudança nas línguas,

⁶³ Considero os sentidos de deslocamento, para *ir* e *chegar*, e de posse, para *pegar*, como os mais básicos.

não devem ser usados para excluir outros desenvolvimentos morfossintáticos similares do escopo da gramaticalização.

Traugott enfatiza que alguns autores defendem que a gramaticalização tem origem no discurso, como por exemplo, Lehmann, para quem a gramaticalização parte de funções comunicativas para funções sintáticas. O autor defende, por exemplo, que, no enunciado em (183), em francês, o SN deslocado à esquerda, ‘Jean’, não estabelece nenhuma relação sintática com a sentença subsequente, portanto, “estamos num nível em que a sintaxe não governa” (Lehmann 1995: 113):

(183) *Jean, je l’ai vu hier.*

(“João, eu o vi ontem.”)

Traugott (2003: 631) argumenta que, em (183), “Jean” e pronome *l-* (‘o’) são necessariamente correferenciais, o que indica que existe uma restrição sintática e, portanto, que (183) não é governado apenas pelos princípios da interação.

Vincent *et al.* (1993), que defendem os processos de pós-gramaticalização, insistem que os itens com função discursiva estão fora do nível da gramática e, portanto, não marcam a relação entre os elementos de gramática. No que concerne às **CFFs**, acredito que, embora desempenhem uma função pragmática, como mostrei no capítulo II, estão sujeitas a restrições e regras gramaticais diversas, portanto, não estão “fora” do nível da gramática.

Tavares (no prelo) (cf. cap. I), tendo em vista uma possível escala de gramaticalização do verbo **pegar**, pressupõe que a construção do tipo “*eu pego e vou*” poderia corresponder à forma mais gramaticalizada. A autora, contudo, reconhece que sua hipótese ainda exige maiores averiguações.

Concordo que, tomando como base os diferentes usos de **ir**, **chegar** e **pegar**, que envolvem desde os significados mais referenciais até os mais abstratos, como no caso das **CFFs**, não é inadmissível pensar que esses verbos estão dispostos num *cline* de gramaticalidade. Contudo, o desenvolvimento de uma função pragmática por parte das **CFFs** é problemático para o paradigma da gramaticalização que parece ainda não ter contemplado esse aspecto

de mudança lingüística. Apenas Traugott (1997, 2003) oferece uma alternativa para os casos de itens lexicais que desenvolveram uma função pragmática ao invés de uma gramatical. Todavia, a questão ainda merece mais estudo.

A discussão a respeito da oposição entre gramaticalização e discursivização dá margem a uma outra questão, a saber, a relação entre gramática e pragmática. Ao sugerir que os itens lexicais adquirem uma função pragmática a partir de um processo de discursivização e não de gramaticalização, estariam os autores defensores desta proposta, admitindo que a pragmática, ou o discurso, não se inserem nos domínios da gramática?

Os verbos *ir*, *pegar* e *chegar* formam as **CFFs** que, como proposto nesta tese, possuem um valor discursivo-pragmático, na medida em que V1 enfatiza ou dramatiza os eventos descritos em V2. Acredito que, embora esses verbos, nessa construção, não tenham desenvolvido uma função gramatical prototípica, como tempo, aspecto e modo, as **CFFs** se originaram a partir de um processo de gramaticalização. O desenvolvimento destas construções nos fornece evidências de que a rigidez, com a qual alguns postulados da teoria da gramaticalização são entendidos por seus estudiosos, impede muitas vezes que se reconheçam como gramaticalizados itens ou estruturas mais marginais cuja trajetória de gramaticalização parece divergir daquela prevista pelos inúmeros estudos translingüísticos.

4) Outros usos de *ir*, *chegar* e *pegar*: “seqüenciador intensificador”

Parece conveniente ressaltar que foram encontrados no *corpus* alguns dados especiais, em que os verbos *ir*, *chegar* e *pegar*, nos enunciados abaixo destacados, preservam um mesmo valor discursivo, embora ocorram num contexto diferente do das **CFFs**.

- (184) Ali (aponta) onde tem uma (voz criança) casa nova, morava uma (f) colega minha. Aí *pegou* a casa dela caiu foi em novembro. Foi em novembro foi em novembro sim. A casa da minha colega caiu.

(185) Ela veio correndo, quando chegou ali no banheiro (gesticula) ela viu a fumacinha saindo. Aí ela correu para atrás e gritou a minha tia. Que a minha tia morava aqui, não é? Gritou, minha tia veio, quando chegou (grito de criança) minha mãe estava saindo com aquele fogo azulzinho, despreocupada, rindo. Dando uns gargalhada, sabe? ("Ela parecia") que estava com encosto, assim, ruim, do bicho ruim. Aí vem rindo. Aí **pegou**, a minha tia entrou aqui dentro de casa, apanhou uma coberta, abafou ela correndo; e ela com aqueles fogo. Aí começou dar bolha, não é? Aí desceram com ela.

(186) Para o, para o dia de carnaval, de noite, que começava o baile <ter->- começava às onze, terminava às quatro. Eu fui capaz de esquecer a coroa! (risos) Eu, mãe, pelo amor de deus vai lá em casa e o diretor pagou a maior geral para mim; "Pô! Cristina, você sendo a rainha- muitas meninas querendo ser rainha daqui, você me chega sem a coroa, Cristina, qual é? Que não sei o quê?" Aí eu mandei minha mãe rapidinho Aí um colega meu me levou lá de carro. Aí **pegou** aí meu pai aí, nesse dia é que meu pai soube que eu fui rainha de lá, sabe? (est) Aí minha mãe ficou em casa e meu colega é que trouxe. Meu pai não deixou mais ela voltar, não é? (risos)

(187) [Uma]- uma moça de dezenove anos morreu, daí, quando ela estava morta, estava no caixão, (f) (ruído de carro) eles abrem o caixão para ver, ("ainda") vestir, a moça estava lá, vestidinha de preto, com a mão assim, (f) a moça levantou do caixão e se sentou.

E- Como é que é?

F- **Foi**, a moça levantou do caixão e se sentou. **Pegou**, tiraram todo mundo de lá, daí veio um médico estava cheio de polícia lá. Veio um médico, daí o médico daí, acho que mandaram dar injeção na moça para moça morrer, daí a moça daí enterraram a moça de novo.

(188) F: Aí ela ficou meio assim, eu falei "olha isso é pra minha cabeça" porque se não eu vou batê pino de novo, eu me conheço" aí, organizou-se desse jeito aí **pegou**...começou a ficá bom, agora então ficou melhor, qué dizê eu

sinto falta deles, sinto um pouquinho de culpa às vezes, é [uma]...uma sensação engraçada (...).

(189) F- (falando rindo) Deixa eu contar (f) outra. Era uma vez, um Português, está? Ele tinha três filhas. Então, ele queria que as três filhas se casassem no mesmo dia e passassem a lua-de-mel no mesmo dia, est? Então, ele tinha três, tinha quatro reservado: um era para ele dormir e (hes) o- os três outros eram para os filhas deles. Quando casasse cada um passasse, não é? num quarto a lua-de-mel. Aí, tudo bem, não é! Aí, ele pegou, reuniu um jantar para ele e mais os futuros genros ele, não é? Aí **chegou**. Aí ele falou assim aí elas estavam comendo, não é? Aí ele chegou e falou assim para uma filha dele que a filha dele estava falando de boca cheia, não é? "Minha filha, você nunca <fa-> faz isso que você está fazendo agora." Ele: "Que papai?" Ela: "Que papai?" Aí, ele: "Você está comendo de boca cheia- (hes) falando de boca cheia." Ela: "Mas papai, que que tem? "Faz mal. É falta de educação." Ela: "tudo bem, papai." Aí, tudo bem.

(190) E- Jupira, assim, parece um nome [indígena,] não é?
F- [Indígena.] É, isso mesmo. (balbucio) Foi minha vó, uma mulher a mulher que eu nasci na rua eu nasci no meio da rua, não é? Nasci na Chácara do Céu, mas nasci na rua. Aí, essa dona (balbucio) me pegou para casa dela. Aí, **pegou**, ela ("me") botou roupa, lá. Ela disse que quando eu acabei de nascer, ela viu uma cabocla no portão, e essa cabocla era cabocla Jupira. Ela pediu, insistiu para o meu pai botar esse maldito desse nome, que eu tenho um ódio. (balbucio) [Aí, (06) meu pai] pegou, botou esse nome em mim: Jupira, Jupira! Isso ("até") me cansa. Jupira. Nome feio para [caramba.] (ri) (rindo) Eu não gosto, não! (f) Tenho pavor desse nome. Não sei para quê meu pai foi botar esse nome em mim! Foi por causa dela. Ela disse que quando eu acabei de nascer ela viu uma cabocla. E essa cabocla era cabocla Jupira. Aí, botou esse nome em mim: Jupira! Cabocla Jupira. Não tenho nada de cabocla, aqui. (riso e)

(191) I- Você vai querer ter mais filho?

F- Ah! (inint) sabe, eu não sei! Quando ela estiver, assim, com uns três ano, (choro) eu queria. Eu queria ter um filho homem, sabe? (f) Eu sonhava com um filho homem. Quando estava esperando ela, (balbucio) eu falei: minha <filha> meu filho vai ser homem. Só falava meu filho, (choro) meu filho, meu filho. Quando eu cheguei no hospital para ter ela, aí eu tive ela. Aí **pegou**, quando eu acabei de ter ela, eu perguntei assim: "doutor, o quê que foi?" Aí o médico falou assim: "foi um homem." Aí eu dei uma risadinha, sabe, aí ele virou, aí eu ri, fiquei rindo, aí ele saiu, saiu (inint) com ela.

(192) Você já fez alguma vez um roubinho, assim, esperto?

F- Já, em Petrópolis. Estava com a minha tia, não é? Aí (hes), assim- antes, não foi bem um roubo, não é? Eu peguei um saco de biscoito, não é? Comi tudinho, minha tia, não é? Minha irmã. Aí, ("nós") jogamos o saco fora e não comemos, não é? Depois foi outro: pegamos um saquinho de chiclete, botei no bolso, aí saí. Aí depois peguei um Lolo, (inint) aí diante.

E- No supermercado?

F- É, na Loja Americana, [lá em]- lá em Petrópolis. (est)

E- Aí [não]Não foram descobertos?

F- Aí eu- antes eu ia pegar um- minha tia falou assim: "coloca esse queijo dentro da bolsa."

(riso f) (falando rindo) Está legal! Botei o queijo dentro da bolsa; foi levando embora, não é? "Não, não! Me dá o queijo aqui." Aí eu falei: "Não, eu vou levar." Aí ela falou: "Não, o cara vai descobrir." Aí eu falei: "Não, eu levo." Aí ("ela falou"): "Não, me dá isso aqui." Aí **pegou quando eu estou saindo**, o cara falou: "abre a bolsa para mim ver (falando rindo) o que que tem aí dentro." (f) Aí- sorte que tinha tirado; não tinha nada lá.

Atribuo a esses verbos uma função de **seqüenciador intensificador** e essa definição é motivada tanto pela (a) pela função, desempenhada por esses verbos nos enunciados (184-192), de conectar porções textuais que obedecem à mesma ordem dos acontecimentos no mundo real, quanto (b) pela força pragmática que imprimem a esses contextos. Entendo que

o valor pragmático desses verbos é equivalente àquele presente nas **CFFs**, isto é, de dramatização ou ênfase.

Esses usos de *ir*, *pegar* e *chegar* (a) emergem em contextos de seqüência de eventos, interligando duas sentenças; (b) são quase sempre precedidos por *aí*; (c) constituem uma unidade lingüística independente, pois estão fora do nível da sentença (d) têm posição fixa: início de sentença; (e) mantêm a forma de terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo; (f) não apresentam argumentos internos nem externos; e (g) não aceitam negação.

Em relação aos seus usos no contexto das **CFFs**, verifiquei que *ir*, *pegar* e *chegar* com função de **seqüenciador intensificador** sofrem uma perda gradativa das propriedades sintáticas, que vai desde as propriedades de subcategorização de argumento interno e externo, até a restrição à negação e a cristalização da forma de terceira pessoa do pretérito perfeito (não há variação de tempo e modo). Ademais, o sujeito que nas **CFFs** era adjacente a esses verbos na posição V1, passa a anteceder e a se aplicar apenas a V2 e não há mais obrigatoriedade de correlação entre tempos verbais entre os verbos, como se vê na ocorrência (187).

Faz-se necessário esclarecer que, dado o pequeno número de ocorrências registradas no *corpus*, as hipóteses sobre o uso dos verbos *ir*, *chegar* e *pegar* como **seqüenciador intensificador** não puderam ser quantitativamente comprovadas. Acredito, no entanto, que a descrição desse uso não poderia escapar a esse estudo, uma vez que há evidências de que se desenvolveram a partir do contexto das **CFFs**.

Tendo em vista as poucas ocorrências coligidas, observei que em (193), em comparação com as **CFFs**, parece que o V1 se deslocou para a esquerda. Observe, contudo, que, em (194), essa hipótese não se sustenta, pois não há correfencialidade entre o que seriam o V1 e o V2 nas **CFFs**:

(193) “*aí pegou*, ela me botou a roupa” = “*aí ela pegou* me botou a roupa”

(194) *Pegou*, tiraram todo mundo de lá

A presença de um sujeito [- animado] em (195) também é interessante, uma vez que as **CFFs** com **pegar**, no *corpus*, apresentaram apenas sujeitos [+ animados]:

(195) Aí **pegou** a casa dela caiu foi em novembro

Nas ocorrências (191) e (192), repetidas aqui em (196) e (197), uma cláusula temporal intercala-se entre *pegou* e a cláusula seguinte, evidenciando um grau de independência maior de **pegar**:

(196) Aí **pegou**, quando eu acabei de ter ela, eu perguntei assim...

(197) Aí **pegou** quando eu estou saindo, o cara falou: "abre a bolsa para mim ver (falando rindo) o que que tem aí dentro.

Com base na premissa de que as mudanças lingüísticas se instanciam a partir de unidades maiores que lexemas, ou seja, em construções, uma hipótese sobre o desenvolvimento do uso **seqüenciador intensificador** é a de que eles se originaram ou, pelo menos, se definiram no contexto das **CFFs**. A manutenção da forma de terceira pessoa (a forma mais usada nas **CFFs**), remete à proposta de Watkins (*apud* Hopper 1987) de que a terceira pessoa do singular serve como base para novos paradigmas.

Resumo em (i-ix) as propriedades de *ir*, *chegar* e *pegar* como **seqüenciador intensificador**:

- (i) não exibem mobilidade, ocorrem sempre em posição inicial do enunciado;
- (ii) estão fora dos limites da sentença;
- (iii) não subcategorizam complemento;
- (iv) não apresentam sujeito (têm flexão de terceira pessoa, mas o sujeito não é recuperável);
- (v) realizam-se sob a forma fixa de terceira pessoa e pretérito perfeito;
- (vi) não aceitam negação;
- (vii) são quase sempre precedidos por "aí";
- (viii) aparecem em contexto de seqüência de eventos;

- (ix) podem se antepor a verbos em outros tempos com flexão de número diferente.

Esse uso dos verbos *ir*, *chegar* e *pegar* remete aos estudos de Casseb-Galvão (1999) e Gonçalves (2003) sobre os verbos *achar* e *parecer*, respectivamente. Esses autores distribuíram os vários usos desses verbos numa escala ascendente de gramaticalização. O *achar*₄ e o *parecer*₅, com função mais gramaticalizada, exibem propriedades formais que se aproximam dos itens com função de **seqüenciador intensificador** em questão.

Casseb-Galvão (1999) identificou quatro estágios do verbo *achar* de acordo com seu grau de gramaticalização. Numa escala de gramaticalização, o *achar*₁, verbo pleno, e o *achar*₄ representam os dois extremos, sendo este último, o item mais gramaticalizado. Interessa aqui, particularmente, o *achar*₄, que se refere àquelas realizações de *achar* que (a) aparecem fora de uma estrutura sentencial, apresentando propriedades que se afastam significativamente daquelas inerentes aos verbos e (b) exibem um comportamento muito semelhante ao dos itens que exercem a função gramatical de advérbio. As ocorrências abaixo são representativas desse uso de *achar*:

(198) (Em relação a você) Até que eu compro bastante coisa, *eu acho*.

(199) Tristeza, *acho*, sei lá.

A autora constatou que o *achar*₄ não aceita variabilidade de modo, tempo, pessoa e número, isto é, tem a forma fonológica cristalizada na primeira pessoa do singular - que pode vir realizada foneticamente ou não -, tempo presente, modo indicativo. Ademais, não subcategoriza argumento interno e tem grande mobilidade na cadeia sintagmática, podendo aparecer anteposto, posposto ou interposto à sentença, sem que haja alteração do seu significado.

A autora defende que o *achar*₄ está deixando de manifestar, gradativamente, as propriedades de verbo pleno, decategorizando-se. Como indício desse processo, a autora considera (a) a perda gradativa da variabilidade de tempo e modo e o uso restrito na primeira pessoa do singular, e (b) a perda do argumento interno. O *achar*₄ tem uma função modalizadora que codifica a incerteza do falante em relação

àquilo sobre o que está afirmando, mas demonstra um comportamento diferenciado em relação aos tipos de **achar** encontrados na modalidade falada do PB. O **achar**₄ apresenta algumas propriedades que se afastam daquelas inerentes aos verbos, funcionando mais como itens que exercem a função gramatical de advérbio.

Gonçalves (2003), por sua vez, analisa cinco usos do verbo **parecer** e assim como Casseb-Galvão, identificou que este verbo exhibe graus de gramaticalização diferentes a depender do uso. O autor distribui os variados usos numa escala de gramaticalização, segundo a qual o **parecer**₅ corresponde ao valor mais gramaticalizado. O **parecer**₅ caracteriza-se pela completa ausência do “complementizador” **que** e por uma total independência sintática, podendo ocorrer em posições iniciais (200), mediais (201) ou finais (202):

- (200) Esse homem que não é ou não se diria ser um homem RICO é um trabalhador simples ... ele mora decentemente ... não sei se ganha bem ...
[**me pa-re-ce** se eu bem entendi o salário mínimo é trezentos dólares o que está muito acima do salário mínimo brasileiro].
- (201) tinha festa de orfanato. Aquela ali é a festa, também, muito relacionada ali, dada às crianças. Ali, é a coisa <bo-> é no primeiro de maio. Esse ano não teve, caiu no Domingo, onde - <dom-> Domingo – então, [eles preferiram transferir **parece** para o dia das crianças], porque, em geral, os – a religião dele, aos Domingos, [não] – não – é dia completamente de – que não tem comércio, não é?
- (202) naquele tempo não se tomava uísque tomava-se chope então tinha um barrilzinho de cho:pe uns... uns sanduíches... naquele tempo devia ser presunto e queijo ... **parece** ... eu não me lembro bem ((risos)) mas devia ser assim.

Gonçalves defende que o **parecer**₅ exerce a função de **satélite atitudinal** “em razão de constituir uma informação adicional, mas relativamente saliente no contexto de interação verbal, avaliada pelo falante como de importância para que o ouvinte interprete

adequadamente o conteúdo proposicional ao adicioná-lo a sua informação pragmática” (Gonçalves 2003: 138).

O autor entende que, do **parecer**₁ ao **parecer**_{4,5}, verifica-se uma completa redução de “sua estrutura argumental, justificada em termos de seu esvaziamento semântico: bi- ou monoargumental (**parecer**₁) > monoargumental (**parecer**_{2,3}) > não-argumental (**parecer**_{4,5}), correlato estrutural que se coaduna com a passagem do uso [+ concreto] > [- concreto]” (Gonçalves 2003: 203).

Ir, *pegar* e *chegar* com função de **seqüenciador intensificador** compartilha algumas propriedades formais com o **achar**₄ e o **parecer**₅, estudados por Casseb-Galvão (1999) e Gonçalves (2003), respectivamente. Mencionei acima que *ir*, *pegar* e *chegar*, como **seqüenciador intensificador**, realizam-se fora do nível sentencial e perdem definitivamente suas propriedades de subcategorização, tanto em relação ao argumento externo quanto interno, além de assumirem uma forma fixa de terceira pessoa do pretérito perfeito. Contudo, diferentemente do **achar**₄ e do **parecer**₅, esses verbos não desfrutam de uma mobilidade posicional, ocorrendo sempre no início da sentença. Além do mais, **achar**₄ e **parecer**₅ estão a serviço da modalidade e adquiriram, pois, uma função gramatical. Já *ir*, *pegar* e *chegar* mantiveram a mesma função pragmática de dramatização e ênfase verificada nos contextos das **CFFs**, embora, como **seqüenciador intensificador**, esses verbos ocupem agora uma posição distinta, mais características dos elementos conjuntivos.

5) Resumo

Considerei neste capítulo o desenvolvimento das **CFFs** a partir das mudanças sofridas por *ir*, *chegar* e *pegar*. Mostrei que esses verbos percorrem os mesmos estágios iniciais previstos nos processos de gramaticalização, sem que, no entanto, adquiram um valor gramatical. Tenho argumentado, ao longo desta tese, que as **CFFs**, mais especificamente V1, têm um valor discursivo-pragmático que visa a dramatizar ou enfatizar os eventos codificados por V2.

Assumi que uma abordagem que preconiza o desenvolvimento de marcadores discursivos como instâncias de gramaticalização pode dar conta dos problemas suscitados pelos dados, mas discussões teóricas ainda se fazem necessárias, uma vez que a proposta de Traugott, que defende esse modelo, se limita apenas ao desenvolvimento de marcadores discursivos, que tal como são descritos pela autora, constituem elementos lingüísticos muito diferentes das **CFFs**.

Finalmente, ofereci evidências a respeito de um outro uso de *ir*, *chegar* e *pegar*, definido como **seqüenciador intensificador**. Ressaltei que, dado o contexto em que ocorrem, esse uso parece ter tido origem nas **CFFs**, embora tenham adquirido propriedades que se distanciam dessas construções, tais como, perda das propriedades de subcategorização e cristalização na forma de terceira pessoa do pretérito perfeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez que no final de cada capítulo apresentei um resumo das principais questões abordadas nesta tese, parece mais interessante que neste momento eu exponha as minhas mais importantes conclusões a respeito da análise das **CFFs**, bem como as contribuições deste trabalho para o estudo do PB e das construções do tipo *go-and-verb*.

Os estudos de Pullum (1990), Stefanowitsch (1999, 2000), Hopper (2002) e Arnaiz & Camacho (1999) fornecem evidências de que as construções do tipo *go-and-verb* constituem um grupo de construções que pode ser observado em línguas diversas, como salientado no capítulo I. A semelhança em relação às propriedades morfossintáticas, como correferencialidade entre tempos verbais e sujeito de V1 e V2; anteposição do sujeito a V1; possibilidade de V1 e V2 se justaporem ou serem conectados pela conjunção *e*, entre outras, revela que as **CFFs** são representantes no PB desse grupo de construções.

Stefanowitsch defende que as construções do tipo *go-and-verb* apresentam valores semânticos equivalentes independente da língua na qual ocorrem. Hopper, por seu turno, argumenta que o valor dessas construções está associado ao tipo de V1. No que concerne às **CFFs**, não foi possível definir significados específicos a partir do V1, muito menos identificar alguns dos valores, largamente defendidos por vários autores, como aspecto, por exemplo. As **CFFs** atuam no nível pragmático, na medida em que V1 dramatiza ou enfatiza os eventos descritos em V2. Paralelamente a esta função básica, podem se associar a alguns contextos específicos, como tomada de decisão, contrajunção e contraste entre figura e fundo. Contudo, defendendo que essas construções não são independentemente responsáveis por esses valores, uma vez que a retirada de V1 parece não alterar as interpretações semânticas dos enunciados em que ocorrem.

Esta tese, ao analisar as **CFFs**, oferece contribuições para o estudo das construções do tipo *go-and-verb* principalmente no que concerne às discussões sobre:

- (i) O seu estatuto categorial;
- (ii) A sua função pragmática;
- (iii) Os processos de mudança que levaram à sua formação.

A categorização das construções do tipo **go-and-verb** não foi abordada pelos autores consultados, que apenas reconheceram sua proximidade com as construções coordenadas e as **CVSs**. Na tentativa de definir o estatuto categorial das **CFFs**, também verifiquei que essas construções compartilham propriedades com as construções coordenadas, as **CVAs** e as **CVSs** e que apenas um modelo de categorização que admite a sobreposição de traços entre categorias é adequado para dar conta dos dados. Concluí que, embora as **CFFs** possam integrar o *continuum* de construções de predicação complexa, com base nos pressupostos da gramática das construções, as **CFFs** devem ser incluídas no quadro gramatical do PB como uma construção independente, com propriedades e função próprias. Ademais, preocupei-me também em definir o estatuto do V1, que, nas análises anteriores, fora concebido como um verbo auxiliar. Mostrei, neste trabalho, no entanto, que o V1 das **CFFs** exibe propriedades que impedem sua classificação como um verbo auxiliar.

Os autores consultados defendem que as construções **go-and-verb** apresentam valores semânticos associados às noções de surpresa e contrajunção. Não levaram em conta, no entanto, que além das construções outros elementos poderiam também contribuir para essa interpretação semântica. As construções descritas como de valor de contrajunção, por exemplo, eram sempre antecedidas por *but* ‘mas’, que contribui para a sinalização da noção de contraste. No caso das **CFFs**, a minha hipótese é a de que essas construções intensificam os valores semânticos já presentes nos enunciados em que ocorrem.

Quanto aos processos de mudança que deram origem a essas construções, embora não haja uma discussão aprofundada, Stefanowitsch (1999, 2000), Hopper (2002) e Tavares (no prelo) acenam com a possibilidade de gramaticalização dos verbos **ir** e **pegar**. Após a análise das propriedades das **CFFs** em relação aos princípios de gramaticalização, verifiquei que, embora as mudanças sofridas por **ir**, **chegar** e **pegar** sejam compatíveis com os primeiros estágios de gramaticalização, as **CFFs** não podem ser explicadas com base no *continuum* **item lexical > item gramatical**. Esses verbos, nestes contextos, sofrem

dessemantização, pois perdem suas noções semânticas referencias, e decategorização, deixando de subcategorizar complemento. Todavia, itens gramaticalizados desenvolvem uma função gramatical e o mesmo não acontece com as **CFFs**, que desempenham uma função pragmática. Vicent *et. al.* (1993), Martelotta *et al.* (1996) e Martelotta (2004) advogam que os itens lexicais desenvolvem uma função pragmática através de um processo de pós-gramaticalização ou discursivização e não de gramaticalização. Traugott (1997, 2003), por sua vez, defende uma não distinção entre esses processos e analisa o desenvolvimento de marcadores discursivos em inglês como um caso de gramaticalização. Dessa forma, o estudo das **CFFs** também oferece argumentos para o aprofundamento da discussão sobre a distinção entre os processos de pós-gramaticalização ou discursivização e gramaticalização, que até o momento se restringia à análise de marcadores discursivos.

As **CFFs**, no entanto, não são bem explicadas por nenhum desses processos. Por um lado, os processos de pós-gramaticalização e discursivização, assim como foram descritos por Vicent *et. al.* (1993), Martelotta *et al.* (1996) e Martelotta (2004) dizem respeito ao desenvolvimento de marcadores discursivos e certamente as **CFFs** não podem ser simplesmente analisadas em conjuntos com itens de natureza tão diferente. Por outro lado, os princípios propostos por Lehmann (1995) e Hopper (1999) para medir o grau de gramaticalização são inadequados para tratar os processos de mudanças que envolvem as **CFFs**.

No âmbito do PB, dentre as descobertas mais importantes desta tese, destaco principalmente a descrição de novos usos dos verbos *ir*, *chegar* e *pegar*, num tipo de construção que atua no nível pragmático. Mostrei, no decorrer desta tese, que as **CFFs**, embora exibam propriedades previstas por outras construções do Português, apresentam ainda outras que as distanciam dos padrões mais delimitados. Dentre as propriedades idiossincráticas das **CFFs**, o padrão de flexão e de negação são os mais salientes. O padrão de flexão, em que V1 e V2 sempre partilham flexão de tempo e pessoa não é compatível nem com as construções coordenadas nem com as **CVAs**. Na coordenação, a correferencialidade entre tempos e modos e pessoa, embora ocorra entre os predicados das sentenças coordenadas, não é categórica. Já na auxiliarização, o verbo auxiliar carrega as marcas morfológicas de flexão enquanto o verbo principal se apresenta numa forma nominal.

No que tange ao padrão de negação, as **CFFs** também se distanciam desses dois tipos de construções. Nas **CFFs**, o V1 fica impedido de receber negação direta. O morfema de negação é adjacente ao V2, mas tem escopo sobre toda a construção.

Nas construções coordenadas, os verbos das cláusulas coordenadas podem ser negados separadamente. Já nas **CVAs**, em Português, o morfema de negação é adjacente ao verbo auxiliar, mas tem escopo sobre toda a construção. A diferença entre as **CFFs** e as **CVAs** é que a negação é marcada, nas primeiras, no V2, o verbo lexical, e nas segundas, no verbo não lexical.

As construções com o modal **poder**, por seu turno, admitem a presença do morfema de negação tanto antes do modal quanto do verbo principal, lexical, como em (i-ii).

- (i) João *não* pode vir.
- (ii) João pode *não* vir.

Nos enunciados (i-ii), a posição do morfema de negação implica em alterações semânticas significativas. Em (i), há impedimento para a vinda de João e em (ii) a vinda de João é incerta. Nas **CFFs**, contudo, V1 e V2 não podem ser independentemente negados. Nos raros casos em que o morfema de negação, por motivos formais, antecede V1, o escopo da negação permanece sobre toda a construção. A questão da negação das construções **go-and-verb** não foi tratada profundamente na literatura consultada.

Esta tese também mostra que as **CFFs** são sensíveis às porções discursivas em que podem porventura emergir. Constatei que enquanto as construções com **ir** e **pegar** tendem a ocorrer mais em trechos narrativos, aquelas com **chegar**, são mais usadas em textos argumentativos. Tal correlação faltou a todas as análises das construções **go-and-verb**. Além do mais, as **CFFs** também sofrem algumas restrições de ocorrência em relação ao plano da organização do discurso. Embora todas possam se associar às cláusulas que atuam na progressão textual, as **CFFs** com **ir** e **chegar**, ao contrário daquelas com **pegar**, são usadas na introdução de tópico. Apenas as **CFFs** com **ir** e **pegar** podem ser empregadas em sentenças de desfecho, ou fechamento de tópico. As **CFFs** com **chegar** não ocorreram nestes contextos.

Finalmente, esta tese também descreve o uso de *ir*, *chegar* e *pegar* com função de **seqüenciador intensificador** em enunciados como (203):

(203) Ela veio correndo, quando chegou ali no banheiro (gesticula) ela viu a fumacinha saindo. Aí ela correu para atrás e gritou a minha tia. Que a minha tia morava aqui, não é? Gritou, minha tia veio, quando chegou (grito de criança) minha mãe estava saindo com aquele fogo azulinho, despreocupada, rindo. Dando uns gargalhada, sabe? ("Ela parecia") que estava com encosto, assim, ruim, do bicho ruim. Aí vem rindo. Aí *pegou*, a minha tia entrou aqui dentro de casa, apanhou uma coberta, abafou ela correndo; e ela com aqueles fogo. Aí começou dar bolha, não é? Aí desceram com ela.

Dentre as propriedades desses usos, constatei que ocorrem em contextos de seqüência de eventos, mas constituem uma unidade lingüística independente, que se situa fora do nível da sentença. Além do mais, nesses usos, os verbos em questão adquirem a forma fixa de terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo, deixam de subcategorizar argumentos internos e externos e não aceitam negação. Defendi que os verbos *ir*, *pegar* e *chegar*, com função de **seqüenciador intensificador**, mantiveram a mesma função pragmática de dramatização e ênfase verificada nos contextos das **CFFs**.

Tendo em vista a abrangência dos questionamentos inspirados pelas **CFFs**, muitos dos quais não foi possível elaborar uma conclusão definitiva, termino esta tese com a certeza apenas de que muito ainda se pode inquirir a respeito dessas construções. Atentei para a existência de tais construções e espero com isso ter lançado uma semente para que novas análises sejam propostas, principalmente para as **CFFs** formadas a partir de verbos, como *virar*, *vir* e *catar*, por exemplo, diferentes daqueles focados nesta tese. Como primeiro trabalho desenvolvido sobre o assunto em Português, esta tese certamente não pôde escopar todos os aspectos relacionados às **CFFs**, muito menos todas as questões teóricas que sua análise suscita. Eu fui e fiz esta tese: o primeiro passo está dado!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, W. 1991. "Grammaticization of the German Modal Particles". In: TRAUGOTT, E., Closs et B. HEINE (eds.). Vol. 2. Amsterdam: John Benjamins. p. 331-380.
- ARNAIZ, A. & CAMACHO, J. 1999. "A Topic Auxiliary in Spanish" In: Gutiérrez-Rexach, J. & Martínez-Gil, F. (eds.) *Advances in Hispanic Linguistics*. Boston, Cascadilla Press.
- BAKER, Mark. 1989. "Object sharing and projection in serial verb constructions". In: *Linguistic Inquiry* 20. p. 513-553.
- BALLY, Ch. (1944). *Linguistique générale et linguistique française*. 4 ed. Berna: A. Francke, 1965.
- BECHARA, Evanildo. 1999. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37a. edição Rio de Janeiro: Lucerna.
- BERLIN, B. and KAY, P. 1969. *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution*. Berkeley: University of California Press.
- BISANG, W. 1992. *Das Verb in Chinesischen, Hmong, Vietnamesischen, Thai und Kmer: vergleichende Grammatik im Rahmen der Verbserialisierung, der Grammatikalisierung und der Attraktorpositionen*. Tübingen: Gunter Narr Verlag.
- BOLINGER, D. .1977. *Meaning and form*. London: Longman.
- BORBA *et al.* 1990. *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo*. São Paulo: EDUNESP.

- BOPP, Franz. 1816. Über das conjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprache. Frankfurt (M.): Andreäische Buchhandlung. Reprint 1975 (Documenta semiotica – Serie 1).
- BOPP, Franz. 1833. Vergleichende Grammatik des Sanskrit, Zend, Griechischen, Lateinischen, Litauischen, Altslawischen, Gothischen und Deutschen. Berlin.
- BRAGA, Maria Luiza. (mimeografado) “As orações de tempo no discurso oral”.
- BRAGA, Maria Luiza. 2003. “E aí se passaram 19 anos” In: PAIVA, Maria da Conceição & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs.) Mudança lingüística em tempo real. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria (p.159-174).
- BRAGA, Maria Luiza & OLIVEIRA e SILVA, Giselle Machiline. 1984. “Novas considerações a respeito de um velho tópico: a taxonomia novo/velho”. In: GUIMARÃES, Eduardo Roberto Junqueira (org.) Lingüística: questões e controvérsias. Uberaba, Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba. Série Estudos. p. 27-40.
- BRUGMAN, Claudia M. 1988. The syntax and semantics of “have” and its complements. Ph.D, dissertation. University of California, Berkeley.
- BYBEE, Joan. 1985. Morphology: a study of the relation between meaning and form. Philadelphia: John Benjamins.
- BYBEE, Joan L., PERKINS, Revere D. & PAGLIUCA, William. 1991. Back to the future. In: TRAUGOTT, E., Closs & B. HEINE (eds.). Approaches to Grammaticalization. Vol. II Amsterdam: John Benjamins. P. 17-58.
- BYBEE, Joan L., PERKINS, Revere D. & PAGLIUCA, William. 1994. The evolution of grammar: Tense, Aspect and Modality in the Languages of the World. Chicago: University of Chicago Press.

- CAMPBELL, Lyle. 2001. "What's wrong with grammaticalization?". In: Language Sciences 23 (p. 113-161).
- CARVALHO, Cristina dos Santos. 2004. Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista. Tese defendida no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp. Campinas/SP.
- CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. 1999. O achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Dissertação de Mestrado em Lingüística.
- CASTILHO, Ataliba T. de. 1968. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. Marília/SP: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, Coleção de Teses no. 6.
- CASTILHO, Ataliba T. de. 1997. "*A gramaticalização*" In: Estudos Lingüísticos e Literários no. 19: pg. 25-64
- CASTILHO, Ataliba T. de. 2002. "*Aspecto Verbal no português falado*" In: ABAURRE, Maria Bernadete M. & RODRIGUES, Angela C. S. (orgs.) Gramática do Português Falado, Vol. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas/SP: Editora da Unicamp (p.83-121).
- CHAFE, William. 1976. *Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view*. In: LI, C. (ed.) Subject and Topic. New York: Academic Press.
- CLARK, Eve V. 1978. "Discovering what words can do". In: Papers from the Parasession on the Lexicon. CLS 14, 34-57.
- CLARK, Eve V. 1987. "The principle of contrast: a constraint on Language Acquisition". In: MACWHINNEY, B. (ed.) Mechanisms of language acquisition. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates. p. 1-33.

- CONDILLAC, Étienne Bonnot de. 1746. Essai sur l'origine des connaissances humaines. Paris.
- CROFT, William. 2001. Radical Construction Grammar. *Syntactic Theory in Typological Perspective*. New York: Oxford University Press.
- CROWLEY, T. 1990. "Serial verbs and Prepositions in Bislama". In: VERHAAR, John W. M. (ed.). *Melanesian Pidgin and Tok Pisin*. Proceedings of the First International Conference of Pidgins and Creoles in Melanesia. Studies in Language Companion Series 20. Amsterdam: John Benjamins.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Luiz F. Lindley. 1985. Nova gramática do Português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- DANES, Frantisek. 1987. "On Prague School Functionalism in Linguistics". In: DIRVEN, René & FRIED, Vilém (eds) *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. p. 3-38
- DIAS, Nilza Barroso. 2001. As cláusulas de finalidade. Tese defendida no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp. Campinas/SP.
- DURIE, Mark. 1988. "Verb serialization and 'verbal prepositions' in Oceanic Languages". In: *Oceanic Linguistics* 27. p. 1-23.
- DURIE, Mark. 1997. "*Grammatical Structures in Verb Serialization*" In A. Alsina, J. Bresnan, and P. Sella (eds), *Complex Predicates*. Stanford: SCLI Publications, Stanford University, 289-354.
- ECO, Umberto. 1998 [1997]. Kant e o ornitorrinco. Rio de Janeiro: Record. (Tradução de Ana Thereza B. Vieira).
- FILLMORE, Charles. J. 1985. "Syntactic Intrusions and the Notion of Grammatical Constructions". In: *Berkley Linguistic Society* 11, p. 73-86.

- FILLMORE, Charles, KAY, Paul & O'CONNOR, Catherine. 1988. "Regularity and Idiomaticity in grammatical constructions: the case of Let Alone". In: *Language* 64: 501-538.
- FOLEY, William. 1986. *The Papuan languages of New Guinea*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- FOLEY, William e VAN VALIN, Robert. D. 1984. *Functional Syntax and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University.
- FOLEY, William & OLSON, Mike. 1985. "Clausehood and verb serialization". In: NICHOLS, Johanna & WOODBURY, Anthony C. (eds). *Grammar inside and outside the clause: Some approaches to theory from the field*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 17-60.
- GIVÓN, Talmy. 1973. "The time-axis phenomenon". In: *Language* 49. p. 890-925.
- GIVÓN, Talmy. 1975. "Serial verbs and syntactic change: Niger Congo". In: LI, Charles (ed.). *Word order and word order change*. Austin: University of Texas Press. p. 49-111.
- GIVÓN, Talmy. 1985. "Function, structure and language acquisition". In: SLOBIN, D. I. (ed.) *The crosslinguistic study of language acquisition*, vol. 2. Hallsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates. p. 1005-1028.
- GIVÓN, Talmy. 1990. *Syntax: A Functional-Typological Introduction*, Vol 2. Amsterdam: Benjamins.
- GIVÓN, Talmy. 1990. "Verb serialization in Tok Pisin and Kalam: A comparative study of temporal packaging". In: VERHAAR, John W. M. (ed.). *Melanesian Pidgin and Tok Pisin*. *Studies in Language Companion Series* 20. Amsterdam: John Benjamins. p. 19-55.

- GIVÓN, Talmy. 1991a. "Serial Verbs and the Mental Reality of 'Event': Grammatical vs. Cognitive Packaging". In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. Approaches to Grammaticalization. Vol. I – Focus on Theoretical and Methodological Issues. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company (p. 81-128).
- GIVÓN, Talmy. 1991b. "Some Substantive Issues Concerning Verb Serialization: Grammatical vs. Cognitive Packaging". In: LEFEBVRE, C. Serial verbs: Grammatical, Comparative and Cognitive Approaches. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- GIVÓN, Talmy. 1995. Functionalism and Grammar. Philadelphia: John Benjamins.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. 2003. Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil. Tese defendida no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp. Campinas/SP.
- GOLDBERG, Adele E. 1995. Constructions. A constructional grammar approach to argument structure. The University of Chicago Press: London.
- GORSKI, Edair Maria, GIBBON, A., VALLE, C. R. M., MAGO, Diane Dal & TAVARES, M. A. 2003. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In: RONCARATI, Cláudia e ABRAÇADO, Jussara (orgs). Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7 Letras. p. 106-122.
- HAIMAN, John. 1985. Natural Syntax. Oxford: Cambridge University Press.
- HALE, K. 1991. "Mismulpan Verb sequencing constructions". In: LEFEBVRE, Claire (ed.). Serial verbs: grammatical, comparative and cognitive approaches. Amesterdam: John Benjamins. p. 1-35.
- HALLIDAY, M. A. K. 1994. An introduction to Functional Grammar (Second Edition). London: Arnold.

- HEINE, Bernd. 1993. *Auxiliaries. Cognitive Forces and Grammaticalization*. New York: Oxford University Press.
- HEINE, Bernd. 1994. "Grammaticalization as an explanatory parameter". In: PAGLIUCA, William (ed.) *Perspectives on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. p. 255-287
- HEINE, Bernd. 1997. *Cognitive foundations of grammar*. New York, Oxford: Oxford University Press.
- HEINE, Bernd. 2003a. "On degrammaticalization". In: BLAKE, Barry J. & BURRIDGE (eds) *Historical linguistics 2001: Selected papers from the 15th International Conference on historical linguistics, Melbourne, 13-17 August 2001* – p. 163-179.
- HEINE, Bernd. 2003b. "Grammaticalization". In: JOSEPH, Brian & JANDA, Richard D. (eds) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwells.
- HEINE, Bernd and Mechtild Reh. 1984. *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske.
- HEINE, Bernd, CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friederike. 1991. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press.
- HEINE, Bernd & KUTEVA, Tânia. 2002. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOPPER, Paul J. 1982. "Aspect between discourse and grammar: an introductory essay for the volume". In: HOPPER, Paul J. (ed.) *Tense-aspect: between semantics and pragmatics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. p. 3-18.
- HOPPER, Paul J. 1987. "Emergent Grammar" In: *Berkeley Linguistics Society*, vol. 13, p 193-157.

- HOPPER, Paul J. 1991 "On Some Principles of Grammaticalization". In: TRAUGOTT E. & HEINE, B. Approaches to Grammaticalization. Vol. I – p. 17-35.
- HOPPER, Paul J. 2002. "Hendiadys and Auxiliation in English". In: BYBEE, J., NOOMAN, M. (eds.) Complex sentences in grammar and discourse: essays in honor of Sandra A. Thompson. Philadelphia: John Benjamins. p. 145–173.
- HOPPER, Paul J. & THOMPSON, Sandra A. 1980. "Transitivity in grammar and discourse" In: Language, Vol. 56, number 2. (p. 251-299).
- HOPPER, Paul J. & THOMPSON, Sandra A. 1984. "The discourse basis for lexical categories". In: Universal Grammar. Language 60, number 3. (p. 703-752).
- HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth C. (1993) Grammaticalization. Cambridge: Cambridge University Press.
- HORNE TOOKE, John. 1786/1805. The diversion of Purley. 2 vols. London.
- HYMAN, Larry. 1971. "Consecutivization in Fe'Fe'. Journal of African Languages 10.2. p. 29-43.
- ILARI, Rodolfo. 1997. A expressão do tempo em português. São Paulo/SP: Contexto.
- ILARI, Rodolfo & BASSO, Renato (*mimeo.*) "Alguns fatos de língua na perspectiva lingüística de eventos". Comunicação pessoal na Anpoll).
- KASENIN, Konstantin I. & TESTELETS, Yakov G (2004). "Where coordination meets subordination" In HASPELMATH, Martin. Coordinating Constructions. Typological Studies in Language (TSL), Vol. 58. p. 227-239.

- KAY, Paul & FILLMORE, Charles J. 1999. "Grammatical Constructions and Linguistics Generalizations: The *What's X doing Y?* construction. In: *Language*, Volume 75, Number 1 – p. 1-33.
- KAY, Paul. 2004. Pragmatic aspects of Grammatical Constructions. In HORN, Laurence R. & Ward, Gregory. *The Handbook of Pragmatics*. Blackwell Publishing.
- KIRSNER, Robert S. 1985. "Iconicity and grammatical meaning". In: HAIMAN, J. (ed.) *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins. p. 249-270.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. 1996. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez.
- KOCH, Ingedore Villaça & VILELA, Mário. 2001. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina.
- KURY, Adriano da Gama. 1993. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática. 6^a. edição.
- KURYLOWICZ, Jerzy. 1965. The evolution of grammatical categories. *Diogenes* 51. p. 55-77. Reprint 1975, *Esquisses linguistiques II*. München: W. Fink (International Library of General Linguistics, 37); 38-54.
- KUTEVA, Tania. 1998. "On Identifying an Evasive Gram: Action Narrowly Averted". In: *Studies in Language*, 22.113-160.
- KUTEVA, Tania. 2001. *Auxiliation. An enquiry into the nature of grammaticalization*. Oxford University Press: New York.
- LABOV, W. 1973. "The Boundaries of Words and Their Meanings". In: BAILEY, Charles & SHUY, Roger (eds.). *New Ways of Analyzing Variation in English*. Washington: Georgetown University Press. p. 340-373.

- LABOV, W. 1978. *Language in the inner city: Studies in the BLACK English vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LAKOFF, Robin. 1971. "If's, and's, and but's about conjunction." In FILLMORE, Charles F. & LANGENDOEN, D. Terence. (eds.). *Studies in Linguistic Semantics*. NY: Holt Rinehart & Winston Inc. p. 114-149.
- LAKOFF, George. 1987. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press.
- LAMBRECHT, Knud. 1994. *Information structure and sentence form: A theory of topic, focus and the mental representation of discourse referents*. Cambridge Studies in Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press.
- LANE, Jonathan. 1991. *Kalam serial verb constructions*. MA thesis, Dept. of Anthropology, University of Auckland.
- LANGACKER, Ronald W. 1985. "Observations and speculations on subjectivity". In: HAIMAN, J. (ed.) *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins. p. 109-105.
- LEHMANN, Christian. 1988. "Towards a typology of clause linkage". In HAIMAN, John e THOMPSON, Sandra (eds) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Philadelphia: John Benjamins. p.181-225.
- LEHMANN, Christian. 1995. *Thoughts on Grammaticalization*. München, Newcastle: Lincon Europa.
- LEHMANN, Christian. 2002. New reflection on grammaticalization and lexicalization. In: WISCHER, Ilse & DIEWALD, Gabriele (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam & Philadelphia: J.Benjamins (TSL, 49).
- LI, Charles & THOMPSON, Sandra A. 1981. *Mandarin Chinese: a functional reference grammar*. Berkeley: University of California Press.

- LI, Charles, THOMPSON, Sandra & THOMPSON, R. Macmillan. 1982. "The discourse motivation for the perfect aspect: the Mandarin particle LE". In: HOPPER, P.J. (ed.) Tense-aspect: between semantics and pragmatics. Amsterdam: John Benjamins. p. 19-44.
- LICHTENBERK, Frantisek. 1991a. "Semantic Change and Heterosemy in Grammaticalization". In: Language, Volume 67, Number 3.
- LICHTENBERK, Frantisek. 1991b. "On the gradualness of grammaticalization" In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. Approaches to Grammaticalization. Vol. I – Focus on Theoretical and Methodological Issues. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. p. 37-80.
- LOBATO, Lucia Maria Pinheiro. 1975. "Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de Auxiliaridade" In: LOBATO *et al.* Análises Lingüísticas. Petrópolis/RJ: Editora Vozes. p. 27-91.
- LONGO, Beatriz de O. & Campos, Odette de S. 2002 "A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado" ABAURRE, Maria Bernadete M. & RODRIGUES, Angela C. S. (orgs.). Gramática do Português Falado, Vol. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas/SP: Editora da Unicamp. p. 445-497.
- LORD, Carol. 1989. Syntactic Reanalysis in the Historical Development of serial verb constructions in languages of West Africa. PhD dissertation. Department of Linguistics, University of California, Los Angeles.
- LORD, Carol. 1993. Historical change in serial verb constructions. Amsterdam: John Benjamins.
- LYONS, John. 1977. Semantics. Cambridge: Cambridge University Press.

- MARTELOTTA, Mário Eduardo, VOTRE, Sebastião Josué & CEZÁRIO, Maria Maura (org.) (1996a). Gramaticalização no português do Brasil: Uma abordagem funcional. Rio de Janeiro/RJ: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo, NASCIMENTO, Eurico & COSTA, Sívila. 1996b. "Gramaticalização e discursivização de **assim**" In: MARTELOTTA, Mário Eduardo, VOTRE, Sebastião Josué & CEZÁRIO, Maria Maura (org.). p. 261-276.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo & RÊGO, Lana. 1996. "Gramaticalização de *lá*" In: MARTELOTTA, Mário Eduardo, VOTRE, Sebastião Josué & CEZÁRIO, Maria Maura (org.). p. 237-250.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. 2004. "Operadores argumentativos e marcadores discursivos" In: VOTRE, Sebastião, CEZARIO, Maria Maura & MARTELOTTA, Mário Eduardo. Gramaticalização. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ.
- MATEUS, Maria Helena M., BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês & FARIA, Isabel H. 1989. Gramática da Língua Portuguesa. Lisboa: Ed. Caminho. 2a. edição.
- MATISOFF, James. 1969. "Verb concatenation in Lahu: the syntax and semantics of 'simple' juxtaposition". In: Acta Linguistica Hafniensia 12. p. 69-120.
- NARO, Anthony Julius e BRAGA, Maria Luiza. 2000. A interface sociolingüística/gramaticalização. Gragoatá, n. 9, p. 125-135
- MEILLET, Antoine. 1912. L'évolution des formes grammaticales. Scientia (Revista di Scienza) 12 (26): 6. Reprint: Meillet 1921: 130-148.
- NEVES, Maria Helena de Moura. 2000. Gramática de usos do português. São Paulo: Editora Unesp.
- NEWMAYER, F.J. 2001. Deconstructing grammaticalization. In: Language Sciences, v. 23, p. 187-229.

- NICHOLS, Johanna. 1984. "Functional theories of grammar". In: *Annual Reviews Anthropol.* 13: p. 97-117
- NORDQUIST, Dawn. 1988. "English Try and: a discourse analysis" In: BERKENFIELD, Catie, NORDQUIST, Dawn & GRIEVE-SMITH, Angus. *Proceedings of the First Annual High Desert Linguistics Society Conference.* University of New Mexico.
- NORDQUIST, Dawn. MS, 1999. "English try and: A discourse analysis." Unpublished paper (University of New Mexico, Albuquerque).
- PAIVA, Maria da Conceição & Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. 2003. "A mudança lingüística em curso" In: Paiva & Duarte. *Mudança lingüística em tempo real.* Rio de Janeiro/RJ: Contra Capa. p. 13-29.
- PAWLEY, Andrew. 1987 "Encoding events in Kalam and English: different logics for reporting experience" In TOMLIN, R. S. (ed) *Coherence and Grounding in Discourse. Outcome of a Symposium, Eugene, Oregon, June 1984.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co.
- PAWLEY, Andrew & LANE, Jonathan. 1998. "From event sequence to grammar: Serial verb constructions in Kalam" In: SIEWIERSKA, A. and SONG, J. J. (eds.) *Case, Typology and Grammar.* John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia.
- PONTES, Eunice. 1973. *Verbos auxiliares em Português.* Editora Vozes: Petrópolis/RJ.
- PULLUM, Geoffrey K. 1990. "Constraints on intransitive quasi-serial verb constructions in modern colloquial English" In: Joseph, B. D. and Zwicky, A. M. (eds) *When verbs collide: Papers from the 1990 Ohio State Mini-conference on Serial Verbs.* The Ohio State University, Department of Linguistics.
- QUIRK, Randolph, GREENBAUM, Sidney, LEECH, Geoffrey, & SVARTVIK, Jan. 1985. *A Comprehensive Grammar of the English Language.* London: Longman.

- RAFFERTY, Ellen. 1982. "Aspect in conversational Indonesian". In: Hopper, Paul J. (ed.) Tense-aspect: between semantics and pragmatics. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- RISSO, M. S., SILVA, G. M. DE O. & URBANO, H. 1996. "Marcadores discursivos: traços definidores". In: KOCH, I. G. V. (org.). Gramática do Português Falado VI. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp. p. 21-103.
- ROCHA LIMA, C. H. 2001. Gramática Normativa da Língua Português. Rio de Janeiro: José Olympio Ed. (40a. Edição)
- RODRIGUES, Angélica T. C. 2001. "As orações de tempo e condição na fala da criança: uma perspectiva sócio-funcionalista". Dissertação de mestrado. Campinas/SP: Unicamp.
- ROMAINE, Suzanne. 1999. The grammaticalization of the proximative in Tok Pisin. *Language* 75, 2:322-46.
- ROSCH, Eleanor. 1973. Natural categories. *Cognitive Psychology* 4: 328-350.
- ROSS, John Robert. 1967. "Constraints on variables in syntax". Doctoral dissertation, MIT, Cambridge, Massachusetts.
- SCHACHTER, Paul. 1974. "A non-transformational account of serial verbs". In: *Studies in African Linguistics Supplement* 5. p. 153-271.
- SEBBA, Mark. 1987. The syntax of serial verbs. Amsterdam: John Benjamins.
- STEFANOWITSCH, Anatol. 1999. "The Go-and-Verb Construction in a cross-linguistic perspective: Image-Schema Blending and the Construal of Events". In: Nordquist, D. & Berkenfield, C. *Proceedings of the Second Annual High Desert Linguistics Society Conference*. Albuquerque, NM: High Desert Linguistics Society.

- STEFANOWITSCH, ANATOL. 2000. "The English go-(PRT)-and-VERB construction".
Proceedings of the Twenty-sixth Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society,
February 18-21,2000, University of California, Berkeley.
- TAVARES, Maria Alice (no prelo) "Transitividade em construções com o verbo 'pegar'".
Revista da Abralín.
- TAYLOR, John R. 1995. Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory. New York:
Oxford University Press. 2nd Edition.
- TAYLOR, John R. 2002. Cognitive Grammar. Oxford University Press.
- THOMPSON, Sandra A. 1971. "The deep structure of relative clauses." In FILLMORE,
Charles F. & LANGENDOEN, D. Terence. (eds.). Studies in Linguistic Semantics. NY:
Holt Rinehart & Winston Inc. p. 79-94.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. 1991. Um estudo textual-dicursivo do verbo no português do
Brasil. Tese de doutorado. Campinas/SP: Unicamp.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. 1999. "O relevo no português falado: tipos e estratégias, processos
e recursos". In: Neves, Maria Helena M. (org.) Gramática do Português Falado,
Volume VII: Novos Estudos.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs. 1982. "From propositional to textual and expressive meanings;
Some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization". In: LEHMANN, Winfred P. &
MALKIEL, Yakov (eds.) Perspectives on Historical Linguistics. Amsterdam: John
Benjamins. p. 245-271.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs. (versão 1997). "The role of the development of discourse
markers in a theory of grammaticalization". Paper from the ICHL XII, Manchester,
1995.

- TRAUGOTT, Elizabeth Closs. 2003. "Constructions in Grammaticalization". In: JOSEPH, Brian & JANDA, Richard D. (eds) The handbook of historical linguistics. Oxford: Blackwells.
- TRAUGOTT, E., Closs & B. HEINE (eds.). 1991. Approaches to Grammaticalization. 2Vols. Amsterdam: John Benjamins.
- TRAUGOTT, E. Closs & E. KÖNIG. 1991. "The Semantics-pragmatics of Grammaticalization Revisited". In: Traugott et Heine (eds.). Vol. I. p. 189-217.
- VILELA, Mário & KOCH, Ingedore. 2001. Gramática da língua portuguesa. Coimbra: Almedina
- VICENT, Diane, VOTRE, Sebastião & LAFOREST, Marty. 1993. "Grammaticalisation et post-grammaticalisation". In: Revue Langues et Linguistique. Québec: Université Laval, n. 19.
- VISSER, T. Th. 1969. An historical syntax of the English Language. Part three, first half: Syntactical units with two verbs. Leiden: E. J. Brill.
- WATKINS, Calvert. 1962. Indo-European Origins of the Celtic Verb. Dublin: Institute of Advanced Studies.
- WEINRICH, Harald. 1968. Estructura y función de los tempos en la lengua. Madrid: Gredos.
- WIERZBICKA, Anna. 1988. The semantics of grammar. Amsterdam: John Benjamins.
- WISCHER, Ilse. 2000. "Grammaticalization versus lexicalization: '*methinks* there is some confusion.'" In: FISCHER, Olga, Anette Rosenbach & Dieter Stein. Pathways of Change. Grammaticalization in English. John Benjamins. p. 355-370.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. 1953. Philosophical investigations. New York: Macmillan.

ZADEH, L. A. 1965. "Fuzzy sets". In: Information and control 8, 338-353.

ZWICKY, Arnold M. 1990. "What are we talking about when we talk about serial verbs?". In: JOSEPH, B. D. and ZWICKY, A. M. (eds) When verbs collide: Papers from the 1990 Ohio State Mini-conference on Serial Verbs. The Ohio State University, Department of Linguistics.